3 1761 07043170 5

Digitized by the Internet Archive
in 2010 with funding from
University of Toronto

http://www.archive.org/details/apreciaeslit00rebe

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXXII

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)
XXIX—Arcadia Portugueza (2.º vol.)
XXX—Arcadia Portugueza (3.º vol.)
XXXI—Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage.
XXXII—Apreciações litterarias (1.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXXII

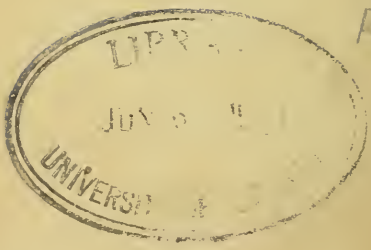
ESTUDOS CRITICOS — V

APRECIAÇÕES LITTERARIAS

VOLUME I

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1909

PQ
9051
R4



NOTA BIBLIOGRAPHICA

Ao titulo geral de *Apreciações litterarias* entendemos dever subordinar toda a série de artigos critico-litterarios, e não são poucos, que respigámos das differentes revistas e publicações de que Rebello da Silva foi auctor e assiduo collaborador.

Esta collecção das *Apreciações* é a natural continuação dos ultimos quatro volumes (28 a 31) que na nossa collecção temos publicado, dos quaes os tres primeiros tractam da *Arcadia*, e o quarto de Bocage, porventura o estudo mais completo e brilhante que, antes do livro do sr. Dr. Theophilo Braga, foi publicado ácerca do grande poeta.

Assim pois, e seguindo certa ordem, incluiremos nas *Apreciações* as noticias, successivamente, dos seguintes escriptores portuguezes, aos quaes Rebello da Silva dedicava especial attenção: Almeida Garrett, Alexandre Herculano, Mendes Leal, Ernesto Biester, a poetisa D. Maria Candida de Carvalho Calixto, Francisco Maria Bordallo, Lopes de Mendonça, Camillo Castello Branco, Francisco Gomes de Amorim, Bulhão Pato, e mais alguns de que, no decorrer da impressão d'estas *Apreciações* obtivermos conhecimento.

Só de Garrett, tanta era a consideração que por este vulto litterario tinha o nosso Rebello, apurámos quatro estudos diversos, qual d'elles o mais importante, dois d'elles publicados na *Epocha*, um no *Archivo Pittoresco* e outro na *Revista Universal*, sendo este ultimo uma celebre critica sobre o *Frei Luiz de Sousa*, que Garrett tinha em tanta estima que a fez publicar em todas as edições que do soberbo drama se estamparam em sua vida, e que os editores das suas obras, mantendo a observancia d'esta practica, teem reimpresso em todas as outras edições.

No final de cada artigo irá, para esclarecimento bibliographico, o titulo do jornal ou Revista, d'onde elle foi extrahido.

Os Editores.

A ESCHOLA MODERNA LITTERARIA

O SR. GARRETT

I

A revolução poetica que tomou de assalto o Parnaso, restaurando o profanado altar da tradição popular, proclamou a liberdade, e não a licença. Expurgou de abusões fanaticas o culto; porém logo impoz ao novo sacerdocio a regra de uma religião, em que a lettra não mata o espirito, a imaginação não roja escrava, e o gosto não verga á auctoridade do preceito em nome do exemplo absoluto.

A critica regenerou-se com a arte; senão se espreguiça já, como o verme, roendo verso a verso, pagina por pagina as obras que avalia, outros deveres mais espinhosos, menos faceis de cumprir a regem, e a dominam. Chamada para decidir em toda a imparcialidade, não póde argumentar com a imitação, como a antiga; ha-de remontar-se á esphera da intelligencia, aonde reina o espirito de todas as epochas, e canta a voz de todos os povos.

Para os homens do passado a arte reduzia-se quasi ao trabalho mechanico de alinhar as rimas, disciplinar os periodos, e arredondar

a phrase assoprando-a de conceitos, ou de imagens. A poesia não se estudava no coração e na existencia; o universo da renascença resumia-se nos livros; por isso a sua arte é um ecco, e não uma voz. Copia descorada, como a mascara de cêra moldada sobre o rosto do cadaver, é verdade que traz a effigie das feições, porém vem morta de toda a expressão.

Extatico deante dos modelos, divagando pelos curtos dominios da imitação servil, o talento empallidecia, a lingua balbuciava, e a idéa a cada passo tropeçava. Reflexo infiel e baço de um pensamento sem raizes nas crenças actuaes, (exceptuando poucos engenhos privilegiados) esta litteratura sem patria e sem altar, é presumida, perfumada, e corteza; não respira um só dos affectos, ou dos instinctos que fazem do poema o monumento e o evangelho da civilização. Adorando a estatua, debalde se afadiga para lhe accender no seio o lume da vida, esquecendo que o raio da inspiração é que anima as grandes creações, gloria de um nome, e divisa de uma nação. Fóra das sympathias do povo, que não conhece, e tambem não a entende, nem a quer, amollecia nos toucadores das princezas, ou nos serões da côrte, parasita, estrangeira, falando romano e grego na lingua natal, revendo-se no espelho de Plauto ou de Horacio, e deshonrando-se de participar das alegrias e das esperanças das multidões. As escholas da renascença classica eram puramente estatuarias; tinham bellezas, tinham symetria e graça por vezes, porém não viviam; em nos approximando d'ellas, foge a illusão, e apalpa-se a rijeza do marmore debaixo do contorno mais esmerado.

A censura filha sua reluctava entre a apologia e a satyra; citava o poema perante os glosadores de Aristoteles, e condemnava ou

absolvia lendo por um dos capitulos das suas ordenações poeticas. Hoje a critica vê na arte um pensamento uno, e em cada ramo as suas manifestações diversas. Eleva-se da anatomia do verso á physiologia intellectual, procura além da melodia dos sons a verdade e a harmonia das idéas.

E não é só do nosso tempo este modo de avaliar as obras litterarias; a theoria pertence-nos tambem em grande parte, de certo — mas a sua vulgarização é que se nos deve sobre tudo.

O bom velho do nosso Antonio Ferreira, quando se queixava da raiva dos rebocadores poeticos, que

> Roendo o triste verso, como traça
> Sem sangue o deixam, sem espirito, e vida!

já punha o dedo sobre a chaga; e o famoso inglez, auctor do *Essay on Criticism* tambem dizia muito antes de nós que o maior perigo é *saber pouco*

> «*A little learning is a dan'grous thing;*»

Ora Pope tinha razão; o defeito das litteraturas chamadas classicas é o estudo microscopico da fórma. Escapa-lhes sempre de ordinario o grandioso e o sublime. Encerradas no casulo tecido laboriosamente por uma erudição incompleta, nunca se atreveram a romper a teia, e a voar transformadas como a chrysalida pelo espaço livre, aonde subiram os typos da sua admiração. O *Sic itur ad astra!* de Virgilio, era para ellas um enigma.

A aberração da renascença provinha do erro de cegar a intelligencia na lettra, deixando fugir o sentido dos exemplares que dissecava infatigavelmente. O estudo dos primores an-

tigos era incompleto; separava-se o livro do auctor e da sociedade, que o inspiravam. Figuravam-n'o só no espaço, como os monumentos gigantes que o Egypto contempla erguidos na immensidade do oceano arenoso dos desertos.

E entretanto em Homero vivem as canções heroicas de um povo guerreiro; os episodios de uma lucta immensa; os costumes e os feitos da antiga raça hellena, quando trasbordou como os cruzados sobre a Azia para lhe revelar pelas armas a civilização nascente. Eschylo, Euripedes, e Aristophanes são o retrato da nação grega, o quadro da sua vida publica, a expressão das crenças e dos sentimentos que no progressivo amadurecer das idéas se iam gravando nas paginas da historia humana.

Quando Solon colligiu os cantos de Homero para refrescar a memoria e reverdecer os brios da Grecia, apellava para a tradição e pedia ao povo do seu tempo os brios dos soldados d'Agamemnon; e Eschylo escrevendo os «Persas», avivava o fogo sagrado do amor da patria no peito aos seus. Quando Euripedes escarnecia dos Deuses, arremessando ao olympo, entre as peripecias da Tragedia, a seta da ironia expressava a duvida e a incredulidade, que amarguram a agonia dos poderes decrepitos; e Aristophanes, açoutando com o flagello da satyra as faces de Athenas e fazendo espirrar o sangue dos tartufos para o tablado, era o representante das opposições modernas nos paizes livres; — mais ainda era o propheta da proxima ruina de instituições corroídas pelos abusos e pelo sophisma.

Vista por este aspecto, quem negará á litteratura grega a profunda nacionalidade da inspiração e do assumpto? Aonde ia ella baptisar-se senão á fonte divina da tradição?

De quem era ella filha senão do povo, cujo thesouro de gloriosas recordações dourava com o relevo da harmoniosa e casta linguagem? Estaria a renascença de accordo com os modelos quando, voltando as costas á inspiração natal, velava á luz da alampada curva sobre um sepulchro a pezar a poeira de uma civilização extincta, tentando amassar com ella as creações da arte? De certo não. A renascença trahiu as idéas antigas do mesmo modo que, pela idolatria da fórma, profanou o sacrario das tradições, a que é devida a nacionalidade dos diversos reinos. A sua obra foi todavia necessaria. Devêmos-lhe a revelação da arte greco-romana; deve-se-lhe o lavor ingrato, mas util, pelo qual se desbastou a rudeza intellectual, que desde a decadencia do Imperio tinha condensado as trevas da barbaria em volta do berço dos modernos povos.

E', pois, evidente que a eschola moderna pela liberdade de escolha nos assumptos, e pela sancção das regras convencionaes da fórma, está mais em harmonia com a litteratura classica, do que a renascença. O maravilhoso christão substituido á Theogonia de Hesiodo, e ás imagens para nós insossas da Grecia poetica, nada mais representa, do que a indispensavel alliança do sentimento religioso com as idéas sociaes. Se Eschylo ou Homero, em vez de invocar Jupiter, Cybelle ou o velho Saturno, Deuses tutelares da patria, tirassem o seu maravilhoso da mythologia indiana, todo o amphiteatro levantando-se em Athenas accusal-os-ia de falsificarem a tradição, corrompendo a sublime poesia nacional. O paganismo e as suas metamorphoses tragicas ou risonhas são gravados com o cunho popular na medalha antiga; copial-os é o mesmo que dar a Napoleão as feições e os trajos de Pompeo. As epochas não se erram

impunemente;—a vida da nova civilização não se infunde no cadaver da antiga sem condemnar o vivo á immobilidade do morto como no supplicio de Mezencio.

A eschola romantica, abjurando em nome da verdade dos sentimentos e dos affectos o culto absurdo da mythologia, não fez mais do que naturalizar-se na sociedade christã. Voltando á simplicidade da tradição popular, e ás recordações saudosas da meia-edade tomou a mesma estrada por onde a arte grega caminhára coroada de gloria. Colligindo as canções rudes mas sublimes, que são o primeiro hymno que entôa a lingua dos povos ao sahir do berço; e restaurando o vulto quasi obliterado dos tempos heroicos da historia moderna, deu ao pensamento a fórma, que o devia conter, e á poesia a liberdade sem a qual não ha verdadeira inspiração.

D'onde vieram esses moldes inflexiveis, em que a renascença estalava as idéas e a ousadia dos poetas? Da auctoridade de um critico filho da decadencia grega, anatomico e não creador dos admiraveis poemas, que analyza. Ora por maior que seja a sciencia e o gosto de um homem, mandar parar seculos de progressiva civilização á sua voz, e fazel-os ajoelhar deante do seu tumulo é proferir uma blasphemia contra a intelligencia humana. O Livro de Aristoteles, interpollado, serviu de thema aos glozadores—e foi o cumplice innocente da tyrannia academica. Horacio escrevendo aos Pisões a sua conceituosa Epistola de certo estava longe de suppor, que as victimas d'ella seriam mais numerosas que os versos.

Contra a falsa interpretação é que o engenho moderno se insurgiu. As ficções pagans fôram desterradas; e o viver e crer do povo, o maravilhoso das fabulas e preconceitos na-

cionaes, e a illiada das batalhas, que são as glorias da tradição, serviu de moldura aos lavores da arte, tendo por alma a vida religiosa e social d'este seculo, como a antiga na Grecia tivera para fundo do painel as eras de lucta em que os homens eram quasi da estatura dos Deuses, e para expressão e gesto as virtudes guerreiras, que salvaram a patria e a liberdade em Plateias e Marathona.

Desta eschola, no sentido mais elevado da sua aspiração, é fundador o Sr. Garrett em Portugal. O primeiro que entendeu a belleza ingenua da poezia popular, e a requestou com a mais casta devoção foi o auctor de D. Branca. E a singella Muza tanto tempo desprezada entre o povo, não se mostrou nem esquiva nem ingrata. Até hoje nenhum poeta foi mais favorecido. Familiar com elle, patenteou-lhe todas as graças, e revelou-lhe o raro segredo de prender a inconstancia, e de cortar, apezar dos annos, cada vez mais frescas as rozas da sua corôa.

O Sr. Garrett não é só um poeta, é uma litteratura inteira. Para o apreciar não basta estudar as obras que tem produzido; torna-se indispensavel antes saber d'onde descende, e como se formou. A genealogia dos escriptores, e a sua filiação litteraria são essenciaes á critica para não faltar ao retrato com a verdadeira phisionomia.

Como Chateaubriand e Byron (os primeiros innovadores romanticos), o Sr. Garrett colheu no estudo dos modelos gregos e romanos a flor da erudição antiga. No facil do estylo, na graciosa fluencia do periodo, no odio ao amaneirado, e na finura da phrase sente-se logo, que o poeta é amigo intimo do jovial Horacio, de Homero, e do austero Eschylo. Adivinha-se a sua intimidade com o primeiro orador romano. Os antigos são excellentes exem-

plares de estylo; á lima frequente que davam ás suas obras devem a concisão, a limpidez, e a perfeição rarissima, que as esmeram. Dispondo da riqueza de uma lingua opulenta, com o gosto e o ouvido educados pela graça attica da eschola Atheniense, tanto os poetas como os prosadores, n'este ponto, são a desesperação dos modernos.

A propriedade da phrase, e a pureza do estylo, em que a idéa se engasta com relevo, deslumbram sempre. Virgilio, Catullo e Propercio, sobre todos offerecem trechos nos quaes parece terem adivinhado a poesia actual, unindo ao grandioso das imagens as galas castigadas do metro sonoro, e da melodia mais delicada. O Livro II da Eneida e todo o Livro IV dir-se-hiam escriptos um por Byron e o outro por Lamartine, quanto á verdade das scenas e á energia das paixões, se o romano os não excedesse muito na arte de retocar com admiravel perfeição o menor cambiante do pensamento.

Esta robusta infancia litteraria ministrou ao Sr. Garrett a côr fina e transparente da sua pintura, a sobriedade escolhida, e o gosto das suas imagens. Sente-se nas melhores obras do poeta portuguez o perfume hellenico, e admira-se repetidas vezes n'elle todo o mimo da correcção Raciniana. Discipulo da eschola de Filinto, a lingua debaixo dos seus dedos dobra-se e insinua-se docil, adequada á forma que reveste, e cunhando com a maior limpidez a idéa, que traduz. Francisco Manuel, no meio do cabedal de vocabulos que accumulára, e com que additava a lingua, nunca soube fazel-a tão familiar; guindava-a de mais; contorcia o periodo em construcções forçadas; e o alardo da locução escura tiravalhe a flôr que só dá a simpleza e o natural.

No tempo em que o Sr. Garrett começou a

tractar as lettras, ardiam em guerra as duas escholas rivaes—de Elmano e de Filinto. O Sr. Castilho, repassando-se da suavidade de Gesner sustentava o genero pastoril, e defendia Bocage. O Sr. Garrett, não disputando ás cinzas do Vate Elmano a gloria merecida, repugnava aos vicios e aos excessos dos imitadores e da propria eschola, e não escondia o fastio das monotonas repetições em que luctavam as furias e as Gorgones com as Tisiphones e Megeras, bramindo e pulando em estrophes excentricas, em versos inintelligiveis!

Toda a litteratura portugueza d'este cyclo está de feito concentrada nos dois rivaes. O *Tolentino* na satyra de *Sociedade* tornára famosas as suas inimitaveis quintilhas. O *Lobo* nos sonetos criticos, tinha feito immortaes pelo ridiculo os costumes e fraquezas de nossos avós; mais de uma ponderosa cabelleira de polvilhos, saccudida em accessos de ira inundára de pós a pagina satanica, que a motejava. Mas eram paineis ligeiros—esbocetos parciaes. O grande quadro pertencia na realidade a Bocage e a Filinto.

Homem do povo, Bocage nunca renegou o berço. A sua vida inquieta e apaixonada, ora consumida no estudo, ora devorada por orgias e prazeres sem nome, foi uma tempestade permanente. Duas horas de paz, quanto déra aquelle coração por as gozar? A bocca, d'onde o desregrado viver tantas vezes festejou o vicio, dictava com egual facilidade sonetos dignos do Aretino e Epistolas quasi rivaes de Ovidio. Com a dissoluta pallidez estampada na face, com a fronte vergada ao pezo da ultima devassidão, furtava ás gemonias algumas horas para n'ellas fazer portuguezas «as Metamorphoses», o mais nacional talvez dos poemas Latinos; e muito tempo depois o Sr. Castilho ainda tremia de se medir com o po-

deroso Athleta, tendo Ovidio por certame, e a posteridade para juiz!

Depois de Camões, Elmano é o mais popular dos nossos poetas;—em um soneto comparando a sina d'ambos Bocage exclama com melancholia. «Como Camões fui pobre, fui malfadado!» Devia accrescentar—fui criminoso!--Os dois adoeciam da exaggerada sensibilidade, que é a corôa de espinhos debaixo da corôa de flores. Almas assim temperadas, no infinito do desejo, e na immensidade da esperança acham o seu martyrio. O que para os outros fôra riqueza é para ellas miseria; o que bastava para a ventura de um homem apenas chega para o seu infortunio. Alfredo de Vigny, em Chatertton, retrata esta consumpção moral da intelligencia, que em si propria morre, e a si mesma se condemna.

Arrebatado na corrente de uma vida de aventuras e de perigos, Bocage não estudou o coração humano nos livros como a Arcadia; o seu livro foi o mundo. Aquella existencia não se espreguiçou reclinada nos molles sophás, nem similhante aos poetas pastoris espreitou as tormentas do céu pelas frestas dos paços, ou contou as dores do infeliz pelos ocios do deleite. A sua voz soluça as proprias magoas—o desventurado para cantar o infortunio não carecia senão de se vêr a si. Na solidão melancholica dos mares tambem, como Camões *ouviu gemer a lamentosa Alcione*, e mais de uma vez a morte *lhe acenou com as rôxas agonias maldictas da esperança.* Balouçado nas vagas, a saudade gemeu pela patria; o coração, quem sabe! chorou pelo amor. Quantas vezes curvo á prôa, penando ao desamparo, saudou com prazer a branca espuma, que lhe vinha refrescar a fronte, e comparou o abysmo rugidor aos abysmos em que a sua alma se perdia?

Poeta popular teve uma cruz pezada e uma expiação dolorosa. Pelas suas lagrimas aprendeu a conhecer quanto é cara a hospitalidade que envenena o pão do desterro. Nos palmares da India, pizando os vestigios de Camões, soube apreciar que a gloria é um minuto; que atraz do sol está o occaso e vôa a noite! As suas paixões violentas eram as do povo d'onde vinha; como a d'elle a sua voz ergueu-se energica e forte; a sua Musa triste ou vingativa foi o echo da praça publica, que o pranto commove, que um grito embravece.

Ninguem vulgarizou mais a arte.—Trovador por genio, o canto era a sua lingua—o verso a sua palavra. A luz do dia, ao clarão da lua, deante das multidões, ou no regaço da amizade nunca chamou debalde a inspiração. Para elle todo o auditorio era egual. Na praça, na solidão, ou na orgia, alçando a fronte ao céu recebia o *éstro*, e a poesia docil manava em torrentes dos seus labios. No meio dos brados, no ardor dos vivas que o victoriavam, a estatura erecta era a de um gigante; os olhos reluziam como estrellas, o gesto ampliando-se parecia achar pequeno o universo. *A mais!* era o seu grito, e as estrophes succediam-se, e o metro escravo fluia sonoro, e de esphera em esphera subindo sempre, a imagem e a melodia despenhavam-se n'um turbilhão, entre mil figuras risonhas ou severas, que fugiam, como as visões inebriantes do opio no delirio dos sentidos. A magia d'estes momentos apenas se adivinha pelo enthusiasmo, em que a consagra a saudade dos que ouviram Elmano, rei das canções no seu orgulho desafiar a morte, chamando sua á immortalidade!

E' necessario, porém, não confundir o improvisador, o excentrico, o ribombante Elmano dos cafés e dos outeiros, com o nobre poeta

auctor de «Leandro e Hero.» A melodia do verso e o sonoro do metro muitas vezes occultavam aos ouvintes absortos quanto era pobre o pensamento, que tão brilhantes galas revestiam. O abuso da transposição, as repetições hyperbolicas, o tumido verso inchado ao vento de falsas imagens, são defeitos necessarios da imaginação licenciosa. Os imitadores abraçaram a nuvem, exaggeraram o erro e fizeram da eschola uma bigorna olympica, em que martellavam no ouvido versos hydropicos, ridiculos, e gongoristas.

A posição de Bocage na poesia portugueza é uma posição eminente. Cabe-lhe a gloria de ter vulgarizado a arte, arrancando-a dos palacios e trazendo-a para o meio do povo. Ao auctor do Tritão, das Cantatas, e de tanto soneto excellente, ao sublime traductor de Ovidio e de Dellile, e ao critico vingador, que imprimiu no rosto do padre Macedo a unica satyra perfeita, que temos, deve-se muito para lhe negar um dos primeiros logares do Parnaso Portuguez. Se o infortunio, azedando-lhe a alma, maculou de fraquezas uma existencia, que nascêra para a gloria e nos peza vêr empanada de manchas, é justiça confessar que a sociedade foi para elle peior que madrasta, e que este bello genio, como o lobo na meia edade, foi objecto de prazer para todos, e de respeito para mui poucos. O lençol, em que o levaram á cova será um sudario de opprobrio para os que não souberam conhecer. O derradeiro hymno em que voou aos céus de certo remiu o peccador perante Deus: na presença dos homens, é o genio quem absolve o poeta!

Esta alma, que sedenta em si não coube
No abysmo vos sumiu dos desenganos!

Toda a vida de Bocage está n'estes versos, os ultimos da sua harpa! O seu martyrio foi a intelligencia, o seu crime foi achar tudo pequeno, não lhe caber a alma sedenta, nem na terra nem no céu.

Quando o Sr. Garrett entrou na universidade o Mestre tinha desapparecido e a eschola agonizava nos arrancos de uma poesia falsa e assoprada, em que o gosto tinha tudo a condemnar, e nada que aprender.

A reacção era por tanto indispensavel: não tardou; no proximo artigo veremos de que modo se formou, e quem se collocou á sua testa hasteando a bandeira da poesia natural e verdadeira.

II

Bocage fez a poesia plebea collocando o seu throno entre o povo; d'ahi á liberdade litteraria distava um passo. Este, o ultimo, o mais difficil não podia ser d'elle, nem de nenhum dos discipulos da sua eschola.

As revoluções litterarias, reflexo das sociaes, não se inventam; todos as fazem ou as sentem; porque se completam pela voz e esforço do maior numero. Pelejam-se com as armas da intelligencia, e com mais ardor de odios e de antipathias ás vezes, de que as politicas. Nenhuma se operou ainda senão pelo combate de graves cogitações, e pelo victorioso impulso de uma doutrina racional acceita e applaudida. Bocage e a sua pleiada nunca meditaram sobre arte, dissecando a fórma, e analysando o espirito das litteraturas; não eram do seu tempo taes discussões. Poetas trovadores saudavam em canticos espontaneos a rosa que abria aos seus pés, a tradi-

ção que lhe esfolhava uma memoria, o amor ou o affecto, que primeiro se apossava d'elles. Amavam na arte a inspiração, e no engenho o estro: — aves melodiosas todo o ramo lhes era egual para se pousarem; em toda a parte afinavam as suas cantigas.

A eschola de Elmano vacilla entre o respeito ás regras fundadas na auctoridade da Arcadia, e a reacção innata, da espontanea vocação. Cantar os bosques de Gnido, as delicias de Cypre, e a Venus Idalia, arredondar odes pindaricas, sonetos, e dithyrambos, ou assoprar enxames de glosas, de colcheas, e de eclogas para zumbirem como vespas no rebanho poetico dos outeiros, para ella era o mesmo triumpho, e resumia deleite egual, do que trocar a lyra pelo alaude, e n'uma tristeza meiga chorar os amores de Ignez, ou carpir o extremo adeus de Hero.

Quando a revolução parte do povo, a fórma completa, em que se incarna, é sempre a mais burgueza, a mais familiar de todas, o drama. Na tragedia da arte classica admira-se a graça, e a pureza de linhas da estatuaria. O drama filho do novo estado social estuda a vida no mundo; procura-a no comico, ou no tragico; na paixão ou no vicio; no rizo ou nas lagrimas. O drama retrata o povo, como o povo é; «está em tudo, diz tudo, e póde tudo.»

Bocage e os seus imitadores no theatro fôram eccos, e nunca creadores. A Vestal, a Zulmira, e tantas outras copias ou traducções, brilhavam por muito verso terso, com muitas phrases eloquentes, porém não adeantavam mais do que o Garção, o poeta da Arcadia, e Manuel de Figueiredo o infatigavel inventor dramatico. A Magica, e a Farça tão portuguezas, unico espelho do gosto e dos costumes nacionaes, iam passando entre tanto nos bra-

ços do povo, por meio da amaneirada Tragedia de cothurno, como protesto vivo da arte natal contra a arte estranha e parasita.

A eschola Bocagiana, pois, só preparou metade da revolução litteraria; mas não soube fazel-a nacional. Francisco Manuel, o bom velho do nosso Filinto, poeta tão romano em desejos e intenções, foi o que deu o baptismo da nacionalidade á Musa já plebeia de Elmano. Aos seus escriptos, ás suas criticas, ao lavor incançavel do seu engenho, se deve a condemnação completa das tradições da Arcadia.

Filinto não foi grande genio creador; era um talento sincero e justo, que estremcia a patria, e adorava como suas as glorias que a ennobrecem. Amigo de Horacio desde a infancia, poucos conversaram melhor com o jovial satyrico; possuindo todos os segredos da pura latinidade deu á sua prosa e ao seu verso o sabor romano da edade aurea de Augusto. Com tudo este gosto pelo classico não o cegou de mais; e a penna que nos intimos com a poesia latina mais correcta concede á Pharsalia de Lucano a versão accurada de alguns cantos. O classico severo não condemnou sem a ouvir a Musa moderna; pelo contrario accolheu-a com favor; como os Patriarchas Hebreus, abriu-lhe as portas da casa paterna, e honrou-a com os mimos da boa hospedagem. A traducção dos Martyres de Chateaubriand, e a imitação do Oberon de Wieland são passaportes dados á poesia romantica pelo mais austero conservador classico.

Francisco Manuel tinha versado os melhores escriptores portuguezes com mão diurna, e era louco pela graça castigada da lingua vernacula. Esta foi sempre a dama dos seus pensamentos; e á força de a idolatrar, veiu quasi a cahir no delirio de D. Quixote. Justando com bizarria para lhe manter os fóros,

como cavalleiro destemido procurou trazel-a á prova de competencia com as mais gabadas linguas da Europa—e não fôram poucas, nem pouco viçosas as palmas que lhe ceifou a gloria no longo torneio. O Episodio de Velleda nos «Martyres» talvez faça inveja ao original;—a facilidade, com que varia os tons, e alegra o estylo no conto de «Oberon» é um modelo eterno para os que desejarem conhecer até onde chegam as posses d'esta lingua, que falsamente diziam má de ageitar-se ás ficções romanticas.

Desterrado ás margens do Sena, cuja onda turva e limosa lhe fazia redobrar a saudade do Tejo, o bom Filinto envelheceu de corpo sem envelhecer de espirito. Almejando a patria, saudando-a com amor, e apezar de maltractado requebrando-a sempre, ergueu-lhe entre estranhos um monumento digno della. Esquecidos no cemiterio estrangeiro, os seus restos de certo estremeceram, quando um soldado portuguez proscripto e poeta como elle tambem, veiu ajoelhar-se sobre a relva antes de partir e beijar a areia sagrada do Mindello.

A sua Ode á Liberdade é inspirada por um coração, que gemia no exilio, vendo cerradas pela tyrannia as portas da patria. Nenhum nome famoso, nenhuma gloria nacional esqueceu á sua harpa. Amou a todas com egual fervor.

> A' patria sagrou tudo
> Tudo sagrou a ingratos!

cantava o pobre velho de outro como elle desditoso. Quem lhe diria que era a sua vida e a sua sina, que esculpia nas paginas eternas da historia?

Filinto para expurgar a lingua das fézes,

que lhe corrompiam a pureza, exaggerou a reacção puritana; e os seus defeitos são por isso excessos de virtude. O periodo que alatinou em transposições contrafeitas; a locução esmerilhada á custa de vocabulos obsoletos; e a construcção pezada corcovando a idéa (seja licita a phrase) debaixo do pezo de expressões amaneiradas, revirando o estylo a torniquete, roubaram pela demasia á sua eschola grande parte dos fructos, que a deviam popularizar; despiram o seu talento das amenas graças que dá a imaginação fecunda, e da originalidade que sempre foge á rede de apanhar vocabulos, com que armam á correcção os copistas, ou os littores da lingua. A Francisco Manuel foi preciso nascer gigante para não se tornar pygmeu n'esta fadiga de mineiro de vocabularios.

Entre tanto Filinto, purificando a lingua com o preceito, e com o exemplo, e punindo com rigor os barbaros que a polluiam em mascavadas versões, ou em aravias torpes, só originaes na dissolução da phrase, fez ás lettras patrias eminente serviço. Sem as suas obras, sem as galas que nos restituiu, imprimindo novo cunho na antiga effigie, havia de custar mais á eschola romantica a desempégar a poesia do pantano immovel, aonde no occaso do talento, coaxavam as rans do Parnaso grasnando um dialecto inintelligivel. Ao seu exforço constante é devida a nacionalidade, que restaurou a nossa litteratura. Do sacrificio de mais de metade do seu genio talvez colhemos hoje a abundancia, que nos ensoberbece. Antes de Francisco Manuel a lingua de Camões, de Fr. Luiz de Sousa, e do padre Antonio Vieira, tinha perdido o timbre da sua pureza, a magestade do periodo, e a riqueza de phrase. Estava pobre, mal-trapilha, e roída de ulceras gallicanas;—elle a levantou,

e a fez opulenta e formosa, excavando até descobrir as joias perdidas, até nos entregar, a nós seus herdeiros, todas as riquezas do seu estudo.

Os Martyres e *Oberon*, dois generos novos em tudo vasados fóra dos moldes chamados classicos, evocaram deante das gerações modernas um mundo phantastico e variado, em que o maravilhoso se enlaça com idéas populares bebidas no leite da infancia; em que luctam a paixão com o dever; o homem intimo com a existencia allumiados pelo sentimento religioso e social. A fonte d'esta poesia tão verdadeira como profunda, tão vasta como original, manou á voz do seculo, em que vivemos. No dia, em que Filinto pôz o ultimo verso na traducção dos Martyres, escreveu-se o epitaphio da Arcadia. Na hora, em que *Oberon* expelliu os favonios e as hamadryadas da lithurgia do Parnaso, floriu na invenção do Sr. Garrett, D. Branca, a perola dos seus poemas!

Entre estas duas escholas, ambas incompletas, que sem o saber, demoliam a Arcadia, viu a luz o Sr. Garrett. A educação litteraria que aperfeiçoára, inclinava-o mais para o esquadrão pouco numeroso de Filinto. As côres d'essa bandeira eram as côres de um reformador severo e inexoravel, que tinha ferido muito capricho melindroso, que tinha exauctorado muita ignorancia atrevida; os vencidos não lhe perdoavam a derrota; e vingavam-se com epigrammas, com picadas de alfinete, dos golpes de massa com que o imitador de Wieland os confundira. Esposar esta causa, e chamar-lhe sua apezar dos Deuses, era um acto nobre, uma prova de genio desassombrado e senhor do seu futuro.

O Sr. Garrett alistou-se, pois, nas fileiras de Filinto, e se não copiou as exaggerações

puritanas do mestre, aproveitou-se com gosto do immenso cabedal com que elle additára a lingua; e lavrando a mina apenas explorada em *Oberon*, soube ser o Prometheu, que désse vida e alma ás primeiras creações da Musa romantica.

O fundador da eschola moderna, repetimol-o, não representa só a individualidade de um poeta; como Goethe é uma litteratura inteira.—Nenhum genero o constrage; em todos está á vontade, e em todos infunde a vida popular, a profunda nacionalidade portugueza, feição proeminente do seu engenho. Pintor magico e creador parece mandar os invisiveis servos da lampada de Aladino. O pincel tão gracioso como facil ora pousa na tela as scenas do *Camões* e as figuras severas do *Catão*; ora desenha risonho os amores de *Branca*; ora repete triste os queixumes de *Adozinda;* ou se inspira com o pallido rosto da Maria de *Fr. Luiz de Sousa.* O romance popular, a chácara, o drama, a comedia, o romance historica, a viagem, a historia, a lyrica, tudo póde, tudo ousa, e tudo vence. Apenas chegado ao meio da vida a sua carreira, já resume a gloria de dez poetas. Que fructos raros não promette no amadurecer da edade quem na aurora se estreou na Tragedia com o *Catão*, e no poema nacional com *D. Branca?*

Ha pouco arrebatava-se Paris deante de uma Tragedia como se houvessem resuscitado os triumphos de Racine ou de Voltaire. Esta peça era a *Lucrecia* de Ponsard, moldada pelo busto em bronze, que Tito Livio nos deixou nas suas chronicas-poeticas da republica. O verso correcto, a phrase conceituosa, a imagem sobria; e a par d'isto paixões vivas e não descompostas, ardentes porém veladas com o pudico véu da antiga Musa tragica deram a palma a Ponsard, e disseram ao drama, que

as saturnaes do crime, dos affectos sensuaes, e do horror physico podem contra-fazer a arte, porém não a criam—arrastam um instante as multidões, porém não reinam. Houve quem acreditasse que se enterrára n'essa noite a poesia nova—enganava-se. A victoria da *Lucrecia* não expressou mais do que a tendencia para formas menos licenciosas e para um gosto mais castigado e mais espiritualista.

O Sr. Garrett pagou tambem tributo á eschola romana escrevendo o *Catão*. O assumpto é um dos mais tragicos; não morre um cidadão, morre a patria. Quando em Utica o punhal descozia as entranhas de Catão, era Roma, era a virtude quem desesperava do futuro. Ha entretanto n'este quadro um inconveniente invencivel para o interesse dramatico; desde o primeiro verso ninguem ignora qual será o desenlace. A suspensão não existe na realidade, e os actos em que se espreguiça a acção nada mais são do que intervallos maiores ou menores, que separam o martyr do holocausto. Apenas se proferiu o nome de *Catão* e de *Utica*— disse-se tudo até ao espectador menos instruido. Restam as bellezas lyricas; o contorno das figuras; e a elegancia ou a pompa da metrificação.

Racine, traçando *Britanicus*, e Voltaire aos oitenta annos creando o seu *Tancredo*, tinham muito mais recursos de que dispôr para enredar o drama, alargando os dominios da Arte. Em *Catão* para prender o interesse ha só o terror, a admiração, e a piedade. A catastrophe da liberdade domina tudo; e ao pé d'ella quasi que até parece pequeno o maior dos homens— o ultimo dos romanos. Com esta difficuldade insuperavel tinha de luctar o poeta, e se não podia vencel-a, soube disfarçal-a. O objecto não o quiz acanhar; nem envi-

lecer com amores insipidos como Addison. Fugiu do escolho onde o tragico inglez naufragára; e em logar das lagrimas da mulher indignas dos derradeiros instantes de Roma, só deixou correr os prantos do pae sobre o cadaver do filho—ultima victima immolada á patria moribunda.

O prologo do *Catão* encerra os mais inspirados versos que ainda cantou á liberdade alma virgem de poeta. D'este portico admiravel, que dá toda a perspectiva do poema, a vista abraça de uma vez os grandes vultos, que enchem a scena e a historia; olha Utica a abismar-se; sente morrer *Catão*, e com elle expirar Roma. A catastrophe é indicada em um traço que a resume toda.

Mas da patria infeliz o negro opprobrio,
Catão não o ha-de vêr,—morre primeiro.
. . . . . .
Vêl-o-heis tranquillo desafiar a sorte;
E ainda nos momentos derradeiros
Fazer no solio extremecer tyrannos
Pasmar a terra e envergonhar os numes.

Eis o retrato de Bruto, desenhado logo depois. Toda a alma do sectario feroz vive na tela do poeta--sobre esta phisionomia, que enturvam sombrias suspeitas, já desce fumegando o ferrete do ingrato ou do parricida;

Da malfadada Roma ultima esp'rança,
Bruto vereis tambem; n'alma agitada
Vêr-lhe heis luctar co'a patria a natureza;
Mas a patria vencer. Odio implacavel,
Desesp'rado furor, que avexa essa alma
Lhe vem do coração bramar nos labios,
Um dia inda virá que o braço ardido,
Quebre de um golpe os ferros do universo.

O *Catão* portuguez deve pouco a Addison; a quem deve muito é aos vinte annos do auc-

tor e ao sangue juvenil que lhe pulava nas veias. Elle proprio confessa, que se compunha na vespera muitas vezes o que se havia de ensaiar no dia seguinte. N'esta obra percebe-se o sabor dos classicos latinos;—dá logo nos olhos o reflexo das ideias de liberdade, que se tomam dos livros latinos: e transpira o gosto da eschola de Filinto no verso mais rijo, menos facil, e um tanto antiquado na phrase. O auctor do *Catão* vê-se que não tirava se não a medo a vista dos seus traslados; e tinha o espelho tão perto, que raro deixa escapar um gesto livre sem o compôr ao vidro imitador.

Entretanto ha no Catão lances e discursos, em que Racine não duvidaria pôr o seu nome. A scena 1.ª e 2.ª do acto II; e a 5.ª do mesmo acto.—As scenas 4.ª e 5.ª do IV acto; e todo o V offerecem quadros de verdadeira tragedia. Os caracteres se não são fieis á exacta historia, que hoje nos restituiu a erudição allemã, são fieis ás tradições poeticas de todos os seculos, e é demais para a verosimilhança dramatica. Manlio, Porcio, e Juba, vivem, destacam, e inspiram dôr e respeito a quem os vê firmes como derradeiras columnas postas de permeio á ruina de Roma. Da opposição d'estes caracteres, e da sua lucta com o destino em nome do dever se gera essa pouca suspensão tragica, que era possivel dar a um assumpto em que tudo é sabido do espectador.

O *Catão* não é uma obra perfeita. Ha n'elle descuidos e lapsos, que á mão inexperiente escapam sempre no primeiro ensaio; as bellezas, porém, são pelo menos eguaes aos erros. Se a musa, por môça, uma e outra vez se desmente, as galas que a revestem, tão portuguezas e ricas, obrigam-nos a amar até os defeitos do auctor.

Em quanto a lingua do Camões se não apa-

gar, o Catão não morrerá. Todo o coração que cega o amor da liberdade, ha-de arder como ardeu o do poeta— ha-de invocal-a como o derradeiro dos romanos; quando, punindo em si crimes da patria, exclamou morrendo:

> Oh Roma, oh Roma, oh minha patria,
> Já não ha mais que a vida—eil-a: recebe-a:
> Vamos, ao menos, juntos ao sepulchro.

Foram! Roma republicana morrêra na Pharsalia, ou, para melhor dizer, expirou no dia em que Sylla e Mario, soldados felizes, ligaram á sua espada a sorte da republica, e da sua vontade fizeram as leis do Lacio. N'este dia principiou a Roma imperial, e precipitou-se a decadencia.

III

Estamos em 1826, em plena revolução poetica. O padre José Agostinho troveja do alto do Parnaso; e as rans dos pantanos arcadicos grasnam a seus pés, suspirando por um rei. Deram-lhes o madeiro e não se aquietaram; Elmiro Tagideu foi a grou que as veiu devorar.

Follicularío vehemente, Elmiro Tagideu, ou em prosa villan o padre José Agostinho, não tem rival no genero da invectiva. Não é um satyrico, que estimule pelo sal de uma graça castigada; a phrase dissoluta, a critica ferina, e a ironia grosseira, que usa, fulminam o adversario, fazendo corar o pudor, e envergonhando a moral. Querido da plébe entre a qual pozera a sua tribuna, novo Aristarcho

de Samarra, declara guerra á gloria de Camões, proclama-se rival dos Luziadas, e para os sepultar levanta mole sobre mole, e remata-as com a famosa montanha de gêlo — que chama primeiro o «Gama» e depois baptiza com o rotulo pomposo de — «Oriente!»

Elmiro Tagideu é um poeta de estudo e não de vocação. Minerva raras vezes lhe sorriu, e as Muzas, castas e esquivas, só dormindo se deixaram colher de longe pelo reverendo vate. Não se lhe póde com justiça passar diploma de prosador em verso; mas não se commette iniquidade assegurando, que o seu metro é martellado no ouvido, que a sua lympha é turva quasi sempre, e que, fóra do Erotico e do Satyrico, respira constrangido, e invoca uma inspiração rebelde.

O numero das suas victimas foi immenso, e repugna a crueldade com que as suppliciou. Esqueceu-se um dia da prudencia; ladrou ao sol; e Bocage, da noite para o amanhecer, improvisa a sua admiravel satyra, e, empalando n'ella o Zoilo, deu-lhe a immortalidade do ridiculo, descrevendo-o em um verso, que ficou proverbial:

«Gelas a contricção no centro d'alma!»

E' exacto. A leitura dos escriptos do auctor do *Oriente* é fria de morte. Em nenhum d'elles suspira a alma, ou palpita o coração: em nenhum desponta a flôr dos affectos generosos, ou chóra a sensibilidade de uma commoção verdadeira. A poesia natural, que está no homem, no céu, nas aguas, e na admiração da natureza, essa não a procurem n'elle, que a não acham. Antonio Xavier, para se vingar dos libellos á *Preta de Talentos*, e ao *Palafox* compôz o *Falso Amigo*. E o padre José Agostinho, coroado de seu chapéu de tres ventos,

serviu de ludibrio ás platéas, fez a comedia viva, e foi a repetição dramatica da celebre *Agostinheida* E tanto o poema como o drama tinham razão. Aquelle caracter, aquella phisionomia escabrosa, nunca choraram senão de raiva.

Censor deshumano, Elmiro Tagideu irrita-se da decadencia, em que reina; louva-se porque desconfia de si; vendo fugir o futuro, agarra-se ao presente, e tenaz, e orgulhoso, inveja o passado, injuria os mortos, e persegue com odio a gloria, que não póde conquistar. Apedreja a lua, e treme; nega o genio, e succumbe; martyriza os poetas menores da epocha, e não repara que lavra n'isto mesmo o seu processo. A culpa não era só dos escriptores; se os poderes decrépitos agonizam, a litteratura, reflexo d'elles, adoece A decadencia estava em tudo; quando morria a monarchia absolta, expirava ao pé d'ella a Arcadia sua irmã. Todas as cousas se ligam e se explicam assim.

A satyra do padre José Agostinho é desbragada e atroz —; a sua critica brame, não corrige; os seus chistes corroem, são venenosos. O látego do escarneo silva nos ares por entre os guizos da farça mais plebea. Nenhuma questão lhe deve luz ou verdade; nenhum principio salutar sahiu d'aquella penna; nenhuma obra sua lhe sobreviveu. Quando o tumulo se fechou sobre elle, tinha já morrido o poeta, e adormecia nos echos populares o derradeiro som da sua fama.

A collecção dos escriptos do padre José Agostinho é volumosa e variada; abrange quasi todos os generos, e prova a lucta perpetua do poeta contra a impotencia da sua inspiração. «A Viagem Extatica», talvez a sua mais accurada composição, não vence comtudo a monotonia, nem espairece por ne-

nhum rasgo de genio a severidade do assumpto. Na epopeia, o censor de Camões foi punido; depois de ter negado a gloria do cantor de Ignez, veiu ás escondidas ajoelhar ao seu tumulo e profanar com mão impura as suas bellezas. O «Oriente» lembra-se muito demais dos «Luziadas», para não mover rizo a vangloriosa declaração do auctor contra o plagiato.

Elmiro Tagideu quiz ser tambem dramatico, e em cada ensaio achou um desastre. A poesia dramatica é a mais nacional de todas, depois da Epopeia; quem a tenta, sem possuir o segredo de tocar no coração do povo, queima o braço no fogo que se atreveu a assoprar. As «Pateadas», o «Motim Litterario», as cartas Dramaticas, algumas satyras, e bastantes folliculos em prosa e verso, formam a feição caracteristica e original da phisionomia de José Agostinho. N'isto foi popular e plebeu como nenhum; e José Daniel como elle adorador da praça publica, em uma ou outra obra mal se approxima do esboceto feliz, da séta afiada, e da expressão nervosa de Elmiro.

Tanto em politica como na censura dos costumes e das lettras; desde o poema dos Burros até ás satyras contra o Pato e o Couto, e ás cartas ineditas ao Arcebispo de Lacedemonia, é sempre a mesma veia sustentada, sempre a mesma verrina espirituosa, ainda que grosseira, sempre o mesmo fél atrabiliario em castigar o mais desculpavel erro. De erudição facil, citando muito de memoria, Elmiro ostenta mais do que possue: Finge com os poetas antigos e modernos uma familiaridade que na realidade não teve. Quem se cançar a conferir a citação com o autor citado não poucas vezes dirá — «*oleum et opum perdidi!*»

Foi, pois, no meio dos clamores das victimas, ao silvar do açoute ferino de Elmiro, e

entre as rizadas do vulgo, que se fizeram os funeraes da Arcadia. Ainda se não tinha proferido a ultima sentença sobre a formula politica, ainda faltava á liberdade o victorioso argumento do periodo de 1828—; á poesia tambem eram necessarios os perigos e a provocação do martyrio; as penas do desterro e as lagrimas da saudade. Filha do povo, o seu baptismo verdadeiro devia-lhe ser dado no campo de batalha, na solidão dos mares, debaixo de uma abobada de fogo. A nossa eschola moderna, se não foi de romaria á Grecia, como Byron, pelejar pela independencia; se não esteve á sombra do ulmeiro ouvindo retroar nos echos o canhão de Waterloo, como Chateaubriand, padeceu para lhe doer a desgraça alheia; teve as ancias do assedio, a poesia do soldado, e a religião da liberdade; e esta inspiração não mente. Viu a morte, o temporal, e a natureza de perto — sentiu e provou de todos, antes de os cantar; por isso os cantou com tanta verdade.

Em 1826 appareceu, impresso em Paris, um poema em sete cantos, que celebrava a conquista do Algarve. O auctor? Anonymo! Apenas duas lettras iniciaes = F. E. =lembravam o nome de um poeta, que morrêra no exilio chamado Filinto Elysio. O poema não pedia o diploma da Arcadia; não adorava Joves nem Apollos; não cria, que n'elles ou nas formas antigas se encerrasse exclusivamente o bello e o maravilhoso. Mão audaz, correndo o véu dos interpostos seculos, accendia de novo no altar da ingenua poesia da adolescencia portugueza o fogo sagrado. Outra religião nem a queria, nem a professava.

Este poema era a *D. Branca;* e o auctor o Sr. Garrett.

Na invocação dizia-se ao paganismo:

Gentil religião, teu culto abjuro,
Tuas aras profanas renuncio;
Professei outra fé, sigo outro rito,
E para novo altar meus hymnos canto.

. . . . . .

Disse adeus ás ficções do paganismo,
E, christão vate, christãos versos faço.

Toda a revolução poetica está resumida n'estes versos.

Irão meus versos ao retiro mystico,
Aonde te escondeste, procurar-te;
E ao levantar da nevoa matutina
Te hão de acordar para contar-te a historia
Dos bons tempos que foram. — Ouve, escuta
O alaude romantico, ouve as coplas
Do amigo trovador: á nossa terra,
Vamos, amigo, vamos c'o estes sonhos
Embalar as saudades e dar fólga
A's ancias d'alma c'o as ficções do engenho.

Eis o sentido, a aspiração da poesia moderna que o poema de *D. Branca* inaugurou. Monarchia decahida, o passado é a nossa gloria, e o presente o nosso remorso. Nas sociedades novas, a Lyrica é a lingua dos homens e dos Deuses; quando o coração interroga, e crê, paixões e esperanças, sonhos e realidades tudo reveste formas ligeiras, e se córa pelo matiz da imaginação; tudo, despegando-se dos limos da terra, revôa com a sociedade, e sobe em estrophes a perder-se nas nuvens, que são o véu que nos enturva o céu — além do qual está Deus — a força e o futuro! A epopeia recolhe da tradição as coplas, os hymnos, as scenas dispersas, enfeixa-as, dá-lhes corpo, e dá-lhes vida; depois, infundindo-lhe a luz do espirito nacional, cria o monumento, e forma o symbolo da civilização, que explica. A epo-

peia revê a Lyrica por todos os póros; contêm o drama em todos os episódios.

A poesia romantica não demóle, conserva, pelo culto da gloria, as tradições da monarchia. Sir Walter Scott, reproduzindo na tela da ficção historica as epochas mais bellas da nação escoceza, e os rasgos da cavallaria britannica, dando a todas o cunho nacional, não fez a satyra, escreveu o elogio do passado, onde profundam as raizes as instituições modernas. O sceptico e desconsolado verso de Byron, que enluta o futuro de sombrios presagios, que vê a existencia e o coração atravez do crépe funebre, que nega ao presente a esperança, e ao porvir o progresso, esse sim que na agonia da sua alma enlaçando com os braços a columna do edificio derrubal-a-hia, se o milagre de Sansão se repetisse.

A primitiva lyrica portugueza está nas cantigas dos Cancioneiros; nos soláus e rimances de Bernardim Ribeiro; ou nas coplas de Gil Vicente. Será aquella a linguagem e o sentir do povo então? De certo é. O verniz, que lhe deu a côrte, o reflexo aristocratico, que cega os olhos do poeta, a lisonja que lhe ri nos labios, vem só á superficie; o fundo ficou o mesmo.

D. Branca descende d'esta linguagem pura castelhana. O seu auctor admirava, sem as copiar, as nevoentas idealidades do Norte. E' elle quem nos diz que

> Esses gelos do norte, esses brilhantes
> Caramellos dos topes das montanhas,
> Do sol do meio-dia aos raios vivos
> . . . . . .
> . . . . . se convertem
> De lucidos crystaes em agua chilra.

A sua genealogia é peninsular; as feições, a voz, a belleza, o gesto, e tudo em nada lem-

bram a face alva de neve, as tranças douradas e as margens verdes e sempre arrelvadas da região dos Irminsulfs e Theutates. O typo respira a graça, a franqueza, e a ingenuidade da formosura em que o sangue arabe queima no incendio das paixões; o soluço do pranto chora livre e não cahe gelado, e silencioso, sobre o coração onde fica a esmagal-a. De *Amadis de Gaulia* attribuido a Vasco de Lobeira, até ao *D. Quixote de Cervantes*, corre a geração de poemas, que se podem reputar como legitimos antepassados da poesia romantica. *A Menina e Moça*, *Sir Tristão*, *o Rei Arthur*, e os romanceiros mouriscos têem direito todos á creação do genero. O *Oberon* de Wieland; o *Lord das Ilhas* e o *Marmion* de Walter Scott são seus filhos. De todos elles se deveu inspirar, pois, o auctor de *D. Branca;* em todos buscou de certo a verdade e a natureza; e por todos estes espelhos compoz a garça e o singelo garbo da sua Musa.

Wieland deu a um episodio das novellas cavalleirosas do cyclo de Carlos Magno o relevo e nexo da possivel unidade de acção, e da necessaria verisimilhança de costumes e caracter. O que talvez tentasse como recreio sem valia sahiu-lhe um genero, cujo modelo está na variada teia urdida pela inexgotavel invenção do Ariosto. Walter Scott applicou o genero á historia nacional, esculpindo na phisionomia dos heroes populares os typos da epocha; tomou as crenças e os usos para côr do painel: entreteceu com a narração o dialogo; á poesia descriptiva foi pedir os tons para as suas paizagens; a leitura mediata do *D. Quixote* aperfeiçou nelle o talento innato de contar, ensinou-lhe a individualidade dos caracteres; revelando-lhe o segredo de pintar as scenas com tanta verdade de costumes, de paixões e de sentimentos, que resuscitam a

cada palavra os seus heroes, e o leitor crê vêl-os andar, e ouvil-os conversar.

Esta magia do novellista escocez, quando se observa, vê-se que é devida ao estudo profundo da poesia romantica; e a applicacão parece ter-lhe sido suscitada pela fabula e urdidura do *Quixote*. Até os prologos em acção falados por interlocutores da invenção do poeta, recordam aquellas deliciosas paginas, em que Cervantes discute com Cid Hamet Benengeli, ou nos descreve o seu encontro com o Estudante na ponte de Segovia.

D. Branca na contextura, no estylo e no enredo deve pouco ao *Oberon* de Wieland. A Byron tambem não deve nada. A' imaginação risonha que teceu de flores o poema portuguez eram antipathicos de certo os negrumes, que empanam todas as composições do inglez. O *Giaour*, o *Pirata*, e *Lara*, todos afinados pela mesma corda, são visões da desesperança, spectros evocados nas vigilias do discorrer. De quem *D. Branca* se aproxima é dos romances em verso de Walter Scott, levando-lhe vantagem na graça original do enredo, e no variado e divertido interesse da narração.

Em *D. Branca* ha uma frescura de imaginação, uma propriedade de imagem, e uma facilidade de contar, que raras vezes se encontram reunidos na mesma obra. O poeta da disputa dos dois frades-doutores sobre a *Tremenda*, passa á investida nocturna dos mouros; d'ahi sobe aos colloquios d'amor, desce aos torneios d'armas dos freires de Santiago, e entra nos encantamentos das fadas sem tropeçar na transição, sem lhe cahir uma nota falsa, sem nunca lhe afrouxar o estro. Invenção juvenil, mas já castigada, tem toda a viveza e calôr da mocidade a par da sobria reflexão dos annos maduros. E' livre sem ser incorrecto, é elevado sem ser tumido, revê a paixão

e o amor sem forçar a harpa, ou recorrer ás drogas estimulantes dos pseudo-romanticos. Sempre egual ao assumpto, reconcilia a naturalidade com a arte, ou descreva a scena comica, ou chore o infortunio.

O pincel, que desenhou aquellas figuras graciosas, sabe já toda a verdade do amor, e adivinhou já tambem todos os abysmos do coração humano. O canto IV, admiravel trecho de poesia portugueza, é o retrato mais perfeito dos cambiantes por que passa a paixão, que vem aos olhos, está no suspiro suffocado dos labios, e reflecte nas faces o fogo do incendio interno. Alguns versos, tomados ao acaso, provam que não é exaggerado o louvor.

> ....a mão de neve
> Sobre a querida mão pousou do amado.
> Languidamente a face lhe pendia
> Para o seio agitado, e um suspiro
> Sussurrou desmaiado á flôr dos labios;
> —Como quando nas aguas crystallinas
> A viração da tarde branda encrespa
> A lisa superficie.—Não cabia,
> No peito a Aben-Afan tão grossa enchente
> De delicia, de gozo: accumulado
> No coração tanto prazer dobrava-lhe
> As pulsações incertas e apressadas.
> Da formosa christã tomou nas suas
> As delicadas mãos, e convulsivo
> Lh'as aperta: acres beijos as devoram
> Voam das mãos ás faces—e das faces
> Descem—ao seio não, que á Virgem bella
> Do lubrico desmaio accorda o pejo,
> E ao atrevido mouro não consente
> O véu tenaz erguer d'esse fechado
> Sacrario de pudôr e formosura.

Em *D. Branca* ha de certo defeitos e incorrecções; porém não são d'esses que ferem logo, são dos que descarna o escalpello paciente do

anatomista critico. Uma nodoa leve, invisivel quasi, aqui e além, o que vale quando as graças nos sorriem d'entre tantas flôres, e a belleza nos chama com um mimo raro de cada vez, com um requebro novo a cada instante?

Dirá o mineiro archeologo, que a historia foi posta de lado alguma vez, e que um e outro descuido acusam erudição leviana? Seja. Mas quem sabe se o poeta adivinhou o que não viram, cegos dos pergaminhos, os olhos do antiquario? Viveu como a retrata a bella amante de Aben-Afan, ou foi o typo devoto e ascetico que nos dá a monotonia da chronica? A historia dos monumentos é pelo poeta; mentiram as chronicas; Branca teve fraquezas de mulher e desvios do coração.

A poesia da historia não é a historia mesmo. A imaginação não canta em ferros. Foge, revôa, e pousa no ramo onde abre a flôr, que ama, na haste onde treme a folha, que busca. A historia em *D. Branca* é colligida da tradição e não dos livros, onde ella se inventava muito mais do que se fazia. Se os manigrepos da chronologia cuidavam que a arte de verificar as datas se podia pôr em verso, enganaram-se. Rimar uma grammatica já houve quem ousasse; mas uma chronica de datas ainda resta vêr se haverá.

O poema pecca mais n'outros pontos. Talvez o auctor abuse das digressões e enrede com ellas muito a narração. De certo a allusão á epocha destôa da harmonia da obra, e mette uma pouca de prosa e de satyra na corrente amena da antiga tradição: no *Camões* corrigiu-se este defeito. E' mesmo cabida a observação de que em uma ou outra scena comica as personagens façam um tanto de entremez e rastejem pelo trivial. Quando tudo isto porém exista, o que se segue d'ahi?

Não são de mestre as pinturas dos amores de Branca e Aben-Afan—o episodio do combate dos cavalleiros de Santiago em Tavira, e o encontro de Oriana—as scenas de encantamentos e esconjuros—os passos da fada; e a extrema peleja ás portas de Silves? Ao pé d'isto que sombra fazem lapsos, ou descuidos que realçam mais a belleza, que dão novo relevo ao que esmerou a arte?

D. Branca não se torna a escrever. O genero, a inspiração, e a veia, nem ao proprio auctor se quizesse tornavam a accudir. Obra original, vinga o maravilhoso christão da nota de prosaico: os costumes e crenças populares desaggrava-os da culpa de frios e descórados; e ás paizagens d'esta invejada terra entregalhes a palma, descrevendo a natureza rica e variada, que a embelleza. *D. Branca* fez uma revolução, porque provou, com argumentos d'arte, que só da nacionalidade pode viver a verdadeira poesia.

IV

Houve um homem a quem Deus fadou o martyrio da gloria, dando-lhe a poesia para destino da vida, dando-lhe a expiação do infortunio para o purificar das fragilidades terrenas. Quando elle cantou, dormiam no sepulcro os grandes capitães do seculo; Vasco da Gama tinha fechado os olhos depois de vêr surgir um mundo á sua voz; Affonso de Albuquerque, trespassado de magoa, nos braços da morte amaldiçoava a conquista; e Duarte Pacheco, o Leão dos mares, gemendo em ferros expirava exclamando que a inveja era mais poderosa que a gratidão dos reis.

Da cruzada indiana só restava o ardor in-

saciavel da cubiça; os cavalleiros tinham-se tornado mercadores. O sol da gloria portugueza, no occaso, mal deitava o reflexo dourado de um ou outro feito d'armas sobre o triste reinado de D. João III, que foi a longa agonia do Imperio. Arzilla fôra quasi vendida ao mouro; e o ultimo fronteiro d'Africa quebrava a espada de dôr, despedindo-se dos seus muros deshonrados.

A lucta tinha sido de gigantes;—os mares curvados á quilha dos galliões debalde se afadigavam em bramar com a procella. De Ormuz a Malaca, de Goa a Cambaya as quinas despregavam-se aos ventos em dobras orgulhosas, sudario dos potentados asiaticos. Como os Romanos, o soldado portuguez não podia ser vencido senão pela cubiça; em trocando o aço pelo ouro estavam irremissivelmente perdidas a conquista e a monarchia, porque uma era a vida da outra. Trocaram; amolleceram-se nas delicias; houve ingratos na côrte; houve tyrannos nas capitanias; houve cegueira e avareza em todos. A decadencia começou no coração dos homens; depois chegou ás cousas.

Quando D. Sebastião, alma digna de melhores tempos, foi sepultar-se nas areias de Alcacer, a grande batalha não fez senão apressar a ruina. Porque triumphou a espada do Mestre de Aviz aonde a do rei moço se partiu? E' que os homens tinham mudado. Se os mercadores não corrompessem a boa tempera ao arnez dos cavalleiros d'Africa, aquelle dia patenteava as portas de Marrocos aos vencedores de Ceuta. A monarchia porém estava morta; podia acabar na apathia, no torpor vil de uma dissolução lenta; ao menos coube a D. Sebastião a gloria de morrer com ella no campo da peleja. O rei e o reino expiraram juntos, servindo-lhe de féretro o mes-

mo berço em que tinham nascido havia mais de quatro seculos.

A Epopeia é o monumento erigido á grandeza das nações. Ninguem a inventa, ella é que se faz. E necessita-se de um facto que abrace toda a civilização, que a domine e interesse, para o poema viver nas edades da historia. Homero celebrou a primeira cruzada da Europa contra a Asia; Virgilio, ecco do poeta grego, deu por berço ao imperio latino, que era o mundo, a gloria de Troia extincta; Camões, no sepulcro em que via abysmar-se Portugal, poz para epitaphio o derradeiro cantico da patria. — A aurora da conquista, quando unia á poesia do perigo o heroismo do sacrificio, e na hora em que affrontava as tempestades na solidão nunca devassada das aguas, era o nosso periodo epico por excellencia. Ha uma iliada completa nas batalhas feridas pela devoção de um sentimento generoso—o amor da terra natal. Os braços que hasteavam as côres portuguezas nas cupulas das cidades asiaticas, e varriam deante de si como pó exercitos mais numerosos que as areias dos desertos, eram braços, eram corações tão robustos como os de Achilles ou de Heitor.

Os *Luziadas* são n'este sentido as Nenias da monarchia. E' o hymno do passado, é a saudade da gloria, cantada sobre o cadaver coberto da sua armadura antiga.

Era uso dos povos-soldados celebrar as virtudes do guerreiro morto sobre o seu ataúde. Camões, limpando o pranto dos olhos, cumpriu com a patria a religião do tumulo. Quando veiu a jornada de Alcacer estava concluido o monumento:—Portugal já não morria todo.

Em Camões todos os caracteres do grande cyclo da conquista estão resumidos. No poeta, no individuo, está a epocha perfeita. Discipu-

lo de Virgilio adorava o mestre como o seculo em que viu a luz. Cavalleiro, tinha vivido a vida de aventuras e perigos dos soldados-reis da India. Filho do céu da peninsula, ninguem cantou o amor com mais alma, ninguem pintou a paixão com maior affecto. Quando desenha as batalhas, sente-se voar nos éstos scintillantes dos guerreiros que se embatem. Quando descreve a procella, vê-se, que a conheceu de perto em toda a sua magnificencia tremenda e sublime. Genio portuguez como nenhum, dentro das fórmas classicas respira contrafeito; e por isso as rompe a cada passo.

Os criticos notaram-lhe que se esquecia demais dos moldes antigos—ousaram até condemnal-o. Os modernos estranham que não seja como elles. Ambos se illudiram com os *Lusiadas*. Camões mesmo com os seus erros foi portuguez e só portuguez; procurem-n'o por esse aspecto que hão-de explical-o melhor.

O torneio dos doze de Inglaterra será classico? N'aquella estacada, em que o combate vive, os homens respiram, e tudo sente, estará a fria imitação do copista, ou a memoria e a experiencia do soldado? Quando retrata os sitios, esboça os costumes, e narra os perigos da armada, se tirarem as allusões mythologicas que são accidentes de fórma, será romano e imitador o espirito do cantico, ou a verdade poetica brilha em toda a luz tão facil e mais bella, do que no roteiro do primeire navegador?

Dispam o poema dos ornamentos pagãos; substituam pelo maravilhoso christão as risonhas ficções gregas, e, se houvesse pincel que a tanto se atrevesse, haviam de vêr que os *Lusiadas* são uma obra moderna em tudo, uma obra nacional, espelho fiel da epo-

cha e das tradições portuguezas. Essa lucta entre a imitação classica e o sentimento moderno, de que lhe fazem um crime, diz mais do estado litterario d'aquelle periodo das idéas do tempo do poeta, do que muitos volumes de commentarios. Nascido no seculo XVI, qual seria o homem que duvidasse da excellencia da arte antiga?

Mas o cantor dos doze de Inglaterra foi tambem o cantor dos amores de Ignez; — o episodio lyrico mais bello e sentido, de que ha noticia. Que mimo, que frescura, que profunda originalidade amenizam aquelle trecho admiravel! A arte moderna distingue-se da classica imitadora em pedir ao coração as inspirações; em pintar a vida com verdade; em sentir o que descreve. Pergunte-se a quem já amou, a quem uma vez lhe doeu nas entranhas o amor maternal, se rebentaram d'alma as lagrimas de Ignez, se são aquelles os verdadeiros gemidos da paixão? E esse, só esse, poderá dizer se já alguem cantou o amor como o Camões, se houve poeta que chorasse como elle sobre os mimosos affectos, que embellezam a pathetica scena dos amores de Pedro o Justiceiro. Estes sentimentos, tão difficeis de expressar, só os pinta quem amou: só os chora do coração quem gemeu por elles curvado sobre um tumulo!

Camões tinha a sensibilidade exaltada, que é o martyrio sabido das almas fadadas á poesia. Como o Tasso, as suas obras lyricas tornal-o-hiam famoso, se a Epopeia não fizesse parecer pequeno tudo o mais. A ventura adormece o corpo e o espirito; o infortunio é que faz os grandes poetas. Dêem-lhe todos os thesouros da terra; dêem-lhe todas as delicias imaginaveis, e assim mesmo não os farão ditosos. A felicidade d'elles é o ideal, e esse está fóra do mundo, aos pés de Deus. Lord By-

ron que diga se a nobreza e o ouro o póde tornar feliz!

Tomar a grande figura que fecha o seculo de maior esplendor para materia do poema moderno; e depois de lhe escrever no rosto o nome de *Camões* ser egual ao assumpto, era uma empreza tão arriscada como nobre. Tentou-a o Sr. Garrett; e não se exaggera o louvor, affirmando, que n'esta lucta com o primeiro poeta da Peninsula, a Musa romantica, se envidou todas as posses, colheu em premio, tambem, o mais justo dos triumphos.

O *Camões* do Sr. Garrett é a analyse do periodo mais doloroso da vida do auctor dos *Luziadas*. Quando se desenrola a téla, e o pintor dá os ultimos toques em obras d'esta elevação, deve estremecer de si e do julgamento, que o guarda. Para se medir com o colosso e não ficar pygmeu, é necessario unir á mais subtil reflexão os dotes da poesia, as galas da imaginação, e o conhecimento profundo do abysmo das paixões humanas. Lord Byron, retratando o sombrio *Lara*, tirava as feições moraes da sua propria organização; não tinha modelo que o desmentisse; não via deante de si um nome, que enchia o mundo; pelo contrario o cantor de *Camões*, escrevendo a portuguezes era obrigado a tirar da verdade dos affectos todo o interesse e a dar á physionomia do heroe a verisimilhança historica. Havia de cantar o poeta de *Ignez de Castro* e *Adamastor* como elle existiu sempre na tradição popular; como elle resahe do proprio cunho em algumas estancias, em que se descreveu.

Descer ao seio do coração humano para descubrir o affecto que viveu n'elle e sondar as paixões, que o queimaram, eis o que a bem poucos foi dado conseguir. Para apreciar a intelligencia, a razão é a nossa luz; e erra e

descuida-se assim mesmo muitas vezes; porém para erguer de cima do coração frio da morte o sudario de pedra que o esmaga e contar depois as agonias e as dôres que o dilaceraram, é necesario ter, além da razão, a sympathia e o sentimento que adivinham pela sua a alheia magoa. Sem chorar, não se sabe como amarga o pranto do infeliz.

Mas, quando o coração que se pretende revelar é o coração de Camões;—quando a intelligencia a que se vae dar corpo é a intelligencia que encerrou a sciencia de um dos seculos mais sabios e cantou as tradições de todos, as difficuldades multiplicam-se, o animo descóra, e a maior poesia sente-se pequena e prosaica deante do vulto, que ousa cinzelar!

O Sr. Garrett não fez ao grande poeta a injuria de lhe pôr na bocca as phrases assopradas, com que uma eschola de bastardos gongoristas se atreveu a desfeiar os personagens historicos. Não empolou o estylo, tomando a inchação por sublimidade. Estudou no original os doces affectos de que todo elle viveu sempre: — um que lhe devorou a alma; o outro que lhe consumiu o coração. A estes só invocou como inspiração digna do assumpto, e por elles só tambem afinou o alaude romantico; Portugal e Camões quem os pôde nunca separar? O cantor de Ignez quem ignora que amou com a alma inteira a patria e o sonho da sua vida, essa Natercia, visão suavissima que passára risonha por deante de todas as suas esperanças, que fôra o alento dos seus infortunios, e o balsamo de todas as magoas que o visitaram?

A unidade, o interesse, e o enlevo principal do poema do Sr. Garrett consistem na harmonia rara, com que estes dois affectos são tocados. Quando o amor da mulher se esvaece

em um sepulcro, sobrevive-lhe o amor da patria até o campo da batalha servir de sepultura tambem a esse. Depois da jornada de Alcacer, Camões tinha consummado o seu destino. Genio essencialmente nacional, o seu derradeiro suspiro estava marcado; era a hora em que as sombras do captiveiro desciam cerradas sobre a patria. Nos areaes da Africa, onde o rei e a monarchia se tinham submergido, quebrou-se egualmente o unico laço que o prendia á terra. D'ahi por deante só pertencia á historia, era já da posteridade.

Descrevel-o a devorar com os olhos o espaço e a beijar com a saudade o ninho paterno; retratar a nobreza altiva, com que desmaia na penuria scellando os labios com profundo recato; e desenhar a amizade do escravo e do senhor, que se honra de ser intima, que é fiel em todos os trances a si propria, são rasgos bellissimos, que transportam o leitor no Canto I. Desde a invocação á *Saudade* um dos trechos mais originaes e mais sentidos da poesia moderna, até á scena tão nova e animada do escaler, tudo nos dá logo as proporções do grande vulto, como a tradição o esculpiu. O verso não se affecta; o metro é sonoro, a veia mana fluente, casta, e limpida, reflectindo como n'um espelho as côres e os cambiantes do pensamento.

Que religiosa commoção não é a que sobresalta o coração do poeta, quando, no Canto II, vem ajoelhar-se na egreja, ouve rezar as orações dos mortos, e vê despegar-se da fronte do cadaver a capella de rozas virginaes, e cahir-lhe aos pés? Que immensa agonia não encerra o presagio lugubre que lhe estala então no peito? Que infinita dôr não vae conglobada no gemido unico que sólta ao arrancar o véu ao tumulo, ao vêr perdidos a esperança e o amôr? Como é profunda e rapida

ao mesmo tempo esta scena; como são delicadas as tintas, que a animam! Não foi deante de Natercia para sempre perdida para elle que o seu pranto se exhala em queixumes. Os sentidos não podiam resistir ao golpe; o espirito já quebrado não teve forças para tanta dôr.—Os olhos fecharam-se e não viram; o lethargo adormeceu o coração. Entre a realidade e a vida houve uma pausa. Mais tarde ouviremos a alma do poeta, vagando apoz a saudade, chorar sobre as cinzas da esperança que morreu.

Se acaso se abrisse um concurso poetico, a canção do *Camões* de certo levaria a palma aos melhores ensaios lyricos. Quando em Cintra se nos affigura vêr sobre as rochas pendentes o cantor de Ignez a resahir d'entre a corôa nevoenta da serra, a destacar-se do manto vaporoso que tolda as derrocadas ameias do castello, quando o ouvimos gemendo em endeixas sublimes, não nos toma a illusão a ponto de crermos de veras seus os queixumes, com que o poeta o faz lamentar-se?

Correi sobre estas flôres desbotadas,
Lagrimas tristes minhas, orvalhae-as,
Que a aridez do sepulcro as ha murchado!
Roza d'amor, roza purpurea e bella
Quem d'entre os goivos te esfolhou da campa?

N'esta canção, como as folhas da mesma flôr uma e outra se despegam, assim os affectos em terna melancholia se espargem sobre o tumulo recem-fechado do amor. E' a vida toda do Camões, a vida do coração, do espirito, e da intelligenica, que elle confia ás solidões da serra; que elle canta envolta em lagrimas áquella que já o não póde ouvir. Que belleza singela no estylo, que navioso na

phrase, que philosophia nas idéas, que profunda analyse do coração humano, nas transições, nas imagens, nas supplicas e nos ais! Camões sahe todo d'aquella canção como o infortunio o fez, grande pelo amor, maior pela devoção da patria.

São bellos todos os cantos—mas o ultimo talvez exceda os outros pela acção, pelo sublime pensamento do desenlace e pelo grandioso da scena. E' Camões agonizante no leito da charidade. Cobre-se com o lençol, que logo ha-de ser o seu sudario; véla junto d'elle a amizade apenas de um escravo; e aquella alma não esmorece, e aquelle peito não trepida. Crê e espera ainda. O rei moço passou o mar —a frota tocou na Africa—quem sabe! talvez os *Lusiadas* não sejam o epitaphio da patria; talvez sirvam de prologo á nova Epopeia. E' n'este momento solemne que lhe entregam a ultima memoria do amor; é então que lhe bate nos ouvidos a nova fatal da jornada de Alcacer. Só póde articular um grito —e este, o extremo soluço do coração que acaba de rebentar, leva para o tumulo o nome da patria gelado na bocca fria.

O *Camões* não será talvez o mais bello dos poemas do Sr. Garrett; o mais sentido de certo que é. A sua invenção esmera-se na simplicidade como as formosuras, que detestam os enfeites. O estylo é puro, a imagem viva e propria, o verso facil e harmonioso. Como poema lyrico, poucos haverá que o egualem; e raro será aquelle que o poderá exceder. Em *D. Branca* a poesia canta o amôr na sua florescencia; pinta a cavallaria com toda a lealdade dos antigos brios; descreve a vida com o maravilhoso das visões populares tão graciosas da nossa infancia. Téla matizada e vasta, despregam-se ahi em côres esplendidas a esperança juvenil, a paixão que balbucia, o

mundo ideal com que sonhámos ao sahir do berço e choramos perdido entrando no lavor da existencia. *D. Branca* é nacional no gesto, na idéa, e nas formas; é o poema cavalleiroso da meia edade, aonde se reflecte a veia inspirada do troveiro granadino, a canção do menestrel namorado, e o conto d'ao pé do lár do serão provinciano. Para cantar os amôres da bella princeza era necessario a imaginação virente da juventude, o coração ainda enganado do mancebo, e a inspiração popular dos cancioneiros. *D. Branca* lembra os romances-poeticos de Walter Scott sem os imitar; tem a graça natural de *Oberon* sem a estudar; tem o sabor da vida e crença portugueza, porque só d'ellas se inspirou.

O *Camões* deriva-se de uma serie de idéas mui diversas. Poema de analyse e sentimento, o seu typo é a vida da alma; são os affectos que alvoroçam o homem feito; são as illusões que de todo o sempre arrebataram o peito do poeta. Quadro reflectido do viver intimo de um grande coração e de uma intelligencia sublime, a existencia externa entra mui pouco, e só como accidente, na sua distribuição. O interesse não se forma da opposição dos caracteres, do enredado dos epizodios, e do desenlace da fabula. Caracteres, acção, e desfecho são simplicissimos, estão sabidos, e todos o conhecem. Em quanto *D. Branca* retrata mais a epocha pelas feições physicas (seja licita a imagem), o *Camões*, elegia admiravel, colhe o suspiro que revôa do coração aos labios; interroga o pranto que a dôr géla nas palpebras; e dos interrompidos ais da alma na solidão compõe a iliada do infortunio, o cantico do soldado poeta, o extremo soluço do amor da mulher e do amor da patria, sepultados ambos n'um tumulo precoce. D. *Branca* é um romance, *Camões* é uma elegia.

A fórma não altera em nada o pensamento que domina a architectura das duas obras.

Um poeta moço, o mais popular nos desejos, no gosto, e nas intenções de toda a esperançosa geração que tanto promette ás lettras, o Sr. Palmeirim, retratou n'um rasgo de sublime simplicidade o auctor dos *Lusiadas*. Todas as feições moraes da grande figura historica resahem do vigoroso toque do joven poeta; e tractando de Camões nenhum escriptor poderá deixar de estampar como epigraphe da sua obra os versos tão sentidos, tão naturaes e verdadeiros, que a inspiração lhe disse ao ouvido, e elle confiou ao publico em toda a ingenuidade do seu talento:

Que poeta, que não era
Da linda Ignez o cantor;
Quem mais do que elle dissera
D'esse fero Adamastor!
Era um astro fulgurante,
Era um poeta gigante;
Tinha mais alma que o Dante
Cantava com mais amor!

Era; e mataram-n'o as esperanças do paraizo ideal, que sonhou e não pôde gozar na terra. Estalou da saudade da patria, que amava como poucos ainda amaram. Os ingratos applaudiram o poeta, e calcaram-lhe o coração aos pés do desprezo, os invejosos viram as suas lagrimas, e fizeram irrisão d'ellas, limpando-as com a purpura do escarneo. A maior alma que teve Portugal passou entre elles e não a souberam senão ferir de magoas e ralar de pezares. Ao Dante disputavam entre si as cidades para dar um tumulo ás suas cinzas. Do Camões ignorou-se muito tempo em que sepultura humilde repousavam os ossos. Dizia-se vagamente que tinha ido n'um lençol enterrar-se a Sant'Anna. Nada mais! Que impor-

ta? O monumento nenhum principe, nenhum imperio podia erguêl-o como elle o fez das suas mãos. Miguel Angelo poz de pé sobre o sepulcro de um papa Moysés, o propheta, o symbolo da tradição antiga. O auctor dos *Lusiadas* collocou no alto do seu, como trophéus, as glorias da patria e os prodigios da conquista; e d'então para cá, no seu occaso, nunca mais se proferiu na Europa o nome de Portugal sem a admiração dos povos acrescentar—«foi alli a terra de Camões; está lá o berço de Vasco da Gama!»

Ao monumento faltava uma pagina de inscripção; o Sr. Garrett traçou-a no seu poema. Faltava o epitaphio; o Sr. Palmeirim, como Béranger cantor nacional das memorias passadas, pegou no cinzel e escreveu no rosto da Epopeia portugueza o que está no coração do povo, o que a saudade de todos os seculos não cessou de repetir ainda:

> Tinha mais alma que o Dante
> Cantava com mais amôr!

E' na Elegia e na canção popular, inspiradas pelo sentimento da nacionalidade, que se lavrou o desaggravo d'esta nação generosa. O segredo do Sr. Garrett tem sido sempre este de escolher entre as mil glorias da patria a que ella mais preza, a que mais vive no seu coração; e, revestindo-a de fórmas graciosas e bellas, dar-lhe corpo e espirito, e, depois de revocada á vida pela arte, entregal-a ao povo de quem é, associando-a ás suas crenças e ás suas affeições. Esta tem sempre sido a intenção da sua poesia, e para ella o levaram desde o começo as singelas graças da imaginação castigada, a fina reflexão do seu gosto, e a elevação creadora do seu genio.

E' por isso, que taes obras, tão nacionaes no

cunho e no pensamento, hão-de viver em quanto houver Portugal; e se a mão do infortunio, tão pezada para nós, uma vez riscasse a nacionalidade portugueza do mappa da Europa, os poemas e os dramas, que a immortalizam, seriam a par dos *Lusiadas* o que as estrophes do Tasso e do Ariosto são na Italia, a canção do captiveiro levantada das praias do Tejo ás margens do Mondego.

Não terá defeitos o *Camões?* De certo. Obra perfeita aonde se viu jámais? Esfria em muita parte a narração; fatiga um pouco, posto que bellissima, a noticia dos *Lusiadas* na leitura figurada na presença de D. Sebastião. Aqui e além apparecem lapsos de estylo e frouxidão de versos. E' impossivel levar com egual inspiração até ao fim um longo poema elegiaco. Mas bastava o canto I e o II; a adoravel canção do poeta em Cintra: e o canto ultimo para desculpar os maiores erros, quando os houvesse. Em toda a collecção dos romances-poeticos de Walter Scott nenhum se approxima da belleza do *Camões;* e só em uma ou outra estrophe, a Musa de Byron, quando é melancholica e reflexiva, e não descrente e desesperada, sabe tirar da harpa sons eguaes, tirando um cantico funebre similhante ao que chorava o alaude do trovador portuguez.

Quando se aprecia um escriptor tão variado, o objecto da critica não é dissecar pela analyse myope os descuidos de phrase, ou os lapsos de fórma. Colher de uma vista só toda a physionomia litteraria, tomar de cada idéa as suas feições verdadeiras, e julgar a obra pelo todo e não pelos accessorios, eis a missão, que lhe incumbe e a empreza que deve propôr-se.

V

A verdadeira restauração do Theatro entre nós é devida ao auctor de *D. Branca.* Alma portugueza, talento feito para se medir com as maiores difficuldades, vê-lo-hemos descer outra vez á liça, e disputar a palma ao genio de Athenas e de Schiller.

Como Goethe, o Sr. Garrett empenhou o respeito do seu nome, e a consideração da sua influencia politica. O poeta veiu dar batalha campal no palco scenico ás exaggerações francezas que estragavam o gosto, por lhe offerecerem para modelo unico uma litteratura, que ainda não definira a sua indole. O alto funccionario envidou todas as posses da sua fama e valimento para levantar á scena um padrão, retirando-a do estado lastimoso em que entre ruinas tiritava de frio e de pobreza como forasteira mal accolhida.

E' justo reconhecer que os actores tinham começado a regeneração, sujeitando-se ao estudo e á disciplina. Seria longa porém a sua constancia, e coroado de successo o seu trabalho sem a mão que as levantou e protegeu; sem a voz que chamou sobre elles a attenção do poder, e pela primeira vez firme e severa clamou, que uma nação sem theatro era um paiz orphão de artes e vazio de cultura? De certo não. Para restaurar a scena tornava-se indispensavel nobilital-a pela estimação publica, e fazer que o exemplo viesse de cima. Era essencial tomar uma idéa nacional, um facto poetico na essencia, e revestindo-o das galas do drama, consagrar com elle o baptismo do Theatro.

Creou-se pois o Conservatorio, e escreveu-se o *Auto de Gil Vicente.* O Conservatorio

devia abrigar a scena com a protecção de todos os talentos e com o auxilio de todas as influencias. A peça inscrevia-lhe no rosto a gloria de dois grandes poetas—Bernardim Ribeiro, e o Plauto Portuguez—com o reinado ditoso e a côrte opulenta de D. Manuel para fundo do quadro. Assim creada e protegida tinha tempo para se educar e robustecer a scena.

Qual era a sorte da arte dramatica antes d'esta renascença? Porque modelos estudavam e se podiam aperfeiçoar os actores e os auctores? O estado intellectual do theatro estava symbolizado nas ruinas dos dois hospicios, em que agonizava. Córavam as faces de pejo, quando o viajante estrangeiro, depois de passar pela Opera Lyrica, procurava (debalde!) o edificio erigido ás artes pela civilização portugueza. Uma gaiola carcomida e um tablado carunchoso tremiam e desfaziam-se no recanto sombrio de escuro bêcco. Era alli apezar d'isso o Capitolio; havia lá uma tal ou qual vida; declamava-se ao menos com decencia, faziam-se progressos, e revelavam-se algumas vocações. Adeante eram as Gemonias. Um theatro velho e defeituoso, encostado ao circo dos alcides e arlequins serviu de ludibrio á capital, cuja dessorada escuma suppliciava com as saturnaes da orgia mais dissoluta a miseria de poucos desgraçados, quasi reduzidos a pedir esmola do alto do proscenio.

A sorte do poeta e a do actor nunca foram eguaes. Por mais severa, que se lhe mostrasse a fortuna, o escriptor rara vez chegou ao supremo avitamento do Pária. Mesmo no meio da desgraça, tinha um quê de soberano, uma aureola de realeza na fronte, que a indifferença podia esquecer, mas que o desprezo nunca ousava polluir. Bocage e Camões pobres, e criminosos, quando erguiam a cabeça e profe-

riam o seu nome entre os homens, não eram fulminados pelo interdicto sócial. Viviam entre a nobreza; e desde o paço aulico até ao aposento do sabio, viam o mundo aberto deante de si. Succedia o mesmo ao comediante, do seu tempo? Gil Vicente exceptuado (se merece excepção a existencia de truão real a que foi condemnado um engenho como aquelle) qual dos nossos actores era recebido e estimado como o Garção, o Bocage, ou o Tolentino?

A estimação do talento suppria a estimação da pessoa, e sem o orgulho exaltado que é o tormento da sensibilidade exaggerada, em mais de uma occasião poderiam ter sido menos desgraçados.

E' por isso que a luz da inspiração póde raiar sobre a fronte do desditoso. O que padece, se ella o visitou, sabe cantar. O coração que chóra, a alma que se abraza na lucta, e o sentimento que a dôr ulcera, entrançam essa corôa de espinhos que os homens cravam na cabeça do martyr, tecem essa purpura ao genio, que as turbas jogam no calvario da ignorancia e que estringe e queima o espirito do poeta como a tunica do Centauro. Já o dissemos: o infortunio não está só no mundo; quasi todo reside no poeta. Corre apoz o ideal que lhe sorri fugindo, que o chama desapparecendo; visão de lagrimas e de amor á qual extende os braços, e que só póde colher (se colhe!) quando a morte lhe cruza os braços sobre o peito, e a eternidade lhe revela o derradeiro, o tremendo enigma da existencia.

Mas a vida do actor é outra; a sua organização pouco vulgar e a sua sensibilidade extremecida e caprichosa, quando a miseria e o desprezo se unem para o ferir, não o deixam salvar a arte nem ella póde crescer, ou prosperar. Se a mão da sociedade o repelle,

se a voz do povo o não conforta, aquelle talento que só amadurece ao sol do triumpho, no meio do applauso e da esperança, esmorece, descahe, e perde-se. A arte scenica, que é toda imitação, que adivinha o que não sente por comparações reflectidas, que deve expressar os sentimentos e as paixões segundo as edades, a natureza, e a epocha, expellida d'entre os homens, apupada na pessoa do que a exerce, sequestrada do mundo dos felizes e dos poderosos, onde irá estudar os typos, as maneiras, e os costumes das classes que é chamada a representar?

Banindo o actor em nome do preconceito social, com o stigma do desprezo vão queimar-lhe na alma a estimação de si proprio; levam-n'o insensivelmente a amaldiçoar na arte a causa do seu opprobrio; elle que a devia prezar com toda a idolatria do orgulho. Condemnado a viver comsigo e dentro de si mesmo, ou procura os deleites e se abysma nos vicios de uma devassidão ignobil; ou perde mais de metade do espectaculo do mundo, a alta sociedade—theatro vivo e immenso, grande amphitheatro de observação tão essencial ao artista como ao poeta, sem o qual nenhum d'elles poderá nunca pintar o coração humano com a poesia da palavra escripta ou com a poesia voz e do gesto!

Não queremos agora examinar se esta epocha tão vaidosa da sua philosophia, e tão questionadora de egualdades metaphysicas é em realidade mais isempta de abusões sociaes, do que alguma das anteriores. Napoleão, que resumiu dezoito seculos de gloria e de progresso sobre o throno dos Cesares, proclamou a alliança do genio e do poder. Bonaparte e Talma eram mais que protector e protegido, foram amigos. Que importa, pois, que hoje ainda um ou outro pygmeu assoprado em co-

losso cuide elevar-se quando não faz senão descer. Não é d'esses que o exemplo aproveita, ou o conselho fructifica. A palavra que ha de converter será sempre a do homem, a quem Deus fadar a realeza do talento, e a popularidade da poesia. Ora d'esses nenhum se assopra, nenhum se incha; nasceram gigantes e não invejam como a ran a estatura alheia.

O Sr. Garrett como poeta entendeu que o primeiro estimulo da arte é a estimação do que a cultiva. Como estadista e reformador, viu bem que a scena cahia se o actor não se prezasse a si, e o gosto publico se não educasse. Para o primeiro objecto repetimos, organizou o Conservatorio e a Inspecção dos Theatros. Para o segundo escreveu as suas peças e por meio da censura litteraria, exercida por uma critica como a sua, dirigiu o gosto, tentou corrigir as exaggerações, e applicou-se a encaminhar a arte para os eternos typos do bello:—a verdade e a natureza. Infelizmente ia quasi no começo ainda a obra da regeneração do Theatro, quando lhe arrancaram das mãos e a torceram e desviaram do seu progresso!

Quando se estuda com reflexão a nossa litteratura dramatica, não póde ter-se o coração que não deplore a esterilidade d'esta manifestação da arte em Portugal. Ao sahir da vida energica e robusta da meia edade para entrar no famoso periodo da unidade monarchica (de que o reinadò de D. Manuel é a glorificação, e a epocha de D. João II a formula escripta com o sangue dos dois chefes da nobreza) vemos no meio dos saráus da côrte, entre as folias e danças dos cortezãos erguer-se o vulto de um homem, que Deus tinha tocado para crear a scena entre nós, se a imitação classica não estivesse já na aurora do seu longo predominio.

O engenho original e a veia satyrica tão facil, que inspirava a Gil Vicente, ao nosso Plauto portuguez, o *Clerigo da Beira* e tantas composições engraçadas, em tempos menos eruditos teriam fructificado; e o que era apenas recreio bem accolhido pela indulgencia dos principes, animado á sombra dos paços reaes, tomando corpo e força, fazendo-se mais robusto e proporcionado, havia de sahir do berço aulico, descer ao seio das multidões, e receber o baptismo popular do drama moderno. Os autos de Gil Vicente como scenas de costumes são um quadro precioso para o antiquario. Como obras de arte são esboços ás vezes informes, quasi sempre abruptos e incompletos, porém animados do espirito nacional, que lhes infundia o sentir e crer da epocha, cujo retrato eram, cuja fiel expressam davam. N'elles está em embryão, é verdade, mas está, o germen do drama castelhano como depois o engenhoso Lopo da Vega o concebeu, e Calderon, mais severo e mais grandioso, o desenvolveu.

Shakespeare, genio mais profundo, alma embebida nas ceptica melancholia do norte, raro observador do homem e do mysterio da existencia, no mesmo seculo e sem o abrigo da côrte, disputava ao circo das feras um privilegio escasso que ia coroar de gloria o reinado de Izabel Tudor. Singular destino, que assignalava á infancia do drama, da formula mais popular da arte, á mesma hora em que a unidade monarchica extendia o livel do poder absoluto sobre tudo, e suffocava nos braços dos reis e de alguns juristas os instinctos do povo, que luctára mais que ninguem pela independencia da terra natal e sem o saber pela victoria da monarchia!

Shakespeare e Gil Vicente representam na immensa distancia moral, a que o caracter do

talento de cada um d'elles os colloca, a idéa poetica do norte e a do meio dia. O primeiro é o genio dos germanos e saxonios; o segundo traduz a indole viva, ardente, e chistosa da Peninsula. Um lança sobre a vida humana o reflexo triste, a penumbra em que se mergulha em meia escuridão o seu espirito. O outro ata os Deuses da Mythologia grega ao seu carro de Tespis, solta-o livre e alegre sobre o dourado pó do estadio real; flagella no rosto os vicios; escarnece os privilegios e a preguiça de uma ou de outra classe protegida, e mistura com o profano riso dos Silenos e dos Bacchos as canções tão bellas do povo, os sentimentos de fé e esperança christã, os hymnos a Deus, e as lisonjas ao principe.

O Inglez, aspero como E'schylo, ás vezes toma o escopro e grava a tradição de Hamlet em um drama methapysico, cujo sentido profundo revela o famoso monologo:

«*To be, or no to be that is the question!*»

O nosso portuguez dá polido e brilho á anecdota maliciosa, córa-a e commenta-a como Plauto, desenha em volta d'ella os seus heroes e alegra-a do riso jovial do nosso povo, o melhor de todos. O tragico britannico cantou *Othello* e *Romeo;*—nas suas peças historicas, porém, esculpiu como satyra sanguenta da nobreza parasita e dissoluta do seu tempo, o inimitavel typo de Sir John Falstaff, o Sancho inglez cuja Ullissea começa na trilogia de *Henrique IV* e acaba na satyra de costumes — as *Comadres de Windsor.*— Educado na eschola erotica, de que vemos tantos exemplos no celebre Cancioneiro de Rezende, Gil Vicente nem é escrupuloso na decencia das

situações, nem se apura na delicadeza da phrase. A sua Musa ás vezes corre desgrenhada e quasi nua como Phryné. E n'isto os dois poetas, ou antes os dois periodos da mesma epocha, assimilham-se. Ambos disparam sobre o espectador expressões, que fariam córar o pudor mais endurecido.

Demoramo-nos em retocar um pouco de mais talvez este quadro, porque nos parece, que á renascenca romantica esqueceu a indole propria da poesia do norte e do meio dia, confundindo-as n'uma imitação quasi tão servil como a classica de que se ufanavam os seculos XVI e XVII. A moderna eschola franceza e a allemã, no principio, fizeram de Shakespeare o seu modelo exclusivo, proclamando-o absoluto rei da scena. As peças castelhanas de enredo e de paixão, a famosa comedia de Lopo de Vega, e o drama de Calderon, reputaram-se muito inferiores ás tragicas invenções do grande poeta inglez. E são de certo em um sentido.

A ninguem ainda foi dado penetrar no intimo do coração como ao auctor de *Hamlet*. Ninguem, como elle, rasgou tão largo o véu, com que se cobrem as contradicções dos caracteres; ou illuminou de tão esplendida luz a sublime explosão das paixões. N'esta parte, o modelo não conhece, nem talvez conheça emulo. Os dramas historicos, idéa grandiosa que revoca á vida e á acção as epochas e os homens, são composições que fazem ainda hoje a desesperação da arte mais culta. A realidade do crer e do sentir, que respiram e a firmeza de desenho que as realça nunca se hão-de exceder. O antiquario terá mais sciencia, o poeta mais correcção e harmonia, o historiador mais profundidade; porém qual d'elles poderá nunca em um só grito exprimir a alma, a dôr, a lucta medonha das paixões que

expressa o famoso — *my horse, my horse!* de Ricardo III á porta da sua tenda depois da derrota?

Mas a eschola franceza, modelando-se por Shakespeare servilmente, não tomou d'elle sómente o genero e a fórma; copiou-lhe até os defeitos, a côr sombria, e a philosophia arida e descrida. Como o poeta inglez assenta o amor no collo das dôres mais excruciantes; como elle suffoca a esperança nos braços da morte; e deante de cada affecto suave e de cada crença consoladora põe como interrogação a ironia e a dôr; como elle converte a vida em tragedia, e o mundo em calvario de martyrio e de opprobrio, carregando de mais as trevas da eternidade, que gelam de horror o mysterio da existencia: — a poesia moderna foi buscar o interesse á desesperança; quebrou do alaude romantico a corda religiosa da remissão divina, e creou essa raça de *Othellos*, de *Hamlets*, e de *Falstaffs*, libellos vivos contra a humanidade, aleijões moraes, cujo espirito é o crime, cuja linguagem é a negação da consciencia e a apotheose do scepticismo, cujo interesse dramatico só reside no horror physico, na ferocidade animal das paixões, e na exaggeração por fim ridicula, que, transpondo as regras e os limites da arte, em logar do bello e da verdade, produz o tumido, o falso, e o brutesco.

O mestre não ia tão longe. Os imitadores erraram primeiro que tudo contra a poetica que admiram. Shakespeare encarava a existencia pelo aspecto profundamente desconsolado e triste da expiação do homem pelos padecimentos terrestres; devassava sem dó o segredo do vicio e do crime; negava ao mundo a ventura e a esperança, porém cegando a providencia para fazer d'ella uma fatalidade inexoravel, nunca sahiu das raias do humano e

do possivel, nunca precisou de crear abortos moraes ou physicos para exprimir as procellas da alma e o terror do crime, ou inspirar a piedade. Poeta, nunca desceu a mechanico; e nos momentos em que se mostra mais sceptico e mais tragico, n'esses mesmo é que sabe arrancar á paixão o seu verdadeiro clamor, ao coração uma palavra, um gemido, que diz tudo e ensina tudo.

Nós os portuguezes, e os nossos visinhos hespanhoes, peccâmos todos por defeito de preguiça:—por isso imitâmos tanto e tão mal quasi sempre. Não queremos meditar; e aborrece-nos o estudo um pouco arido das origens nataes da nossa poesia. Achamos uma creada? ouvimos os applausos dos que a incensam? já ajoelhamos e adoramos tambem o idolo sem curarmos de examinar se a indole do povo, se o caracter da nação pode conceder carta de naturalização aos viajantes exoticos que nos braços vamos levando em triumpho ao Capitolio. O que fomos com a litteratura morta de Roma e de Athenas somos hoje com a poesia viva de França. Outras nem as sabemos, nem nos importa conhecel-as. Se apparece d'ellas uma e outra feição no espelho, a que nos compômos, mette-se no retrato, na copia que se está tirando; e esfregam-se as mãos pela victoria. A' tez morena e ao reflexo dourado do meio dia, juntamos sem piedade os olhos azues tão frios e a bocca tão séria e grave do norte, em vez das pupillas negras em que arde a paixão, e dos labios finos e chistosos em que ri o amor, ou treme convulsa a ira. O nosso modelo não é humano; que importa pois, que erremos o homom e a natureza, se calcamos bem o gesso da copia?

D'aqui veiu essa geração funosta de *Antonys*, de *Hernanis*, e de *Gubetas*, supplicio da

lingua, e ruina da verdadeira poesia. Puzemos-lhe nomes portuguezes; quadramos em episodios da historia patria lances e situações adventicias, *aperfeiçoámos* a famosa collecção de reagentes chimicos applicados á scena; montámos a machina de alta pressão do horror e do absurdo; fizemos da paixão um drastico violento; da decoração um programma de circo; e da realidade historica e humana das epochas e dos caracteres uma moxinifada intoleravel que deturpou a historia, calumniou os personagens, e depravou o gosto e a arte. Inventámos o homem-tigre, e a mulher panthera; o veneno escorreu como chuva sobre os actores; o punhal andou mais em uso, do que as tesouras; e o cemiterio tornou-se, campo neutro onde esta familia de Atrêos dramaticos, ao expirar no palco, vae abraçar seus avós, seus paes, e seus irmãos os melodramas da Porta de S. Martinho. A scena foi um juizo final em que os vivos morriam e os mortos resuscitavam sem motivo, só para vibrar um grito cavo e fundo, que arrancasse palmas ás plateias.

Não se quiz remontar á origem da poesia penisular, e vêr em Gil Vicente, em Bernardim Ribeiro, em Lopo de Vega, Calderon, e tantos poetas romanticos qual devia ser a indole, o gosto, e o sentido original e nacionalissimo do drama entre nós. Afrancezámos tudo; e por fim o publico cançou-se da gaiola de féras, em que o mettiam: dos berreiros com que o ensurdeciam; e da martellada eterna com que estes Ciclópes do horror theatral feriam incessantes na bigorna theatral. Depois da excitação veiu o collapso. Das carnificinas passou-se para o melodrama lamurioso, cujo final obrigado é a ventura nupcial do protogonista. «*Ecce iterum Chrispinus!*»

voltou-se ao genero da *Preta dos Talentos* com as modificações *ad usum Delfini.*

O Sr. Garrett, como critico e como auctor, conheceu logo o precipicio da hypocondria dramatica; e previu tambem desde logo que levaria direito ao dessorado e semsabor reportorio das elegias dialogadas, ao *flos sanctorum* das virtudes theologaes. Como chefe de eschola cumpria-lhe avisar os poetas inexperientes do perigo, a que se arriscavam; e educar o gosto degenerado, corrigindo-o por meio das graças, animadas porém castas, do verdadeiro drama de paixão e de costumes. N'este proposito é que desenhou o bellissimo painel a que deu depois o titulo de um *Auto de Gil Vicente.*

Foi a primeira pedra do edificio; as que se lhe seguiram em differentes generos, se o não completam (porque o auctor ainda não revelou o ultimo segredo do seu talento), de certo deixam observar já perfeitamente o estylo, a configuração, e toda a architectura. O theatro do Sr. Garrett é uma restauração tão importante para a historia da arte portugueza como *D. Branca* e o *Camões* o fôram para a renascença da poesia moderna e popular, cujo typo é o bello, a verdade, e a natureza.

VI

O drama é a vida revelada pela arte. Os seus limites acabam onde finda o mundo, cujo espectaculo descreve. Fórma essencialmente popular, o seu typo é o homem; o seu interesse o infinito moral das paixões; a sua inspiração a verdade e a natureza—d'onde antevê, em espirito o bello ideal. Por isso o drama «é tudo, diz tudo, e póde tudo.»

As manifestações diversas da arte são suas

tributarias. Encerra as bellezas de todas e resume, por tanto, as difficuldades, que as escudam dos desacatos do vulgo. O amor é o drama quasi sempre; porque o amor tambem quasi sempre é a vida.—Na aurora o coração começa pelo affecto, nos espinhos da estrada desfolha-se das illusões, que o enganavam, e quando as sombras do occaso e a penumbra do tumulo lhe escurecem mais de meia existencia, é que se volta para outros idolos. A sciencia e a ambição, a gloria e o orgulho enredam então a variada teia da vida.

Quem póde dizer—«o amor é só isto?» Quem ousou nunca exclamar:—«o coração do homem não tem mais segredos que revelar?» Tão pequeno, que se estringe na mão; tão fraco, que um sopro o emmudece, o coração não cabe no mundo, e suspira sempre pela liberdade do infinito, que tenta percorrer nas azas da phantasia e do desejo. Quem disser: —«conheço o homem!» affirmou que sabia contar as estrellas do céu e as areias do már.

O theatro de um poeta é o seu modo de observar e entender a vida. A sociedade no meio da qual respira; os costumes que reinam na sua epocha, e as crenças, que bebeu com o leite da infancia, influem de certo no seu juizo, mas não o cegam, se Deus lhe fadou o genio e a poesia. O quadro terá uma ou outra sombra, mas o desenho, a expressão, e o colorido serão verdadeiros. O modo de vêr e analyzar não é o mesmo para todos. Cada qual observa por seu aspecto; dá ao estudo a côr das proprias idéas; á existencia, que retrata, a explicação da philosophia, que adoptou. Eis o motivo, porque Goethe e Schiller, filhos da mesma patria, se acham tão longe um do outro, quanto dista do pantheismo a religiosa contemplação de Deus, e do dogma da remissão humana.

Em todo o drama ha dois grandes aspectos —o sentimento e os caracteres. Isto é, ha o drama intimo, que parte da saudade do puro ideal; escreve mais uma linha na mysteriosa pagina do coração humano; e procura incarnar na terra o typo, que sonhára um dia. E ha o drama geral, que lança no meio d'esta elegia o ruido do mundo, a blasphemia do vicio, a corrupção dos costumos sociaes, o bramir da paixão, e os obstaculos da ambição, do ciume, e da cubiça. Cada uma d'estas opposições tem o seu logar na carreira da existencia, que se desata;—e a sua expressão propria na téla dramatica. Se o homem segue a esperança, e vence os instinctos, triumphou; se desfallece ao primeiro passo, se duvida de Deus e de si; se escuta e pára para colher o deleite sensual e trahir a pureza do amor, perde então a batalha, despenha-se, e torna-se demonio.

O principio do bem e o do mal, admittidos na crença christã, luctam sempre desde o berço até ao sepulcro. Um aspira o céu e tende a elle, como o anjo. O outro olha só para a terra, vae razo com ella, e de cada vez mette-se mais fundo no abysmo. O remorso avisa a consciencia; o sentimento desperta o coração; as paixões más suffocam ás vezes ambos e apossam-se de tudo. Esta reacção moral está entre os dois typos oppostos—o espiritual, que se deriva do céu; e o physico e sensual, que se fórma dos limos, dos vicios, e da satisfação do deleite. No meio d'elles, suspenso, radioso como luz, risonho como esperança consoladora, está o amor da mulher, o amor divino, e o amor paternal;—o primeiro que dá a poesia da vida; o segundo que põe o céu no fim d'este deserto, onde são tão raras as flores; e o terceiro que liga o homem ao céu pela innocencia dos que são seu san-

gue, e o regenera na terra pela expiação do dever.

As paixões e os sentimentos são e fôram os mesmos sempre. A expressão, a fórma de os declarar é que varia segundo os caracteres, os tempos, e as edades. Ao fervor juvenil succede a calma dos annos mais serios; apoz o impeto da mocidade vem a reflexão mais serena. Um caracter nobre e sensivel exaggera o sentimento; faz d'elle uma virtude heroica. Uma alma vil, devorada de instinctos brutaes, perverte-o, e ou especúla com elle, ou o deflora. O mesmo affecto póde perder e salvar o homem.

E' por isso que o crime nasce tantas vezes da mesma origem donde brota a virtude. O remedio, que mata uns cura outros. A muitos que nasceram para ser bons e nobres toma-os o mundo de repente, envenena-lhes o espirito, e converte-os em grandes criminosos. A vida vae por uma orla tão estreita, por um declive tão empinado, que um passo menos firme basta para a precipitar. O amor da gloria e da fé que deu Ceuta a D. João I, sacrificou um de seus filhos, e perdeu um rei e uma monarchia. Na vida, as occasiões são tudo.

O ciume que inspirou *Othello*, e o amor filial que deu *Hamlet* a Shakespeare, creou o Claudio Frollo, e a Lucrecia Borgia de Victor Hugo. Quem dirá que as duas paixões se parecem? Quem dirá que o sacerdote polluido, cujo travesseiro é a luxuria, tem similhança com o mouro arrebatado, que doura Veneza com as suas victorias, ensanguenta o leito nupcial, e mata o amor á voz de uma suspeita? Lastima-se o segundo, poder-se-ha perdoar ao primeiro?

Quando se fórma um theatro, nem a natureza, nem os tempos, nem a contradicção das

paixões se pódem desprezar. Os costumes e as crenças modificam por tal modo os caracteres e os sentimentos, que a virtude que gerou os solitarios da Thebaida é a mesma que, seculos depois, ha-de armar o braço fanatico dos Torquemadas. A expiação do sangue e a blasphemia do auto de fé em nome de uma religião de amor e de caridade, hão-de derivar-se da mesma exaltação e enthusiasmo, que fazia triumphar os martyres no circo! são assim os homens e as cousas.

Nos dramas do Sr. Garrett observa-se que o poeta estudou a vida no grande livro do mundo, e soube distinguir entre a unidade da paixão e do sentimento, e as variações que os modificam segundo as crenças, os caracteres, e as epochas. O amor do *Auto de Gil Vicente* não se repete no *Alfageme*, nem em *Fr. Luiz de Sousa*, nem na *Sobrinha do Marquez*. Creações distinctas, bellissimas, cada uma d'ellas está no seu tempo, vive no caracter que a representa, e apropria-se á edade e aos costumes. Differentes todas, nenhuma d'ellas é falsa: sel-o-hiam, se o affecto de Alda fosse o de Magdalena de Vilhena; se o amor do Alfageme fosse o fogo, que abraza Bernardim Ribeiro. Qual d'elles amou tanto, mais?

Amaram ambos do mesmo modo:—um com a sensibilidade exquisita, e o delirio do poeta: o outro com a paixão concentrada e profunda das indoles robustas, que dizem pouco do que sentem, e sentem sempre mais do que exprimem. Em Bernardim, o amor canta com os rouxinoes, scisma na solidão, descrê e chora. E' mais palavra do que obra; é mais espiritual que positivo. Tem o delirar da loucura, e o arder do facho, que o vento agita; ha-de gastar-se mais cedo; ha n'elle como no do Petrarcha muito ideal. O do Alfageme é todo acção. Quando elle deixar de amar, quando

aquella luz acabar de luzir, estará frio o coração. As raizes estão cravadas no fundo d'alma; — não o matou o ciume; não o crestou o fogo; não o enfraqueceu o ruido do mundo, e a agonia da ausencia. Um é o amor unico e ideal do poeta; o outro é o amor serio e grave do homem feito, que confia a uma mulher todo o futuro, toda a felicidade que espera, e que sabe o que confia, porque está na edade dos desenganos e das realidades.

Tinha ao pé de si a dama nobre, despreza-a, e vai buscar para companheira da vida a donzella orphã e desamparada. N'elle o ciume é silencioso e observador. Quando Alda e Nun'Alvares se abraçam n'um extasi d'amor, o Alfageme diz só uma phrase — e diz tudo: «Meu Deus, meu Deus! — Mais uma que me enganava!» Se depois não ouvir a conversação dos dois; se não descubrir por ella toda a pureza do coração de Alda — sem queixumes, sem um suspiro, perderá tudo; e é a felicidade que sacrifica, não o ignora.

Quem o concebesse d'outra maneira errava a individualidade d'este caracter; e não conhecia os homens. Para Fernando esposar Alda, nada importa que ella ame Nun'Alvares; — o que importa é que o Alfageme creia que o dever e a virtude hão-de chamar um dia ao seu leito as castas graças do amor. Por isso a donzella, que regeita a mão de um fidalgo; que não o quer nem para marido nem para amante, adorando-o; e que tem poder no coração para consummar tamanho sacrificio é a mulher que buscava, a esposa, que deseja. Embora tenha n'alma outra paixão, nunca profanará com ella a religião da familia, e o berço de seus filhos. O tempo lhe servirá de remedio, apagando a antiga imagem, e avivando em amor o que no principio só era, só devia ser, pura amizade e dever. E' com estes

traços magistraes e com esta interpretação larga e analytica do mundo que as paixões se explicam e os caracteres se desenham. Aqui tudo está no seu logar — tudo é natureza e verdade.

E todas as creações do Sr. Garrett vivem; todas ellas reproduzem o homem fielmente. A individualidade de cada um dos seus personagens separa-o no meio de todos os outros, como na vida commum qualquer de nós se differença pelas feições e pelo caracter. Saber dar o toque do sublime e da poesia á verdade; possuir a arte de elevar o natural sem violencia até ao ideal; e ahi descubrir a Lei de harmonia, que faz um ente imaginario possivel e real, sem o fazer vulgar, é o segredo de poucos escriptores, e a gloria dos grandes talentos. E' n'isto principalmente que consiste a belleza e a excellencia da poesia moderna. Goethe muitas vezes o conseguiu; Shakespeare sempre; Calderon algumas. A verdade poetica é difficil de observar, e ainda mais de expôr; ha tantas illusões moraes a attender; tantas apparencias a desprezar, que raro é aquelle que triumpha, vencendo a difficuldade.

Quem viu ou leu as peças do Sr. Garrett e viveu no mundo, de certo, alguma vez havia d'encontrar um padre, cuja virtude risonha, cuja moral severa e não sombria, lhe recordasse o bello caracter de Froylão Dias. Quem lidou com a parte do povo, que não está corrompida ainda, e conserva os costumes e as qualidades de nossos maiores—conheceu tambem por força mais de um Alfageme. O que lhes falta a esses, que vemos todos os dias, é a poesia, que dá a arte, — (ou para ser mais exacto) — raras são as occasiões, em que nos é dado observar o homem na lucta sublime do coração com o mundo, das paixões com o

dever. O poeta não faz senão dar luz á physionomia, e relevo ás feições moraes. Prepara a scena e gradúa as côres. O effeito resahe da acção dupla dos caracteres e da situação, em que se acham. Se não residir n'elles — nunca será verdadeiro e profundo.

D. Beatriz em *Gil Vicente,* Alda no *Alfageme,* e D. Magdalena de Vilhena em *Fr. Luiz de Souza* são tres mulheres, amantes todas, sensiveis, eguaes na virtude, e na belleza. Experimentem; ponham Beatriz no logar de Alda, substituam Alda por D. Magdalena ou por Beatriz; deixem o resto das peças intacto, enredem e desatem a fabula como d'antes, e vejam. Tudo se desmembra; tudo fica falso, pueril, ou ridiculo. E' um cáhos, onde nem luz, nem harmonia, nem verdade se achará. O caracter de Beatriz e o de Fernando repellem-se. O de Magdalena, no logar de Beatriz, tornava-se impossivel em absurdo. E' a prova da superioridade do Mestre. Quando, mesmo na expressão do amor, um typo se não póde alterar sem destruir a peça, está demonstrado que os caracteres teem vida propria, teem feições pessoaes, que dominam a acção, e interessam toda a logica e verdade d'ella.

Nas obras dramaticas do Sr. Garrett acontece isto sempre. Ninguem entra por demais; nem ha caracter inutil ou situação superflua. Tudo se liga; tudo se trava. Uma scena, que se córte, uma figura, mesmo secundaria, que se tire, escurece a acção, interrompe a pintura, ou mutila a idéa. Os accessorios não são meros ornatos; são meias tintas, sem as quaes não ha colorido possivel. No *Alfageme,* por exemplo, o drama, o amor, finda no 3.º acto. Alli parece acabar todo o interesse da paixão e desenvolver-se apenas a acção politica. Examine-se, porém, melhor; e vêr-se-ha, que sem os dois ultimos actos a acção moral ficava in-

completa; os caracteres suspensos, e em meio esboço alguns; e o quadro da vida confuso e mal delineado. A individualidade dos principaes personagens Fernando, Alda, Nun'Alvares, e Froylão não podia passar sem as situações subsequentes, que só os tornam perfeitos e acabados.

O *Auto de Gil Vicente* é um drama de paixão; o *Alfageme* uma peça historica de costumos; *Fr. Luiz de Souza* um drama de sentimento. O estylo do primeiro tem mais côr e mais vida; o do segundo substitue o natural aos ornatos; sabe dizer as cousas no seu logar, e com a phrase propria. Conchega-se, é mais popular. O terceiro tira o sublime da maior naturalidade; n'uma palavra resume a paixão; n'um dito retrata a alma. Em *Gil Vicente* ha mais viveza de imaginação, maior calor de affectos. Pedia-o assim o genero. No *Alfageme* apparece menos a paixão, mas sente-se mais. Em *Fr. Luiz de Sousa* o affecto e o sentimento transpiram por todas as phrases; dão uma côr de melancholia admiravel a toda a peça; e formam d'ella o modelo da tragedia moderna, cujo interesse deve ser a piedade e o terror. Terror moral, e piedade nascida do espectaculo de infortunios grandes, supportados com virtude e resignação por almas feitas para cançar a desgraça, e envergonhar o martyrio.

Nos dramas do Sr. Garrett os caracteres são typos como nas peças de Shakespeare, e nos romances de Walter Scott. Escolham no seu theatro qual obra quizerem, e acharão em todas a vida das classes desenhada, o coração humano explicado, e as paixões desenvolvidas segundo a indole, a edade, e a epocha, em que se desata a acção de cada personagem. Calderon não é tão feliz como o inglez n'esta parte. Mais imaginoso no estylo, arden-

te nas crenças, e apaixonado nos affectos, a opulencia da poesia lyrica encobre muitas vezes o incorrecto da observação e a infidelidade da pintura. Entre tanto o *Alcaide de Zalamea* e o *Medico de sua honra*, entre outras, são modelos de estudo dramatico.

Ha no drama moderno duas verosimilhanças a attender: a humana e a historica. E' preciso que os caracteres sejam possiveis e verdadeiros; que se não contradigam na essencia; e concordem sempre com a paixão, que os domina. Além d'isto é essencial que sejam moldados pela epocha, que representam. A maneira de pintar as eras passadas no theatro consiste em as fazer resahir da lucta dos affectos, córadas com a vida que então vivia a sociedade exprimindo os costumes e as idéas do seu tempo. Toda a difficuldade está em não converter o personagem em mumia, e o drama em glossario obsoleto. Pintar o antigo com o pincel moderno; restituir Apelles pela mão de Raphael. Uma sombra de mais; o excessivo escrupulo d'antiquario; e o molde em vez da feição retiram a peça da convivencia popular desterrando-a para os limbos da erudição. O talento engana-se muitas vezes por demasia de consciencia; o genio nunca. Mesmo ignorando, adivinha; mesmo errando, acerta.

No *Alfageme* o caracter do Condestavel está sacrificado ao effeito geral do painel. Aquelle Nun'Alvares amoroso e quasi languido não é de certo o grande vulto historico, que só contava os inimigos pelo numero dos golpes. E' heroico sim nos sentimentos; expressa bem o ideal da nobreza cavalleira; porém está longe de ser o lidador — *o Mão de Ferro* que assentou em Aljubarrota a corôa na fronte do Mestre d'Aviz. O typo da nossa tradição é muito menos poetico quanto ao sentimento,

e muito mais grandioso quanto á acção. E apezar d'isso o drama esboça a epocha; retrata os costumes; e desenha a face tão movel do povo com uma verdade admiravel. Porque? E' que o caracter, se está fóra da tradição e da historia, está no seu logar no drama. A idéa do poeta pedia-o assim; e uma vez transformado, nunca mais se desmente. Desde que o auctor pôde obrigar-nos a acceital-o, e não como era e o queria o publico, mas como lhe convinha a elle que fosse—usou de um direito (de que se não deve nunca abusar), e sanccionou pelo successo a sua audacia.

Froylão Dias; Telmo Paes; Pero Safio; Manuel Simões e a tia Veronica são retratos de uma galeria. E' toda a classe popular media estudada em differentes estados e fórmas d'existir á luz da experiencia, e ao espelho da natureza. Que observação tão fina, que malicia tão mimosa, que profunda analyse não revelam a cada passo os difficeis paineis, onde vivem e nos olham, e nos falam todos esses filhos do mundo ideal, tão possiveis, tão humanos, que parecem nossos conhecidos de hontem; que se nos figura tel-os ouvido inda agora conversar; que nos fazem sorrir e recordar pela sua mania dominante, pelo anexim valido, pelo *tic* particular de cada um! E são nossos conhecidos; de certo viveram e vivem ainda talvez. Estão no vulto indelineavel e immenso chamado povo; nos seus costumes; nas suas idéas. De lá os soube tirar da realidade para os elevar á poesia o lapis de um grande mestre.

No *Auto de Gil Vicente* todo o seculo de D. Manuel sahe em relevo. A paixão, a cavallaria, a politica, e a côrte, enredam-se e encontram-se sem se offuscarem, sem nunca as côres e as feições se apastelarem. Tudo alli é bello e verdadeiro — porém a suave creação

de Paula Vicente é tão original, tão divina nas proporções, na grandeza, e na sublime tristeza, que ella só faria a gloria de um poeta. Está alli a historia — mas na sua essencia philosophica; sem pezar de erudita, sem carregar nem de leve nenhum retrato. E' um todo harmonioso que se completa e explica por si mesmo.

O caracter do Theatro do Snr. Garrett é o mesmo que o dos seus poemas; geral pela liberdade da escolha e da fórma; nacionalissimo, especial, pela unidade de crenças e costumes peninsulares e portuguezes que traduz. Nenhum dos seus personagens era verdadeiro tirado d'aquella scena, d'este paiz, e da sua epocha. Se o trasladassem para o norte, e o naturalizassem saxonio ou germano morria de saudade patria—e ficava absurdo, incomprehensivel, inclassificavel. A phisionomia de todos elles na acção e na palavra funde-se no genio e na bella natureza d'este clima e d'esta terra. Quem lh'os roubar adulterou a eschola, e calumniou o poeta.

E' assim, e só assim, que se póde crear a scena de um paiz. Os copistas erram sempre, porque peccam contra o coração e contra a natureza. Põe a Venus Idalia, a Venus Grega ao pé da Madona; e o Moysés de Miguel Angelo junto de Jupiter do Phidias. Nunca hesitam. Supprem a observação e o estudo pela exactidão graphica, moldam mas não compõem. Succede-lhes, pois, que os seus personagens ninguem os conhece e ninguem os ama. Passam como estrangeiros, recebem-n'os bem ou mal: e depois vão-se embora outra vez sem se sentir a sua falta. Não sendo d'esta patria que mais podem ter senão o agazalho dos hospedes e as boas despedidas do viajante?

VI

Quando no remanso da leitura se estudam as obras dramaticas do auctor do *Fr. Luiz de Sousa*, acham-se n'ellas as condições que justificam o triumpho. O desenho dos caracteres é correcto e natural: as paixões são verdadeiras; a acção enreda-se com verosimilhança, complica-se em virtude da posição dos personagens, e desata se com logica. Representa-se nos seus dramas não só a vida popular, mas a vida da humanidade. Discute-se não só uma phrase da historia, mas um problema da existencia humana.

Como na eschola de Schiller, ha n'elles a verdadeira physiologia moral; como na de Goethe descreve-se o homem e a sociedade revelando o coração e a intelligencia que animaram os seculos; como na de Shakespeare o quadro toma a côr sublime, que nos caracteres constitue a *pessoalidade*, que nas epochas forma a completa resurreição litteraria. D'onde vem pois que as peças do Sr. Garrett são escutadas no theatro com religioso respeito sempre, mas pouco victoriadas em referencia a tantas outras? D'onde nasce que o applauso da scena não corresponda á admiração da leitura?

A causa não é deshonrosa para o publico, e muito menos offende a gloria do poeta. Ninguem soube ainda, como elle, dar ao dialogo o cunho familiar e portuguez, que approxima do povo o escriptor, tornando lucidas e correntes as mais elevadas idéas. O modêlo d'este dialogo está na descripção de Camões por Telmo Paes em *Fr. Luiz de Sousa*. Nunca se foi tão sublime e tão natural ao mesmo

tempo. O vulto monumental do poeta dos *Lusiadas* alli se levanta á voz de um velho sobre o eterno pedestal, em que o collocou a tradição do povo e a sentença da historia.

Na penumbra do throno que vacilla, o Sr. Garrett ergue da cova o genio portuguez, e, pelas mãos do escudeiro popular, corôa-o de saudade e de gloria. Na sepultura de Luiz do Camões estavam sellados os brios e o amor da patria de uma epocha extincta; e foi de lá que sahiram, quebrando a campa, quando a aurora da liberdade luziu em fim sobre a memoravel revolução que nos restituiu a independencia, unindo á espada victoriosa dos cavalleiros a acha peã mas heroica dos populares.

Este segredo de achar a verdade da idéa e de gravar o bello da expressão na phrase singela—dá ao estylo do Sr. Garrett uma graça uma fluencia, e um ar nacional que o repassam de originalidade. Cada discurso sahe da bocca dos seus personagens verosimil, proprio d'elles, e a par da intelligencia do auditorio. Não são pois a linguagem e o estylo quem obsta a que as suas peças excitem, além da admiração, o enthusiasmo que festeja tanto melodrama francez. A razão ha de ir procurar-se a outros motivos, se a quizermos descubrir.

As platéas são compostas de todas as classes de ouvintes; mas entre nós as do theatro portuguez formam-se de um publico educado, pela renascença franceza, que chamaram *romantica*. A alta sociedade por isto mesmo frequenta pouco a scena nacional e prefere a opera lyrica. Os homens de gosto e de critica estão ahi sempre em grande minoria; e são subjugados pelo grande numero, que só vai ao theatro para buscar sensações exaltadas, saciando os olhos e os ouvidos em grandes

espectaculos e assopradas phrases. Que a peça seja absurda; que os caracteres mintam a si e á razão; que a fabula toque as raias do monstruoso pouco importa; estes erros são culpas veniaes com tanto que tragam a remissão obrigada da pompa, das decorações, e dos famosos rotulos sentimentaes, que ha tres seculos fazem a fortuna das moxinifadas dramaticas.

E não succede só em Portugal; o phenomeno repete-se em todas as nações e em todas as capitaes. As obras de Racine, as de Voltaire, a propria *Lucrecia* de Ponsard representadas fóra da scena especial e do auditorio escolhido do theatro francez, não seriam pateadas, mas haviam de ser friamente recebidas. O mimo, a correcção, e a belleza de uma obra litteraria é geralmente apreciada; o povo sente-a; mas sente-a só, em quanto o homem culto sabe o que significa, percebe a difficuldade que se venceu, e compara o modelo que se attingiu. O povo sympathiza com o bello, mas não se enthusiasma senão pelo que responde ás intimas affeições da sua alma rude e energica.

Quando um melodrama, exaltando as suas sensações, exaggera o crime e a virtude, as paixões e os sentimentos, o escriptor vibra cordas, que estão em harmonia com a imaginação e o sentir do ouvinte popular; é assim que a *Camara Optica* avulta as proporções das estampas, e desfigura impunemente os monumentos sem que o espectador deixe d'applaudir: aos seus olhos agrada mais o quadro variegado do que o perfeito desenho obtido pelo daguerreotypo, ou aberto na melhor gravura. Conhece que o desenho e a gravura são bellos, porém admira as côres vivas, as figuras garrafaes, e as composições exaggeradas que formam de ordinario o archivo das

Camaras Opticas de antiga e deleitosa memoria.

No theatro succede o mesmo. Preferem-se os lances inopinados; as posições violentas; e as palavrosas homilias de um sentimentalismo choroso e ridiculo, ou impossivel na essencia ás graças castigadas da Musa tragica ou á belleza mais severa do drama puro. Até hoje tem-se copiado de exemplares ás vezes imperfeitos as scenas que mais podem lisonjear o auditorio, e não as que mais provam o estudo e a observação do mundo.

De todas as formas ou manifestações da arte o drama é que maior difficuldade offerece, porque resume quasi todas as outras. Sabel-as graduar; fugir do perigo de transportar o circo para a scena, ou os ardores ridiculos da Phenix Renascida; e proporcionar o espectaculo ás necessidades da acção, não é cousa tão facil como á primeira vista se affigura. Depois de condemnar severamente a eschola antiga e de a expôr á irrisão das turbas, a renascença romantica imitou-a no que ella offerecia de peior. Copiou-lhe as exaggerações as pompas estereis, e a falsidade fundamental dos caracteres e dos sentimentos. Apparecem no palco hoje personagens tão nullos como os confidentes classicos, e tão contradictorios como os grandes Manes de Achilles ou de Phedra, quando exhalavam a sua dôr em dithyrambos famosos, e enchugavam as lagrimas á cambraieta de rigor.

O publico recebe sempre com prazer quanto é novo e lhe promette deleite. Deram-lhe a provar das scenas fortes, nos lances descabellados, e adorou o drama reaccionario. Fatigou-se; e choveram então para o consolar as anecdotas dialogadas, os paineis de familia, os contos moraes, arsenal vastissimo, Museu inexgotavel, onde chora o sentimentalismo

refinado das Mumias orthodoxas, que povoam os Elysios da poesia. Ao periodo dos grandes criminosos, succedeu a epocha das virtudes theologaes. Disputou-se no Theatro como na Sorbona sobre a moralidade theologica dos heroes, e sobre o gráu da confiança que mereciam certas proposições. A critica fez-se cathecumena; os julgadores armaram-se de pudor; e os litteratos da platéa e da imprensa decretaram o pêjo virginal para salvar os costumes publicos.

A scena, pois, como as mulheres de má vida, passou do delirio dos sentidos para o arrependimento beato. Por um pouco não cahiu em pura oratoria.

O paradoxo de Rousseau contra o theatro ia-se quasi convertendo em doutrina militante. Os lisongeiros da Torre de *Nesle* e do *Antony* prégavam os horrores da devassidão dramatica, e ás portas do Seminario expurgador denunciavam a menor phrase como novo barril de arsenico despejado na corrente envenenada da litteratura patria. No meio d'este conflicto entre o palco, os auctores, e os criticos, o publico applaudia os chorões sentimentalistas, os conceitos moraes, e os episodios á Marmontel. E' que só um diluvio de lagrimas semsabores podia lavar a scenas dos rios de sangue, que a tinham maculado durante o reinado dos Neros dramaticos.

O Sr. Garrett, com a individualidade de um grande talento creador, não cortejou nunca as Eumenides do romantico feroz, ou as magoadas Niobes dos Labras litterarios. Marcou o seu posto fóra da exaltação de uns, e do deslavado plagiato dos outros. Foi buscar á vida e á observação os typos dos seus personagens, e nem os canonizou nem os fez demonios. Deu-lhes a vida, as paixões, e os costumes de homens, segundo as idéas e as edades,

segundo os tempos e as epochas. Desprezou a victoria ephemera para colher mais duravel triumpho.

A piedade e o terror foram sempre a base em que assentou o interesse das suas peças. Em nenhuma ha exaggerações fulminantes nem virtudes celestiaes. São homens bons e máus; affectos naturaes e posições verdadeiras, que jogam e se complicam tão facilmente como na enredada teia da existencia humana. Uma palavra no *Alfageme*, em *Fr. Luiz de Sousa*, ou na *Sobrinha do Marquez* explica, revela mais do que centos de ribombantes exclamaçõse, ou duzias de monologos empenados que deixam vêr a cabeça do auctor por detraz das orelhas do artista; e convertem o theatro em pulpito de sermões de partido politico, ou de seita philosophica, com grande jubilo dos auditorios menos allumiados e infinita nausea dos criticos sensatos. Na realidade ouvem-se n'esses cartazes em dialogo phrases e conceitos, que, não convindo á epocha e á posição dos personagens, provocam a que se pergunte:

Mais qu'avait il à faire á cette maudite gallére?

Não se entenda porém, que nós suppomos *molas gastas* certas combinações scenicas, que se repetem desde longo tempo. São logares communs admittidos e muitas vezes indispensaveis. As vistas de carcere, de bosque, de sala regia, e outras teem cabellos tão brancos como os reconhecimentos, as conversões, e os suicidios. Querer proscrever estes veteranos da scena, além de ingratidão, era implacavel. Estas respeitaveis azas de todos os Icaros dramaticos, por mais que as derreta a critica, não cahem. Quem as sustenta é a necessidade. — São velhas e monotonas? é verdade; viram-

n'as os nossos antepassados e hão-de vêl-as os netos de nossos netos? de certo. Porém o que resta saber é se ha meio de as supprimir sem mutilar o theatro e escravizar o poeta.

A belleza e a originalidade da peça não ganham nada com se passarem os lances n'um carcere, e os heroes se reconhecerem d'este ou d'aquelle modo; dependem só da verdade dos sentimentos, e das paixões. Ora o amor, o odio, e o affecto se variam na expressão, nunca deixam de ser os mesmos na essencia. Seria tão justo tractar de *molas gastas* o ciume de Othello e o amor de Romeo como a vista de calabouço dos Renegados. O que importa observar é se o ciume e o amor vivem nos personagens de Shakespeare como no coração do homem. Se tentarmos destruir certas combinações, se formos demasiadamente rigorosos nos accessorios, havemos de acabar pela idolatria de regras pueris e caducas, que nada terão que invejar ás famosas unidades do reverendo d'Aubigné.

O Sr. Garrett deu sempre ás suas obras a largura de traço e a independencia de fórma que são legitima conquista da eschola moderna. Se não acceitou os abortos moraes, nem os amantes de alcorce do sentimentalismo, soube vêr a natureza com os olhos do artista e prescrutar os phenonemos da vida e do coração humano com a analyse do observador. Já o dissemos: é d'este duplo estudo que resulta a *pessoalidade* que respiram os seus heroes. O tempo ha-de comer a gloriola panica dos aleijões dramaticos applaudidos hoje, e os auctores hão-de assistir vivos ás exequias da sua reputação, em quanto o creador de Froylão Dias, de Gil Vicente, de Telmo Paes, de Manuel Simões e de tantos outros caracteres, em cada anno contará mais um passo para a immortalidade. O tempo, que apaga o vulgar

com um livel inexoravel, foi de todo o sempre a consagração dos monumentos.

As qualidades que a critica admira no theatro do auctor de *Fr. Luiz de Sousa*, são justamente a causa de ser tão modesto o seu triumpho na scena. Quem não sacrifica aos idolos da praça não recebe as ovações da popularidade. Retratos correctos, sentimentos verdadeiros, e paixões temperadas pela edade e pelo caracter, bellos como são, não travam no gosto das plateias estragado pelas exaggerações; não o estimulam bastante. E' preciso para cortar d'essas palmas que o auctor copie o languido olhar, e o pallido rosto de um Werther; que lhe dê um amor fero e adultero; uma ira concentrada contra o mundo, que teve a irreverencia de o não o conhecer e coroar.

E' essencial mais, que, em nome d'este protogonista, derrote o senso commum, as regras da scena, a verosimilhança e a verdade moral; e que augmente o effeito, soltando no palco um par de lebreus, e esquadrões de cavallaria com as suas bandas marciaes. Com isto e com algumas pieguices da dama, certa dóse de imprecacções do amante, e o cortejo obrigado dos parasitas, póde contar que fez uma peça digna de estrondoso successo. Chegou-se a ponto de reduzir a simples receituario as partes componentes do drama. De orgão e de comparsas tanto; misture com bailados, batalhas e incendios; ajunte uma pirrhica, e mande. Está salvo o auctor!

Quando o theatro é obrigado a descer quasi a competir com o circo Olympico, e o poeta a combinar as evoluções dos cavallos, ursos, e pantheras, ao verdadeiro talento só cabe manter-se firme, e deixar correr ao lado esta onda turva e alluvial. Ha-de passar, e depois na transição (a não faltar animo e en-

genho dos auctores) será mais facil regenerar o gosto e libertar a scena do tributo forçado aos alquiladores, ás feras, e aos professores de gymnastica. As peças do Sr. Garrett que significam um protesto contra as exoticas invenções do circo, tem sido em parte punidas com menos applauso. Preferem-lhe a *Estalagem da Virgem* com os tiros de canhão e o cepo negro? Que importa?

Shakespeare, o grande mestre, viu-se na dura contingencia de luctar com a concorrencia fatal... não de actores e poetas, mas de uma companhia de ursos industriosos. E as turbas, como succede n'este seculo allumiado com os touros, as turbas agradavam-se mais da gentileza de um urso do que das admiraveis scenas de *Hamlet* e de *Lear*. Estamos tambem nós no periodo dos ursos, e por força ha-de chegar-nos a epocha das artes. Já grande numero de ouvintes premeia e distingue a obra litteraria—com o tempo as platéas enfastiar-se-hão do falso, e applaudirão o correcto. O bom accolhimento obtido pela *Affronta por Affronta* do Sr. Lopes de Mendonça é já um presagio esperançoso.

VII

Sahiu da penna do auctor de *D. Branca* n'estes ultimos tempos uma obra, que, mesmo depois de emprehendida por tão vigoroso talento, era licito duvidar, que se acabasse. O Livro das *Viagens na minha Terra* tinha de luctar com difficuldades, que a critica julgára insuperaveis. Negava-se ao caracter nacional, mais serio do que espirituoso, mais

caustico do que epigrammatico, o poder de animar as scenas quotidianas da vida, o de tocar as paizagens, os costumes e as artes patrias com o pincel rapido e chistoso, que, fugindo na tela, grava a individualidade de um povo; que, esboçando dá alma á natureza, aos sentimentos, e ás idéas.

Além d'isto á lingua, entrevada tanto tempo nas clausuras e nas palestras, faltava ainda a liberdade necessaria. Condemnada a arrastar-se pelas paginas severas dos Tractados Moraes e Theologicos; e a florescer em alguns capitulos mais limados de chronicas monasticas ou de historias vazadas nos moldes latinos, paralysou-se nos exercicios da eloquencia classica. A phrase tomou o sabor romano; o periodo alatinou-se; e o pensamento, escravo da imitação, e communicou ao estylo a languidez, que a pompa das palavras mal disfarça, e que as lantejoulas dos trocadilhos affeiam em mais de um escriptor correcto.

O vocabulo de certo enriqueceu; as litteraturas mortas exploraram-se para additar o thesouro patrio; os grandes modelos antigos copiaram-se; porém quem ousaria sustentar que a indole das lettras portuguezas se dóma sem violencia á concisão do Tacito, á grandeza estudada de Livio, e á belleza um pouco theorica de Sallustio? Esses traslados mesmo comprehendendo as obras de Cicero, que formam uma litteratura inteira, optimos, como estudo, eram impotentes para infundir na lingua, a animação e a veia original (que no meio de bem poucos o Camões lhe deu) e que é, e ha-de sempre ser o cunho profundo que separa das civilizações mortas a civilização que está adulta. Quando á renascença greco-romana succedeu uma influencia menos olympica, e mais humana, os poetas e prosadores, cinzelando sempre a phrase pela medalha antiga,

variaram mais os modêlos. Estava no apogeu a graça inimitavel da eschola hespanhola, brilhava em toda a sua gloria a Musa italiana e as suas bellezas eram apreciadas entre nós com fervor. A introducção de muitas palavras de ambas as linguas, as imitações do gosto e dos generos, e até o uso vicioso e vulgar dos conceitos provieram d'essa origem. Os escriptos do padre Vieira são a glorificação d'este periodo.

D'ahi por deante tudo declina rapidamente. A eloquencia sagrada balbucia; a poesia faz-se presumida e ribomtante; e a prosa apparece pueril, incorrecta, e barbara quasi sempre. Debalde Bocage envida todas as posses do seu genio e a harmonia do metro; vencedor em todos os pontos, onde lucta como Vate, nem sempre n'aquelles onde o improvisador desvaira a imaginação, a sua lucta e a de poucos engenhos escolhidos não podéram cortar a corrente. Passou por cima d'elles a onda, e veiu depositar os limos infecundos na terra encharcada, em que grasnavam as rãs do Parnaso, tantas vezes punidas pela Nemésis do traductor de Ovidio e de Castel.

A decadencia foi completa então. As lettras corriam as praças profanadas e immundas como a prostituição; a satyra converteu-se em libello; o soneto e a decima pediram esmola, ora coxeando servis como lacaios, ora extasiando-se impuros e infames como as orgias onde viam a luz. A eschola antiga expirava blasphemando de Deus e dos homens nas trevas do atheismo intellectual, rodada viva pelo Padre Macedo e apupada nas esquinas pelos pregões de José Daniel. Depois de negar o genio de Camões, morria na enxerga da miseria!

N'este estado a acharam os primeiros escriptos do Sr. Garrett. Os esforços do velho

Filinto tinham excedido o alvo como succede a todas as reacções; e a propria versão do *Oberon*, o primor dos seus escriptos, revê ainda de mais a côr latina. Francisco Manuel, por odio aos rebocadores de phrases gallicanas, metteu-se no beaterio dos puristas romanos. De orthodoxo passou a fanatico. Inverteu e transpoz o periodo; assoprou o esqueleto das Mumias da epocha de Augusto, e tentou-o o impossivel, concedendo-lhes os foros da cidade moderna, e querendo dar-lhes vida depois de mortas. Deve-lhe a lingua muito quanto á pureza e á correcção. Quanto á originalidade e á individualidade, pouco ou quasi nada. A sua influencia reduziu-se a uma restauração retrospectiva; o seu reviramento foi todo retrogrado. Condemnou o presente em nome do passado, mas não previu o futuro.

E' esta differença essencial, a que constitue a gloria do Sr. Garrett. Tão severo no principio como Filinto, defendeu na estacada a castidade da lingua, adoptando os mandamentos do velho traductor de Lucano. Depois, apenas ferido o alvo, converteu todo o vigor do engenho contra os aduladores do passado, cathecumenos da Oratoria Latina, e contra os manipuladores de Sextinas e Acrosticos delambidos. Offereceu-lhes batalha campal em *D. Branca* e no *Camões*, como a offerecêra aos «gallo-Luzos» no *Catão*. A victoria teceu-lhe uma corôa que será eterna, e abriu á nova era as portas de uma carreira que já está allumiada pela aurora do futuro.

Mas do poema historico á creação da lingua em todos os generos vae infinita distancia. As admiraveis estrophes da solidão cantadas em *Amor e Melancolia* pelo Sr. Castilho; os *Ciumes do Bardo* em que elle subiu á altura de Byron, pintando as tempestades da

alma, que se abysma na paixão; e a formosa e inimitavel chácara da Nazareth, onde reproduz as crenças do povo ornadas de um véu singelo todo graça, vieram alargar ainda os dominios da lingua e provar como ella é facil em se prestar a tudo, quando o engenho que a usa sabe conhecel-a, e empregal-a.

Mais rigido e dominado pela mesma idéa, que seduziu Filinto, o Sr. Castilho nas outras paginas escriptas em prosa, applicou-se a restaurar o periodo classico da linguagem. Repassou-se do estylo de Bernardes e de Fr. Luiz de Souza talvez de mais, e, ajudando-se da sua copiosa leitura e erudição para purificar a phrase e o periodo, tentou o impossivel a nosso vêr. Quiz voltar atraz, e fazer ahi uma pausa antes de proseguir na jornada. Debalde! Nem o homem nem as idéas páram; e a lingua, que não é mais do que a interprete do pensamento, não póde colher de um sepulcro mais do que a sabedoria da historia. A vida, o impulso, e a veia, essas só lh'as dá o seculo, que tudo arrasta apoz si, e a civilização que imprime o seu cunho no que passa.

Em outro pólo tambem poeta, mas poeta critico, tambem romancista philosopho o mais que tudo historiador, o Sr. Herculano, fundando no *Panorama* uma reputação, que não cessou de augmentar, tem sido um dos homens que mais additou a lingua, e melhor a soube dobrar ás exigencia dos generos modernos, e ao rigor da severidade philosophica. Na *Harpa do Crente* o seu verso retine como aço vingando a fé, e punindo o riso da incredulidade. Nas chronicas-romances, resuscitando epochas, e figuras mortas, obrigou a prosa a elevar-se ao estylo poetico, e a phrase a gravar a imagem pittoresca, que lhe esculpia. No *Eurico*, forçou-a a subir á grandeza da epopeia; no *Monge de Cister* a

amoldar-se a todas as familiaridades da vida e a rever todas as phases da paixão e do sentimento. Finalmente na *Historia de Portugal*, monumento de critica e observação, a lingua, escrava do seu pensamento, curva-se obediente ou elle a leve ás regiões da moderna eschola allemã, ou a applique á discussão ardua dos problemas sociaes. Na poesia ou no severo lavor historico, no meio do seu thesouro, o Sr. Herculano acha sempre veias inexgotaveis para as fazer manar á sua voz.

E entre tanto, mesmo depois de tudo isto, a difficuldade de compor um *Livro das Viagens* não tinha diminuido. Uma cousa é assentar o estylo, a côr do genero repousada e longamente; outra é vaguear como a abelha por cima das flores, pousar aqui e fugir acolá; além demorar-se a libar no calix de uma rosa; alli desviar-se dos espinhos d'aquelle arbusto. Uma cousa é concentrar a idéa n'um ponto e vestil-a de fórmas esbeltas e naturaes; outra é correr n'um instante toda a gradação das côres; e de relance cunhar com força e com verdade a phisionomia do povo e dos costumes; as paizagens e a natureza; o sentir moral; a philosophia da vida: e a critica do passado na arte e nas instituições! Que rara flexibilidade de talento não exige esta empreza? Que tacto de pincel, e que firmeza e concisão precisa ter o escriptor para não dar luz ou escuro de mais, para evitar a *caricatura*, e para afinar todos os quadros d'esta grande scena? E' quasi realizar o sonho do Bispo de Hypona: — é metter o mar na concha de um mollusco.

O Sr Garrett tinha de luctar pois com o assumpto já de si arduo de vencer, e com a resistencia da lingua. Não contente com estas difficuldades, foi elle proprio desafiar a terceira, a peior de todas; mettendo no quadro a

novella da actualidade. De Lisboa a Santarem o poeta nem um instante deixa de ser ou instructivo ou agradavel em dois volumes grossos. O espaço parecia pequeno? Não importa! A imaginação, que tem azas para rodear o universo, saberá enchel-o de modo que os olhos do espirito se deleitem sempre. Na jornada são raros os monumentos, em que o romeiro póde fazer estação? Que tem isso! Elle saberá, na falta do passado, avivar o presente, e dar-lhe a vida da poesia.

Cada pagina será nova em relação á anterior. As digressões espirituosas e ironicas formaram um arabesco phantastico em volta das illuminuras principiaes. A descripção do actual irá de par com a allusão politica ou litteraria; a erudição classica com a critica moderna; a observação fina com o retrato de um homem, ou esboço de um sitio. As scenas variam sem cessar; as mutações repetem-se; os ditos chistosos, as reflexões inopinadas, o *humour* como dizem os inglezes ou a *graça* segundo os portuguezes, serão inexgotaveis. O auctor ri sem fel e conta sem presumpção. Viaja sem espelho e sem vocabulario portatil.

Aqui é a estalagem de Azambuja? O lapis de Caillard servir-lhe-ha para desenhar a bruxa, o cerbero femea d'esta espelunca-modelo. Alli é o *café* aristocratico do Cartaxo? A palheta ministrar-lhe-ha as côres de Leopoldo Roberto; e a grande sombra de Walter Scott passando por elle, sorrindo, lhe segredará ao ouvido o famoso dialogo sobre o Alfageme. O vapor da companhia coxea na onda do Tejo e os campinos pelejam com os homens de forcado á volta da tourada? O poeta como Béranger ha-de fazer-se economista e decidirá o pleito com uma interrogação? «Quem tem mais força é o mar ou um touro?»

As lezirias venceram! E' o mar. Depois, no meio de tudo isto cahimos nos Elizios, e achamo-nos defronte da veneravel e tremenda cabelleira do Marquez de Pombal, que joga com Pitt o seu jogo coberto. Para que mandou V. Ex.ª arrancar as vinhas do Riba Tejo? pergunta o auctor: — «Quem havia de beber tanto vinho?» responde o ministro. A visão passa, mas a penuria agricola está explicada.

Quem descreveu melhor a reacção continua que agita este seculo mais questionador do que sceptico, menos revolucionario na acção do que na eloquencia? Não resahe toda a sua phisionomia da recordação dos dois typos eternos de Cervantes—Sancho e D. Quixote —o material e o espiritual? Quando a idéa se faz homem e combate por um direito escarnecido, por uma verdade negada, e a apupam, e a enganam ou a sophismam não é D. Quixote, o espirito, que, sonhando uma regeneração ainda distante, a crê já consumada, e é, victima da sua illusão, tractado de louco por todos?

Quando a sociedade corre atraz das commodidades physicas, formula em regras a conveniencia e individualiza os principios e os systemas não será Sancho, que, servindo o espirito sem o entender bem, rindo-se d'elle mesmo ás vezes, o aproveita com tudo para tomar posse da Barataria? A glorificação do ventre sobre a cabeça, a practica da theoria utilitaria mais ou menos sordida mais ou menos habil, não caminha hombro a hombro com todas as reformas, não incarna o seu verbo em todas as idéas?

Que philosophia tão profunda a d'este paralello; que observação tão sagaz a que o auctor das *Viagens* applica n'este exemplo já usada em menos lato sentido por uma eschola allemã?! Como aqui o riso acera a verdade,

como seria facil convertel-o em triste reflexão, se; arregaçando o véu ao futuro, ousassemos olhar fitos para elle!

Ha no *Livro das Viagens* capitulos que não se escrevem duas vezes. O dos Barões é um exemplo. Ha outros em que na critica menos offensiva e mais jovial, e começando por si, o poeta disciplina os desvios da litteratura moça, que doudeja, e enumera os frades que entraram nos quadros das suas obras, ou descreve a mechanica usual dos dramas e romances originaes, recortados sobre os modelos estrangeiros e collados no papel com a maior exactidão. Algumas vezes, á vista de um monumento profanado, de uma barbaridade municipal, esta bocca que sorri tão agradavel, abre-se serena e pronuncia imprecações sublimes dignas da satyra pungente de Pope ou de Lord Byron.

Que admiravel painel de familia e de costumes que é a historia da «Menina dos Rouxinoes.» A velha cega e resignada que fia á porta ao descahir da tarde no valle de Santarem; o vulto rispido e austero do guardião dos Franciscanos; a innocencia de Joanninha; o caracter de Carlos; o grupo das tres graças inglezas; o amor excentrico e sensivel de Georgina—todas estas creações tão humanas e verosimeis, tão poeticas e tão reaes em tudo; todas estas paixões que choram e pelejam, ligadas por um crime, por um destino fatal entre si; são de uma belleza adoravel.

Nem uma vez se erra a linguagem do coração; nem uma unica os personagens mentem a si ou á paixão que os anima. A lingua, sem resistir, doma-se, curva-se, faz-se flexivel e transparente para córar os mais delicados sentimentos, para traduzir os ditos mais finos e apropriados. O romance da actualidade brilha em todas as galas do estylo, com o dialogo

portuguez tão arduo de cunhar, com a descripção das figuras e dos locaes feita em rigor sobre modelos que parecem vivos, tirada de sitios que renascem e se conhecem na tela do romancista. O sr. Garrett para tudo achou phrases, palavras, e estylo. A abundancia tempera-se com uma sobriedade reflectida; as côres graduam-se com infinito tacto da arte e da lei dos contrastes; a poesia e a philosophia unidas como irmãs abraçam-se e amenizam-se reciprocamente.

Sterne escreveu uma *viagem sentimental;* Xavier de Maistre uma *viagem á roda do seu aposento;* e Goethe um livro que intitulou *Poesia e Realidade da sua vida.* Na obra do Sr. Garrett ha bellezas rivaes das de todos elles; —ha de mais o interesse de uma novella de paixão. Quem escreveu as *Viagens* podia deixar de ser o auctor de *D. Branca* e de *Camões,* o poeta de *Gil Vicente* e *Fr. Luiz de Sousa;* o livro que apreciamos basta, sobeja para lhe assignar distincto logar. Esta phantasia mais verdadeira do que muitas historias — mais profunda e analytica na sua fórma risonha, do que muitas obras abstrusas de moral opiada, e de sciencia pedante, só a podia escrever um engenho superior. Mas era possivel escrevel-a sem reinar egualmente sobre a prosa e sobre o metro, sem versar com mão experimentada todos os segredos do estylo e da composição? De certo não. A lingua não se possue assim, e a imaginação não se dirige com uma liberdade tão desafogada e serena, senão quando se tocou na vida da arte o periodo da perfeição, e no da critica o da reflexão e do gosto.

(Da *Epocha*, de 1848).

FR. LUIZ DE SOUSA

Drama em 3 actos
pelo sr. Almeida Garrett

I

A idéa progressiva, que revolve a Sociedade actual na expressão litteraria creou uma critica sua; já se não sabe, nem que soubesse, se podia moldar o bello moderno pelos baixos-relevos de Pompeia: o pincel de David correcto e verdadeiro na copia era todo romano como os Horacios;—quebrou-se deante da Meduza; a estatua no quadro saía grandiosa e sublime nos traços do Mestre, mas sempre estatua: e hoje a poesia ha-de retratar a vida em todos os seus aspectos — no interno o mysterio íntimo do coração e da alma nas suas luctas e tormentos — no externo todas as côres e matizes, todas as attracções, todas as antinomias, laços umas vezes claros, outras quasi invisiveis — invisiveis mesmo — que ligam o Prometheu á sociedade, que o põe d'alvo ao espectaculo tristissimo, á profunda tragedia da humanidade em todas as suas variadas fórmas de vêr, sentir e padecer.

Antigamente custava pouco o ser Frazon: extendiam o escriptor no leito de Procusto,

e o afferiam desapiedadamente por uma medida herdada de Stagyra ha dois mil annos: desconjunctavam-n'o alli, ou dilaceravam-n'o até dar a altura requerida n'aquelle bemaventurado codigo penal de Aristoteles; e para lhe tapar a bocca no meio das intoleraveis dores d'estes tractos inquisitoriaes, em vez de fel, faziam-lhe engolir em dóses enormissimas centos de paginas opiadas da *Pratica de Theatros* do reverendo Aubignac, mil vezes mais custosa de tragar do que o absinthio mais amargo. Tudo isto tinha seus laivos de similhança com a vara legal do recrutador, os enfezados affugentavam-n'os com um par de golpes puxados da alma: os gigantes ficavam a marcar o passo e a fazer exercicio pelos doze tempos prussianos. — Era delicioso.

Esta existencia, que deixou saudades, foi dura de vida: chegou-lhe a sua hora extrema, chamaram-lhe indecente e aristocratica, e morreu no garrote da Revolução, ás mãos do velho Ducis, como hecatomba sagrada aos manes do honrado Shakespeare.

E era justiça. A academia de Richelieu, atrazada um seculo como todas as Academias, tinha affogado o Cid logo á nascença; La Harpe cravára de setas o Poeta Inglez e a Scena Hespanhola — andaram a levantar um calvario, aonde ao depois a Philosophia de Kant, e a Critica Alleman pregou na cruz adoradores e idolos: trocou-lhes a regalada festa do banquete Olympico em desconsolado desterro; emparedou-os nos armarios sepulcraes das Bibliothecas: — correu-se o véu que escondia Borgia, acabou o *ipsi dixit*, miraculoso Santelmo dos lances apertados; partidas aos pedaços as andadeiras e mulêtas classicas, já os invalidos greco-romanos não podiam nem ousavam dar passo: pararam: e foram-se sen-

tar ao soalheiro da praça, de cabeça pendida e olhos chorosos a vêr as turbas derribar e arrastar pelo lodo a estatua de Pasquino — o povo não entendia ainda o *post fata, quiescit.*

Mas as actas do Concilio Classico estão registadas no *Spectador* do secretario do Conde Wharton, do *virtuoso* Addison: aquelle mimoso poeta do *Catão*, que nos offerece o exemplo da maior atrocidade humana na teima de tentar á força empalmar as notas da Opera Rosemunda, com a mesma semcerimonia, com que os seus amabilissimos conterraneos mettem o braço até ao cotovello pelas bolsas dos outros reinos. Deus lhe perdôe, aonde quer que está, os artigos e a furia musicante.

Felizmente agora outras idéas d'arte demandam outro escalpello critico; em tudo; mas no Romance e no Drama especialmente.

Aqui falamos só do Drama.

Raro se desata robusto e vicoso o Theatro com as primeiras dôres da Litteratura de qualquer nação; tem aquella lyra cordas mui subtis, delicadezas melodicas mui altas para soffrer que a ensaiem dedos inexperientes; o frontão do harmonioso templo das muzas gregas levantou-o a tragedia d'Eschylo; ornaram-n'o as creações de Euripedes, mais puras e sentidas; completou-o a Melpómene tão casta e reflectida de Sóphocles.

A scena hespanhola veiu depois de Cervantes, que mal a antevíra; mas purificou-se debaixo dos dedos de Calderon das impurezas de Lopo da Vega, dos choutos de Gongora; Shakespeare tirou a ingleza do pégo de semsaborias do mais estragado gosto Euphoistico, peior cem vezes do que o tumido castelhano, que tinha muita coisa boa para resgatar a sua intoleravel affectação.

Ainda hoje a hesitação da poesia n'este ramo está provando, que a arte vacilla incerta:

a esthetica ainda não assenta em bases sólidas. — Esta arvore quer a terra já revolvida para deitar bons fructos, quer o ar livre de furacões, que a não desarreiguem á nascença: só pega bem em terra propria: é como a Sensitiva; encolhe e fecha, se lhe falta o sol da patria, se lhe negam o céu e as nascentes do clima aonde nasceu: nas estufas murcha e morre.

E' que nenhuma ha mais nacional: e deve-o ser, ou não é nada.

O theatro é quem retrata a côres fieis as feições moraes de uma nação: quem aponta o caminho, que ella leva andando na estrada legitima da civilização: quem firma as raias do seu progresso intellectual em todas as relações variadas com o mundo externo: porque o drama, que o é devéras, pinta a vida d'alma, da épocha e da arte. E' o espelho do estado social, o que revê todos, até os mais imperceptiveis traços do grande vulto chamado povo.

No fundo do quadro está o pensamento; a idéa una da actualidade, no seu aspecto multiforme. — Pensamento, idéa profunda sempre, que se enlaça com o invisivel pelas aspirações religiosas, com o eterno pelos fios da tradição, dos costumes, e das crenças do passado, porque a eternidade não é negativa, mas absoluta: não significa termo de tempo, significa plenitude indivisa. ¿ Deante da arte, na sua expressão symbolica, na sua fórmula philosophica que é a eternidade? ¿ a morte? ¡ se a arte é a imagem da creação! ¿ a vida? a vida sim, mas essa vida immensa, amplissima, e mysteriosa, composta do que foi e do que é; vida em que o passado se transfunde no presente, em que o presente se enriquece com os elementos das edades mortas, para legar uma herança dourada de esperanças, de

licções, de futuros; herança, que passa em deposito das gerações que hoje se revolvem na terra ás que não viram ainda o *fiat lux* do verbo de Deus. A arte encerra em si o passado e o presente; tem nas mãos o talisman do futuro, o pomo da vida ou o pomo da morte: é já do que ha-de vir pela sua aspiração ethérea.

Está entre o mundo externo e o mundo invisivel; gera-se da fé no que é sublime; da admiração do que é grandioso na sua belleza; vive pelo amor. O amor intrinseco, íntimo, indivisivel, que tirou da natureza o symbolo; que assentou aos umbraes do tumulo a Esperança para receber o suspiro extremo do que morre na terra; para trocar nas vestes candidas da pureza o lucto da desesperação; para ferir com a vara a rocha, e brotar da aridez da amargura a fonte de consolação suprema. Aonde acabava a arte antiga começa a nova. Na fronte do que expira rompe o sello do nada, e com os olhos nas myriadas de espectaculos divinos, quebra a loisa e os grilhões, e aponta para a aurora da glorificação, que vem rompendo sobre a immobilidade das trevas interiores.

D'este ponto maximo deve a critica alongar a vista até á perfeição secundaria dos meios plasticos: já não representa o papel do povo romano nas luctas do circo, não é para medir com a vista a elegancia do gesto, a ardileza e porte engraçado do gladiador que ella se fez, não é para se ficar embellecada deante da formosura das fórmas, e apuros das côres que se requer: tem maiores brios hoje, maiores responsabilidades: a formula sensual e terrena do pagão morreu no dia, em que a primeira gotta de sangue do Martyr se embebeu nas arêas do amphitheatro, para consumar o sacrificio — que renascia o mun-

do novo das cinzas do mundo velho, que infundia no coração humano outro paraizo intellectual, esperançoso e sancto, que este seculo herdeiro dos desvios e experiencias de mil e oitocentos annos ha-de encarnar na poesia, e desenvolver até o completar na sua ultima e ainda desconhecida expressão. Rasgou se o véu do templo, e veiu a regeneração da arte apar da regeneração do homem.

Nasceu a poesia saudosa, chorada n'alma, sentida no coração, inspirada e espiritual: poesia variada nas fórmas mas una na expressão intellectual: caminhando umas vezes da fé para o mundo, como o Dante, Milton e Klopstock, atirando-se outras do mais agro da peregrinação aos braços da religião a verter-lhe no seio, uma lagrima ardente, que na procella dos affectos abrazados fica sellada no sepulcro da existencia material, além da qual o espirito vôa solto nas suas dôres mais espinhosas a buscar o nardo, o balsamo, que lhe ameigue as chagas cortadas n'alma, como nos suaves canticos de Lamartine, no melancholico e profundo Chateaubriand, no puro e mavioso Schiller.

Só o bello, que é eterno sempre, da natureza e da humanidade soffre este painel: o invisivel do mundo superior e espiritual não se póde tomar para primeira luz do quadro, sem descahir muitas vezes nos erros dos que o tentaram já: foge ao pincel, retrahe-se da imagem o abstracto puro: mas o fim da poesia é enlaçal-o, traval-o com a vida terrestre nas suas aspirações e varias tendencias. O presente, que só por si destróe as mais das vezes, pela approximação, todo o ideal, funde-se no quadro se o recuarmos com o esplendor vecejante das crenças, com o clarão das paixões nobres ou tremendas, com a reflexão da actualidade em todos os seus aspectos, até

um passado rico e glorioso; se intertecermos o matiz de côres vivas, e cambiantes acertados com as lendas e tradições, com o thesouro poetico da Nação; assim visto de longe quando no frouxo e esbranquiçado crepusculo dos seculos apenas resplandecerem no horizonte os vultos colossaes de grandes feitos, e grandes nomes; a arte revê mais livre a sua idealidade, fica mais arte e mais poesia, afastada da imitação mediata e quasi sempre servil do que palpamos com os dedos, do que o habito tornou raso e prosaico. Tem-se feito, mas poucas vezes com felicidade.

D'esta relação do tempo com a poesia nos dá Homero exemplo: o passado nos seus versos revê o presente palpitante e formoso, sem resvalar no commum da copia.— Em Ossian, no Niebelungen, nas tradições poeticas do Norte apparece o mesmo, sempre o mesmo.

D'esta altissima theoria d'arte, filha da meditação alleman, nasceu o drama *Fr. Luiz de Sousa.* O nosso poeta tomou a base terrena para d'ahi alargar os traços: as memorias saudosas, as glorias, e o viver e sentir, e crêr do tempo, offereceram-lhe o colorido magestoso, que realça n'esta sua obra a mais profunda e portugueza de quantas excellentes e primorosas temos já da sua penna.

E' o que veremos na analyse mais attenta e miuda, que vamos tentar, receosos comtudo de desfigurar a belleza e perfeição d'esta sua creação dramatica, original na forma e no pensamento, fundamental para a eschola de um Theatro, que devéras seja nosso, e não copiado sem pudor dos reportorios estrangeiros.

II

A historia tão sabida de Fr. Luiz de Sousa, parecia posta entre as nossas tradições, para resolver um grave problema d'arte: os atavios com que um estrangeiro a quiz ornar, não sei se despindo-a do singelo antigo lhe estragaram a ingenua bellezas, em-vez de a realçar: se compararmos o romance de M. Denis com o Drama portuguez, fica, a nosso vêr, corrente esta opinião, de leve esboçada no prologo do sr. Garrett: o assumpto que á primeira vista se afigura o mais dramatico, olhado de perto é insufficiente para se fundir n'uma peça; a não carregarem de côres postiças, de traços falsos, que necessariamente hão-de desmentir a verdade, que é o seu maior enfeite: o nosso Poeta, das entranhas do facto, tirou a sublime creação, que liga e enriquece a obra, conservando-lhe o mimo, o ideal, e a riqueza lyrica, depurados de matizes estranhos, que cabem mal, quasi sempre, que sempre lhe desfeiam as feições severas, prostituindo-lhe a nobreza a requebros fingidos e fóra do natural.

N'aquella edade em que os affectos e as paixões, sem se apagarem, vão mais fundos; e saltam menos á superficie, a linguagem arrebatada e as pompas de amores gastos, ridiculos já, se os pintarem com o fervor proprio de annos verdes, servem só de remendar com retalhos enviusados a téla da vida: de roubar á Tragedia a formosura graciosa, a séria compostura, para lhe substituir as lentejoilas, as bordaduras de ouropel, com que alguns bobos cegam os olhos de longe, á força de capear as dobras variegadas do seu manto de hystriões.

Estes assumptos, que requerem a simplici-

dade do antigo Theatro, se lhe mudam a natureza, ficam contrafeitos; sem poesia; sem verdade: d'estes aleijões não se curam; galas de peralvilho, espartilho hygienico que em se desatacando larga tudo a rir, por pouco enganam; vê-se logo o estafermo torto e desenxabido, que alli anda entalado: uma coisa parecida com a resurreição truanesca: cada almofada, cada atacador a voar da mumia, e a ossada nua que vem surdindo: depois um quasi esqueleto de Mathusalem! eis em que param os taes arrebiques, as bellezas de emprestimo!

Ora havia ter que vêr, e muito que rir, andados tantos annos de casamento o sério Manuel de Sousa Coutinho, tão reflectido, tão sabedor, e a virtuosa e casta D. Magdalena de Vilhena, sós dentro de um casarão neo-gothico, a declamar em cantochão de frades sediços galanteios, furias apaixonadas de namoricos imberbes. Deus o levaria em conta ao auctor, que o reino do Céu é dos pobres de espirito. Tinha já o passaporte para lá.

O Sr. Garrett, com o seu gosto apurado, e alto engenho, deu de mão a estas molas enferrujadas; cançadas de todo: viu que a melancholia resignada, a uncção religiosa, não sei que de suave e triste, que chega logo dentro, a quem lê uns trechos do melhor prosador portuguez, deviam de revelar, transparecer algum reflexo das agonias occultas d'aquelle coração robusto: d'aquella alma inteira, que se não abalou com o furacão repentino do temporal: que o affrontou de pé, fugindo nos braços da religião á maior, á mais acerba dôr de quantas cortam chagas vivas dentro do peito.

Esta resignação, quasi sobre humana, com que se consumou o sacrificio, com que o coração curtiu, sem estalar alli, as maiores an-

gustias, os espantosos tractos moraes, que a cada hora crescem, e o dilaceram, podia parecer demasiado sublime no Theatro; se a não precedesse um painel, aonde se pintassem ao natural as feições historicas d'aquelle nobre caracter: se o poeta não adivinhasse esta duvida, e lhe não respondesse com a maior acção, que viram aquelles tempos de lodosa e torpe covardia civica.

Representar o generoso e severo Manuel de Sousa Coutinho, erguendo-se recto e firme no meio de tanto arbusto enfesado, que levantára a cópa ousadamente, e se vergava agora servil ao sopro lisongeiro do Escurial: mostral-o a pagar á sua custa a divida honrada de um reino inteiro com a maior licção, que nunca um homem só déra a uma terra, e a uma gente degenerada, a estrangeiros e a estrangeirados, ainda peiores cem vezes: pôl-o deante do mando absoluto dos governadores, a resistir-lhe, ao passo que o celebre defensor de Diu, D. João Mascarenhas, com os pés dentro da cova, extendia a mão para acceitar o preço da infamia, por que vendêra Portugal a Castella; e fechar o quadro com aquellas palavras tão portuguezes, tão verdadeiras no meio do incendio; largar-lhe de corrida os tristes presentimentos de D. Magdalena deante do retrato a arder, aquelles sustos e agoiros tão proprios de mulher que se teme, sem poder dizer de que, tudo falado em dialogo singelo, natural, sem poesia de emprestimo nas palavras, sem as imagens altisonantes, que só apparecem para esconder a pobreza lyrica das situações, do pensamento, e do fundo do Drama; tudo isto prova que o auctor, e já o tem mostrado assás, conhece profundamente os mysterios do coração humano, das contradicções perennes dos affectos: — é vêr de mui alto as combinações mais su-

blimes da arte, encarnal-as na natureza, olhal-as á luz da epocha, e correr-lhe um pincel facil, delicado, e gracioso como o do Corregio, que deita a fugir os toques magicos, quasi sem ostentar que os sabe. E' possuir até nos relevos menos apparentes, nos que só aventuram com felicidade grandes engenhos, a verdadeira perfeição, que não faz gala do primor, dos esmeros embellezados de correcção myope, que não são, nunca podem ser, de mestre.

Na desgraçadissima batalha de Alcacer Kibir, em que os areaes d'Africa beberam o sangue da flôr da nossa nobreza, caíu tambem D. João de Portugal, primeiro marido de D. Magdalena de Vilhena; as diligencias e indagações, que arriscou, por aduares de moiros, por bazares de escravaria, sua esposa, para descobrir se acaso gemia captivo e perdido entre tantos e nobilissimos cavalleiros, que se disfarçaram por não accrescentar o resgate, provaram claramente que o alfange dos filhos do Islam cortára com o cedro real um dos mais robustos guerreiros que o defendiam, n'este duéllo entre duas crenças: — entre a velha Europa e a soberba Africa — o cadaver de D. João a par do rei, lá ficára como penhor da victoria, exposto ao sol abrazado dos sertões: pelo menos todos o acreditaram; já não era crime o amor ardente que D. Magdalena tinha a Manuel de Sousa Coutinho, amor sumido dentro da alma, calado sempre, e que então, só então, se revelou: casaram: e nunca, por largos annos, um vislumbre de suspeita lhes envenenou as alegrias d'este viver tão innocente e socegado.

A volta de D. João ao reino, e a separação dos dois esposos, sendo como é um lance essencialmente tragico não basta só por si para dar um drama; intertecer-lhe lavores estra-

nhos; correr-lhe tres passes de espada preta, especie de *imbrocata* ou *punto riverso*, com que os modernos Vicentios Saviolas da esgrima theatral cortam as difficuldades: deitar-lhe por cima uns enredinhos á Lopo da Vega era estragar o assumpto e crear uma pessima obra: o Sr. Garrett apartou-se sem ceremonia dos sans-culottes do romantico tonto, e dos estafermos classicos, que para tudo teem promptas as suas dóses homœopathicas; voltou-se para a simplicidade da Tragedia grega, sem beaterio, e com as situações moraes, com os sanctos affectos, com a virtude singela e limpa de arrebiques, alcançou o maior triumpho. — O terror e a compaixão, a lyrica mais profunda, os grandes lances das paixões reaes da existencia, repassaram-se-lhe debaixo dos dedos de um ar, de uma côr, de um natural tão portuguez, tão verdadeiro e tão do coração, que n'aquelle auditorio escolhido, aonde leu a sua peça, nem um rumor, nem um lançar de olhos, se percebia; a tragedia moderna, á vista do seu *Fr. Luiz de Sousa*, já ninguem dirá que é impossivel: achou-a, é sua. Oenschellegel, no Antonio Allegri, Schiller, e ultimamente um poeta francez de fama, já tinham demonstrado, que se podia fazer: mas, e não se estranhe á conta de vangloria, o que os entendidos sabem que é justiça rigorosa, aquelles escriptores parece que se dão mais á imitação das fórmas, do que a sondar, com o prumo da boa critica, o fundo da poesia grega: o nosso poeta entendeu-a, e soube transplantal-a: os presentimentos, os agoiros, a tradição e as glorias nacionaes, que aproveitou com tanto primor, dão-nos um retrato mais fiel do sentido da arte antiga de que a copia mais ou menos livre do seu theatro, na parte plastica.

Foi por isso que tomando para primeira luz do quadro, não a separação dos dois es-

posos pela volta de D. João, mas as consequencias que d'ahi resultavam a uma filha unica, creada entre tanta meiguice, e tão estremecida de ambos, suppria com o interesse d'esta situação sublime a falta de acção do facto principal. Disseram ahi que era meio velho, usado já no theatro grego! Desde que ha mundo ha amor de pae, mas a expressão, as circumstancias, o nó que este desaperta é o mais perfeito, original e profundo que até agora nos apresentou o theatro.

Aquella filha, pura rosa, virginal, ainda em botão, traz já no seio a morte: vae murchando a pouco e pouco nos braços da mãe, deante dos olhos do pae: e não o percebe a innocente: a febre devora-a lentamente: cada dia desprende uma folha, e adeanta um passo tremendo para o tumulo: aos treze annos, em que a vida se desata tão florida de esperanças, em que se alarga descuidada por futuros dourados, a d'ella vê a campa a vacillar erguida, e ao despedir da estação das flôres, mais esta flôr irá dormir com as outras no frio berço da morte; e todavia nem o suspeita: como acontece na pthysica, tem uma fé viva de que não padece: adivinha coisas, que espantam na sua edade: solta uma ligeira ironia de creança, um riso que despedaça, um talento, um acerto, uma agudeza que é como o ultimo lampejar de alampada quasi extincta. N'este caracter tão novo e difficil, o Sr. Garrett copiou a natureza, estudou, sentiu profundamente esta contradicção, que punge, que dilacera: a vida quasi apagada que se abraça com o mundo e não descobre o sepulcro que a chama. — O contraste é mais lyrico, mais melancholico, e commove mais do que as tristezas e os suspiros do que se despede da terra, porque já antevê a morte.

E sobre a dôr dos paes, que a vêem cami-

nhar para lá a realidade, que se levanta entre elles para os arremessar do meio da existencia amena, que levavam para a solidão do claustro, aquella separação, aquelle ferrete da infamia, que a sociedade vae pôr na frente candida da filha dos seus amores: as scenas mais tragicas que conhecemos, as do 3.º acto do Sr. Garrett, em que o pae tão extremoso sente uma alegria horrenda ao contar os instantes que medeiam entre o cair da ultima folha do lyrio, e a hora em que tem de se consumar o seu suicidio moral: aquella hesitação, aquella lucta cruelissima, que remata na capella com o ultimo suspiro do anjo que voou para o regaço dos outros anjos.

Que nos digam se ha lances mais sublimes do que este padecer de horas, que comprehende todos os supplicios possiveis; exemplo maior de resignação, poesia mais intima do que as ultimas palavras, que fecham o drama, saídas da alma deante do cadaver da filha e ao pé da triste mãe!

Todo este acto é o maior esforço dramatico de que temos noticia: os affectos, os contrastes, a scena de Telmo Paes com o Peregrino, o equivoco d'este ao ouvir as vozes de D. Magdalena: as esperanças e apêgo que ella tem a seu esposo, a força de animo de M. de Sousa, são bellezas que rara vez saem tão perfeitas da mesma mão; a ultima scena que resume o drama, que o moraliza, é scena em que a victima vem morrer de vergonha e de dôr, não se imita nem se pinta: escreve-se só uma vez.

(Da *Revista Universal Lisbonense*, 1843.)

A SOBRINHA DO MARQUEZ

Um poeta, com o auctor de *Fr. Luiz de Sousa* e *D. Branca*, quando offerece ao publico mais uma obra do seu talento, tem direito a que a critica registe o facto nos annaes litterarios, e examine se a arte deu mais um passo; se a historia, que serviu de fundo ao quadro, foi interpretada na sua essencia philosophica; se o coração do homem e a individualidade das classes, vivem no retrato, como viveram na sociedade do seu tempo.

A scena é o seu espelho fiel; e a liberdade poetica finda justamente aonde começa esta condição indispensavel das suas manifestações. A belleza do quadro consiste na correcção, no colorido, e na expressão: — privem de physionomia as epochas; alterem-lhes os costumes; attribuam-lhes crenças ou acções oppostas ao caracter, que lhes imprimiu o cunho historico, e o drama, romance, ou comedia, que as invocar, será sempre falso, acanhado, e absurdo.

No mesmo genero ha variedades. A revolução litteraria d'este seculo, que foi longe de mais em muita cousa, teve razão n'isto. Se o

riso e as lagrimas, na vida humana, correm a par e quasi á mesma hora, porque os haviam de separar eternamente, no theatro, que resume paixões, sentimentos, e acção, no rapido volver de minutos? Ao gosto e ao tacto do escriptor pertence o estudo das combinações scenicas para tirar d'ellas a harmonia, em vez da confusão,

A *Sobrinha do Marquez* é rigorosamente o que a eschola antiga entendia por comedia de caracter? As cabelleiras de todas as academias Cruscas e Arcadicas arrepiar-se-hiam no sepulcro, se lá chegasse o som de tal heresia. O Zeferino, o Zó Braga, e até a Tia Monica brigam com as tradições do Parnaso puritano, e os intrusos ou haviam de ir para os limbos Horacianos, ou a comedia havia de ser decapitada do famoso titulo de caracter. Uma comedia séria com um minhoto cerrado de Bouças! Profanação atroz! Ah Zè Braga, Zé Braga! ias desterrado para o Entremez, meu amigo, por causa da honestidade e das regras. E o typo minhoto dos caixeiros do norte, emigrando em bandos para Lisboa e para o Brazil, quem o havia de supprir no desenho historico dos fins do seculo XVIII? Se o riso alvar, e a sinceridade rustica d'essa gallega alma offendiam o decoro das ordenações poeticas, com a tua falta perdia-se uma parte da verdadeira intuição da epocha, que era muito peior. Assim, bem haja o auctor, que te retratou, como saiste da tua provincia, e levou a liberdade a ponto de te metter em conflicto e discussão, com o grande Marquez de Pombal, em pessoa.

Os dois caixeiros do Sr. Manuel Simões, mercador da rua Augusta, naturaes um do sul, e outro do norte, representam na Comedia nada menos, que os primeiros lineamentos, de que se formaram com o tempo as fei-

ções completas da classe media, oligarchia de cambio e de côvado, com que o Marquez de Pombal gostava de se entender, e d'onde tirou as suas Juntas de Commercio, Syndicos, e Companhias Ultramarinas. D'alli vinham, e com aquelle feitio rustico mesmo é que fizeram casas riquissimas. Se a cortiça parecia grossa, o fructo valia mais que o d'estas arvoresitas d'agora, que nem para sombra prestam, guardadas as excepções honrosas do estylo.

A *Sobrinha do Marquez* é sobre tudo um bello estudo critico da ultima epocha famosa, que teve a monarchia em Portugal. Poder-se-ha accusar o pintor de fazer breve de mais o painel; de não dar á scena toda a extensão possivel; mas de trahir a verdade, de faltar á fidelidade historica dos costumes, de certo não. Estamos nos derradeiros momentos de el-rei D. José. O filho de D. João V (diz o padre Ignacio) não vae para Salvaterra, como espalham; a sua mais proxima jornada é a S. Vicente de Fora! Está a acabar a revolução da monarchia contra os privilegios exorbitantes da casta patricia em nome da vontade absoluta do poder real. Sebastião José de Carvalho e Mello, Conde de Oeiras e Marquez de Pombal, cujo reinado expira com a vida de el-rei D. José, vê já a reacção que lhe preparam, e, potencia cahida, sabe o que tem a esperar de um governo de frades e beatas.

E' esta ultima hora do seu poder, que o poeta escolheu para nos fazer entrar nos segredos e intimidade do grande Marquez. Estão de pé todas as idéas, que elle fundou; rodeam-n'o ainda os homens, que o ajudaram a levar, por tantos annos, o pezado encargo do governo. E' rica, forte, e opulenta a classe media, que levantou da terra, engrandeceu quanto podia, para fazer com ella um amparo

ao throno. Minam debaixo do chão os sectarios da Companhia de Jesus, potencia derrubada, alliados com o odio e a sêde de vingança da fidalguia puritana, vencida e humilhada no patibulo do Duque d'Aveiro.

De todos estes elementos nenhum trabalha para si; nenhum sabe por onde vae, nem aonde chegará. Os Jesuitas cuidam levantar-se com a quéda do Marquez, e não se levantarão; têem contra si mais, senão peiores inimigos, que chamaram tyranna á extincção, por ser obra do ministro; mas que no coração a abençôam. A classe media não sustenta o Marquez; já não precisa d'elle para crescer, e sente-se pequena e pupilla debaixo d'aquella robusta mão. Apparecerá n'ella uma ou outra devoção individual; porém sacrificio e lucta de todos por um, não esperem, que a não póde haver.

Devia muito ao Marquez? Por isso mesmo não o deixará encostar ao seu braço para descer do paço. Os fidalgos sonham com a restauração impossivel da sua passada preponderancia; contam annullar os processos, indemnizar as victimas illustres, e a seu turno, tambem, entrarem de espada nua victoriosos, pela alcova em que repousa o cadaver do rei que os feriu:—se foi elle que os feriu.

Nem os jesuitas, nem os fidalgos conseguirão nada; os golpes do Marquez foram no coração e na cabeça, e não se convalesce de taes feridas.

Quem ha de ir sempre seu passo, é a burguezia, que não quer os jesuitas, porque tem um instincto, que a adverte; e não soffre que os fidalgos lhe tomem o caminho, porque sabe que toda a sua força e opulencia depende de ser fiel ás idéas do Marquez, e n'esta parte ha de sel-o.

Todos se enganam, e todos julgam enganar

os outros. A designação de «comedia» é exactissima por este aspecto para caracterizar o quadro. O padre Ignacio, o Marquez, a côrte, a classe média, o povo emfim, vêem apenas pelo unico olho do interesse pessoal. Acham só o que está do seu lado, e escapa-lhes tudo o que está do outro.

E' por isso, que a *Sobrinha do Marquez* não é só uma bella «comedia de costumes»—tambem o auctor colheu as palmas mais difficeis de cortar—do verdadeiro drama philosophico.

Cada personagem exprime uma serie de factos politicos ou sociaes, e representa uma classe inteira. O Padre Ignacio é a Companhia de Jesus, não como a Deducção Chronologica, attribuida a José de Seabra, a descreve, mas como o Marquez de Pombal sabia que ella era, e a não queria ter no Estado. D. Luiz retrata o orgulho indomavel da flor da aristocracia, que morreu martyr para salvar illeza a pureza da sua casta, e preferiu os tractos e o cepo do algoz á humilhação de extender a mão de parente ao plebeu nobilitado. O rei póde dar os titulos, porém Deus, só Deus, faz a nobreza. Estas duas oligarchias—a religiosa e a nobiliaria,—estão alliadas, são amigas em nome da perseguição commum, que as abraça. O Jesuita está prompto a ceder de tudo menos da Companhia; quer os fins e não discute os meios. O fidalgo, com o cutello sobre a cabeça, com os suspiros de seu pae prezo e moribundo nos ouvidos, hesita ainda, e responde, que tudo menos a honra lhe pode confiscar Sebastião José de Carvalho!

Manuel Simões pinta a classe média em toda a verdade do typo. Pela educação pertence ao passado; — crê na Companhia de Jesus; lastima a sorte dos fidalgos justiçados; e duvida, comsigo mesmo, se aquella revolução,

que lhes custou a cabeça, e o fez rico e respeitado a elle; foi uma crueldade arbitraria, ou um acto necessario. Pelo seu instincto de classe estima, admira o Marquez; acredita que elle trabalhou muito pela nação; e não está na sua mão, depois, deixar de tremer do seu nome.

A tia Monica, da familia popular das boas velhas, com que se crearam nossos paes, e que algum de nós ainda chegou a alcançar, nunca se desdiz. Está desenhada com a maior exactidão, e dá ao quadro a belleza de costumes, e a verosimilhança, que devia ter.

Em fim *D. Marianna de Mello*, é uma dama, que dá ares do caracter do Marquez, e na eschola d'elle aprendeu a suffocar o coração para ouvir só o dever. Esta creação, agradavel, levemente ironica, e de uma elevação generosa, serve de Iris á paz, que encerra o mutuo perdão da nobreza offendida, e do Marquez decahido. D. Luiz não aproveita a occasião para abusar da ruina do inimigo da sua casa — vê-o prostrado, e extende-lhe a mão para o levantar. E' o ideal do cavalheiro portuguez em toda a sublimidade da grandeza d'alma. Em quanto o Marquez era senhor, duvidou acceitar-lhe em casamento sua sobrinha, com a liberdade de um pae, e a restituição de todos os bens em dote. Quando o astro cahe no occaso, e as represalias vão começar, é elle proprio que propõe o pacto, e o consuma! Embora entrasse, por muito, o amor na excellencia da acção, o sentimento que venceu, é o mais honroso, o mais puro que ha na vida.

O Marquez, na hora, em que as illusões se perdem, solta uma verdade, em que está toda a critica do seu reinado: — «Ah, D. Luiz! eu não soube, não soube fazer nem amigos, nem inimigos.»

E foi assim. Para firmar o poder real banhou a corôa no sangue. Para proclamar a sua preponderancia derrubou a potencia moral da companhia. Quebrou o braço, a que se encostava a monarchia; feriu a cabeça, por onde ella via e pensava desde seculos; e deu-lhe por appoio essa base movediça, incerta, e desconfiada — o egoismo burguez — que por estreita, não chegava para lhe assentarem um throno em cima. Sem querer e sem o suppôr, Sebastião José de Carvalho, em nome do poder absoluto, foi o precursor da revolução politica. O que fundára para a monarchia quasi tudo viveu menos do que elle; — assistiu de pé ás exequias do seu imperio. Do que estabeleceu para a burguezia, nada se perdeu, tudo se tornou robusto, e com o tempo a potencia achou-se com forças de dar batalha e de vencer... aquelle poder absoluto, que o Marquez julgava fazer eterno, amassando-lhe os alicerces com o sangue do Duque d'Aveiro, e do padre Malagrida!

O primeiro acto, a exposicão da *Sobrinha do Marquez* é um modelo. Antes de apparecer, o espectador vê e conhece já o Marquez de Pombal pela bocca de Manuel Simões. O Padre Ignacio tambem já traçou o retrato da companhia, e revelou o segredo d'essa influencia humilde e poderosa, que ao mesmo tempo arrastava a sociedade pela persuasão, e a dominava pela obediencia. D. Luiz, a tia Monica, Manuel Simões, D. Marianna, e os dois Caixeiros, cada qual em seu logar estão desenhados com o maior vigor, falam como se esperava que falassem de si e dos outros, e explicam-se mutuamente, e ás circumstancias, que os rodeiam.

Os dois actos seguintes, a nosso vêr, são inferiores, e resentem-se da tyrannia, que o auctor se impoz a si proprio, querendo en-

cerrar em tão curto espaço typos, e acontecimentos taes. A's necessidades do enredo é sacrificada mais de uma vez a verosimilhança physica (seja-nos licita a phrase); esmorece o calor da acção, e vae esfriando gradualmente para o fim. O assumpto sobeja para o desenho, que apparece. Se as proporções fossem menos acanhadas, e o quadro tivesse toda a largura, que pedia, (a nosso vêr) o enredo, a acção, e os episodios, ligar-se-hiam melhor, e o poeta achar-se-hia com uma corôa egual á que ganhou em *Fr. Luiz de Sousa.*

Como estudo philosophico da epocha, a *Sobrinha do Marquez,* repetimol-o, é completa, é perfeita; como desenho historico exactissima; como comedia, e forma d'arte, a exposição parece-nos inimitavel; o estylo realça com a graça natural que é o segredo da musa familiar do auctor, e muitas scenas são de uma correcção e verdade bellissimas. No enredo, no travado dos lances e situações; nas collocações de logar e de acção, notam-se entretanto os defeitos, já attribuidos á rapidez, que exigia a brevidade imposta pelo poeta ao seu quadro. A exposição é uma cabeça, grande e bella de mais para aquelle corpo. Promette o que depois se espera, e não se dá. O Marquez, mesmo, não ha tempo senão para o desenhar pelo aspecto politico; está excellentemente explicado o systema do seu governo; mas não chegamos a levantar o véu todo e a lêr o que se passa dentro do coração do homem, e no intimo da alma do segundo Richelieu, n'aquella hora final, em que para elle começa o juizo da historia. Apparece-nos mais a theoria, do que a pessoa.

Fazemos estas observações em toda a consciencia e sinceriedade, porque o auctor de *D. Branca* e *Fr. Luiz de Sousa*, é uma reputação que está acima da lisonja; e que tem direito

a ser exceptuado da tarifa do elogio vulgar, a maior injuria, que se pode fazer ao escriptor.

A *Sobrinha do Marquez*, se não é das primeiras, é de certo das boas obras de sua penna. E desde a sua publicação, ninguem poderá dispensar-se de a lêr, se quizer estudar a epocha do Marquez de Pombal á luz da philosophia, e de uma critica feita com verdade, com gosto e com plena intuição dos costumes, das idéas, e das classes que animaram aquelle seculo; d'onde nós, os filhos da geração passada, herdámos no essencial as conquistas, que fizemos.

(Da *Epocha*, de 1848).

ORADORES PORTUGUEZES

JOÃO BAPTISTA DE ALMEIDA GARRETT

(*Fragmento inedito*)

I

Para os engenhos privilegiados as difficuldades, que prendem os passos a tantos outros, são apenas incentivos. Parece que de proposito as vão buscar, e que se abraçam com ellas em lucta estreita para, depois de vencidas, registarem mais um triumpho.

Quem julgaria que o cantor inspirado, que abriu entre nós a aurora de uma nova renascença para as lettras, que o poeta meigo ou extremoso da *Lyrica de João Minimo*, das *Flores sem fructo*, e das *Folhas caidas*, que o trovador melancholico de *Camões*, e de *Adozinda*, que o auctor das namoradas travessuras de *Ben Afan* e *D. Branca*, subiria á tribuna de um parlamento para se medir com os maiores vultos da eloquencia moderna, e que a sua voz, coberta de louvores, vibrando animada, havia de crear quasi instantaneamente um rival a Sheridan, a Canning e a Fox?

A vida inquieta e os ardores da acção politica, que raras vezes se combinam com a reflexiva melancholia da sensibilidade poetica, mais exclusiva, e mais dorida dos attritos do mundo, do que geralmente se crê, n'aquelle espirito, cuja vasta aptidão abrangia tudo, poderam apoderar-se de parte d'elle sem lhe offuscarem as faculdades mais delicadas, sem murcharem a frescura amena do seu talento mimoso, sem annuviarem nem por momentos o brilho sereno de uma imaginação que sabia moderar-se e fugir com egual cuidado de todos os extremos.

Não deixando nunca de ser poeta, e sendo-o primeiro que tudo, e apesar de tudo, Almeida Garrett provou no trato dos negocios, não direi que a habilidade consummada do duque de Palmella e de Fonseca Magalhães, mais positivos e experientes, mas uma facilidade de concepção, e uma abundancia de recursos, que não soccorriam sempre com egual favor aos dois mestres da sciencia practica de governar.

No gabinete, como estadista, a sua penna desatava sem esforço os embaraços, deante dos quaes hesitavam os mais versados.

Na imprensa periodica, a sua polemica cunhada com vigor, porém decorosa até mesmo nos maiores arrebatamentos, caracterizava-se pela firmeza dos traços, pela lucidez das idéas, e pela graça desaffectada do estylo.

Sem que elle o quizesse mostrar, e até muitas vezes procurando esconder-se com disfarce, as phrases trahiam-n'o, e todos liam por baixo da pagina avulsa e fugitiva do jornal o nome illustre do escriptor, que tinha calado a viseira para entrar na liça.

Mas aonde o homem politico e o poeta se fundiam com mais harmonia para comporem o orador inveejado, era na tribuna, em

presença do tumulto dos partidos e das cousas, nas occasiões supremas, em que os animos abalados e suspensos cediam a cada opinião, que se manifestava, uma esperança, uma satisfação, ou uma victoria.

Alli, sim, é que era vêl-o, dominando pelos poderes da intelligencia os clamores e os odios, repellindo tranquillo com um sorriso as settas da invectiva opposta, e aguardando no silencio da verdadeira força o momento de romper o combate, e de ferir de morte a causa que aggredia.

Foram para elle de grande exaltação e gloria estes dias memoraveis, em que auditorios numerosos e escolhidos, suspensos dos seus labios. e com o coração captivo da voz que os subjugava, nem respiravam esperando que expirasse o ultimo som para desafogarem a admiração extatica com um trovão de applausos.

A sua carreira n'esta opulenta manifestação da arte, uma das mais arduas e difficeis, começou no congresso constituinte de 1837, e findou poucos mezes antes de o perdermos, na camara dos pares, aonde os ultimos discursos ainda lembraram a esplendida vocação, que tocou o seu auge nas agitadas sessões de 1840.

A eloquencia da tribuna, aonde a quéda é tão proxima das ovações, como notou Mirabeau, arrosta com obstaculos taes, que repousadamente parece impossivel superal-os, e mal se acredita que o orador, por um acto imperioso da vontade e com os prodigios da palavra, leve o seu triumpho ao ponto de emmudecer a hostilidade em uns, as impaciencias em outros, e as opiniões discordes de muitos.

A replica immediata, as ejaculações calculadas, as ironias subitas, e os clamores repen-

tinos, cruzam-se de um lado a outro, cortam e atravessam o tecido do discurso, que se vae urdindo e estampando de côres e imagens no meio do alvoroço geral, e que deve avivar-se até com os proprios traços destinados a offuscal-o!

Entre as ondas d'esse mar de tormentas, chamado assemblea deliberativa, que vigor e que certeza não são precisos para escapar a tantos escolhos, uns que aterram vistos, outros que ainda ameaçam mais occultos?

Uma phrase imprudente, uma figura mal acabada, um eclipse instantaneo das idéas, uma sombra mais carregada, bastam para assignalar o naufragio, desviando ás vezes para sempre do porto o temerario que se fiou de mais em si pondo o peito á empreza.

No pulpito recita-se o que se meditou no remanso do gabinete. São paginas mortas, que esmalta a declamação esmerada, e que realça o gesto, quando correspondem á dignidade da missão e á nobreza do pensamento.

O prégador fala só, repete o que teve todo o logar de conceber e compor, e não corre o risco de encontrar em cada pausa um adversario ou um contradictor, que de repente lhe dispare uma interrupção para o estacar, ou pelo menos para lhe suspender o fio.

Por isso nos senados são frequentes os desastres. Os que preparam nas vigilias da noite todas as armas com que hão de pelejar á luz do dia, estudaram mal o terreno. Vendo-os apparecer e alinhar-se, julga-se no principio, que um Deus propicio os tem de sua mão, e que as recordações de Roma e da Grã-Bretanha tomarão corpo e vida á sua voz; mas a illusão dura pouco. A memoria ou a opportunidade depressa os atraiçoam, e os remendos mal juntos, saccudidos pelo sôpro potente da discussão, descosem-se, cáem, e deixam-

n'os nús e açoutados pelo escarneo, quando imaginavam sair dos braços de um cortejo numeroso.

Garrett não ignorava nenhum dos segredos da arte, nem os perigos que a acompanham; conhecia-se, porém, e tinha tomado o pulso ás proprias forças e ás dos adversarios. Inalteravel no meio de maior turacão parlamentar, soube sempre ferir, e retirar-se a tempo.

As suas ousadias foram elogiadas e felizes a par das dos grandes mestres, porque a prudencia regrava o impeto, e commettia-as com o calculo de um seguro apreciador do que valiam, e do effeito que deviam produzir.

O cantor de *D. Branca* possuia nos lances mais arriscados uma serenidade exterior, uma confiança no imperio do seu talento, que desarmava os mais audaciosos, confundindo-os.

Quantas vezes aos tiros certeiros da sua phrase pungente se não levantavam tempestades, que fariam sossobrar outros menos aguerridos, ou menos acostumados a despresar o fumo das vozerias tumultuosas? Era para admirar então o seu aspecto firme, aquella fronte erecta no meio do temporal que parecia ameaçal-o de toda a parte, e o sorriso constante que não cessava de lhe encrespar os beiços finos e ironicos? Era um busto antigo e bello! A sua apparente insensibilidade, desafiando as iras desenfreadas, sempre terminava pelas domar, fazendo-as cair por si mesmas acalmadas!

N'estas occasiões, em que o mais forte, tendo sobre si o peso desanimador da irritação de uma assemblea inteira, se acurva sem pejo, Garrett, levemente inclinado sobre as costas da cadeira, com uma das mãos no peito, e a outra erguida com desleixo, exercia um ascendente irresistivel, não recuando, nem retirando nunca, mas repetindo no mesmo tom a pa-

lavra provocadora, ou a allusão que tinha suscitado maior cholera.

De cada vez que a sua voz cheia e um pouco surda, se aclarava, sobranceira ao estrepito, para multiplicar a aggressão, novos clamores rebentavam, e elle apenas os via aplacados, tornava-lhes a saccudir o facho deante da vista, até que os contrarios exaltados por fim cedessem perante a placidez do gesto e o desdem da phrase.

Collocado nas fileiras da maioria, os dotes da sua capacidade parlamentar desenvolviam-se com mais largueza; a tela do discurso desenrolava-se mais vigorosa e matizada; e as imagens e os periodos accudiam-lhe com maior facilidade.

Defendendo o prestigio da auctoridade nas epochas de terremoto politico, em que os governos sentiam tremer o chão debaixo dos pés, e em que o som das trombetas e o rebate dos tambores a miudo perturbavam as deliberações do senado e dos conselhos do gabinete, Garrett inspirava-se com os perigos da liberdade, e o seu genio, illuminando-se de repentinos fulgores, dourava o idolo da ordem de todo o esplendor de uma eloquencia sublime.

As nossas revoluções nunca foram crueis, e se por ventura se ensanguentaram alguma vez, o acaso teve mais culpa do que os homens; mas a continua instabilidade das cousas, a ameaça de uma quéda subita e violenta suspensa sobre a cabeça dos ministerios, e o terror dos plebiscitos de comicios armados e seduzidos por agitadores obscuros, não deixavam um momento de socego aos poderes publicos para attenderem ás necessidades da administração, e para assentarem n'um solo firme os alicerces das novas instituições.

Divididos em dois campos inimigos os es-

tadistas, que, unidos e congraçados, poderiam auxiliar com proveito a organização de um paiz desmantelado pelos estragos da guerra, e pelas discordias civis que lhe succederam, consumiam as forças em luctas oraes de amor proprio; e fóra da tribuna os vencidos de hontem urdiam conspirações contra os vencedores de hoje, que se não esqueciam ámanhã do exemplo e da derrota.

A pobreza do thesouro crescia na proporção das vicissitudes quotidianas; o credito, assustados os capitaes, fugia das emprezas uteis e dos melhoramentos indispensaveis, para se absorver nas tristes e improductivas operações, em que a usura perde ou ganha n'um relance immensas sommas, mas em que as nações desfallecem desangradas, porque não sobrevive aos sacrificios senão a vergonha de ter empenhado o presente e o futuro, condemnando gerações inteiras ao pagamento dos delirios de um periodo!

Garrett era muito penetrante para não deplorar os males que estas desgraçadas contestações arrastavam, e para não procurar o remedio d'elles no respeito da auctoridade e na formação de um partido robusto pelo numero e pelas idéas.

Se os bons desejos o illudiram nas applicações, e por mais de uma vez abraçou a nuvem, qual de nós se não enganou, e se engana do mesmo modo, julgando acertar?

No orador os dotes pessoaes são menos do que as prendas da intelligencia; mas não concorrem pouco para tornar poderosa e escutada a sua palavra.

Garrett não possuia a elevada estatura de Mirabeau, nem a sua voz de bronze, nem aquella juba de cabellos, que, junta á expressão de uma physionomia particular, assimilhavam o filho do marquez philanthropo ao

leão numida, rugindo embravecido nos momentos de maior impeto.

Pelo contrario. A figura do auctor do *Portugal na Balança da Europa* accusava, logo ao primeiro aspecto, o homem em que predominam as faculdades intellectuaes. Sem ser fraco nem delicado do corpo, pouco mais teria da altura mediana; mas o rosto moreno e pallido, a fronte espaçosa, e as feições, apezar de não serem bellas e regulares, fundiam-se com tal harmonia, que faziam da sua physionomia uma das mais animadas e caracteristicas que se podiam ver.

Bastava contemplal-a por alguns instantes, para logo se distinguir n'ella o typo de um espirito superior.

O sorriso que lhe brincava nos labios era quasi constante, e mostrava certos toques ironicos, mas nada causticos nem molestos, que recordavam o eterno e malicioso sorriso que alegra o semblante de Rossini, outro grande poeta, outro iniciador venturoso de uma nova eschola.

Os olhos de côr mais cambiante do que fixa, claros, e de um brilho raro, que nem as sombras da morte proxima esmoreciam, fuzilavam em relampagos continuos, quando a commoção, ardente, accesa no peito, irrompia de dentro, e trasbordava, vestindo a phrase de todas as galas, que lhe offerecia o thesouro inestimavel de uma phantasia, que o orador procurava sujeitar, para que a pompa esteril não desmentisse a arte e o gosto.

Esmerado de mais no trajo, e mais cuidadoso de esconder os annos, do que o pedia a gravidade, estas singularidades roubavam-lhe muito da influencia a que a elevação e o respeito do seu engenho o auctorizavam a exercer.

Para disfarçar a edade, que não era adean-

tada estudava nas posições, nos meneios e nos habitos externos, certos modos juvenis, certa alacridade impropria, que por falsos e violentados denunciavam o calculo e a affectação.

Foi a sua maior fragilidade e tambem a sua maior culpa aos olhos do mundo! Mas que poeta, com a alma como a d'elle, deixou de expiar, por identicos erros, o condão com que o fadára a Providencia? A corôa que honrou a fronte do Tasso, depois de morto, e que tão fundos cravou os espinhos na cabeça do Dante, de Camões e de Milton, custa sempre a adquirir; nunca se obtem senão a preço de sacrificios dolorosos.

Por maior que seja a intelligencia, por mais privilegiados que nos pareçam os engenhos que admirâmos, a humanidade nunca se despe de todas as suas fraquezas, e os limos da creação, por mais que a luz interior irradie, sempre hão de apparecer para annunciar que perfeito e grande só Deus!

Garrett, para todos o conhecerem pelo que foi, carecia da consagração do tumulo. Embora muitos vissem o seu grande vulto como se já tivesse chegado á posteridade, á sombra do sepulcro é que o louro de Virgilio florescen.

Depois de muda aquella lyra, e de caída aquella penna, é que os invejosos e os indifferentes começaram a perceber que o orador e o cantor não tinham emulo entre nós, e que, depois de Vieira e de Camões, a eloquencia e a poesia só podiam citar um nome a par do d'elles—o nome de Garrett!

II

A tribuna portugueza, por tres vezes aberta, e por duas violentamente encerrada pola reacção do partido contrario ao systema liberal no anno de 1831, era citada com louvor nas memorias das nações constitucionaes.

Mas, nascida de poucos dias, e ainda timida e tenra a liberdade, os seus defensores não sabiam saccudir de todo o pó dos antigos costumes, como não ousavam demolir as instituições envelhecidas, que recordavam outras idéas, formando os esteios do poder absoluto.

Entrára-se de novo em um caminho desconhecido, porque os usos das côrtes, ou estados do reino, não tinham que ver na sua existencia regrada e formalista com a discussão ardente e com os raptos espontaneos, que são a alma da eloquencia moderna nas monarchias constitucionaes.

Com as intenções mais puras e um vivo desejo de apropriarem a Portugal em moldes solidos a recente imitação, reproduzindo os grandes vultos da França e da Inglaterra, faltava aos legisladores do congresso das Necessidades a experiencia consummada, que só dá a educação, e que encerra em parte o segredo dos consecutivos progressos da Grã-Bretanha, ou aquelle enthusiasmo impetuoso e arrebatado, que desde Mirabeau até aos Girondinos cobriu de louros, ceifados com os applausos de toda a França, os maiores oradores da assemblea constituinte e da convenção.

Entre nós a transição tinha sido rapida, mas serena. Os homens que iam desempenhar os primeiros papeis da administração e no par-

lamento acabavam de se levantar das cadeiras do desembargo do paço, das relações e dos conselhos de fazenda, ou da mesa da consciencia e ordens. As paixões politicas eram moderadas e circumspectas n'elles, como pedia a gravidade das pessoas e a representação dos cargos. A revolução do Porto proclamára o principio constitucional; os membros da junta suprema determinaram-se a arremessar de rosto a luva ás faces da regencia, que se maculára com o sangue das execuções de 1817, e se ennegrecêra com o assassinio juridico do desditoso Gomes Freire.

D. João VI, demorando-se no Brazil, esquecia-se da sua verdadeira patria, e mudava as posições, convertendo a colonia em metropole e deixando gemer o reino, desfallecido pelos estragos da lucta da independencia, debaixo da pesada vara de governadores que escondiam a pusillanimidade do animo sob repetidas demonstrações de rigor.

Um general estrangeiro, lord Beresford, abusando dos poderes quasi discrecionarios, que a forçada annuencia do monarcha e as exigencias dos ministros britannicos lhe tinham conferido, reinava de facto em Lisboa e em Portugal, opprimindo a regencia com a preponderancia do seu voto, que equivalia sempre a uma ordem, e avassallando o exercito e o povo com as severidades e caprichos do seu espirito parcial e apaixonado.

O odio á sujeição ingleza cresceu na proporção da insolencia dos dominadores estranhos, que todos os dias azedavam os resentimentos, multiplicando as injustiças e as offensas ao amor proprio nacional; e para o exacerbar mais, não satisfeito ainda com a auctoridade que exercia, e divorciado da regencia, cujas submissões julgava pequenas para a grandeza do seu orgulho, Beresford partiu para o Rio

de Janeiro, ameaçando a todos com a volta triumphante. Nas suas costas estalou com pouca demora a famosa revolução, annunciada por todos os symptomas, e suspirada, sem distincção de classes, por quantos se prezavam de leaes na dedicação ao berço de seu nascimento. Mas, adoptada a constituição, como fórmula politica da renascença, que se queria tentar, poucos homens havia capazes de conceberem e realizarem practicamente o systema. Os interesses das classes privilegiadas oppunham-se á reforma dos abusos mais perigosos. Não tendo havido lucta, não se podia alcançar victoria completa. Ficaram, pois, subsistindo, como d'antes, os tribunaes, os juizes de fóra, os dizimos, os foraes, e as ordens monasticas!

Os legisladores inexperientes imaginavam fundar as novas instituições sobre os alicerces do absolutismo decrepito, e menos innovadores na essencia do que o proprio marquez de Pombal, contentavam-se com a faustosa e solemne proclamação das idéas mais exaltadas em theoria, em quanto na acção e nas tendencias do governo, acanhados e respeitosos, consagravam com a sua tolerancia até os erros e os vicios que desde D. João III os tres estados lastimavam, pedindo remedio e providencias ao rei.

N'estas circumstancias, e levantado sobre bases tão frageis o edificio constitucional, quem se deve admirar se elle vacillava com qualquer sôpro, e se de um dia para o outro o veriam cair?

Desvanecidas as illusões e os jubilos das ovações do regimen recente, os que viviam da sustentação da organização antiga assustaram-se facilmente com as pompas oratorias dos tribunos das Necessidades, tão asperos na phrase, e tão innocentes nas obras.

Appareceu-lhes erguido o machado destruidor sobre os pingues rendimentos dos beneficios, das commendas e dos bens de coroa e ordens, que desfructavam em sancto ocio.

Tremeram pela perpetuidade dos officios comprados; e amaldiçoaram com republicanos e franc-maçons, inimigos de Deus e da monarchia, aquelles honrados e escrupulosos amplificadores dos discursos francezes, que, inflammados em zêlo esteril, tomavam a serio, para texto das suas vehementes declamações, a pleiteada questão da invocação do Espirito Sancto, e as investidas contra a existencia do desembargo do paço, escandalizando os devotos, as cabelleiras empoadas, e as fardas bordadas, com suas apostrophes vãs e impertinentes. O que se passava nas côrtes e nas regiões do poder era apenas uma scena decorada nos livros, e não a posse e o exercicio de reformas meditadas, quando os que as traduzem em factos sabem o que podem, e não se divertem com parolagens inuteis, porque precisam do tempo para edificar.

De todos os vultos, para nós saudosos, que honraram em 1820 a primeira introducção do systema representativo, Manuel Fernandes Thomaz, pelo seu caracter viril e decidido, e pelo seu genio positivo e practico, era o unico habilitado para inaugurar com exito uma epocha, creando em solidez novas cousas que podessem corresponder ás novas idéas.

Mas os homens e as circumstancias não o ajudaram. Orava-se muito, alludia-se aos Gracchos e aos Mirabeaus; mas, com os olhos nas paginas da collecção dos discursos, não se viam os movimentos dos adversarios da constituição, que se iam adeantando; com os ouvidos attentos para a harmonia dos periodos arredondados, não se escutava a voz ameaçadora da sancta alliança, cuja vanguarda a essa

hora devassava as fronteiras da Hespanha com as armas na mão!

Já a liberdade estava agonizada e defuncta, e ainda os credulos sacerdotes do seu rito se esmeravam em lhe esfolhar sobre o cadaver as ultimas flores da sua eloquencia inexgotavel. Finalmente, uma noite soube-se a partida d'el-rei para Villa Franca, e na manhã seguinte o congresso dispersou-se, depois de registar em um protesto as saudades do infeliz ensaio que expirava sem ter por si o povo, o exercito, ou mesmo um grupo bastante forte para animar a resistencia.

Pedimos desculpa da digressão. Era necessaria para se formar idéa do verdadeiro sentido da primeira iniciação constitucional.

N'esses dias Garrett deixava as aulas da universidade, e principiava a provar a penna, alistado entre os mancebos mais fervorosos na admiração do systema representativo.

Um processo, defendido por elle com lustre, e intentado por causa do seu poema — *O Retrato de Venus*—mereceu-lhe, com a absolvição, os louvores de Pato Moniz, um dos homens antigos mais sinceramente convertidos aos principios modernos, e aquelle mesmo que nas suas polemicas com o padre José Agostinho por mais de uma vez castigou com mão pesada os chascos obscenos do satyrico.

A mocidade era pela constituição, e defendia-se com a cegueira das illusões proprias dos ditosos annos, em que sonhâmos acordados com todas as idealidades, no amor, nas esperanças, e na politica. Nas galerias acotovellavam-se apinhados, ainda mancebos, os homens da geração, que na Terceira e no Porto havia de pelejar as batalhas deseguaes de um contra dez, e que, pendentes dos labios de Borges Carneiro, de Xavier Monteiro, de Moura e de outros engenhos apurados nas lu-

ctas de palavras, muitas vezes, não sabendo conter-se, rompiam em applausos, acompanhando depois em cortejo a saida do orador laureado. Discipulos ardentes e convencidos passavam dos ouvintes ainda cheios de commoção, e estampavam nas columnas fugitivas dos jornaes a fiel expressão do seu enthusiasmo, julgando fundida em bronze e eterna aquella tribuna que os extasiava, firmes e immutaveis as instituições que patenteavam ao talento este amplo theatro, em que o viam sobresair, esperando com impaciencia a occasião de dominarem tambem das mesmas cadeiras, alcançando eguaes triumphos.

N'este primeiro periodo, noviciado da experiencia, em que os mais prudentes caminhavam nas trevas, o caracter da eloquencia moderna entre nós participou das hesitações e da confusão das idéas e das cousas.

Os echos da assemblea constituinte de França e da convenção, repercutidos a meio seculo de distancia em outra lingua, e n'uma atmosphera diversa, não feriam no coração nenhuma das fibras melindrosas, que nos grandes conflictos da existencia das sociedades e dos individuos accendem o enthusiasmo, e fazem de um povo inteiro uma só vontade e um só braço. Nas estudadas imprecações dos legisladores de 1820 os tyrannos eram fulminados segundo a arte, e os dogmas constitucionaes eram explicados pelas reminiscencias de Roma, de Athenas e de Paris. Os Publicolas davam a mão a Vergniaud; Camillo Desmoulins ouvia-se invocar ao lado de Demosthenes; mas do nosso verdadeiro estado, dos males effectivos que nos consumiam, e dos melhoramentos que deviamos apropriar, falava-se pouco, e mal. Fernandes Thomaz, nos seus relatorios, e Borges Carneiro, que lhe era muito inferior como estadista, foram quasi os unicos incan-

saveis em retratar os erros, e accusar os abusos, saindo das espheras da abstracção pura, cujas nuvens, cada vez mais altas, obscureciam a vista distrahida de muitos dos seus collegas.

E entretanto n'esse congresso, elogiado com motivo pela probidade e virtude de tantos cidadãos esclarecidos e honrados, podia admirar-se a flor dos talentos que ennobreciam a magistratura, as lettras, o foro e as armas. Poucos nomes distinctos e populares em Portugal se buscariam ahi, que não se encontrassem. Junto do bispo conde D. Francisco de S. Luiz, o prosador correcto e elegante, familiar com a licção dos classicos latinos e portuguezes, via-se a physionomia risonha e a figura airosa, esbelta e ainda juvenil de José da Silva Carvalho, que havia de ser depois o ministro querido do imperador D. Pedro, pela firmeza do seu espirito, e pela inabalavel constancia da sua grande alma, que nem a fortuna nem os revezes poderam abalar.

Seguia-se Agostinho José Freire, entendimento subtil, generalizador fecundo, tão destro nos recontros da tribuna, como sisudo e positivo na direcção dos negocios, ao qual mais tarde uma commoção da plebe tinha de premiar os serviços com a morte affrontosa e os desprezos da praça publica.

Xavier Monteiro, cuja capacidade assombrava os emulos; Ferreira de Moura, que possuia o condão de encantar com a phrase fluente, e por vezes inspirada, até as repugnancias dos contrarios.

O academico Trigoso, jurisconsulto profundo, dictava os seus oraculos, e mesmo no campo da discussão não cedia dos ares olympicos, nem escondia a ferula severa da sua cathedra universitaria.

Ao pé d'estes, e brilhando tambem na pri-

meira fileira das illustrações parlamentares, combatiam os homens moços, como Luiz Antonio Rebello da Silva, que despertava do enfraquecimento de uma dolorosa enfermidade nos dias de lucta para apparecer na tribuna, recaindo momentos depois na primeira prostração; como Rodrigues Bastos, cuja intelligencia culta e sagaz se afiava nas contradicções oraes dos senados, para na edade grave, retirado já do mundo, esmaltar com a penna as paginas moraes das suas horas de ocio senil; finalmente, como tantos outros generaes, advogados, juizes, e até poetas, que a confiança dos comicios elevára áquella perigosa posição d'onde muitos passaram para os carceres, ou para o exilio.

Porque se enganaram todos estes homens, uns encanecidos no exame dos negocios, outros devorados da impaciencia de assignalarem as obras da revolução com beneficios duraveis?

Porque succumbiram, cruzando os braços, e quasi tomados de sobresalto, ao som das vozerias dos acclamadores do absolutismo, arrastado em carro triumphal desde Villa Franca por mãos aristocraticas, que depois se reuniram, padecendo no destêrro e nas prisões pela liberdade, que n'este dia tinham calumniado, apupando-a por culpas de que era innocente?

A razão já a démos. O regimen constitucional entrava de novo em Portugal, e para o naturalizar como se fez em 1833, era necessario crear interesses e destruir abusos.

Em 1820 e 1826 cuidou-se que as luminarias, os vivas, os hymnos e as hyperboles oratorias bastavam para fundar o que tantos inimigos tinham a força e o desejo de abater; entregou-se o futuro ameaçado a Deus, e deixou-se correr o presente entre a incapacidade

de uns defensores, e a hypocrisia de outros—falsos adeptos, que fingiam servil-o, para, senhores dos seus segredos e dos seus conselhos, o venderem sem remorsos aos que ajustaram o preço e emprazaram a hora.

Almeida Garrett, testemunha dos successos, depressa victima dos seus tristes effeitos, ainda se lembrava com saudade d'aquella primeira tribuna constitucional, erguida na livraria de um collegio de congregados, citando sempre com veneração os nomes respeitados de alguns dos mestres da liberdade, cuja religião politica soubera resistir ás promessas e seducções, preferindo exaltar-se pelo martyrio, attestando o evangelho da sua crença no meio dos rigores da perseguição.

De todas as glorias humanas, de si mesmo vãs e fugitivas, a mais fallivel é de certo a que assenta na coroa de louros do orador. Não são precisos os annos, bastam os mezes para se murchar; a estatua de barro, que a fama lhe levanta, desfaz-se em pouco reduzida a pó, e apenas a memoria de alguns fieis, sobrevivendo ao enthusiasmo momentaneo, conserva como reliquias, como imagens descoradas, algumas fórmas desbotadas, restos da belleza que foi, esqueletos, ou antes sombras dos primores que arrebataram auditorios inteiros!

E' o que succedeu aos grandes vultos de 1820. Morreu com elles a reputação da sua eloquencia: mas as sementes da palavra que lançaram, o vento espalhou-as, e, germinando, surgiu d'ellas a geração presente.

(Do *Archivo Pittoresco*, de 1858).

FIM DO VOLUME I

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXXIII

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)
XXIX—Arcadia Portugueza (2.º vol.)
XXX—Arcadia Portugueza (3.º vol.)
XXXI—Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage.
XXXII—Apreciações litterarias (1.º vol.)
XXXIII—Apreciações litterarias (2.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXXIII

ESTUDOS CRITICOS — V

APRECIAÇÕES LITTERARIAS

VOLUME II

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRARIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1910

ALEXANDRE HERCULANO

O MONGE DE CISTER

ROMANCE HISTORICO

PELO SR. ALEXANDRE HERCULANO

Dois volumes. Em casa da Viuva Bertrand & Filhos, aos Martyres

Ha poucos annos não existia a novella historica entre nós; as invenções de Walter Scott, desesperação de todos os romancistas, imitadas em França e na Allemanha, tinham formado eschola; e Portugal, tão rico de bellas tradições, com um monumento de gloria a sagrar-lhe quasi cada palmo de terra, ainda não achára quem resuscitasse as suas memorias sumidas nas chronicas, ou perdidas nos archivos.

Não estava creada a lingua do romance em prosa; ignorava-se o segredo do dialogo; reputava-se quasi uma profanação arrancar ao dominio das chamadas epopeias o grande vulto dos nossos heroes para os animar das paixões humanas, que os moveram, e lhes infundir no peito o raio de luz, que a arte empresta ao poeta, para revocar ao mundo das idéas e da intelligencia aquelles que dormem envoltos no sudario com o pezo da eternidade sobre o peito.

Os poemas do Sr. Garrett filhos da inspiração nacional, de que tomam a côr, o gosto e

as graças ingenuas, em *D. Branca*, no *Camões* e na *Adozinda*, abriram a lide da poesia moderna, e justando com gentileza provaram que a Musa natal era tanto, era mais formosa do que os modelos eternos que desfiguravam copistas servis. A linguagem ostentava todas as suas posses; o nosso verso hendecasylabo e octosylabo mostrava o seu vigor, mimo, e riqueza; e a tradição só enfeitada com as galas portuguezas, pela primeira vez subia os degráus do throno da belleza, e tomava o sceptro de rainha, que a imitação lhe usurpára ao romper a renascença.

O torneio cobriu de palmas e de corôas o cavalleiro tão destro e tão feliz em quebrar as primeiras lanças. Em verso o genero estava creado; o quadro estava feito; e o passo mais difficil tinha-se dado. A historia descia do empyreo, aonde os rapsodos a fôram collocar, e viera sentar-se risonha e tractavel á meza do pobre e do abastado. Dando alma ás ficções patrias, viera cantar sem o orgulho das fórmas epicas os feitos e as glorias dos avós, os costumes e as crenças nataes, que o povo trazia no coração e amava com a saudade e a fé com que ama o berço em que nasceu e a egreja em que repousam seus paes e irmãos.

O poema romantico, por onde Walter Scott começou a ensaiar o seu engenho imaginoso, vivia desde 1826 e era bem hospedado em Portugal. Mas a novella historica em prosa como o inimitavel *Quixote* de Cervantes a desenhou, como o famoso escocez a concebeu meditando o modelo castelhano, onde estava—ou quem a tentára aqui? *Bernardim Ribeiro*, e, segundo uma tradição affirma, *Vasco de Lobeira* antes d'elle, *tinham posto em leitura* o *Livro das Saudades*, *e o Amadiz de Gaulia*. E' tudo quanto havia.

A obra de *Bernardim Ribeiro* é uma allego-

ria, em que o amor, subindo alto de mais, teme despenhar-se, e detraz de um véu exhala os suspiros, conta os martyrios, e anceia os ciumes. D. Beatriz, a filha d'el rei D. Manuel, a mulher do Duque de Saboya, lendo o episodio da ave, que revôa pelo rio para morrer fatigada de canções, podia vêr ahi a allusão ao destino do poeta, que, ferido de dôr e desesperança, jurava sepultar-se nos penedos de Cintra, onde fôra a aurora e o occaso do seu amor.

Mas se o *Livro das Saudades* diz muito do coração e do sentir do poeta, a novella, a allegoria não sahe do molde, em que n'esse tempo se vasavam todas as imaginações amorosas. O romance francez da *Rapoza* e o *da Roza*, tambem allegoricos, são incomparavelmente mais preciosos porque atraz do symbolo colhe-se a allusão historica, a malicia da anecdota, e a idéa viva da épocha. O *Amadiz*, que teve a honra de dar o seu nome a um cyclo de romances cavalleirosos, duvidamos que fosse inventado em portuguez; as feições e a côr não lhe dão direito a pedir os foros de nacional. Parece muito chegado ás novellas da Tavola-redonda; e não nos admiraria nada que o rei Arthur tão jovial, e até o proprio Sir Tristão o abraçassem como parente.

O *Clarimundo* de João de Barros, finalmente, não passa de uma copia de outros escriptos do mesmo genero, onde o Moço da Camara de el-rei D. João III enxertou uma lisonja perfumada a seu Amo, encarregando o Encantador do estylo de fazer as reverencias e genuflexões necessarias a sua alteza. Todas estas figuras vivem e vestem á moda do Norte ou á moda de Italia, e todas ellas vém apagar-se fundidas, ou evaporadas na variada e riquissima téla, em que o Ariosto traçou o prodigioso drama no seu *Orlando Furioso*.

E', por tanto, evidente, que o typo do romance historico moderno não está cunhado n'essas composições, imaginadas por homens dominados por uma série de idéas em quasi tudo diversas das nossas. As novellas de cavallarias correspondiam ao modo de existir e de crer de epochas guerreiras e feudaes; e começam a ter ecco em Portugal no tempo de el-rei D. Fernando. O *Palmeirim de Inglaterra* (a glorificação do genero) pelo seu enredo bem travado, e pela elegancia do estylo é dos poucos que o cura arranca ás iras do barbeiro de D. Quixote. Cervantes, condemnando ao auto de fé quasi todas as panoplias de cavallaria, exceptuou o *Palmeirim* como monumento digno de se conservar na memoria dos homens, Teve razão.

A renascença pura, e a Arcadia não admittiam romances. Para ambas fôra blasphemia atroz desherdar a Epopeia do privilegio de celebrar os grandes feitos e os nomes illustres da historia. Se alguem ousasse pôr em prosa, em dialogo, e em communhão familiar com a gente da sua era a Nun'Alvres Pereira, em vez de lhe esmerilhar a chronica no dessorado poema Epico —*o Condestavel* — como muito classicamente practicou Francisco Rodrigues Lobo, levantava-se contra o sacrilego um clamor de odio em todo o Parnaso que iria perturbar o devoto scismar dos censores tonsurados, e as magestosas cabelleiras dos desembargadores na cadeira curul. Todos desde o ministro de estado até ao aguazil gritariam em côro o famoso *cruxifiqe!* da plebe dos scribas contra Jesus Christo. Pobre auctor!

Nem tudo é de todos os tempos. Hoje mesmo não sei se muito critico mais ferrenho se não torcerá lendo a descripção de um almoço ou de uma ceia, a que assistisse o Condesta-

vel, Vasco da Gama, ou Affonso Henriques. O acto da mastigação e deglutição roubam-lhes de certo aquella seraphica e beatifica dignidade essencial na liturgia poetica. Nossos avós não consentiam facilmente, que um escrevinhador de ninharias, de *nugis* como diz aquelle excellente Horacio, tomasse confiança com os manes dos heroes, atrevendo-se a pôr-lhes na bocca a prosa ruim e villã ou os manjares appetitosos, que sustentavam o seu vigor. Era cousa assente que os Deuses e os heroes não comiam, nem bebiam, nem falavam senão ambrosia, nectar e versos. Sahir d'isto equivalia a commetter uma heresia, um crime de leza-religião poetica; e por bem ditoso se devia dar o réu quando o Sancto Officio não mettia a mão no processo para o chamar ao caminho orthodoxo, ficando só a punição em ser expurgado devidamente pelos collegas em Apollo.

N'este estado, sem a lingua se achar aperfeiçoada a ponto de se domar á narração flexivel e variada do romance, sem o estylo familiar se ter formado, e se prestar ás inversões, reticencias, e laconismos do dialogo, era preciso apropriar á novella todos os generos desde o epistolar até ao epico, porque ella abrange todos, exercitando-os repetidas vezes. Além da fórma litteraria, tornava-se indispensavel recorrer ás fontes originaes, refazendo a historia, restituindo os caracteres, e estudando os costumes. No meio de taes difficuldades quem póde pois estranhar, que o lavor improbo de sujeitar a inspiração e infezar o talento mezes e annos a cegarem-se sobre pergaminhos apodrecidos entre vermes e pó, obstasse ao desenvolvimento d'esta manifestação da arte, e tanto tempo mediasse entre o poema romantico e a publicação da novella historica?

O drama mais escravo, quanto ás proporções e á fabula pelas exigencias scenicas, não é obrigado todavia a tanto rigor de analyse, e tanta verdade de costumes e caracteres, a egual variedade de estylos, de idéas, e de imaginação. A pompa, a acção, e os actores supprem muito lapso, avivam muita belleza, dão alma e calor ao que pareceria morto na leitura. O grande segredo do romance é a sciencia de contar e a fina observação do mundo. A tragedia, a comedia, o epico, o lyrico, a ecloga, e a epistola, cruzam-se, enredam-se, e entretecem-se na teia matizada, como as lagrimas e o rizo, a paixão, a esperança, e o enthusiasmo se abraçam na vida, travando-se a cada momento d'ella.

Por isso a primeira vez, que em um jornal litterario appareceu um capitulo de romance historico portuguez, o publico devorou-o avidamente, applaudiu e adoptou o genero. *Mestre Gil*, resuscitando a catastrophe dos Duques de Bragança e de Vizeu ainda não era mais do que um ensaio timido—um trecho de chronica posta em dialogo, com algumas descripções de sitios e pessoas. O *Lidador* e a *Abobada*, publicados depois, corriam mais livres, e o ultimo sobre tudo é um modelo de estylo, de melancholica e admiravel poesia. O architecto martyr da arte e cavalleiro de Aljubarrota até no voto de não sobreviver á ruina do seu audacioso desenho: o homem que tres dias e tres noites no descahir da vida esperou sentado sem comer nem beber que o tecto de pedra rangesse desunindo-se, e os andaimes estalados o enterrassem comsigo; o soldado poeta que adoptou a Batalha do seu mais admiravel padrão—a abobada suspensa da casa do capitulo—eis uma figura que pede o pincel inspirado do mestre, porque é digna do grande monumento erigido á liberda-

de portugueza perto do campo da victoria!

Excusado é repetir o nome do escriptor, que traçou nas paginas fugitivas do jornal estas bellas illuminuras consagradas a reproduzir as crenças e a phisionomia da meia edade entre nós. Esse nome escripto no rosto da *Harpa do Crente*, da *Historia de Portugal*, do *Presbytero*, e ultimamente no do *Monge de Cister* é tão conhecido na casa patriarchal das provincias como no faustuoso aposento da cidade. O Sr. Alexandre Herculano, creando entre nós o romance e a historia, mereceu da douta Allemanha e da Europa sábia, onde taes estudos se prezam e se entendem, o mais honroso testemunho de homens como Savigny, Cantu, e Schæffer; e o auctor da *Historia do Direito Romano na edade media*, assim como o auctor da *Historia Universal*, e o historiador de Portugal até Affonso V, são criticos que se não prestam a ejaculações panicas, nem rendem louvores senão ao que os admira.

O *Monge de Cister* fórma o segundo e terceiro tomo da collecção, a que o poeta deu o nome de *Monasticon*. Já nos pareceu lêr, que esta idéa de levar a analyse ao seio do ermo, e pondo a mão sobre o peito do solitario adivinhar-lhe os remorsos e as chagas insoffridas, significava um libello anti-religioso. Elevou-se o celibato a dogma para dar ao crime escripto mais grandeza satanica! Será profanar o sudario, e escarnecer com ironia o claustro, o estudo do coração humano? Sem se crer não se cria, e depois de Deus só a arte tem omnipotencia para dizer ao nada; — existe! ao cadaver como a Lazaro: — ergue-te e anda! N'este seculo, em que tantos problemas se discutem, em que os anachronismos politicos pondo verniz sobre as rugas da decrepidez se fingem moços e experimentam as azas de Ica-

ro a vêr se voam, a intelligencia tem duas missões na terra a cumprir. Uma é do presente e pertence a todos; a outra legada ao futuro e plantada hoje, só as mãos de nossos netos talvez a possam colher.

O Mosteiro cahiu, e uma vez derrubado ninguem mais o levanta. Instituição nascida na austeridade da fé, e no principio da lucta do christianismo, cegou-se com o mundo, que devia esquecer, e, baixando a vista do céu, olhou de mais para a terra, metteu-se no seculo com demasia, e despegou-se da cruz que era o seu estandarte. Quando veiu a adversidade e a provação já não sabia o caminho do deserto, e não podia volver á cella da penitencia.

O tempo matou o claustro. Os homens passaram, as cousas mudaram, tudo se transformou;—e a arvore antiga, d'antes ao amparo dos thronos e dos povos, torceu-se carcomida ora para um ora para outro lado, á medida que as edades lhe levavam os abrigos. Um dia achou-se toda minada; e o furacão, quebrando no tronco, descravou-a das raizes, e alagada deu com ella em terra.

A instituição morreu; mas a historia dos serviços que prestou á civilização consta do glorioso testamento que nos herdou. Mais de metade da sciencia, de que este seculo é tão orgulhoso, deve-se aos eremitas do claustro; —e um dia ainda a justiça da posteridade ha-de tomar estreitas contas aos demolidores da geração presente, porque confundiram o innocente com o culpado, a obra politica com a vingança brutal e inexpiavel; um dia ainda algozes e victimas serão chamados de novo a juizo, e mais de um nome receberá o stigma da condemnação.

Este é o dever da historia. O da arte e da philosophia consiste em estudar o mysterio

do coração e da existencia, tanto no ruido do mundo como no silencio da clausura, examinando se a crença que arremessava de joelhos o homem aos pés do altar e o fazia abnegar da vontade, da ambição, e do amor, tinha razão, descubrindo o porto antes do naufragio.

Na cegueira do mundo e na torrente das paixões, o espirito, vendo todos os affectos mortos e todas as esperanças murchas, volta-se para Deus e escolhe para catre de penitencia e de vigilias a cruz aonde Christo padeceu. Apertando o cilicio ao peito, e concentrando-se na eterna reflexão de si mesmo, poderá dizer o homem ao coração:—morre! á memoria:—foge! á saudade e á vingança:—esquece!? O suicidio moral, o voto que fecha sobre o solitario as portas da clausura, separando-o da vida do seculo como a lousa do tumulo mette a eternidade de permeio entre o cadaver e a existencia, consegue mutilar a alma, e converter o homem velho no homem novo como promette a profissão monastica?...

Eis o problema, que a philosophia e a arte discutem. O sudario que veste o vivo, este sepulcro onde vem soar as vozes do mundo lá de fóra, essa penosa solidão em que vae achar-se comsigo só defronte da imagem do amor, que o matou, da saudade que o devora da vingança que o persegue—bastam, podem dar-lhe a paz e o repouso, que elle busca debalde no seio da oração, na austeridade dos jejuns e dos cilicios? Cede por fim o espirito ao corpo quebrantado? Raros venceram n'esta lucta sublime. Os mais, na clausura como no mundo trouxerem cravada sempre no peito a desesperação para que pediam allivio e esquecimento ao altar, á sua estreita cella e á virtude do habito que os sequestrava do mundo sem os poder apartar das paixões excruciantes que de lá vieram com elles! Só a sciencia,

que é o amor da intelligencia, alguma vez colheu o triumpho glorioso da razão sobre o sentimento exaggerado. Só a idolatria da sciencia venceu a idolatria do affecto. Mas para isso mesmo quantas lagrimas, quantos remorsos, quantas afflicções penadas secretamente!

No Presbytero o Sr. Herculano examinava a questão pelo aspecto do celibato. O amor sem esperança refugiava-se no seio do sacerdocio; e nos trances da transformação que fora impeto desesperado, e não vocação espontanea, mal podia conter o coração para que não voasse a adorar a saudade da mulher em logar de adorar a Deus. Presbytero ama sempre como no primeiro dia; e quando os braços da esperança lhe estão abertos, quando o affecto o chama e lhe promette a ventura de que desesperou tão cedo, entre elle e o amor acha o voto que o fulmina, sente o martyrio de ter o coração do vivo a pular no peito do morto. Cadaver pelo celibato ha-de ser só do altar que abraçou, e da patria que se abysma n'essa hora mesmo no campo da grande batalha em Guadalete. O que lhe resta já? Resignar-se? Não póde. Morrer mil vezes ao pé d'ella? Era preciso ser anjo e não homem. Nada mais lhe resta pois senão consummar o suicidio moral do celibato pelo suicidio physico. Offerece a frente á espada, e pagando com o sangue do godo o dever de filho á terra natal encontra finalmente nas trevas do tumulo o repouso, que debalde procurou no altar.

No *Monge de Cister* não é só o celibato que se discute; discute-se a vocação arrebatada, a profissão monastica feita no delirio da dôr irremediavel. O claustro e a sociedade estão um defronte do outro; a paz e a lucta, a oração e as paixões, a fé e o descrer encontram-se,

combatem, e não arrancam a victoria ao mundo, porque o campo da peleja é na terra e não no céu; é o coração do homem e não a essencia quasi divina do archanjo. Se a natureza humana, depois de padecer o que padeceu Fr. Vasco, podesse esquecer e perdoar, o Empyreo tinha descido a habitar entre nós, e começava de novo o reinado do paraizo, que perdemos. O impossivel moral está tanto acima do esforço do homem como o impossivel physico.

Quando com o leite da infancia, a sociedade alimenta em nós idéas de dever, instinctos de honra, e affectos poderosos, semêa a vida ou a morte, a perda ou a salvação. Se está mal constituida, se a maior parte do que nos rodêa é hypocrita, cruel, e dissoluto, a acção do vicio e do crime, ferindo-nos, profana o nosso thesouro de illusões e de verdades, queima a alma com o escarneo e a vergonha, e converte em delictos as virtudes, em odios encanecidos as mais suaves affeições. A reacção, sempre superior ao golpe que a provoca, torna-se tanto mais implacavel e cega, quanto era pura, generosa, e inocente a alma do homem injustamente despenhado do alto das suas risonhas esperanças n'um abysmo de miseria, de desesperação e de opprobrio.

O claustro é impotente para consolar e extinguir as feridas que ulceram o coração do infeliz, que provou d'esta dôr; para o curar carecia de sujeitar o impossivel. Era necessario refazer outra alma, outros sentimentos, outra sociedade. Ha crimes, que a clausura expia; ha magoas que ella refrigera; a esperança, sêcca ao halito mirrador do mundo, póde florecer no céu; mas aquelle que sente sobre o peito a mão de inimigo e ouve do sepulcro a voz de pae e irmã deshonrados a bradar-lhe por vingança, esse ha-de esconder

o punhal debaixo do habito como o guardaria debaixo do vestido no meio do mundo.

No *Monge de Cister* esta transformação do mancebo generoso e leal em um grande criminoso, está admiravelmente descripta. E' uma analyse profunda do coração humano, um canto do véu erguido ao mysterio da existencia, cujo typo melancholico o rei da scena, Shakespeare, cunhou com tanta verdade em *Hamlet* e *Othello*. E o caracter do monge, de Fr. Vasco, é filho das duas paixões que de todas são as mais indomitas: — a vingança paterna e o ciume. Como Hamlet, só respira para cravar o ferro nas entranhas do seductor de sua irmã, do assassino de seu pae. Como Othello, a imagem de Leonor arde-lhe n'alma como fogo, e para a arrancar aos braços que lh'a roubaram, banhar-se-ha em um rio de sangue. Deus e a salvação desappareceram completamente deante da idolatria d'essas paixões, que se tornaram instinctos férvidos e irremediaveis, como a ferocidade do tigre, ou o veneno da serpe.

O primeiro capitulo, em que Vasco da Silva, cavalleiro da ala dos namorados em Aljubarrota, apenas embainha a espada e limpa o suor da peleja, vôa á casa paterna para estreitar nos braços o pae a quem ganhou uma sepultura em terra livre, a irmã a quem estremece tanto, e a mulher que adora mais que a Deus e do que a si, é de uma poesia suave, que respira os mais bellos affectos lyricos. Quando o mancebo, ao passar pela egreja, sabe que o cadaver que lá jaz é o de seu pae; que sua irmã seduzida e infamada fugindo do solar arrastou á cova o ancião; e que Leonor, a esposa promettida ao seu amor, o trahiu e está casada no poder d'outro, porque esse tinha mais tres avós e mais alguns punhados d'ouro do que elle—o poeta soube dár á revo-

lução moral que se opera na alma do mancebo a magestade sinistra e a grandeza satanica, que assignalam a queda do archanjo, quando se precipitou do céu, e se fez demonio. Vasco tambem desde essa hora é que se tornou réprobo.

Não descreveremos as scenas do romance. A critica minuciosa e microscopica cega sem aproveitar. Estudar a idéa moral, e a base historica para vêr se ambas foram bem desenvolvidas é o que nos parece mais util e mais importante. As bellezas da arte, como as bellezas do corpo humano, não se podem separar do espirito, que lhes dá graça e animação. O amphiteatro das dissecções é para o anatomista que estuda o cadaver. O Livro, a arte viva, vê-se por outros olhos, e julga-se com a razão e com o sentimento.

O *Monge de Cister* restitue-nos Lisboa antiga, a Lisboa d'el-rei D. Fernando e de D. João I. A introducção em poucas palavras severas e philosophicas revela-nos o pensamento do auctor; e no Sr. Herculano á promessa corresponde sempre a verdade. Lisboa apparece reedificada pelo romancista como existiu na epocha mais gloriosa de Portugal. E' um estudo feito em consciencia; fructo de perseverança que nenhum lavor por mais improbo que seja, póde fatigar. O poeta não tinha á mão, e ao pé de si, como Victor Hugo teve para recompôr Pariz do XIV seculo, uma obra, como as *Memorias de Sauval* em que tudo se acha referido. As suas descripções são apuradas em milhares de documentos ineditos e de textos duvidosos, sobre os quaes o exame critico veiu lançar a luz e harmonia que brilha nas pinturas da novella a este respeito mais historica, do que tudo que por ahi reputam e chamam historia. E para unir ás invenções do romance a erudi-

ção do antiquario, e o juizo recto do historiador, é necessario ter uma vontade robusta e tenaz, que raro se encontra nos eleitos da Musa poetica.

A epocha é a da lucta dos concelhos contra os vexames e tyrannias dos fidalgos. Estão a abrir-se as Côrtes de Lisboa. Entre o povo e os nobres vemos o throno do mestre de Aviz, sagrado rei no meio das batalhas, como os antigos chefes das tribus do Norte. Ao lado do rei, com a mão detraz da corôa, apparece a figura pallida e sagaz de João das Regras, o grande precursor da unidade monarchica. O Direito Romano, se podesse tomar corpo, encarnava n'elle. O doutor de Bolonha, chanceller interino do rei, com a sua intelligencia vasta e lucida, ata e desata os fios do enredo politico, desarma os fidalgos com o braço do povo reprime o povo com as ameaças dos senhores, e fortifica de todos os interesses e odios oppostos a base da monarchia una e superior a tudo, imagem viva de Deus na terra, lei permanente e absoluta que, declarando em nome do poder a vontade de um, só acceita a obediencia de todos.

Na scena dos fidalgos juntos em concilio na tavolagem do bésteiro, vemos a questão politica exactamente discutida de ambas as partes. E' excellente ahi a figura brutesca do procurador de Celorico, o illustre Mem Bogalho, por alcunha o *Pata-Burro*. No acto de vender o sigillo dos seus collegas das Côrtes, vendo-se coberto de ultrages pela ingratidão dos nobres, o pobre villão vira-se e morde-os no rosto com todas as verdades acerca dos roubos e violencias, de que os povos os accusam e elles interiormente se reconhecem culpados. Este episodio, que abrange os capitulos X, XI, e XII, parece do pincel de Walter Scott, com mais vida e verosimilhan-

ça historica todavia, do que usava em muitos casos o engenhoso escocez.

No *Monge de Cister*, como nas melhores novellas do immortal Scott, todos os personagens vivem da sua propria individualidade. Não ha abortos physicos como Quasimodo, nem hediondos aleijões moraes como Rodin. Fernando Affonso, o seductor da irmã de Vasco, o valido de D. João I, se nos indigna pela frieza com que practica o vicio e se enloda no charco de immundos deleites, não excede com tudo as raias do possivel. O proprio Abbade de Alcobaça, o afamado D. João de Ornellas, que representa o ultimo gráu de dissolução e perversidade, é copiado do retrato que nos deixaram os chronistas da sua ordem. Vasco da Silva tinha nascido para ser bom e virtuoso. Alma vehemente e apaixonada, toma-o desventura ao sahir do berço, e converte em martyrio e em veneno para elle a paixão que teria sido a gloria do seu nome e a esperança da sua carreira.

Duas scenas ha sobre tudo inimitaveis pela exactidão historica, e pela penetração e sciencia do mundo que revelam no escriptor. Pintam-se em relevo a si proprios n'ella o Mestre de Aviz e o seu manhoso chanceller João das Regras. A finura do jurista e os calculos do politico, temperando o fogo em que arde o odio do Cortezão, com o mais consummado tacto fazem sobresahir a franqueza militar, a vontade robusta e tenaz de D. João I. O dialogo e as descripções, que embellezam os capitulos XV e XXIV são de mestre, porque só os podia conceber e executar quem possue o saber historico e a analyse do coração humano.

Nenhum dos personagens introduzidos no romance desmente a unidade moral da sua physionomia. A pintura desprega-se na téla

matizada do romance com um vigor e uma variedade, que provam, que, antes de os revocar á vida ideal, o auctor os tinha educado com amor, e disciplinado com reflexão na sua phantasia de poeta. A opposição dos caracteres é completa e natural; o enredo ata-se e desliga-se com logica, servindo-lhe de nó o enredo politico, cuja influencia desce até ao intimo da existencia particular.—Justificam a catástrophe do desenlace as idéas da epocha e o esforço do odio de todos contra um só. Os motivos de cada acção, assim como os elementos da fabula geral têem as raizes nos costumes do tempo, no caracter dos personagens da novella, e na logica das paixões.

Quadro completo e escrupuloso de uma grande epocha, o romance abraça todas as classes—o povo, o mouro forro, a mulher vil, e o anjo de pureza, que se perdeu pelo amor e se ha-de salvar pelo amor. Quando Fr. Lourenço Lampreia, o monge virtuoso (creação suavissima que põe o céu ao pé do inferno representado em D. João de Ornellas) encontra Beatriz expirante e lhe restitue o affecto de seu irmão, lá está a boa acção do folião Ale, a proclamar a nobreza do popular que lhe deu amparo, e a vileza do poderoso que a abandonou. A descripção da festa da Maia, do Corpus Christi, e do saráu da côrte tem o sabor e a graça da vida activa e patriarchal das antigas eras da monarchia.

E' um rasgo de poesia admiravel aquelle em que Beatriz, sentindo expirar á flôr dos labios a ultima luz da existencia, abraçando o irmão sobre a cruz, não acha no fundo da sua alma senão amor para o homem que a perdeu. Coração divino na resignação e no sacrificio como o Salvador, deante da morte, não sabe senão amar e esquecer. Este bello trecho lyrico foi de certo escripto nos saudosos arreboos

da tarde, em que a aragem da primavera murmura como suspiro nas folhas das arvores, e o ultimo raio de sol foge rapido a apagar-se no clarão melancholico do crepusculo. O final do romance está combinado com extrema arte, e reveste-se da pompa e da magestade tragica, que a catastrophe exigia.

Accusar-nos-hão talvez por não citarmos defeitos no *Monge de Cister*. Falando das obras do Sr. Garrett, já o dissemos, o pensamento do Livro, a harmonia das proporções, e a verdade dos affectos é o que mais importa examinar. Descuidos aqui e além no discurso ou no verso; sombras n'este ou n'aquelle logar quem deixou nunca de as ter? O estylo do Sr. Herculano é severo, como é desenganada e austera a sua philosophia. Alguma côr antiga lhe carrega um pouco talvez as descripções historicas; póde ser mesmo que certa obscuridade resulte d'ahi a leitores menos versados que o auctor, n'esta especie de estudos; porém, quando o livro é um monumento, uma epocha, e um poema, quem ha-de descer da sua elevação para roer uma ou outra aresta de columna menos perfeita, ou a flôr de pedra, que o cinzel de proposito ás vezes despreza para dar algum claro-escuro á obra?

Confiamos, que os leitores hão-de concordar comnosco depois de examinarem o romance, que o *Monge de Cister* é a primeira, para não dizer a unica novella verdadeiramente historica, que temos em Portugal. Sir Walter Scott não era mais espontaneamente inspirado nos capitulos, em que restituia ao mundo ideal a vida e as crenças das gerações que dormem na urna cineraria dos seculos.

(*Da Epocha*, de 1848.)

ESTUDOS LITTERARIOS

ESCRIPTORES CONTEMPORANEOS

Alexandre Herculano

I

Dois homens dominam em Portugal a regeneração das lettras como fundadores da eschola moderna, e pelo honroso incentivo do exemplo.

Atando as tradições obliteradas da nossa nacionalidade heroica, um na harpa muda até então dos trovadores, e o outro na tela animada do romance, e nas paginas do livro historico resuscitaram o passado; e consolando os dias de tristeza da decadencia actual, disseram apontando-nos para um tumulo: eis o que foram vossos avós!—eis os titulos de nobreza da vossa genealogia entre as nações!

Garrett e Herculano (porque os dois para a verdadeira critica são inseparaveis) dotados com mão larga dos mais raros thesouros, uniram ao ensino da palavra que persuade, a eloquencia viva dos primores que arrebatam.

Quando o auctor de *D. Branca* exalta a fresca veia, em que se deleitavam os cantos dos antigos romanceiros, a figura meiga e pensativa da sua *Adozinda*, apontando perto de nós,

e attrahindo-nos, parece accrescentar: *Vede se a imitação, em esmorecidas copias, levantará de modelos cançados formosuras, que rivalisem com a minha!*

Quando o poeta do *Eurico* nos leva pela mão ás margens do Chrysus, e alli nos representa illuminados do sinistro esplendor todos os quadros de uma tremenda lucta, perguntae á erudição dos sectarios das regras, se aquelles vultos se acovardam em presença dos heroes da *Iliada*, ou se por acaso se acanham medidos pela estatura dos archanjos de Milton?

Foi assim tambem que o genio de Goethe e a imaginação de Schiller proclamaram os foros da livre phantasia, estalando os antigos moldes por estreitos.

Na Inglaterra o auctor de *Child Harold*, Walter Scott, e Moore, pelejaram com as mesmas armas; e Victor Hugo, em França, entrando pela brecha na fortaleza, meio aluida, das unidades e do verso raciniano, fiou egualmente o exito da superioridade das novas fórmas sobre as antigas.

O duque de Rivas, e Martinez de la Rosa, recordando á Hespanha as épochas de lustre da scena castelhana, e remoçando os bellos episodios dos cancioneiros, deveram á pureza da inspiração boa parte dos seus triumphos.

Em todos os paizes a victoria das idéas legitimou-se, inscrevendo-as o arrojo de um innovador com o cinzel dos mestres nas grandes creações, que inauguraram a reforma; e o que todos estes alcançaram na esphera, em que lhes coube exercer poderoso ascendente, Garrett e Herculano não temeram tental-o, e souberam conseguil-o, enriquecendo uma litteratura que desfallecia sacrificada ás imitações servís dos metrificadores, que apagavam a correcção dos primeiros arcades em desla-

vados versos, succedendo ao estro elevado, mas desegual do impetuoso Bocage, e á musa pouco espontanea, e ás vezes rouca do vate-follicularío José Agostinho de Macedo.

N'este commettimento, que se nos figura hoje comparativamente facil, quasi ninguem auxiliou os dois, e bastantes se lhes oppozeram.

Não foi sem quebrar mais de uma lança, que o auctor de *Camões* e das *Viagens na minha Terra*, em combate singular, vingou a singela musa do auctor da *Menina e Moça*, e a *Talia* um tanto aspera de Gil Vicente, de perto de tres seculos de desprezos e esquecimentos.

Quem ler o prologo de *João Minimo*, uma das mais espirituosas paginas de prosa, de que se ufana a lingua, de certo reconhecerá, que não nos arriscamos de leve.

Em 1829, depois de terem resplandecido já os astros de Byron e de Goethe, o sacristão de Odivellas[1] escondendo o poeta, como o pseudonymo de Filinto Elysio o encubríra tres annos antes, quando entrou na liça com *D. Branca* pela mão, ainda se vê obrigado a justificar os atrevimentos da sua lyra, contrariando os preceitos immoveis, que as duas Arcadias tinham arreigado, e que tiravam sancção de leis, aos olhos do vulgo, dos poucos ensaios applaudidos de alguns dos seus cultores.

Consumido pelo ardor do espirito, e ao mesmo tempo cortada de dôr occulta mas incuravel a sensibilidade de uma alma, que raras vezes, e só a raras, confiou as suas magoas, Garrett adormeceu no sepulcro, encostado

[1] Figura que o auctor nos apresenta no prologo da sua Lyrica de *João Minimo*, e que está caracterizada com o lapis de W. Scott.

á harpa; e na edade, em que amadurecem os fructos delicados, despediu-se da vida, nos mais viçosos canticos que um coração amante podia soltar, olhando para as illusões, que o cegaram, e medindo quasi que já o mundo de cima dos abysmos da eternidade.

Ainda na robustez dos annos, e cortando com vigoroso peito as tempestades, que o auctor de *Fr. Luiz de Sousa* não arrastava com animo egual aos poderes do genio, Herculano terá hoje pisado metade da sua carreira, e com a vista no futuro, continúa, operario incançavel, as fadigas e os trabalhos dignos do seu nome, e da erudição laboriosa, que em historia o tornam emulo elogiado dos Ranks e Guizots, coroando-o ao mesmo passo nas reconstrucções ideaes das eras extinctas como rival de Scott e Victor Hugo.

Ambos os reformadores nasceram na hora propria e obedecendo á voz occulta que em nome da Providencia chama os seus eleitos, despertaram a sociedade da inercia, em que jazia adormecida, guiando-a, cada qual por seu caminho, para a fronteira desconhecida, aonde outro seculo a espera.

Dilacerada pela invasão franceza, desmembrada pelas dissensões civis, e sentindo sobre o coração as trevas que de toda a parte lhe cerravam os horizontes, a patria de Bernardim Ribeiro, o berço de Gil Vicente, deixára de ser embalado pela poesia das tradições, que d'antes inspirava mais verdadeiros cantos, segredando pela ultima vez a Camões ternas endeixas e namoradas estancias.

No conflicto das armas, e por entre o fuzilar dos pelouros, as harmonias meigas emmudeceram, e vozes inquietas, proclamando a independencia, cubriram de acclamações bellicosas as harpas de alguns imitadores dege-

nerados, se ainda os havia, da eschola do Quita e do Garção.

Bocage acabava de exhalar o espirito nos braços da geração, que o desvairava.

Filinto, sempre desditoso, tinha expirado, volvendo os olhos arrazados d'agua para as praias da sua saudade, aonde nem a gloria o pôde restituir!

José Agostinho, baixando das eminencias, a que deviam eleval-o a erudição e o talento, enlodava na prosa villã do libello, ou no verso desgrenhado do Aretino as paixões odientas, que são a nodoa eterna do seu nome.

Era profundo e completo, pois, o silencio nos dominios da arte!

Vestida de lucto, e com as lagrimas de tantas perdas a cairem-lhe dos olhos, a monarchia sepultava nas memorias de vinte e cinco annos de infortunios os martyres da aggressão estrangeira, e as victimas da liberdade recente.

Vingativo e vacillante, o poder encostava-se a apodrecidos esteios, que serviram só de lhe prolongar um pouco mais a agonia. Os principios exaltados em 1820, e em 1826, apezar de duas quedas rapidas, contavam sectarios numerosos, e o terror de que se valeram para lhes cortar o passo, nem lhes empallideceu o ardor, nem lhes acanhou a esperança.

Na terra estranha, nos rochedos, lascados de ballas da Terceira, na escuridão dos carceres e até nos patibulos, a viva crença da opinião liberal saudava os dias de proscripção, como dias de prova, e não se desalentando, erguia a vista anciosa para o ceu, esperançada sempre que a final a aurora havia de alvorecer para ella.

Garrett compoz os seus primeiros poemas no meio das perturbações d'esta epocha. Herculano nas amarguras do exilio é que firmou a vocação.

Soldados ambos, e perdidos ambos nas tristezas do desterro, fadou-os Deus para serem a voz persuasiva da renovação, que vinha a romper; e em quanto não chegava o momento, descançavam nas vigilias da intelligencia, das estreitezas da desgraça, e dos sobresaltos da lucta.

O primeiro já conhecido pelos atrevimentos da phantasia, o segundo tenteando ainda as forças em secretos ensaios, apenas beijaram a terra de seus paes, apenas com o alvoroço n'alma apertaram as mãos, logo principiaram a carreira, que immortaliza os dois.

Depois de *D. Branca*, de *Camões*, e da *Adozinda*, Garrett desenha ao correr do lapis para a scena restaurada Bernardim, o poeta das saudades, e Gil Vicente, o poeta dos costumes, e dá como fundo ao painel a sumptuosa côrte de D. Manuel, e por luz ao colorido os radiosos resplendores do oriente, aonde a victoria alçava as quinas portuguezas nos muros de Goa, Malaca, e Ormuz.

Depois, levantando o grandioso vulto do *Alfageme de Santarem*, o cantor de *Adozinda* abriu o quadro do drama historico no periodo das cavallarias, entre as duas figuras epicas do Condestavel e do Mestre de Aviz.

Finalmente, para coroar a renovação do theatro por um rasgo digno da Melpomene de Athenas, chama as plateias para uma scena de infortunio domestico, e correndo-lhes o véu repentinamente fal-as assistir, frementes e convulsas, á sublime tragedia de *Frei Luiz de Sousa*.

Ao mesmo tempo o seu estylo moldava-se a todos os generos, e com a graciosa negligencia, que era o seu condão de formosura, apropriava-se a todas as formas.

Já o pincel assentava os ultimos toques na encantada tela do livro das *Viagens*, avivando

a belleza juvenil de Joanninha, a velhice carregada de Fr. Diniz, e os deliciosos retratos das tres Graças inglezas, desabrochadas como Titania em um sorriso enflorescente de amor, e ainda não tinha concluido a ultima pagina do *Arco de Sant'Anna*, creação caprichosa, ironia fina, que está revendo por todos os póros o riso malicioso da allusão moderna.

Na tribuna, a sua eloquencia mede-se com os modelos classicos, e não desmaia; nas lides da imprensa, a aggressão, ou a defesa trajam sempre as galas singellas d'aquella opulenta lingua, que elle sabia escrever, ornada e elegante, sem lhe desmentir a simplicidade.

Por todas as veredas, aonde um talento rico podia erguer padrões, sempre o vimos adeante, familiar das musas, e colhendo palmas; e quando, já com as sombras da morte sobre o rosto, se inclinava para o tumulo, a despedida, o derradeiro suspiro do trovador foram as *Folhas cahidas*, titulo prophetico, que, sem elle o saber, encerrava tambem com as ultimas esperanças e devaneios, as ultimas saudades da sua vida, flores do outono que não haviam de chegar ao inverno, senão para lhe cingir como grinalda a urna sepulcral!

Depois de Camões, e junto d'elle talvez, quando a posteridade approximar as distancias, quem subiu tão alto com a phantasia, e sobre tudo quem gravou assim nas obras a côr e a expressão da physionomia nacional, entalhando-a na memoria por tal modo, que muitas vezes o passado e o presente se fundem aos olhos do espirito, e que a ficção parece realidade? Como ha-de o sol sem mancha do futuro allumiar o monumento da epopeia sem dourar com o mesmo clarão a admiravel elegia que a celebra?!

Lembrae hoje a dolorosa catastrophe de Fr. Luiz de Sousa sem vos accudir aos labios o

drama, que lhe vestiu na scena as severas roupas da tragedia moderna?

Citae o poeta dos *Lusiadas* sem applaudir com elle o inspirado cantor que tres seculos depois veiu vingar, não a gloria cada vez mais apregoada, mas as desditas de uma grande alma, e a ingratidão de uma raça degenerada, que, levantando-se dos areaes de Alcacer, foi prostrar-se deante do cardeal Henrique para depois cair ainda mais baixo, ao pés do filho de Carlos V?

Seria o mesmo que dizer á Italia que separasse o Dante do Petrarca, ou o Tasso do Ariosto; e esses crimes, verdadeiros suicidios moraes, as nações não os commettem.

Quando bate a hora dos desenganos, quando um espirito como o de Garrett despe com o involucro mortal as fragilidades terrenas, vê-se que um rei da intelligencia faltou no mundo; e os mesmos, que os raios do seu talento cegavam por invejosos nas devesas enlameadas das rivalidades politicas, curvam o joelho, e descobrem-se perante o feretro do poeta, porque do homem que era, apenas o nome sobrevive para nunca se apagar da face do seculo, e a admiração, para dizer aos que chegarem, apontando para a grande sombra, que já domina a posteridade:—ahi jaz o herdeiro de Camões!

Quando será o dia do herdeiro de Garrett?

II

Collocar Herculano defronte do principe dos nossos poetas, sem receio de que o grande vulto o amesquinhe, sobretudo depois de levantado no pedestal, que lhe consagrou a morte, é estar seguro de que a fama do escri-

ptor vivo não esmorece deante da gloria, que illumina o tumulo do maior cantor de Portugal, desde os dias dos Filippes.

A rasão é clara.

Não ha confronto e preferencia, aonde não é possivel estabelecer comparação e rivalidade.

Diversos na indole, filhos ambos das proprias obras, e enriquecidos com as faculdades eminentes, que constituem o genio, os dois encontraram-se muitas vezes sem a gloria de um escurecer o nome do outro.

Se é commum o pensamento, que os inspira, e se os principios que representam são analogos, d'ahi em deante tudo os separa.

Na idéa intrinseca, nas predilecções e na invenção, cada um segue por oppostas veredas, e, approximando-se, nunca se parecem.

Em Garrett, predominam as feições meridionaes e o calor temperado dos affectos. A interpretação da vida e da natureza procura os aspectos menos sombrios e desconsoladores.

Em Herculano, a physionomia litteraria traz sempre o cunho de portugueza, mas respira mais n'ella a pensativa austeridade de além do Rheno, do que a jovialidade e a florescencia peninsular.

Moldada com pureza, a fórma foge dos contornos suaves, e sobresáe pela severidade quasi escultural da imagem, e pelo alto e cinzelado relevo da phrase.

O auctor das *Viagens na minha Terra* sorrise a miudo do mundo, e das vaidades que o governam; mas a sua ironia, mais amena do que caustica, castigando-as com o ridiculo, quasi que lhes desculpa o erro.

Na sua penna ameiga-se tanto a moral, e desprende-se tão elegante, correndo ao de leve, e sempre por cima de matizes tão finos,

que só apparece por dever aonde seria estranhada a sua falta.

Lendo-se as paginas, em que o prosador e o poeta com menor disfarce estamparam a verdadeira effigie das opiniões, e até do coração, encontra-se o eclectismo culto, e a tolerancia mundana e um pouco sceptica, e logo se conhece que não armára a sua voz da persuasão, que só lhe poderia prestar o profundo convencimento.

Tracta os homens e as coisas, como quem já passou pelos precipicios e desenganos, mas sem se despedir ainda das illusões, ou se atrever a cortar os laços flexiveis, em que a sociedade o prende, e que não préza menos por inclinação, do que o Tancredo de Tasso por encantado.

Estas cadeias de grinaldas foram bem pesadas algumas vezes para o poeta de *Adozinda* e para o orador politico em diversas occasiões. Sacrificou mais á idolatria d'esses altares pagãos, do que tão elevado espirito podia, e devia sacrificar!

Herculano é justamente o contrario. A linha recta, para elle, prefere a sinuosidades que lhe repugnam, e a condescendencias que o offendem. Se o sol da evidencia por muito forte bater nos olhos a alguem, ou patentear defeitos, que se abrigam na meia escuridade das chamadas conveniencias, tanto peior para os melindres e para os falsos escrupulos!

Perante a consciencia quasi ascetica do homem de estudo e de lisura, a honra é um culto, e não uma palavra. Não se antepõe a nenhuma consideração, qualquer que seja o empenho!

A reflexão do historiador, affeito a levar a luz da critica ás trévas das eras reconditas, e a explicar os factos pelos interesses e paixões, anima as tintas dos seus quadros, dando al-

ma e sentimento ás figuras mais preponderantes.

O philosopho e o pensador nunca desampararam o poeta; e por isso, vasando o ideal nas variadas manifestações da arte, tende mais á verdade relativa, do que á bellesa absoluta de typos que não correspondam ao seu modo de entender a existencia.

A averiguação paciente ministra-lhe dados certos para gravar na ficção todos os caracteres que singularizam e distinguem as sociedades, que sabe acordar do longo somno, emprestando-lhes os instinctos, o movimento e as crenças do tempo, e dos periodos a que pertencem.

Em quanto o auctor de *D. Branca* adoça os tons mais asperos da sua palheta, e lança um como diaphano cendal sobre algumas nudezas que sem magoar a vista a podiam estimular de mais, no seu ponto de observação particular, o poeta da *Harpa do Crente* arranca todos os véus, desbasta as emplastagens dos rebocadores de virtudes hypocritas, e cortando sem medo os ligamentos, que occultam as ulceras das classes e os vicios dos individuos, não levanta a mão do livro até pôr o dedo sobre a traição e a cubiça, mascaradas com fingidos trajos, ou sobre os calculos e planos que palpitam á sombra de vãos pretextos, e, arrastando-os inexoravel e justiceiro, obriga-os a falarem a sua lingua, e a revelarem os seus segredos!

Antes de ler as *Arras por foro de Hespanha*, quem apreciou pelas paginas do chronista Fernão Lopes o caracter de Leonor Telles, da Lucrecia Borgia portugueza, e sondou com pausa os abysmos de perversidade e dissimulação, que a sêde do poder e o ardor da vingança cavaram no gangrenado coração da rainha adultera, não póde deixar de admirar nas

scenas da novella os poderes de analyse e o vigor do colorido, com que o romancista nos restitue aquelle retrato, um dos mais arduos de tocar para sair parecido.

No *Eurico* observa-se o mesmo.

E' tão clara a visão do passado na intelligencia do escriptor, que os desenhos destacam-se do painel, e como vivos levam após si a anciosa curiosidade do leitor.

Nos campos de Guadalete assistindo ao rapido embater dos esquadrões, vemos a lucta gigante e a agonia do exercito christão, como se a obra da phantasia fosse um facto dos nossos dias, presenciado hontem mesmo!

Na *Abobada* o vulto poetico e o rosto pallido do velho Affonso Domingues, principe pelo talento, defronte do Mestre de Aviz, rei pelo heroismo da espada, nunca mais se apagam da memoria, e recordamo-nos d'elles, como se houvessemos conversado o velho architecto debaixo das mesmas pedras suspensas, que foram a esperança e o orgulho do grande imaginador!

São entes ideaes, mas de tal maneira fundidos na urdidura das epochas, que nenhum se confunde, e desmente os costumes que representa.

Olhe-se depois para o *Alfageme de Santarem*, e estude-se nos lineamentos principaes a physionomia de Mendo Paes, o alquilador politico, que traz a consciencia em leilão no meio das parcialidades oppostas.

Demore-se o exame com o mesmo vagar, sobre as feições moraes de D. Guiomar n'outro sentido, tanto ou mais pervertida do que o irmão.

O que se acha?

As figuras de certo são verosimeis, e direi mesmo similhantes a algumas no nosso tempo; respiram, sentem e obram, não ha duvida,

mas em presença da epocha, succede-lhes o que se nota ás do *Arco de Sant'Anna*; conhece-se que lhes falta alguma coisa.

Estão mais proximas de nós, do que do seculo, que deviam reproduzir. Significam mais a allusão ás nossas coisas do que explicam as vicissitudes e os rasgos do glorioso periodo, que abriu em Aljubarrota a era da independencia da monarchia, coroando D. João I pelas mãos da victoria.

Aquelle Mendo Paes, que ora corre de um, ora foge par outro campo, na ligeireza das linhas, e pelas fugitivas sombras, que lhe esfumam o caracter, logo indica a differença, que ha no systema de interpretação entre os dois mestres da renovação litteraria.

Aquella D. Guiomar, tão presumida da sua formosura, tão orgulhosa do seu nascimento, e tão ingrata aos beneficios, com que o honrado Froylão reparte com ella da sua alegre pobreza, tem menos animação, do que pediam os traços que o poeta lhe quiz dar.

Aonde Garrett se compraz é conversando com a belleza ingenua da sua Alda, é encarecendo-nos a velhice folgasã de Froylão Dias cuja virtude risonha allivia o peso á sua cruz, e á cruz dos que o seguem; é finalmente, esmerando-se em elevar o typo heroico de Fernão Vaz—tanto do nosso tempo, e tão pouco d'aquelle—symbolizando no *Alfageme* os nobres instinctos e o desinteresse do povo durante a lucta.

O que falta, porém, alli para a tela dramatica se chamar perfeita considerando-a por todos os aspectos?

Menos ideal na concepção e no desenho, e mais realidade nas paixões e nos costumes.

No *Auto de Gil Vicente* succede o mesmo.

A parte lyrica occupa maior espaço, do que lhe cabia, vistas as proporções do quadro, e

os dois grandes vultos do fundador do romance, e do fundador da scena, não se acham tão mettidos na perspectiva da epocha, nem foram esboçados com toques tão firmes como exigia a acção theatral, e o sentir e crer de D. Manuel.

E' que o auctor de *D. Branca*, tão fino e espirituoso no tecido dos seus dialogos, tão consumado na creação das figuras, que introduz nas obras, e tão feliz no raro tacto com que ordena e colhe os seus assumptos, quasi que precisava de violentar o engenho, quando tinha de descrever os delirios, não do amor, mas do ciume, da vingança e da ambição.

O ardor sombrio das paixões desgrenhadas e funestas crestam-lhe as azas melindrosas á inspiração, que tão reflexiva e melancholica ouvimos nos cantos dolorosos da sublime elegia de *Camões*, e que tão jovial e apaixonada, ao mesmo tempo, desfere os vôos no admiravel poema da *Conquista dos Algarves*, a mais fresca, juvenil e viçosa de todas as suas composições.

Não tractâmos aqui de *Frei Luiz de Sousa*, que não contradiz apesar d'isso a indole poetica, caracteristica em Garrett.

Os affectos, que no drama tragico nos commovem de piedade, e nos suspendem pelo terror moral, são os mais simples e naturaes.

E' o amor de pae, de esposo e de mãe; é a resignação christã, acceitando com lagrimas de sangue o calix razo das amarguras; é em fim a mortalha dos vivos, cubrindo com o sudario frio os dois corações, que se amam, e que, mesmo separados, nunca deixarão de arder, levantando-se entre elles, como barreira eterna, o cadaver da filha da sua ternura, morta de dôr e de vergonha, aos pés do altar, na hora mesma do sacrificio!

Herculano sobresáe por qualidades quasi oppostas.

A pintura das paixões profundas, e o relevo em que são abertos a buril os caracteres viris, debaixo dos seus dedos revestem-se de formas que não cedem a palma aos mais louvados na eschola, que impropriamente chamam romantica, e que não é senão a eschola da interpretação historica e da verdade humana.

O seu colorido, na descripção das paizagens, e no desenho das physionomias, pelo vigor dos toques lembra as tinctas fortes e as poderosas creações, que immortalizam por assombrosos effeitos os primores de Salvador Rosa.

O *Monge de Cister*, quadro completo e acabado do seculo de D. João I, é a fiel imagem do genio do poeta da *Harpa do Crente*.

A epocha vive e palpita nas grandiosas scenas que inspira, e nos esboços familiares, que retratam as physionomias populares.

As figuras principaes erguem-se como lavradas em marmore; mas a paixão anima-as. Dos seus olhos correm lagrimas, e na sua vista fusila a ira.

Por entre a hypocrisia dos interesses que se cruzam, e da vingança, que ora rebenta em chammas do coração de Vasco, ora se disfarça em sorrisos e traições na alma refalsada de D. João de Ornellas, passa banhada em prantos a pallida desesperação de Beatriz, que o amor despenha no suicidio, louca e insensivel.

O vulto do camareiro do Mestre de Aviz, maculado com as torpezas de uma existencia dissoluta, desafia os odios e o castigo pela satanica soberba, pela crueldade fria e desentranhada, e pelo desprezo absoluto de Deus e da virtude.

Desde a primeira hora, em que o vemos, as sombras do crime, que o ennegrecem, apontam-n'o, como victima predestinada, á justiça dos homens, e ás iras do céu.

No drama, que fórma o nó do enredo, ha capitulos admiraveis, que parecem paineis avivados da galeria de Shakespeare. Ha lances, em que a dôr soluça com tanta aucia, que a ficção nos corta o peito, como se fosse realidade.

A narração de Vasco, tão digna de abrir a obra, é dos mais bellos estudos moraes, e ao mesmo passo das mais formosas paginas de prosa, que podem ostentar a lingua e a litteratura portugueza.

O conciliabulo politico entre os fidalgos e o honrado procurador de Celorico, Mem Bugalho Pata-Burro, na tavolagem do Besteiro, pela finura critica dos retratos, pela côr natural dos costumes, e pelo desenlace comico e verosimil, lucta, quanto ao sentimento historico com as pinturas mais esmeradas de Walter Scott, e quanto ao estylo, com o cinzel poetico de Victor Hugo.

D. João I e o seu ministro João das Regras, no episodio que o auctor escolheu para os caracterizar em toda a luz, resuscitam deante de nós, como a chronica os deixa adivinhar, e como o accêso imaginar de um grande engenho os poderia conceber.

O segredo, bem raro, e entre nós talvez unico de Herculano n'estas inspiradas reconstrucções do passado, é a ardua, mas perfeita fusão do ideal nos moldes respeitados das sociedades extinctas.

E' a consciencia do historiador, e a reflexão do philosopho dando a mão, e regrando os devaneios e arrojos da phantasia.

Passando pela sua palheta, os phenomenos naturaes, os accidentes physicos, e os affectos humanos, harmonizam-se e compõem uma perspectiva, ainda que sombria, verdadeira e expressiva do seculo, que traduzem, e das localidades, que representam.

Quando nos descreve as furias do mar, e as tormentas do animo, o fragor das armas, e a tristeza das cidades assoladas, o pincel é tão firme, os objectos resaem da téla com tal viveza, que os olhos cuidam que os vêem, e o espirito hesita entre a fabula e a realidade!

São gandaras e montes como Cooper as sabia figurar, e não florestas e campinas imaginarias, como as de Delille; são castellos e paços torreados, como Walter Scott os desenhava, e não corredores, alçapões e falsos mysteriosos como os de Anna Radcliffe, e por isso os sitios se gravam como nossos conhecidos, nas galas do seu estylo nervoso, nas opulencias do seu engenho descriptivo, e nos thesouros das suas reminiscencias idealizadas.

No *Eurico* (e cital-o-hemos, ainda, de preposito) os successos, as pessoas, e os locaes, são afinados com mestria singular; tudo alli se trava e se corresponde, sem a epopeia baixar nem um só momento da altura a que ascendeu desde os primeiros traços.

O presbytero, imagem heroica dos ultimos godos fieis, ás crenças e ao dever, Hermengarda, a virgem pura sacrificada ao orgulho, Juliano, o renegado duas vezes traidor, porque vendeu o seu Deus e a sua patria, com a honra, e por fim os asperos cavalleiros de Tarik ainda não corrompidos pelas delicias da conquista, são creações que sem lisonja não se acanham, antes se exaltam, comparadas com a lucta de duas raças admiravelmente caracterizada na outra epopeia, tambem em prosa, do novellista escocez, o bello romance do *Ivanhoé!*

No sublime episodio da batalha do Chrysus, como que vemos correr a imaginação potente, e o genio assombroso de Miguel Angelo, illuminando de imagens terriveis e de horrores

visiveis os cantos mais sombrios da Divina Comedia.

São homens, de certo, os que nos descobre a scena antiga do *Eurico:* pagam ás fragilidades mundanas o seu tributo de lagrimas, de paixões e de pezares; mas homens de uma geração, que pertenceu aos tempos heroicos da peninsula, e que largos seculos separam das sociedades modernas.

Vendo-os cair, e com elles a monarchia junto do Guadalete, e ouvindo-os entoar as primeiras acclamações de triumpho nas brenhas de Covadonga, não sei que idéa nos disperta aquella raça de guerreiros; mas os vultos passam deante de nós erectos e severos, como os combatentes de Homero, ou como os heroes das ficções escandinavas.

Na graça attica, na simplicidade elegante, e mesmo na suavidade predominante das fórmas, Garrett teve mais de Raphael e de Corregio, que de Rembrandt e de Rubens; Herculano pelo arrojo do pensamento, pela energia da phrase e pela grandiosa severidade, com que parece entalhar no marmore o estylo e a imagem, approxima-se do auctor de Moysés e do Juizo final.

O meigo raio, que doira como em Athenas a saudade das tradições nos escriptos do poeta das *Folhas Cahidas*, converte-se em torrentes de luz esplendida, ou em trevas sulcadas de sanguineos relampagos, nos quadros heroicos, ou de paixão, que o poeta da *Abobada*, e da *Harpa do Crente,* dispõe e traça dobrando a lingua a todos os seus caprichos imaginarios.

Se o verso do primeiro, muitas vezes lascivo e mundano, escuta mais a melodia, o do segundo, conciso, fundo na idéa, e esculpido de imagens, precipita-se, e retinindo, como ferro, não alcança menos a méta desejada.

Se a prosa de um, desleixada na apparencia, procura o seu enlevo na clareza estudada e na sobriedade casta, attrahindo-nos á maneira das formosuras alpestres, que despresam os enfeites, porque carecem d'elles; a prosa do outro, cinzelada e vehemente, fere a imaginação, e prende-a, sem nos podermos vencer, porque a sua belleza é a das paixões, que a dôr espiritualiza ou que exaltam de enthusiasmo ardente, o sentimento do dever, e o amor do berço natal.

A rasão porque ambos merecem a palma que os honra, é a mesma porque Scott e Byron, Schiller e Goethe, Chateaubriand e Hugo, hão-de sobreviver á plebe dos imitadores, que o seu exemplo arrastou.

Não se morre na posteridade, quando a memoria de um povo e de grandes epochas vive nas paginas de livros, que sobem logo á altura de monumentos. [1]

(Da *Revista Peninsular*, de 1855).

[1] Apezar da indicação de que este artigo continuava, Rebello da Silva nunca o concluiu.

NOTA DOS EDITORES

JOSÉ DA SILVA MENDES LEAL

ESCRIPTORES PORTUGUEZES CONTEMPORANEOS

POETAS LYRICOS DA GERAÇÃO NOVA

Mendes Leal[1]

No mez de agosto de 1838, o theatro normal, homiziado no arruinado barracão da rua dos Condes, coroava de merecidas ovações o *auto de Gil Vicente*, n'este genero a obra mais animada do visconde de Almeida Garrett, depois de *Fr. Luiz de Sousa*. Drama e elegia egual na correcção ao *Chatertton* de Vigny, e digno na paixão do pathetico de Sophocles as musas teceram-lhe a corôa n'um momento de risonha inspiração.

O *auto de Gil Vicente* foi o primeiro passo firme da eschola moderna pela scena portugueza. Como interpretação historica, subia ás origens do theatro nacional no seculo 16.º, abrindo com ellas o quadro da nova epocha.

[1] Este artigo, que appareceu pela primeira vez no *Panorama*, foi posteriormente (1856) reproduzido no 2.º vol. da *Revista Peninsular;* não sabemos, porém, porque motivo, o auctor entendeu dever cortar-lhe trechos; nós preferimos reproduzir a primeira versão por mais completa.

NOTA DOS EDITORES.

Atava as tradições, e honrava a arte, começando a renovação pelo retrato do fundador. Como pintura de paixões e de costumes, principiando em Bernardim Ribeiro, e acabando no Plauto portuguez e no seu Mecenas, el-rei D. Manuel, os personagens, todos no seu logar e no seu caracter, concorriam sem esforço para tornarem exacta a revelação do aspecto elevado de um dos maiores seculos de Portugal.

Hoje na distancia do triumpho não é facil conceber o ardor dos applausos, nem toda a razão d'elles. Os espectadores accordavam do pezadello de informes e desgrenhadas peças, e vinham respirar o ar fresco e temperado que circula nas paizagens da patria. Escutando os echos plangentes em que parece soluçára ainda a voz do cantor das saudades, a poesia meiga e sincera exprimia as penas do amor, deixando o coração. Recolhida na sua tristeza, não occultando o pranto das faces, disse a magua como a sentia, como ella commove, sem falsas contorsões, sem freneticas imprecações. Vendo-a lacrimosa e terna, a alma foi atraz d'ella para a verdade; mais ou menos, a paixão queixosa nos seus labios, tinha sido e podia ser a paixão de todos.

Mas o *auto de Gil Vicente*, na mente do poeta, que estreou com elle a scena, mirava a um alvo mais importante. Na sua idéa o drama devia ser um estimulo e um convite. O triumpho tinha-o regozijado como penhor da restauração do gosto, como fiança da futura carreira aberta. Tinham-lhe as artes cortado tantas palmas, que outra, mesmo a scenica, era inferior ao resultado que procurava. O seu objecto fôra regenerar o theatro, purifical-o das devassidões, e levantando-o com o culto das graças castas, salval-o do desprezo pela estimação de boas obras. Se a decaden-

cia precedeu o esplendor, se a imitação quasi que desvairou logo á nascença, a culpa será de todos menos do auctor de *D. Branca*.

Entretanto os primeiros dias promettiam mais do que o tempo veiu realizar. Da corôa dramatica, cingida essa noite pelo sr. Garrett brotou uma esperança, e d'ella floresceu a vocação do poeta, que mais victorias colheu no palco. Deante da gloria e da commoção dos seus triumphos, Mendes Leal sentiu na mente o impeto que Bocage chamava o estro, e que não é senão o enthusiasmo lyrico da alma, descobrindo subitamente em si o canto e a harmonia.

Perdido no silencio, era somente ainda um mancebo estudioso que frequentava os livros, via pouco o mundo, e, conversando com o seu espirito na solidão, ignorava as fôrças de que nascêra dotado. Os grandes mestres da arte antiga foram os seus primeiros amigos de infancia. No trato pueril, e depois na reflexão da edade mais adeantada, colheu a intimidade, já hoje rara d'elles, do vate moderno com a musa pagã. O esplendor de algumas estrophes, aonde brilha o primor d'esses modelos quasi inimitaveis, é devido a esta convivencia, que não se supre, cuja falta se não remedeia.

Empregado em commissão litteraria na bibliotheca publica, desvalido da fortuna, e declinando visivelmente de saude, o talento serviu-lhe de introductor no mundo. Quanto é, devo-o a si. A sua maior gloria consiste em ser filho das suas obras. Vendo-se passar, alguns dias antes, um mancebo abatido, pallido, e com a fronte pendida, quem ousaria prever a carreira que auspiciosa o esperava? Parecia que no instante em que vivia mais pelo engenho, lhe lançava a morte no rosto as sombras do sepulcro!

Luctando com a apprehensão dos padeci-

mentos, e com a fadiga do trabalho, cujo fructo, applicava á satisfação das obrigações filiaes abrigo quasi unico de uma familia, e esteio futuro d'ella, nas horas de descanço é que avivava sobre a tela as paixões exaltadas da sua primeira peça os *Dous Renegados*. Se foram temerarias as esperanças concebidas ao desenhar esta pagina, o exito excedeu-as. Respondeu-lhe o triumpho! Naturalizando as liberdades da Melpomene, então mais que arrebatada de A. Dumas, e realçando a manifestação dos affectos com as galas e as magnificencias da phrase poetica de V. Hugo, exgotou, como o auctor de Catharina Howard, as situações violentas, cujo interesse é a anciedade; encheu de lagrimas e delirios o amor como o auctor de Ruy Blas. Depois de tantos annos, Mendes Leal ha-de sorrir-se das exaggerações do primeiro ensaio; mas n'aquella noite, entre as palmas, as acclamações e as flores, nem o poeta nem a critica advertiam, que o bello e o sublime estão mais perto da verdade da natureza e do coração; e que as fusões abrazadas, correndo para dentro de defeituosos modêlos, quebrados estes, e frias ellas, ficam estatuas aonde a creação original não accendeu a chamma divina, que faz viver as grandes figuras das idéas e do sentimento. D'alli não póde saír nunca Desdemona nem Othello!

Filho da geração nova, recebido nos braços d'uma ovação á sua entrada nas lettras, o auctor dos Renegados achou-se de repente exposto aos perigos e seducções da popularidade. Chegava em um periodo de revolução; e os seus primeiros triumphos eram-lhe decretados pelos caprichos do publico voluvel dos theatros, que todas as novidades attrahem, e que só a lição constante consegue fazer justo regulador do gosto. Não admira, portanto, que

o poeta, pouco experiente e ainda verde para a analyse e a observação, preferisse as exagerações da forma á simplicidade grandiosa, que é a expressão tragica da paixão; e tomando a emphase e a antithese pela sublimidade natural, arriscasse a lyra ainda balbuciante, e a musa facil em illusões pelos precipicios que n'esse tempo nem os proprios mestres evitaram.

O exemplo e a consciencia da sua fecundidade enlevaram o poeta moço. Entregou-se ao publico, e seguiu-o em vez de o dirigir. Depressa lhe pareceu a scena curta para a actividade que o consumia, e veiu pedir á imprensa horizontes vastos e mais largo campo. Cada dia foi uma lucta differente, uma empreza nova, uma aposta atrevida, parada com precipitação, e ganha ás vezes com mais fortuna que justiça. Na epocha feliz em que as imaginações ardentes entendem que a pompa e o colorido resumem tudo, lançou-se á torrente e quiz atravessal-a em todas as direcções: as forças cedendo enganaram-lhe a vontade em umas occasiões; a onda, passando-lhe por cima, ameaçou-o com o desastre em outras.

O verdadeiro exito consistiu em não se ter perdido; em chegar a tomar a terra, nos jardins menos phantasticos, aonde a voz dos grandes cantores, ou nas melodias imitadas da Grecia e Roma, ou nos suspiros e carmes da inspiração christã, acompanha com as harmonias da natureza e da creação os typos eternos e admiraveis do bello!

Em poucos annos, raros escriptores terão percorrido como elle tão longo espaço, marcando a passagem de bastantes padrões. A facilidade repentista da invenção, e os thesouros inexhauriveis d'uma phantasia quasi prodiga, permittiam-lhe tudo e animavam-n'o a tudo. Do drama á comedia, da ode á satyra,

do romance historico á novella da actualidade, não houve genero que deixasse intacto, não houve corda na harpa que ficasse muda, nem difficuldade que o suspendesse. Combateu com todas ellas; passou pelos dominios de Walter Scott, e ao lado da interpretação physiologica, de Balzac, pizou ao de leve e sem demorar os rosmaninhos e os goivos da meditação catholica de Chateaubriand!

Se o impeto o attrahiu; se os poucos annos lhe faziam promessas temerarias; emfim se a confusão das linguas nas Babeis da arte lhe desvairaram a imaginação, propondo luctas em desproporção com a edade e a indole poetica, não pode desconhecer-se, que, d'essa epocha de ensaios, ainda nos resta mais de um quadro feliz na galeria, demasiado cheia das suas obras. Depois quando a reflexão corrigiu as verduras; quando o poeta, ainda crente, mas já observador, e homem desenganado, voltou ao lar paterno, e, viajante saudoso, veiu assentar-se debaixo das sombras da sua infancia, ao lado da musa dos primeiros amores, levantando os olhos e pousando-os nas feições inquietas da mocidade, havia de gosar certo deleite em correr com o sorriso melancholico muitos paineis do seu arrojo; devia tomal-o tambem certo orgulho achando dignos do seu nome de hoje alguns aonde vive a lyrica expansiva do sentimento virgem. Não lhe accudiu aos labios um suspiro; não sentiu desejos de dizer ao presente os bellos versos de Lebrun:

Prends les ailes de la colombe
Prends, disais-je a mon âme, et fuis dans les deserts ?

Apezar das tentações da politica aos talentos elevados, Mendes Leal, mesmo cedendo algumas vezes, nunca abjurou o culto das let-

tras. Vocação espontanea, de repente suspende as armas da polemica, e solta a estrophe dourada, que sobe extatica e fremente de ternura como a de Sapho, queixosa e meiga como a *Captiva* de Chénier, ou heroica, opulenta e inebriada como a de Victor Hugo. Estes carmes de uma aspiração tão firme e tão nobre, melodias da alma refugiada nas regiões superiores, vingam a musa do pugilato que se arrasta aos seus pés, e obrigam o clamor dos interesses a fazer silencio em volta dos seus altares.

Quem estudar n'esta manifestação da arte o talento do joven poeta acha-lhe a sensibilidade melindrosa, o ardor e a saudade do ideal, que tornavam Bocage o rei da harmonia, e quasi o precursor da eschola moderna. Na pintura dos affectos, nas descripções e no sentido moral, o coração do cantor palpita, a ternura vê-se que não é fingida; a alma inflammavel, prompta na admiração, facil no enthusiasmo, não se esconde. Dorido ás vezes do contacto do mundo, desilludido pelas amarguras do desengano, e não conhecendo só de nome os revezes, Mendes Leal não chegou a ser o lyrico que é, senão, como Elmano, por saber de experiencia os horrores sublimes da tempestade, e as estreitezas e conflictos dos trabalhos da vida.

Se a sua tinta é forte, se o seu desenho é animado e exacto, se as arvores e penedias, as flôres e as aguas, as estrellas e a noite têem viveza e côr; se retratam as paizagens e a vida meridional, é porque não copiou dos livros a natureza morta; é porque, pelos seus quadros, passa o reflexo visivel do intimo abraça do céu com a terra; e reinam o mysterio e a elegia do coração com a existencia. As lagrimas, correndo, ensinaram-lhe a compadecer nos outros as proprias maguas!

Por isso o echo da sua voz é tão sentido, e a lyra tanto acerta com as notas sensiveis, que só diz a alma lacrimosa, e o amor mais terno. Só assim, radioso da gloria do passado, ou melancholico pela catastrophe presente, pode levantar o enthusiasmo da patria esses hymnos que não morrem. Como os córos de Eschylo formam exequias dignas dos deuses aos infortunios humanos.

Leiam a Indiana a *Vasco da Gama*, e digam se o vulto heroico desceu no cantico. Veja-se a Nenia de Carlos Alberto, o *Ave Cesar!* e n'aquelle gemido quasi epico, lembrando os funeraes de Achilles no epodo grego, cada traço resume um dos martyrios e desastres da grande lucta da Italia.

Na contemplação religiosa, na meditação christã, que profundo sentimento se aspira para Deus; que fragrancia perfuma a phrase elevada como o assumpto! Que harmonia no verso, que sobria grandeza na imagem, que vôo alto e rasgado na idéa moral! Como é largamente interpretada a vida espiritual perante o mysterio da Redempção, como a magestade da religião reflecte a face consoladora, e a um raio de luz divina a poesia se levanta da terra apontando com a mão da esperança o celeste refugio das miserias do mundo!

No cantico de amor, no devaneio elegiaco, a phrase soluça, o pranto escalda, a desordem dos sentidos fala; e o véu transparente da forma não faz senão tornar mais bella a dôr, não a offendendo com falsos artificios. Se estas qualidades, que mais ou menos nas ultimas obras caracterizam a inspiração do poeta, e que o seu gosto e observação todos os dias hão de aperfeiçoar, pudessem ter sido os dotes da sua musa desde o principio; se a precipitação ás vezes o não impedisse de corrigir o primeiro cunho, que monumentos houvera

erguido, o que esplendida epocha abriria na poesia nacional!

O que lhe falta em diversas paginas não é o esplendor, não é o sentido; mas a unidade, a egualdade, e a reflexão critica que tornam immortaes as odes de Horacio, e o hexametro de Virgilio. E' o tempo, o amor da correcção e o respeito da arte, em que os antigos sobresaem pela castidade da forma, e por aquella belleza e graça dos seus quadros, na maior parte sublimes e originaes á força de esmerada elegancia.

A faculdade que melhor caracteriza Mendes Leal é a creação lyrica. Antes de tudo fel-o Deus poeta! A sua lingua é o verso. Quando acceita a prosa para meio de vulgarização, a sua phantasia acha-se como constrangida; a viveza esmorece um pouco, e por vezes a periphrase afrouxa o nervo do periodo. A pureza e o calor de algumas paginas não salvam outras de certo frio e contracção, que lhe assombram o estylo. O toque fino, o traço arrojado, a metaphora grandiosa, que dão o colorido epico a tanto dos seus canticos, não sustentam as qualidades correspondentes na construcção prosaica.

De certo o poeta é um dos escriptores mais correctos na lingua, a palavra obedece-lhe; diz quasi sempre imaginosamente o que deseja exprimir; porém a vista rasgada, que a sua musa levanta sobre horisontes cheios de magnificencia, tirada da altura poetica, e posta no plano inferior da terra perde muito da perspectiva magica.

No verso é o contrario. A arte sente-se, e não se vê. A harmonia é espontanea. Nunca apparece o esforço nem o martello do metrificador. Os rythmos mais difficeis desatam-se cadentes, diaphanos, que se revê a idéa n'elles, flexiveis á pintura da paixão, que não deixam

um suspiro sem voz, uma sombra, a mais leve, sem côr. Senhor do instrumento lyrico, não precisa forçal-o para o fazer suave e brando como a saudade do amor ingenuo, elevado e heroico como a figura homerica dos vultos dos seus hymnos.

A melodia não faz a inspiração escrava, esta é que a domina. No systema poetico de Mendes Leal as estancias e estrophes em que a idéa parece cinzelada; a opulencia do estylo em que circula a luz e o brilho do colorido oriental, e a phrase, de um lavor puro, onde fulgem, como diamantes, as imagens engastadas, são vestes ricas e pomposas sim, mas apenas involucros e accessorios do pensamento. Acima da variedade e cadencia dos metros e da perfeição da rima, superior aos artificios do verso e á harmonia dos sons, é raro deixar de se encontrar logo o sentido historico ou a formula philosophica, laço visivel entre o ideal e a realidade! A superioridade das suas manifestações poeticas é esta união intima da idéa com a fórma; esta logica (permitta-se o termo) da imaginação e do sentimento; esta relação da imagem com o canto, e da phrase com a imagem. Repetimos, se mais de um descuido é facil notar ainda nas ultimas composições deve accrescentar-se que o progresso tem sido constante, e á vista d'elle ninguem saberá prever aonde pode aspirar esta vocação, que na edade em que muitos nem começam, hombrêa já com os mestres da harmonia.

E sem pensamento o que diz ou o que significa a poesia?

As notas que deixam fugir as cordas da lyra, os rythmos em que o cantico se expande, as azas resplandecentes de matiz e de luz da invenção, cujo vôo sobe tão alto, e roubando um raio ao sol o vem pousar na harpa, se a

expressão poetica tomar o meio vocal por termo, e fôr muda quanto ao fim transcendente, serão mais do que sons e côres, do que formas e metros vazios?

A interpretação da existencia, a eterna e anciosa aspiração da alma, e a observação profunda e analytica da natureza e das paixões constituem a gloria dos grandes modelos desde Virgilio, no livro IV da *Eneida*, até Shakespeare e Milton, desde o Dante e Tasso até Camões e Goethe! Da epopeia pagã ao drama philosophico e ao poema christão, da epopéa theocratica, e da epopéa de sentimento e de nacionalidade, até á formula geral e pantheista do *Fausto!*

Sem o affecto e o enthusiasmo, sem o pensamento e a contemplação, o verso é uma voz que lisonjeia vagamente o ouvido, adormecendo-o á força de melodias, enlevando-o pela doçura, sem dizer nada ao espirito, sem levantar uma só prega ao véu do destino humano. Pintar a paizagem e não sentir n'ella o sôpro de Deus; importunar a magua em metros cadentes, e não lhe perceber nem os delirios nem o silencio; buscar nas joias do turbante mouro, no chaveco do pirata africano, na estrella pallida, na onda inquieta, na flor ou no regato o thema de variações perdidas, o pretexto de rimas pomposas, é confundir a espiritualidade com a mechanica da palavra, preferindo a copia do morto á expressão da alma.

A arte imita de certo; mas imita creando; o seu objecto não é trasladar servilmente, é interpretar a vida pela analyse do coração; a natureza pelas maravilhas do universo, e pela sublimidade do Creador.

A deprecação de Priamo implorando ás iras de Achilles o cadaver de Heitor; os queixumes tão serenos á superficie, e tão agitados no fundo, da filha de Agamemnon, dizendo

saudades á vida, despidos da forma harmoniosa commovem e arrebatam mesmo no pallido reflexo de uma lingua moderna. Homero e Euripedes são os grandes cantores que sabemos, porque a sua voz poderosa sem o auxilio do verso enterneceu, subjugou e fez sempre inclinar os seculos. Sapho, a amorosa poetisa de Lesbos, se tanto attrahe é porque a sua dor não está nos sons de uma lyra afinada, mas na expressão ardente da ternura, na desordem natural dos sentidos, na agonia verdadeira do coração cortado, cujo sangue vemos correr quasi, cujas lagrimas depois de dois mil annos ainda renascem, molhando os nossos olhos.

O defeito da poesia recente, da nossa sobre tudo, tem sido o culto exclusivo da harmonia, a escravidão da idéa á fórma. O gosto é fructo da experiencia e da polidez do espirito; a correcção dá-a o estudo; o estylo vem da imaginação e do gosto; mas reunam-se todos em um quadro, e negue-se ás figuras a alma, de que resulta o gesto e a expressão; o sôpro que na creação faz eloquente o silencio nas solidões, e magestosa á noite a voz dos mares; deixe-se pender a flôr sem os beijos do sol e os murmurios da aragem; cale-se nas ramas inertes o gorgeio das aves; apague-se a luz de repente, ou cortem-se-lhe as sombras; roube-se emfim á serenidade nocturna o branco sudario da lua; e o espectaculo da natureza muda, a repetição de uma só côr embora formosa, a pausa lugubre das harmonias do céu e da terra farão triste e inerte a propria belleza, provando que aonde falta a vida, não ha sublimidade nem poesia, mas só o horror do sepulcro. O agrado convencional e monótono depressa cansa, como se a vista estivesse condemnada a não fitar senão um cadaver, mesmo que fosse o corpo gentil de

Aspasia, ou a belleza incomparavel da Venus cypria, mortos nos labios os travessos amores do sorriso.

Mendes Leal estima a fórma, procura-a, mas não se deixa absorver por ella. O seu verso diz sempre alguma cousa ao espirito e ao coração. Ha nas poesias d'elle canticos, que o sentimento catholico de Lamartine não julgaria abaixo de alguma das elegias de *Jocelyn*. Tem estrophes, cujo impeto e pompa, cuja clamyde bordada de imagens fulgentes, tecida com o fio d'ouro e purpura do estylo arabe, Victor Hugo julgaria dignas do phantastico bando das aladas irmãs, chamadas *Orientaes*.

Se houvesse applicado tão ricas faculdades ao lavor mais longo de um poema filho das grandes scenas do passado, ou do rasgo sublime de uma figura heroica, ás guerras da Asia ou da Africa por exemplo, tão queridas do enthusiasmo epico, o monumento não daria melhor a altura do poeta, do que a pagina fugitiva ainda que esmerada, em que lançou o canto solto de algumas d'ellas?

Se perguntarmos d'onde procede a musa risonha, enlevada e ligeira umas vezes, pensativa, magoada e religiosa outras de Mendes Leal; se indagarmos a filiação do verso elegante e ornado; do metro harmonioso e viril; d'essa veia, que ora é funda como a paixão, ora vae tanto á superficie da vida, como a briza arraza ligeira o calice das flôres, não seria facil marcar de leve as fontes d'onde deriva o seu talento, nem indicar de perto os modelos, em que formou o gosto e castigou o estylo.

Ouvindo-o suspirar no alaúde christão diriam que descende dos melancholicos trovadores, cuja endeixa respira com graciosa soltura isenta dos artificios da forma. Ouvindo-o celebrar as armas e as conquistas ou infor-

tunios dos povos, e a licção dos reis, julgar-se-hia que roubou parte do segredo á perfeição classica, e que o seu canto é ainda um echo dos antigos lyricos. No seu verso, terno como os enlevos d'alma quando os descreve; altivo e potente como a phrase aberta em bronze dos prophetas quando a suscita; ha tons, ha luz e sombra; acha-se a força unida á graça e á invenção. Para durar o que duram as obras dos mestres falta-lhe só unidade de desenho, proporções mais amplas no quadro, e aquella tita forte, que se não come com o tempo, antes se faz bella com a edade.

Nas suas mãos, o instrumento tem dado todas as notas desde o cantico a Deus até ao suspiro mais timido do amor. A idéa anima e córa a estrophe, ou se eleve a Christo nas azas da fé, ou suba fulgurante, como os raios do sol, á gloria dos Albuquerques e dos Gamas. Porque não tira o poeta de tantos elementos uma creação completa?

Insistimos n'este ponto, porque nos fere desagradavelmente a indifferença com que tem sido tractada a musa até aqui: e a repugnancia com que deixam de lhe offerecer assumpto digno d'ella. Esta negligencia não é só de *Mendes Leal*. O desejo da publicidade e a sêde do applauso, arrastam a revelações imprudentes alguns versejadores que não deviam forçar a inspiração; mas preparar-se para a receber castamente, quando ella os visita.

Se o poeta que analysâmos chegou á edade dos pensamentos fundos e das obras ferteis, sem murchar a sua corôa, deve-o á inexgotavel riqueza das faculdades. Prodigalizou-se como os outros; esparziu os carmes por todos os caminhos; obrigou-os a seguil-o e a gemerem muita vez da violencia com que os humilhava, da precipitação com que os expunha á cu-

riosidade, menos compostos, do que permittia o pudor da arte. Se a muitos fez bellos o proprio pejo; se assim mesmo, na forma núa e quasi primitiva da creação espontanea, ha que admirar n'elles, o que seria se a imaginação os affagasse mais nas azas carinhosas, e os não deixasse fugir de si senão formados e robustos para as provas da critica e do gosto?

Hoje Mendes Leal já se não entrega com a mesma facilidade ás seducções da veia repentista. Sente-se no periodo sizudo da creação poetica; e nas bellas e correctas paginas, em que n'estes ultimos tempos tem experimentado as forças já respira o amor do seu nome, e o respeito do futuro. Homem de idéa e de intelligencia deve principiar a vêr além do presente, e a trabalhar para a posteridade. Possue os dotes precisos para subir; deve prezar a gloria porque tem direito a merecel-a.

O que desvia da inspiração original e prende dentro do circulo imitativo os talentos nascidos para maior destino, não é tanto o temor dos assumptos, como o horror da fadiga. Lançam os olhos para o espaço que hão de percorrer, assusta-os o lavor que a obra pede, e empallidecem. Compôr uma ode é mais breve do que urdir e levantar um poema. Imitar a idéa e a fórma de uma poesia estranha custa menos do que vestir de imagens, e illuminar de côres uma invenção propria, cujo sentimento seja o sentimento historico, cuja expressão deva tudo ao coração e ao pincel do cantor. A preguiça de pensar, é a grande inimiga das lettras portuguezas, e a culpada da invasão estrangeira que as escraviza. Mendes Leal, nos seus cantos mais puros, embora seja ainda estreito o quadro, libertou se já um pouco d'este captiveiro. Resta vêr se tomará animo, pizando uma senda nova, em regiões aonde tudo está por explorar.

O visconde de Almeida Garrett, no eclectismo gracioso da sua musa, apresenta exemplos aproveitaveis. O *Camões* veiu depois de *D. Branca*; o *Auto de Gil Vicente* foi escripto antes de *Fr. Luiz de Sousa!* A corôa que lhe enfeita a harpa romantica não cede em primor á que adorna a fronte quasi classica de muitos cantos pagãos das suas lyricas. O grande vulto do sublime e inspirado cantor da Iliada portugueza não o faz recuar; mediu-se com a grandeza d'aquelle nome, immenso como a epocha, e ganhou a gloria de não succumbir, ficando egual ao arrojo. Porque não o imitam n'isto? Porque não vão tambem ás tradições colher das flôres e saudades que se conservam viçosas, para tirarem um livro nacional da fragrante e simples essencia d'ellas?

Tem sido fado da litteratura peninsular este erro de imitar os desenhos e pensamentos de fóra.

Se applicarmos a analyse ao systema poetico de Mendes Leal, acharemos no verso, nos metros e na phrase, mais de uma recordação feliz da boa eschola portugueza. Lendo-o, sente-se algum sabor da arte classica, e ao mesmo passo o fino e agradavel picante dos cantores a quem os homens da prosodia alatinada, e do compasso horaciano, chamavam barbaros.

No seio da verdadeira originalidade de phrase que ha em muitos trechos do poeta, e acompanhando-o das transições juvenis á expressão actual, é possivel caracterizar os elementos da apropriação successiva, e descobrir o laborioso tecido do estylo, a reflexão proveitosa dos bons modelos.

A sua harmonia e o seu impeto lembram o fogoso Bocage, a firmeza do contorno e o cunho da idéa, recordam Filinto, mas com a

melodia, que pouco o favoreceu. Na vaga tristeza de algumas estancias, na singeleza de alguns toques presentem-se uns longes de Bernardim Ribeiro; no relevo da pintura descriptiva, e na perspectiva mimosa de certos paineis passa como um sôpro das eclogas do Quita, do tom engraçado e puro de Rodrigues Lobo. Todos os escriptores offerecem estas affinidades de parentesco intellectual, estas camadas, mais ou menos espessas, com que fecham a tinta da forma propria. Só o ignora, quem julga que os livros se fundem de um jacto, e os periodos caem da penna como a publicação os mostra.

Mendes Leal portanto, no gráu a que chegou e com a docilidade a que trouxe o metro e a rima, está no caso de ser um poeta de creação, um continuador das tradições interrompidas no seculo 16.º pela renascença romana. Um leve esboço da physionomia das differentes epochas, e a rapida apreciação dos escriptores que as illustram, justificará a asserção que repetimos, censurando a indole imitativa, o ardor da versão e da paraphrase, que tanto entorpeceu desde o principio em Portugal o desenvolvimento e o esplendor das artes.

A poesia nacional, ainda mimosa ao saír do ninho rustico das primeiras canções, encontrou logo as copias frias e quasi pedantes da renascença classica. Da suavidade singela, em um outro logar já tocada da sombra imitativa, com que se queixa amorosa e simples nos romances de Bernardim Ribeiro, até ao sol de *Camões* teria chegado até nós sem as affectações e enfeites estranhos, que lhe desmancham a belleza. Desde os cantos attribuidos a Gonçalo Hermigues até aos Echos, infelizmente perdidos, do vate das *Saudades* (Bernardim) os cancioneiros, entre muita lamentação insulsa e descorada, deixam entrever, pelo raggo

espontaneo, muitas galas lyricas que a disciplina dos greco-romanos suffocou quasi no berço.

Sá de Miranda e Antonio Ferreira, que vieram logo depois de Gil Vicente, sectarios do gosto italiano, e do traslado latino, foram em Portugal os proconsules da epistola aos Pisões e os verificadores do sublime pela pauta de Longino. Não pode negar-se-lhes o muito que aperfeiçoaram na lingua poetica e na correcção da forma: deveria mesmo agradecer-se-lhes a introducção sapiente dos modelos toscanos e latinos; mas ha a censurar n'elles a intolerancia da eschola. O seu influxo arrancou á musa aquelle véu candido, mais negligente embóra, com que nem escondia o rosto. Toucando-a dos enfeites venusinos deram-lhe ares de estrangeira, modos e seriedade de contrafeita; metteram-n'a em salas alheias, com requebros falsos; e separada do povo e da paizagem, em que nascêra, depressa lhe murchou o viço, o encanto e a innocencia quasi travessa de virgem moça, esquecida dos primeiros e sinceros suspiros com que disse amor e natureza! De toda a obra de Sá de Miranda sobreviveram as suas *Quintilhas*, que elle prezava menos talvez que nós; do verso de arte, e da inspiração quasi rebelde de Antonio Ferreira, em quanto a lingua existir, restam-nos os admiraveis córos da sua *Castro*, cujo perfume e sensibilidade parecem milagrosos na penna de tal poeta.

D'ahi até Camões, e do cantor do Gama até aos labyrintos intrincados do gongorismo refinado, as boas obras, que temos, mais ou menos, são reflexos do estudo das letras romanas, das escholas italianas, e da hespanhola pervertida. Os episodios adoraveis, cuja saudade natal, cuja grandiosa paixão, é o primor da unica epopeia portugueza, *os Lusiadas*,

luctam assim mesmo com a sombra de Homero e de Virgilio. O maravilhoso pagão trava-se com o maravilhoso do christianismo; e é pouco todo o genio de Camões para resistir ao perigo das imitações, que em tantas oitavas applaudidas teriam desvairado outro. As suas canções, as elegias, sobre tudo a XI, alguns dos sonetos, e as inimitaveis redondilhas, em que parece rever-se a graça de Catullo, e voarem os suspiros de Petrarcha, diriam o nome a outro poeta, que não tivesse como elle gravado o seu na face d'um monumento.

O que seriam os *Lusiadas*, se o Camões puzesse menos os olhos na *Iliada* e na *Eneida?* Que formas e que traços acharia, com mais liberdade de estylo e de invenção, um pintor, que foi tão fino e desgraçado amante, tão heroico e enthusiasmado poeta da gloria nacional? Se a invasão classica o tivesse deixado escutar, só as palpitações do coração do povo, e tirar todas as côres e tons da palheta delicada das tradições, que ninguem melhor sabia admirar e restituir, que altura nova, que enredo raro, que sentimento profundo e christão, no seu livro immortal? O que seria o theatro, se, depois de Gil Vicente, de Antonio Prestes, e de Simião Machado, viesse um talento observador, um poeta de paixão e de analyse, e fosse o Calderon e o Shakespeare da nossa scena, o homem da idéa, da tradição e da verdade, em vez dos plagiarios e prosaicos ensaios de Sá de Miranda e de Antonio Ferreira, cuja Thalia regelada não tem um sorriso, um movimento, uma posição, que não seja copiada ao espelho de Plauto e Terencio? Que rica e florejante seára perdida no primeiro viço! Que céu baixo e crasso abatendo sobre os horisontes, que eram d'antes tão altos e rasgados!

Veiu a poesia bucolica invadir tudo. As descripções falsas, as finezas dos Corydons e Menalcas, pastores de meia de seda e çurrão de velludo, os rebanhos monotonos, as avenas nada silvestres, fizeram da rica e viçosa natureza de Portugal uma cousa morta, um thema de inextricaveis requebros entre as Galatheias da côrte e os presumidos Melibeus da sua insulsa paixão. Ao som vazio e martellado das eclogas adormeceu a veia pura, a corrente pouco funda, mas tão enlevada ás vezes, da poesia original. Raramente, por uma aberta nos arvoredos d'estas paizagens tiradas de Virgilio e dos versos toscanos, se rasga alguma nesga do nosso puro céu recamado de estrellas. A fresca e amorosa viração, tão agradavel de respirar, cujo picante tanto levanta o perfume ás verduras naturaes, nunca endoudeceu nem brincou por aquellas ramas agitando-as!

A periphrase, o tom precioso, e o odio do desenho e da côr exacta desterraram para os verdadeiros montes a musa ingenua, chamando em vez d'ella uma rhetorica artificiosa, que imitou em seda e arminhos o córte simples dos trajos pastoris! Tirando bellos trechos de prosa, e lindos versos de romance, na *Primavera* e no *Pastor Peregrino* de Rodrigues Lobo, exceptuada uma ou outra pagina de Fernão Alvares do Oriente, quando é pintor e não copista, o resto quasi tudo é um pezadello incommodo de *silvas*, *madrigaes*, e desafios metricos, prodigos de conceitos e ôccos de sentimento. Nenhuma observação dos sitios descriptos; nenhuma analogia dos costumes e da linguagem com a vida e o caracter dos interlocutores! Parece impossivel como taes bucolicas, generalizando-se, distrahiram engenhos, aliás distinctos em diversos ramos do saber.

Pomos de parte as numerosas epopéas sem

originalidade, ás quaes nunca foi dado seguir de longe mesmo o rasto luminoso de Camões; e com prazer saímos das epochas decadentes para o periodo em que a poesia começa a remir-se dos *labyrintos* e *acrosticos*, e soltando um vôo alto, passa por cima dos enxames de versos, pousados á superficie dos bréjos da *Phenix Renascida*, curioso epitome dos delirios da seita gongorista. E' o periodo da Arcadia do *Quita* e do *Garção*. Esses sim, embora não subissem com a vista além dos horisontes da imitação, eram capazes de entender e exprimir o bello, de procurar a verdade e de a sentir, purificando a forma. O Garção incorreu nas iras do marquez de Pombal, talvez por alguma allusão satyrica; a vingança do ministro entristeceu em ferros os ultimos annos da sua vida, e primeiro veiu a morte acabar-lhe o tormento, do que a liberdade. Em tudo o que escreveu sobresae a delicadeza e o gosto da musa mais casta. A famosa *Cantata de Dido* não sei que se lhe possa notar senão um verso unico mais negligente; todos os outros são de uma perfeição que desafia a critica. Essencialmente horaciano, as suas odes luctam alguma vez sem desmaiar com as do modelo latino. Ha n'ellas pureza e correcção que parecem milagrosas.

Antonio Diniz (Elpino Nonacriense), cuja inspiração se eleva mais arrojada, cujos impetos são mais pindaricos no geral, fica-lhe inferior, repete-se, entumece, e perde a elegancia sobria que é o primor do Garção. As *Anacreonticas* e o *Hyssope* são os seus titulos solidos de gloria. Quita era um pobre cabelleireiro, que nasceu poeta e no genero bucolico foi o pintor mais natural, mais parente de Gesner que hão de citar as nossas letras. Pagaram-lhe com desprezo e miseria; deixaram-n'o consumir na indigencia; mas o

seu nome viveu, e empallidecem hoje deante d'elle muitos aos quaes a inveja ou a ignorancia assopraram brilho falso, concedendo-lhes o louvor que lhe negavam a elle.

Se as ultimas sombras da affectação gongorica ainda mancham algumas oitavas do poema de Fr. José Durão o *Caramurú*, ha quasi sublimidades em outras que o resgatam. A scena offerecia quadros excellentes a quem a pintasse com as côres do paiz. O auctor, nas que não desprezou, é feliz. O episodio de *Moema* seria irreprehensivel, se o pincel não fugisse ao de leve com as tintas fortes, e fosse menos timido em interpretar a vida e a natureza. As lyras de Gonzaga (árcade cujo pseudonymo pastoril era Dircêo) peccam no mesmo defeito na sua *Marilia*, apezar da graça e da rara forma de algumas. *Paulo* e *Virginia* estão revelando o que seria a *Marilia*, se o poeta a sentasse ao pé das bananeiras entre a esplendida vegetação dos tropicos. O *Uruguay* de José Bazilio da Gama, depois dos *Lusiadas* e da epopéa de Quevedo, *Affonso Africano*, é o melhor poema portuguez de tantos publicados. As descripções respiram verdade e animação; vê-se o paiz e todas as magnificencias da sua vegetação; a pintura muitas vezes tem o calor do céu e das verduras que retrata. O verso sente, e sabe dizer a paixão. Só lhe faltou mais extensão no quadro, e mais cuidado na lima, para ser um modelo.

Quando chegou Bocage, a eschola da Arcadia declinava depois de consummada a sua revolução. Aos mestres succediam os copistas, e, incapazes de crear, lançavam-se na importação fraudulenta de palavras e construcções francezas odiosas á lingua. Não contentes de tirarem tudo de fóra, ainda pervertiam os traslados servis com as impurezas de uma incorrecção mais que devassa. Francisco Ma-

nuel do Nascimento (Filinto Elysio), nutrido no estudo e na admiração da antiguidade, feliz imitador de Pindaro e Horacio, do exilio aonde escapava aos rigores da Inquisição, continuou a disciplina do Garção, e com as famosas versões dos *Martyres* e de *Oberon* abriu as portas á renovação romantica. A sua lucta com os piratas que polluiram a prosa e o verso; as odes á Virtude, a Affonso de Albuquerque, aos Novos Gamas, em que a poesia é elegante, sublime, e cheia de enthusiasmo; o Hymno á Noite, algumas das epistolas, e tantas obras primas são thesouros de linguagem, de estylo e de imaginação, que de direito o collocam no eminente logar que ha de occupar sempre.

Bocage, vivendo trinta annos depois, talvez fosse o Byron portuguez. Desgraçado e enthusiasta, visitou o theatro das proezas nacionaes, e, como Camões, viu o rosto ao fero Adamastor nas iras da tormenta. Irascivel e ardentissimo de temperamento, a hyperbole ainda era esmorecida alguma vez para o fogoso repentista. A excessiva sensibilidade tornava-o desconfiado, ingrato e quasi misanthropo. Filho do povo, inquieto, negligente, dos dias de delirio passando aos dias de escacez, e em muitas occasiões prostituindo a musa por outeiros e cafés, em outras vingando-a em raptos quasi epicos, tinha as qualidades e os defeitos, que fazem a gloria e o infortunio dos poetas. Bocage imitou e traduziu admiravelmente, mas creou pouco. A invenção não o soccorria como a harmonia, a ponto de não soltar um verso duro, frouxo, ou mal soante. Deixada a si mesma, era terna e sensivel a sua alma; a graça e o pathetico da bella *Cantata* de *Leandro e Hero* não se excedem. Nas versões de Ovidio, em que o eguala, e nas primorosas de Castell e Delille, em que os vence, derramou

riquezas poeticas, que em quadro seu (se o tentasse) lhe promettiam maiores triumphos. A inspiração espontanea, o ardor da phantasia, e o sentimento verdadeiro que lhe ennobrecem algumas paginas, mostram que era talhado para ser maior vulto do que foi. Mais proximo, respirando as tendencias da nossa epocha, quem sabe o que poderia cantar esta voz poderosa; aonde subiria um engenho formado de tempestades e de harmonia, ora delirio e fogo, ora ternura e prantos? O seu fado condemnou-o a reinar sobre imitadores como primeiro imitador, e adivinhando quasi a arte moderna destinou-o a morrer sem deixar senão brilhantes copias, e soltos canticos, sombras apenas do monumento que devêra erguer!

A' roda de Bocage, e depois d'elle, tudo tende ao occaso, menos a satyra de sociedade na quintilha de Nicolau Tolentino, cujo buril familiar grava o ridiculo pela felicidade do epitheto, cuja inspiração travessa ri sem odio, e com malicia, de todos, e de si proprio. N'este genero, mesmo sepultado o mestre, decaíu o gosto alimentado só pelos gracejos de José Daniel, e pelas torpezas diffamatorias do padre Macedo. As rimas de João Xavier de Mattos offerecem rasgos felizes, mas são deseguaes. Antonio Lobo de Carvalho, quando se levanta do cynismo habitual, e não imita a sordidez de Baffo, é critico engenhoso, e faz lamentar o talento polluido em levianas devassidões.

Nos versos do padre Macedo (José Agostinho), sobre tudo nos poemas descriptivos, acham-se lances de grande merecimento; admiram-se as idéas e o estylo muitas vezes; porém favorecia-o pouco a musa; e a inveja e o orgulho, mettendo-o em emprezas atrevidas, acabaram de o desvairar, a ponto de não temer a lucta formal com o genio de Camões! A

sua prosa, em geral correcta, e por occasiões elegante, aspira a uma erudição mais apparatosa do que real. Critico roaz e ciumento, denegriu muito, e ensinou pouco. Vão passando, e ignorando-se as suas obras; e a posteridade, que tanto pedia e proclamava, todos os dias foge d'elle. Entretanto das suas obras algumas merecem viver, e hão de sobrenadar do esquecimento.

Tal era o estado decadente da poesia, e n'este crepusculo se apagava, quando principiou a revolução litteraria, e á testa d'ella o visconde de Almeida Garrett, enthusiasta nos primeiros passos da eschola do Garção e de Filinto, mostrando-se um pouco severo com a harmonia bocagiana, e o gosto pastoril de Gesner. *D. Branca*, publicada em 1826, deu o rebate entre nós do movimento geral; e a debil resistencia tentada pelos ultimos conservadores do Parnaso orthodoxo succumbiu depressa, tornando mais estrondoso o triumpho.

Não é n'este artigo, que nos cabe apreciar com detido exame os dois chefes da eschola nacional em Portugal, Garrett e Herculano. Pertence ao primeiro a gloria da iniciativa poetica; ao segundo a prioridade na introducção do romance e da philosophia historica. Outro poeta distincto e melodioso, o sr. Castilho, representa a transição elegante e primorosa da arte classica para a musa christã.

O auctor de *D. Branca*, vulgarizador popular, com o exemplo, percorreu os dominios da poesia, e assentou os padrões da forma moderna. O auctor de *Eurico* e do *Monge de Cister*, interpretando a vida social com a paciencia e a critica do erudito e a phantasia do poeta, restituiu na manifestação ideal da scena-romance a physionomia das epochas, e ao mesmo passo no livro da sciencia ergueu o sudario ao passado, fazendo palpitar o coração dos

reis e das gerações da meia edade. As qualidades de um completam-se portanto pelas do outro. Na *Perda de Arzilla*, por exemplo, ou na *Harpa do Crente*, Herculano funde a imagem no verso incisivo; illumina a estrophe de uma luz ardente, e quasi sempre a fecha pela formula, cujo sentido abraça o mysterio da existencia em qualquer dos estados da alma, ou a synthese social em um dado aspecto historico.

Hymno guerreiro ou meditação religiosa que entôe, o verso retine, a phrase é austera, e a aspiração elevada. A rima opulenta, os variados metros, e a harmonia viril e quasi aspera, são vestes apenas do pensamento; cobrem-n'o, mas não o prendem. Filho da musa idealista do norte, pela profundidade da analyse, Herculano descende mais de Schiller e Byron, de Burger e Shakespeare, do que dos poetas mais risonhos quasi sempre do meio-dia. N'elle a tendencia philosophica predomina. No seio de cada forma que molda, está sempre a idéa; e cunhando-a o verso em imagens biblicas cheias de magestade, e a prosa fundindo-a em phrase epica, como no *Eurico*, accusam na contextura nervosa a mão do gigante!

Escriptor eminentemente nacional, e critico felicissimo em descobrir o verdadeiro sentido das saudades e tradições do povo, Garrett é grande pintor pela attica simplicidade dos quadros, e pela transparencia da côr. Demarcando os limites da independencia litteraria, evitando, com egual certeza, a licença e a servidão, admira o passado, crê no futuro, e não exclue nem toma, como absoluta, para exprimir o bello, nenhuma das formas da arte, quer proceda do gosto classico, quer venha da infancia romantica. Depois de triumphar com a revolução, dá o exemplo da sobriedade na

opulencia, mantendo pura a restauração da poesia e do theatro. Nas suas *lyricas* achamse em agradavel convivencia todas as escholas desde a imitação classica até á canção erotica e á satyra politica.

As ficções risonhas da Grecia amavel, a crença linda de Venus rainha dos amores, abjurada em *D. Branca* pelo vate catholico com certa ostentação, acharam-n'o depois menos austero, do que elle disse, e receberam mais de uma offerenda nas suas aras. A Sésta, aonde se revêem as graças núas e melindrosas de Catullo, nada tem que invejar a uma pintura da antiguidade. E' preciso lel-a para vêr aonde chega o sorriso d'esta imaginação flexivel, e a finura de um estylo tão habil em dizer tudo sem offender a castidade. Na cantiga popular, quem, senão o collector do *Cancioneiro Portuguez*, o inspirado traductor do Bernal Francez e da Silvaninha (Adozinda) soube o segredo de a repassar de sentimento, requebrando-a em uma formosura meiga; e com os enfeites e galas mais singelas, fazendo-a vistosa e galante, que ás vezes leva o passo adeante das sublimes!

As *Pegas de Cintra* offerecem um dos modelos do genero. E' forma só, bem sei; mas que delicadeza, que sabor fino em contar, que infinita arte na propria simplicidade! O auctor da admiravel elegia de Camões, e da novella poetica de *D. Branca*, n'estas creações fugitivas tem o direito de ser cultor da forma. De mais, quem fez nunca sem ella obra digna de viver na estimação dos seculos?

D'este resumo de certo longo, mas não inutil, como vista geral das transições porque chegámos á renascença da poesia nacional, resulta que se imitou e trasladou quasi tudo, havendo engenhos capazes de crear, se entrassem em nova e rasgada estrada.

Mendes Leal achou a revolução feita, e os dois chefes ainda encostados ás armas que lhes tinham dado a victoria. Estava-se no calor do enthusiasmo, os idolos proscriptos arrastavam comsigo na queda os melhores paineis dos seus templos; e a plebe dos imitadores em odio a Apollo ameaçava queimar os primores da lingua e da poesia, quasi não perdoando a Filinto nem a Bocage! Nos modelos romanos era crime falar! Estavam no indice. A ignorancia e o horror do estudo, compondo o seu codigo penal, parodia das ordenações classicas, não se esqueceram de os condemnar. A muito custo traduziam-se nas aulas entre as fustigações da ferula; mas curso de latinidade, amor e comprehensão das suas bellezas era difficultoso achar. Se alguem a conhecia, calava-se. Os aguazís da originalidade copiada de Paris eram vigilantes, e não parecia facil escapar-lhes com um volume de Horacio ou de Tibullo escondido no bolso.

Mendes Leal, mesmo lançando-se nos braços da revolução, conservou a familiaridade antiga com os amigos da adolescencia. Deixando clamar os arruadores, continuou a tractal-os com respeito, como velhos e sabios conselheiros. Sómente não via em Horacio o inexoravel pedagogo inventado pelos bonzos classicos. Parecia-lhe quasi calumnia converter em legislação a epistola aos Pisões, escripta de um amigo para outros, picante de sabor grego a cada linha, e discorrendo com a elegancia negligente que está provando que o critico conversava agradavelmente sem lhe passar pela idéa, que um dia fariam da sua carta a prizão perpetua dos poetas. A leitura dos escriptores naturaes, cujas obras hão de viver em quanto viver a lingua, não a desprezou tambem Mendes Leal, apezar das zombarias e momices dos arrematantes de versões

a vapor. Rindo-se d'elles, e da sua mascavada prosodia, consultou sempre, como d'antes, as grandes e nobres paginas de Fr. Luiz de Sousa, do padre Vieira, de Rodrigues Lobo, e de tantos insignes prosadores; colheu no verso de Camões, de Bernardes, de Filinto, de Bocage e dos mais harmoniosos cantores as delicadezas do engenho, e os segredos felizes do estylo. Por isso, logo dos primeiros ensaios, é facil notar certa opulencia, certa lima e certa facilidade de phrase, que, tirando os dois chefes e poucos mais, raramente se descobrem nos caudatarios da reforma.

Conhecendo-os entretanto, e tendo com alguns dos mestres antigos convivencia assidua, egual á intimidade do espirituoso Janin com o epicurista Horacio, o joven poeta, se algum tempo deixou pender certa inclinação á prosa torcida e enviusada que se quiz oppor como resurreição da pureza vernacula ás deflorações dos gallicistas, salvou-se a tempo dos estragos d'esta deploravel aberração, que ligava a idéa viva a periodos mortos, e fazia consistir a correcção no diluir em locuções apagadas de cunhos os pensamentos e a originalidade moderna. E' justo egualmente confessar, que, acceitando de Garrett e de Herculano o progresso da idéa e da forma, manteve a independencia, e dentro em pouco soube caracterizar-se por uma physionomia distincta. A sensibilidade e o sentimento inclinam-n'o para o auctor de *Camões* e *Adozinda* em algumas composições; mas em outras o rapto lyrico, o traço epico, a imagem scintillante e a phrase incisiva approximam-n'o de Herculano com mais harmonia de verso.

A experiencia e a madureza ensinaram-lhe a arte difficil de apropriar com originalidade os thesouros das linguas mortas e das litteraturas modernas. Na admiração do bello, na

contemplação da vida e da natureza, e no enthusiasmo pelas glorias do seu berço, achou os suspiros, os hymnos, e a ode fulgurante, que ás margens do Tejo levantou um carme digno da harpa de Manzoni. O *Cinque Maggio*, uma das paginas admiraveis d'este seculo, não envergonha o *Ave Cesar!* a nenia da magestade decaída e do infortunio heroico. Cada um dos lyricos eleva-se á altura do assumpto, e dá o sentido profundo que elle encerra. Deante d'aquellas duas urnas, os gemidos da musa sobem para Deus com a religiosa aspiração que o sublime antigo desconhece, e de que só ha algum reflexo na tristeza pensativa de Virgilio e de outro dos cantores latinos. Napoleão, o Alexandre moderno, que dois seculos saudam: Carlos Alberto, o rei cavalleiro, que a fortuna torna heroe pelo martyrio; novos Prometheus da idéa, prezos ao rochedo do exilio; lacerados do abutre da saudade, ambos com a dor de tanto projecto destruido sobre o coração; eram vultos que a lyra sacerdotal e aristocratica de Pindaro teria celebrado; mas vultos que a arte fria e a inspiração curta não profanam sem castigo. Para se medir com o Titão é preciso ser de estatura adequada.

As poesias de Mendes Leal podem dividir-se em tres categorias: *Meditações religiosas: Cantos heroicos; Paixão e Sentimento.* Ha uma quarta a *Satyra politica*, cuja indignação fremente, cujo verso armado de acúleos, desgrenha sem baixeza as tranças da severa Nemesis, ainda bella apezar da ira. Começaremos pelas *Meditações.*

O primeiro hymno religioso é a resurreição de Christo e foi escripto em 1842. Em verso endecasylabo, a contemplação catholica exprime-se com a magestade propria da grande scena. Luctando com o cantico de Manzoni ao

mesmo assumpto, Mendes Leal não lhe é inferior, se o não excede. A pompa e a propriedade do metro, a opulencia viril da lingua, a harmonia do verso, e a côr severa e quasi biblica do estylo, não affrouxam acompanhando o espirito crente que estuda sobre o tumulo do homem Deus a *novissima verba* do futuro. Manzoni abre a primeira estrophe por uma interrogação:

E risorto: or come a morte,
La sua preda fu risolta?
Come ha vinte l'atre porte
Come é salvo un'altra volta
Quei che giacque in forza altrui?

O poeta portuguez encerra-se no templo, e principia descrevendo o terror sancto e a escuridão apenas cortada pela alampada agonizante que:

Em subitos clarões intermittentes
Quasi finge suspiro derradeiro
O homem que vae morrer...

A hora é meia noite, hora sagrada ao mysterio e á meditação. A' medida que a descripção se approxima do Sepulcro, a phrase anima-se, a idéa aviva, e a alma absorta e reverente eleva o canto:

Na funda solidão sómente eu vélo.
Dorme tudo em redor. A paz solemne
Que me cerca, e me envolve, é paz do tumulo.
Tumulo!... Acaso um tumulo não vejo
Lá no extremo da nave tenebrosa?
Não a vejo eu tambem crescer me ao longe,
E alongar-se, e alongar-se?... é certo! Ao fundo
Os muros emblematicos do templo
Deixam patente, como um véu, rasgados,
Em deserta campina, calva e triste,

De informes, cadavericos penedos
Toda orlada em redor, o vulto grave
D'um tumulo singelo.—Eil-o que o vejo,
Vejo-o d'aqui... A' lisa cabeceira
Pendida a fronte, o rosto annuveado,
Com ar de quem magoado se lamenta,
Um anjo d'azas candidas se assenta.

Quem jaz ahi?... Eis subito refulge
De viva luz, de immensa claridade
O rosto ao Cherubim — celestes córos
Suspensos os sentidos arrebatam
O coração.—Os angulos do tumulo
Raios lançam, que cegam deslumbrando,
A pedra sepulcral partida estala
Lume vivo golfando... é Elle... o Eterno
O Homem Deus, o Martyr da montanha.
.....
Faces no chão, mundanos. Já por terra,
Homens vaidosos. Universo exulta,
Humilha-te ao teu Deus. Eil-o que surge
Em toda a pompa, em toda a magestade
Da sua eterna gloria.....

Como é cheia de anciedade a antithese, e repassada de sentimento christão! Que esplendida imagem a que responde á pergunta: «Quem jaz ahi?» com as torrentes de luz subito derramadas, com o clarão divino nas aureólas do cherubim, com os celestes córos saudando Christo rei da vida, e os raios faíscando das trevas do tumulo, cuja pedra estala á mão potente de Deus! Como o Messias, o Martyr, o Mestre, sae radioso da noite e do terror da morte, e o céu em jubilo abre os braços dos archanjos ás tristezas da terra! Que movimento de adoração na voz do poeta; como a estrophe tem um cantico para cada harmonia do mundo resgatado! E no meio do concerto mystico, descendo da montanha ao bosque, das tropidas torrentes entoado aos desertos suspirosos, como a vista deslumbrada segue

nas alturas a grande victima do Golgotha, quando o vate no extasis exclama:

.....Allumiae-o, estrellas,
Astros do céu bordae-lhe o caminho.
Curvae-vos, gerações, e respeitosas,
Sumi no pó as frontes orgulhosas!

E' menos pomposo, e não tão elevado o hymno de Manzoni. Falta-lhe egual amplidão nas imagens e nos tons. O sublime drama não passou pelo seu espirito, como o sôpro de Deus pela face de Job, fazendo aquelle estremecimento do coração, se o bello nos arrebata. Os versos finaes da poesia portugueza dão o sentido catholico do mysterio a que a musa offerece o incenso. No dogma da remissão, a figura suave da esperança sobre o tumulo d'onde raiou a vida espiritual, é uma idéa grandiosa que o genio theocratico do Dante faria sua.

E o Cherubim, que o tumulo guardava
Permaneceu no mundo á voz do Eterno
Para o velar sem fim—que n'esse tumulo
Porta augusta dos céus ficou patente
De Christo, Martyr, Deus, a extrema herança,
O thesouro dos homens, a esperança!

Manzoni termina com uncção evangelica, porém menos profundamente:

Oh, beati! a lor piu bello
Spunta il sol de'giorni santi.
Ma che fia di chi rubello
Mosse, ahi stolto! i passi erranti
Su la via che a morte guida?
Nel Signor chi si confida
Col Signor rissorgerá.

Outro hymno o *Christus sepultus!* composição posterior, parece-nos mais desegual. Nas descripções a interpretação da natureza liga-se com a fórmula catholica para chegar á contemplação do mysterio. Em um exordio cheio de vigor pinta o véu melancholico que peza sobre o mundo, as trevas descendo da cruz aonde o sacrificio se consumou sobre o coração do homem remido por elle. E' o mesmo rythmo, a mesma palavra pittoresca, o mesmo verso nervoso. O campanario, erguendo-se na aldêa entre casas alvejantes, apparece ao poeta durante as meditações da paixão, em que a escuridão é profunda, e o silencio prenhe de terror:

Como o Apostolo da fé, que a fé pregôa
Entre um povo a seus pés, orando curvo.
. . . . . .
Sobranceiro, de pé, erguido ao alto
No anguloso contorno, recortado:
Grave e austero, n'um céu austero e grave
Só elle e mais ninguem — braço extendido
D'entre o luto da terra á paz da noute!

Depois a imagem levanta os gemidos das ondas nas fragosas ribas da costa, e a figura do oceano embravecido:

. . . . . Quando a pino
Sacode sobre a terra a crespa juba
E na juba o terror! . . . . . .

é de um effeito epico. Nada mais contricto do que a exclamação da alma inclinada perante o Calvario, quando o homem:

. . . . . Rei d'um momento
Larga o throno mortal, roja o diadema,
Depõe o sceptro seu, e pobre e humilde,
Sobre aquella realeza d'um captivo
Por fraco se confessa, e nú se prostra!

Uma cousa nos desagrada n'esta pagina de tanta força lyrica: é a alteração repentina do metro, e o captiveiro da rima acceito sem necessidade. A estrophe de cinco versos quebrados (quintilha) destôa da amplidão magestosa do verso branco. A paixão severa e tragica em quadros taes não admitte estes artificios da forma. E' uma belleza a variedade dos rythmos; é uma opulencia ás vezes o primor da rima e o lavor da phrase; mas nem todos os assumptos as abraçam; sobre tudo se fôr preciso que o pensamento domine, e que alce o vôo sem grilhão. A expressão nas medidas curtas affrouxa e amollece; as desinencias uniformes e a symetria sacrificam a idéa ao ouvido, estreitam e descóram a imagem. Quando o espirito e a imaginação se elevam a Deus, e das alturas epicas contemplam o nada do homem e das suas vaidades a forma não deve apertal-as em proporções inferiores ao vigoroso rapto. Linguas ricas e numerosas dispensam estes ornatos, se a natureza e o movimento da obra os não suscitam.

Estamos longe porém de condemnar em absoluto a applicação dos metros rimados. O gosto e o assumpto dão a verdadeira lei aos segredos da forma. Na *Visão de Ezechiel*, composta depois, Mendes Leal sabe colher d'elles todo o exito. Exprimindo a desordem dos sentidos e o sublime horror do vidente, a variedade e a medida mais ou menos lenta do verso estão no seu logar, e acompanham naturalmente os impetos da alma, e a imagem oriental em que se engasta a phrase biblica.

A *Visão de Ezechiel*, cujo thema foi o capitulo 37 das Prophecias, é uma grandiosa pagina de sentimento christão. O sôpro lyrico corre-a e anima-a da primeira á ultima estrophe. A palavra é cheia de poder e suspensão como o espectaculo. E que espectaculo! Os

ossos unindo-se aos ossos, os mortos que se levantam; o pó da dissolução, tomando forma e côr. Um povo de espectros em volta do homem vivo posto em espirito sobre o sepulcro das nações para vêr o symbolo da redempção. Como o verso pinta o terror da natureza no instante em que um prodigio quebra as suas leis, entr'abre os sudarios á terra, e um momento arranca do silencio os que já viveram!

As harmonias da tremenda scena são os bramidos do mar, as tempestades do céu, o vulcão e os relampagos:

E o mar levanta-se afflicto
Corre-lhe o funebre grito
Longe, mais longe a soar.
E o raio fulge e rebenta
E o despedido bulcão,
Sobre as azas da tormenta,
Tinge de fulvo clarão
A espuma da vaga alçada,
Qual de chammas erriçada
Ignea juba afogueada
N'um phantastico leão.

Começa a visão; como o horror da morte um instante imitando a vida, passa pelo espirito do poeta, e se retrata na expressão!

E o propheta no transporte
D'um santo e mudo terror,
Viu aquelle pó da morte
Tomar vulto, forma e côr.
. . . . . .
E viu um povo de espectros
Tornar-se um povo real,
E ousou calcar temerario
Em passo convulso e vario,
O tenebroso sudario
D'esse imperio sepulcral;

A formula christã, o dogma da remissão resplandece logo, quando erguendo a vista para Deus na cruz, com os braços abertos ao mundo, e prostrado deante da expiação divina, o poeta exclama:

Duas vidas lhe dá por um só trance,
E offr'ece-lhe rompendo o escuro véu
N'um verbo o mundo, n'um suspiro o céu.
. . . . . .
D'um tegurio fez um templo,
D'um madeiro um mundo fez!

Nos cantos heroicos as bellezas não são inferiores. Sentando-se como os antigos bardos junto da urna funeraria dos seculos, ou acompanhando de um gemido sublime a gloria e o infortunio, a aurora e o occaso das grandes scenas de hontem, quando passa os dedos pelas cordas, a lyra estremece, e o canto sobe para não morrer. O *Avé Cesar*! que citámos, a Indiana a Vasco da Gama, *Flebillis ille!* ao anniversario da morte do imperador D. Pedro, e a Nenia fremente ao coronel Cardoso. victima de uma sedição militar, estão cheias de toques e de côres, que podem competir com o arrebatamento mais artificioso de Lebrun, ou com o jambico vingador de Chénier. Manzoni, o auctor da ode a Napoleão, não duvidaria adoptar algumas das estrophes consagradas á paixão de Carlos Alberto. Victor Hugo, o arrojado colorista, abriria os braços á musa do meio dia repetindo os carmes da segunda Iliada, e soltando a cada verso as perolas e os rubis do diadema oriental.

Que desenho atrevido, que fogo, que rapto na grandiosa invocação de Vasco da Gama, o primeiro navegador portuguez! Como a luz se despede das azas da estrophe; como a imagem fulge no esmerado lavor da phrase; co-

mo o poeta sente a acção heroica, e com que voz a pinta!

Esse feito audaz, que inflamma
Foi preciso á nossa fama
Para commettel o um Gama
E um Camões para o cantar!

Os dois maiores vultos da epocha, um entregando á patria o sceptro dos mares, o outro acabando de a tornar immortal pela creação do monumento epico, encontram-se no pensamento lyrico, ambos da mesma estatura, ambos eleitos da gloria! E' nobre, diz bem o terror da admiração, a hesitação da musa quando, mais proxima da figura homerica, a estrophe pergunta suspensa:

O seu vulto venerando
Quem o pode ir hoje erguer?
Era Solon meditando,
Era Ajax a combater!
Não cança o braço possante.
Ganha um mundo: marcha ávante
E vae depois, como Athlaute,
O mesmo mundo suster.

A imagem alteia, a inspiração incende-se o paira radiosa. A palavra enche-se de luz como o solo oriental, theatro das proezas. O estylo desata-se em flôres admiraveis, como as joias scintillantes de que a vegetação orna os seios formosos da Asia. A phrase é sublime pela idéa, e sublime pela historai:

Apezar de salpicado
Pelo sanguento matiz,
Traz o saio arregaçado
Transbordando de rubis.
....
Quando a juba sacudia
O leão occidental,

Goa arfava, Adem tremia
No seu leito de cristal.
.....
Entre as dobras da bandeira
Pendente do mastaréu,
Involta a figura inteira
Como em novo, regio véu;
Os castellos constellados
Revistas como soldados
Pela costa perfilados
Pés no mar, frontes no céu.

E o final, a digna corôa de tão bella pintura?

D'esses oceanos athleta
Venceste até no louvor:
Poude a penna do poeta
Mais que o ferro do esculptor:
Em vão porque o Athos dóme
Alexandre se consome:
Mas Camões gravou teu nome
Na face do Adamastor!

Não citâmos mais; o que se viu basta. A correcção do verso quasi sempre é irreprehensivel. As idéas correspondem ao assumpto; a relação da imagem com o pensamento, a nervosa concisão da palavra, e a propriedade do estylo offerecem n'estas oitavas um primor raramente dado em manifestações, que o enthusiasmo e o ardor poucas vezes deixam assentar na perfeição da forma. E' possivel indicar algum verso menos esmerado, alguma rima mais descuidada; mas sombras leves não empanam o esplendor da obra. São as negligencias, os senões com que o pincel se esquece de proposito para a uniformidade não cançar.

Ouçâmos agora o cantico á catastrophe recente. Escutemos a voz plangente do vate, ajoelhado com virtuosa dôr aos pés de um tumulo, no qual a corôa partida e a espada

solitaria ensinam mudamente aos homens as vaidades do orgulho. Carlos Alberto, o vencido de Novara, repousa alli.

Não dobra a fronte suprema!
Impondo o pé no diadema,
Dos estranhos foge á lei,
E holocausto derradeiro,
Expia a dôr do guerreiro
Na sepultura do rei!
  Foi longa aquella agonia,
  Foi curta aquella aflicção
  Desceu rapida n'um dia
  Da cabeça ao coração.
. . . . . .
Pela Italia, Hespanha, e França
Depois, calado, galgou ;
E por momentos descança
Onde o mundo lhe faltou.
Chega, observa, scisma e pára :
O soldado de Novara
Quer ter por leito final,
Quer por leito das batalhas
Esse berço de muralhas,
Que fez livre Portugal!

Com que traço firme e lyrico está aqui pintada a dôr! Como é bella a analogia do tumulo do rei soldado com o berço da liberdade! Os metros variam e amoldam-se ao movimento da acção. O poeta faz-nos assistir ao conflicto da ultima lucta, á agonia heroica da nação e do monarcha. São estrophes admiraveis como as do famoso côro do Carmagnola de Manzoni á guerra civil.

Ferve o sangue, troveja a batalha;
Tine o ferro, rebomba o canhão;
Pavorosa, sibilla a metralha,
Varre as filas, dispersa-as no chão.
  Lá galopam, se embebem, se enlaçam
  Uns nos outros rivaes esquadrões!

Corpo a corpo! Ferventes se abraçam
Em sanguentos, crueis turbilhões...
.....
D'essa immensa procella de guerra
D'esse ardente, confuso stridor
Que ficou? Uma c'róa por terra;
Uma bella captiva; um senhor!
Pobre Italia, tão bella e tão triste
No teu vasto florido jardim! ..
Foi-te ingrata a fortuna! Caíste!
Mas a queda d'um povo tem fim!
Mudos prantos os rostos consomem
Dos valentes de Goito.—Que adeus!—
Era a sombra de um rei, d'um homem
Que passava em silencio entre os seus.
E passava!—Expirar não lográra
Sob o golpe que em vão procurou;
Mas a vida que o cén lhe deixára
Entre os braços da patria a deixou!

Não serão dignas de luctar com estas de Manzoni a Napoleão as estrophes que deixâmos citadas?

Oh quante volte el tacito
Morir d'un giorno inerte,
Chinati i rai fulminei
Le bracei al sen conserte
Stete, e dei di che furono
L'assalse il souvenir.
E: ripenso le mobili
Tende e i percossi valli,
E il lampo dei manipuli.

E londa dei cavalli
E il concitato imperio
E il celere obbedir.

Cada um dos dois poetas, dando alma e voz á mesma interpretação da dôr, não chegou á mais elevada esphera? Com que terna piedade suspira o canto na lyra portugueza, quando recolhe as lagrimas da vencida Italia! Que doçura e que esperança n'esta apostrophe:

Foi-te ingrata a fortuna, caíste!
Mas a queda d'um povo tem fim!

Como é vivo e onomatopaico o verso fazendo sentir o fragor das armas, a rapidez do embate, e o estampido do fogo! Como a musa, curvando-se sobre o campo da ultima peleja, é concisa em resumir a lucta, dizendo tanto com o coração, e tão pouco com os labios:

Que ficou? Uma c'rôa por terra;
Uma bella captiva; um senhor.

A nobre figura do rei vencido, sombra de si mesmo, passando em silencio por entre os seus; e os prantos consumindo o rosto aos valentes, são joias de estylo que não acodem senão ás grandes inspirações. São rasgos que os antigos comparavam em Pindaro ao raio fendendo a nuvem, e que o poeta latino explica pelo espirito divino accendendo a excitação na alma do cantor:

Est Deus in nobis, agitante callescimus illo;
Impetus hic sacræ semina mentis habet.

Falta-nos espaço para seguir a analyse com a mesma extensão. Na poesia á morte do imperador D. Pedro, as duas primeiras estrophes abrem á saudade e á magua um portico digno do heroe moderno. São as honras da guerra, e as lagrimas dos companheiros da sua Iliada, que o poeta lhe offerece. O effeito é magestoso e severo.

Armas em funeral! Rolae tambores!
Rufae lugubremente!
Soltae da guerra, ó bronzes troadores,
O gemido fremente!

Dos olhos dos valentes do Mindello
Corre o pranto calado!
Guerreiros não coreis: o pranto é bello
Nas faces de um soldado!

E' concisa e profunda egualmente a apreciação philosophica do principe guerreiro. Poucos traços pintam tudo.

Egual na sorte, ao vencedor do Egypto
Caíste muito cedo;
Tropeçaste na campa, (estava escripto)
Como elle n'um rochedo.
Escala de Titães, o teu projecto
Derribaram-t'o os fados;
Na base do edificio, não completo,
Ficamos nós... pasmados!

Nas poesias de *Sentimento* e *Paixão* Mendes Leal não deu ainda quadros do mesmo valor. N'elle a graça e o mimo da forma não nos parecem por ora eguaes á força e ao impeto lyrico dos hymnos heroicos. As suas tendencias procuram moldes mais amplos. Mesmo na *Rosa Branca*, poemeto de uma inspiração prodiga, inexperiente e quasi sempre abaixo da correcção actual, as descripções grandiosas da tempestade e da natureza abundam sem vencer a difficuldade. Comtudo n'esse ensaio, filho dos annos verdes, nota-se por vezes uma ternura affectuosa, e natural que enleva. Se a idéa estivesse mais desenvolvida, e as perspectivas fossem menos abafadas, se o pincel de hoje retocasse nos sentimentos a verdade e a expressão, no estylo as florescencias juvenis e parasitas, a *Rosa Branca*, facilmente limada de impurezas casuaes, podia entrar na galeria das obras escolhidas do auctor. Os *Suspiros de Abril* e o *Poeta no Seculo* attestam que a melancholia e o devaneio amoroso acham voz e canto na sua lyra quando se repousa do vôo

ás espheras epicas; mas estão longe ainda da perfeição obtida nos outros carmes.

A relação da idéa com a forma, a constante aspiração para um destino melhor, a interpretação fecunda dos fins e deveres moraes do homem, a propriedade com que a imagem se adapta ao pensamento; são as qualidades mais caracteristicas do systema poetico de Mendes Leal. Por isso o enthusiasmo arrebata-o, e o bello sol do passado vem dourar-lhe a estrophe e illuminar-lhe o verso. Por isso, poeta mais de sentimento epico e de idéa, do que de forma, o seu engenho sabe todas as notas, tem poder para todas as scenas, mas sobre tudo exulta quando as domina o vulto homerico dos grandes nomes. O suspiro da paixão confiado ás flores, e fugindo por ellas, como o halito embalsamado da aurora, faz soar na lyra a corda do amor, e tem um sorriso entre lagrimas doces no formoso rosto da arte; mas o pintor prefere ás harmonias um pouco vagas aos deliquios extremosos, as explosões do coração que vivem no mundo ideal chamando-se Othello e Lear; os rasgos audazes que illuminam até ao fundo dos seculos o tumulo das nações, fazendo estremecer no seu leito final á voz da gloria os ossos de Cesar, e a purpura real de Alexandre!

Na edade em que alguns principiaram, Mendes Leal percorreu o mais arduo na carreira lyrica; e mereceu o premio que trouxe das luctas do estro e da harmonia. Se ainda não disse o ultimo segredo do seu talento, se o gosto cada vez mais viril e castigado promette ao futuro obras mais altas, já occupa de direito um logar distincto, e para ser um dos primeiros poetas entre a geração nova não precisa de novos titulos. O applauso que o saúda não é o grito ébrio das multidões escravas dos sons e da rima; é o voto observador e critico

dos que procuram no verso além da harmonia a aspiração moral e o pensamento philosophico.

João de Lemos entre os poetas moços é o mais robusto emulo que elle encontra; mas os generos, apezar de proximos, são distinctos, e com vocações diversas. Mais suave, mais cultor da symetria e da forma, o cantor da *Lua de Londres* e de tantas peças deliciosas, distingue-se por outras qualidades de gosto e de imaginação. Harmonioso, esmerado, com um toque de meiguice e de tristeza pensativa, a sua lyra não se fez (parece-nos por ora) para os impetos heroicos. Eleva-se muito, veste a phrase de pompa, alegra o verso de colorido, rico, mas o sôpro das grandes inspirações do auctor do *Ave Cesar* encurta-se na sua voz.

Em João de Lemos a forma prevalece, em Mendes Leal o pensamento domina mais. Um é doce, reflexivo, enlevado como a graça, afinado, melodico, e puro como um cantico de Lamartine. O outro arroja a estrophe, rege a invenção e funde pela imagem, quasi em bronze, o busto dos heroes. Não traçamos circulos fataes, nem demarcamos fronteiras invenciveis, a nenhum dos dois, é apenas o contorno geral da sua physionomia. O *Festim de Balthasar* e o *Tumulo de Nero* marcam a passagem de João de Lemos pelas espheras da ode. Algumas estancias sentidas e maviosas colheram os suspiros de amor da harpa de Mendes Leal nos mesmos jardins encantados aonde impera o cantor das *Innocencias*.

Segue-se d'ahi que as aptidões sejam similhantes e que um não brilhe como superior no mesmo assumpto, em que desfallece a voz ao outro? Ambos elles têem paginas admiraveis; ambos podem olhar-se e saudar-se como irmãos na gloria e na harmonia. Aonde vae a ternura do devaneio sobe a fogosa estrophe

do hymno heroico, e encontram-se na sublimidade, embora partissem de regiões oppostas. Na historia da poesia será tão falso separal-os, como narrar a obra de Garrett sem lhe pôr ao lado o vigoroso impulso de Herculano.

N'este momento cada um d'elles applica a lavor mais duravel as faculdades de que é dotado, e na propria escolha do assumpto grava o cunho particular da sua inspiração. João de Lemos orna da forma seductora e da harmonia terna do seu verso o desastre de Alcacer e a perda do ultimo rei-cavalleiro, sepultando comsigo a corôa e a monarchia. Mendes Leal tira do marmore da historia o grande vulto do Cesar francez, e na estrophe impetuosa e fremente d'enthusiasmo, entôa o maior hymno moderno *Napoleão no Kremlim. D. Sebastião! Bonaparte!* datas memoraveis, infortunios gigantescos; a elegia e a epopéa moderna! eis a idéa que os agita e crescerá talvez a altura de monumento na imaginação dos dois poetas. Não se definem elles a si mesmos pelo caracter das aspirações, justificando o logar que lhes assignamos? Não acharam o pensamento do poema segundo a natureza do seu talento e a côr da sua phantasia, um na dolorosa catastrophe, a que as illusões arrastam o neto de João III; o outro no esplendor e no occaso do maior astro, que viram sobre o horisonte da historia os seculos? Que mais se deve accrescentar, quando é o operario da idéa, e não o critico, quem abre o distico descrevendo a origem e as feições de uma physionomia intellectual?

*

Cabe-nos introduzir aqui algumas noticias ácerca da familia do poeta, e da sua carreira politica.

Por parte de seu pae, o sr. Mendes Leal pertence a uma familia natural de Penafiel; seu bisavô passou a Hespanha por violencias commettidas contra um parente, a proposito de administração de vinculos; voltou depois, e, mudado o primeiro nome, estabeleceu-se na Extremadura.

Por parte de sua mãe foram seus tios, em terceiro grau, o abbade de Sever Diogo Barbosa Machado, auctor da *Bibliotheca Lusitana*, o desembargador Ignacio Barbosa Machado, auctor do *Catalogo das Rainhas Portuguezas*, e D Fr. Caetano de Barbosa Machado, frade theatino, auctor da *Historia Sebastica* e outras obras estimadas.

O vigario de Loures, o desembargador Francisco de Borja Ferreira, sacerdote modelo, foi tio segundo do poeta, e deixou um nome que recordam com saudade todos os moradores da parochia, á qual servia de conselho e de providencia com as suas virtudes e exemplos.

O abbade Barbosa Machado doou ao estado a sua copiosa livraria, formando-se com ella a base da bibliotheca nacional; em recompensa, o governo concedeu uma pensão aos herdeiros, que foi paga até aos ultimos annos do avô do sr. Mendes Leal.

As desgraças do tempo, e os desastres particulares fizeram declinar a casa, e obrigaram o seu chefe actual a procurar no honroso exercicio de uma arte liberal a subsistencia de uma familia numerosa.

Quando supportado com nobreza, o apuro das circumstancias illustra sempre; e para qualquer se elevar acima da fortuna, e a domar, é necessaria uma lucta que representa numerosos sacrificios.

Ao poeta compete esse elogio. Fez-se a si. Combateu com obstaculos graves para sobre-

sair, e triumphou apezar d'elles, á custa de trabalho e de perseverança.

Agora cumpre-lhe não desmerecer o que tem adquirido. O mais arduo está vencido; e chegado ao ponto a que subiu, torna-se comparativamente facil respeitar nas obras e em si a consciencia das letras, e o decoro do engenho.

Os verdadeiros talentos na epocha da madureza é que produzem os mais bellos fructos; mas não os colhem senão do estudo, da reflexão, e da lima escrupulosa que dá o gosto e rege a arte.

O sr. Mendes Leal serviu de governador civil em Vianna do Castello em 1847, merecendo ao governo de Lisboa approvação e louvor pelo seu procedimento em tão delicada conjunctura.

Alistado em um dos corpos organizados n'esse tempo, ás ordens do sr. conde do Casal, fez parte da campanha, tendo assistido dentro do castello de Vianna a outra parte durante o cêrco.

Em 1848 recebeu a nomeação de secretario geral do conservatorio real da arte dramatica; e em 1850 foi promovido ao logar de bibliothecario-mór da Bibliotheca publica de Lisboa. E' membro de diversas academias e sociedades em Coimbra, nas ilhas, e no Brazil, começando pelo Instituto historico.

Citamos estes factos como informação. Primeiro do que ninguem conhecemos que são indifferentes para a apreciação critica de qualquer poeta.

O PAGEM D'ALJUBARROTA

Drama em 3 actos

I

Segunda feira 1 de maio subiu á scena no theatro do Salitre, em beneficio dos inundados da Madeira, este drama, já de antemão abonado pelo nome do auctor, pela generosidade desinteressada, que veiu acudir com o fructo de um esplendido talento ao desamparo dos desvalidos, e pelos esforços, da parte sã e esperançosa da nossa mocidade, que acolheu este nobre plano com a mais sincera vontade.

Da execução pouco diremos: eram curiosos e não comediantes; fizeram o melhor que sabiam e podiam—fizeram muito. Se algumas culpas veniaes por ahi se lhe notaram—¿quem as não verá até nos apurados mestres? — demais as absolvem a pureza das intenções e o instituto da Sociedade.

O drama é historico—não só no titulo—que é o menos; mas no todo da idéa geral, na indole da obra, nos costumes, e na linguagem.

Seguindo n'esta peça o mais sisudo da eschóla allemã, o Sr. M. Leal, nem acanhou os traços, nem se esmerou todo em primores parciaes, em relevos de sciencia vã. Ao fundo do quadro é que pôz o pensamento historico: en-

tendeu e abraçou inteira a epocha—e não um ou dois factos:—fez mais—deu-nos o retrato vivo e animado d'ella, com as inquestionaveis virtudes, com os sabidos defeitos; um certo instincto do bello, que todos teem, o estava dizendo ao vêl-a saír tão modesta. Mas disfarçou o saber nas galas singelas de um estylo rápido e claro, ornado sem n'o querer parecer, sentido sem ares de creancice sentimental, que é o peior e mais deslavado beaterio d'este mundo.

Acceitou n'este breve painel da vida íntima da côrte de D. João I a graça ingenua e meiga da eschóla-media, que em França assentou Casimiro de La Vigne entre os arraiaes dos veteranos de mulêtas da trindade de Aristoteles, e os *sans-culottes* da revolução estonteada do romantico de sócco. Exageração semsabor das idéas philosophicas e estheticas, que M.me de Stael veiu começar, e A. Dumas com V. Hugo encarnaram no Drama e no Romance, como já o fizéra Paul Delaroche na pintura.

O nosso poeta soube accommodar ao genero, que adoptou, a linguagem que lhe convém mais. E' o mavioso, sentido, e enamorado de Bernardim Ribeiro, o trovador dos amores e das saudades com leves clarões do ardente, arrebatado, e romanesco do theatro hespanhol, e do natural e folgado de Gil Vicente. Era difficil acertar entre tantas variedades com a medida do gosto puro; mas conseguiu maravilhosamente.

Nem é chão e despoetico, que resvale em raso e prosaico, nem tão alto que entre pelas nuvens como o vaporoso de Ossian. A nosso vêr este drama e o seu estylo representam uma nova eschóla, que medeia entre o Gongorismo insupportavel dos Gracchos das lettras, e o muito popular das formas, que tam-

bem tem o risco de caír no real descorado e sem animação, que não é a linguagem e a vida do povo nos lances de grandes paixões.

O enredo é simples, as situações naturaes, e filhas legitimas do amplexo das diversas scenas; os caracteres traçados com vigor e verdade historica e dramatica. Alguns podem ser typos, ou, como adverte V. Hugo, podem ser alternadamente homem ou idéa.

No dialogo notamos leves descuidos, talvez pompas demasiadas em certas fórmas que mostram, mais do que deviam o poeta por entre o véu do ideal:—talvez lhe saíram estiradas de mais algumas scenas, que affrouxam o interesse da acção. Mas o todo do drama pelo mimo, pela delicadeza e bem aproveitado dos contrastes, e côres vivissimas das paixões levou comsigo os sentidos e admiração dos espectadores intelligentes a tão pasmoso encantamento, que só depois de quebrado o collar magico veiu a reflexão lembrar-lhes, que não ha mesmo na mais acabada obra formosura sem senão.—Respeitamos como a mestre, e amamos quanto a filho podéramos amar, este joven principe da nossa litteratura, a quem tão altas glorias devem estar ainda reservadas; por isso lhe dizemos a verdade plena, ou pelo menos o que temos por verdade. Só com talentos como o seu se póde usar de franqueza como a nossa. Os elogios extremes temol-os reservados para os tolos.

Em um dos proximos numeros da Revista analysaremos mais repousadamente esta peça, que, a par das do auctor do *Gil Vicente* e do *Alfageme* annunciam a aurora de uma creação pura, harmoniosa, e sem enfeites de presumidos, lantejoilas que cégam minutos, mas ficam logo sem brilho deante das roupas singelas e dos modos honestos da verdadeira arte.

II

Havia, e não ha muito tempo ainda que isto foi, um fervor e um enthusiasmo pelo theatro, que parecia allucinação; quasi desvario. Nasceu por ahi muito arbusto enfesado; veiu muito joio misturar-se com a seára que ia medrando a pulos; mas, apar de tanta planta exótica, que se não deu bem com os ares lavados e céu puro da nossa terra, outras deitaram ramos fortes, floriram, e viveram.

Havia quem se admirasse; quem se risse, porque de tudo se ri; e quem saccasse da aljava dois ou tres epigrammas afiados—sem saber porquê—estes eram os mais.

Depois aquelle alvorôço esmoreceu e descaíu: não se escreve já tanto drama, e ainda bem; os d'agora são menos: mas são bons. Como aconteceu a Gedeon no valle de Moré, de todo o exercito ficaram uns poucos—mas dos melhores.

Como dissémos—riam-se primeiro do *muito*; riem-se hoje do *pouco*: e não faziam, nem fazem bem. Não ha facto sem sentido.

Quando uma idéa revolve assim no seio de qualquer sociedade a fé e as crenças litterarias, e lhe chega ás raizes, como esta chegou: n'essa idéa bem ou mal definida, ás vezes confusamente antevista, anda uma verdade robusta, sincera, e progressiva. Foi pena que a não entendessem todos, que a desaproveitassem.

A formula da nossa épocha é a poesia dramatica: como nas sociedades primitivas o foi a lyrica—nas heroicas a epopéa. Pindaro antes de Homero; Homero antes de Eschylo — advertiu profundamente V. Hugo: ou sentir

antes de saber narrar, narrar antes do pincel se atrever a esboçar a lucta das paixões. A humanidade reviu-se no espêlho sereno das lendas e tradições antes de se metter a braços com o pégo revolto e cavado do drama.

E' porque o drama suppõe já um publico, que avalíe, comprehenda, e julgue; retrata uma sociedade feita, madura já. Estuda decompondo, compara analyzando: vem do coração, e não da cabeça na sua aspiração creadora: vôa da alma para os sentidos: do mundo caminha para o ideal: das paixões para a poesia.

E' lyrica e epopéa — porque é grandioso e apaixonado — mas é quadro — tem grupos, expressão, e gesto: tem de mais do que a estatua as côres — mais do que as côres a vida do pensamento que as dispoz e combinou: — já se vê que esta fórma abraça as outras todas.

Diziam que as tragedias de coturno não serviam — que eram pagãs só nas roupas e enfeites: christãs na alma e nas falas; mas christãs beatas e ascéticas a não poder ser mais: choravam a imaginação e o sentir do poeta, que, no mais arrebatado, ía comprimida no estreito do tubo, perder, no gêlo, o vaporoso — estragar em moldes de ha dois mil annos idéas, assumptos, e coloridos. E tinham razão. A fórmula de uma sociedade morta não ajustava com o pensamento, e progresso da actual: outros tempos, outras necessidades: a litteratura não pára: é a expressão do aspecto interno, e ha-de pintal-o, ou não significa nada.

Mas não sei se hoje acertam mais os republicos, que proclamaram sobre o cadaver da arte de Sóphocles a liberdade dos mares — não sei — ¡ se ha tanto pirata ainda!

E tantas vezes, e por tanto tempo a procla-

maram, que o povo abriu os olhos: foi uma revolução popular — e devia ser: a fórmula antiga estava cachética: boa só para se estudar o desenho e harmonia das partes: copia inteira saía sempre inintelligivel como os caracteres da escripta chineza — lêem-n'os, raros, ou os mandarins — e o theatro é o livro de todos os que não têem livro.

Era uma democracia: e isso teêm as democracias: apoquentam-se por macaquear as grandezas de que fogem: por alli tambem se forram de ópas tribunicias muitos peitos d'aulicos, somem-se debaixo da capa rasa de peão muitos orgulhosos peiores: ha uma differença não pequena a bem da arte: — fez-se plebêa: já se não reclina vaidosamente em perguiçosos velludos; nem se alinda ao toucador de alguma Maintenon devota, nem se estreia em salas doiradas: tomou á lettra o rifão de — *les rois s'en vont* — deixou-se de paços e fidalguias, e, bem ou mal fadada, vae vivendo ao ar de Deus. Já é muito, immenso caminho andado para o seu verdadeiro fim, — o de pôr a par do pensamento da épocha as idéas, crenças, e modos de vêr e sentir do povo.

Mas para lá chegar tem de ir pelo meio d'elle — agazalhada como natural, bemquista, e moldada pela sua intelligencia. Que o não crêam, mas é este o segredo da poesia da épocha: emquanto se não encarnar na fórma popular, e se não olharem os assumptos por aquelle vidro, que não é lizo, e descorado como o fazem, mas quasi sempre rico e solemne no colorido — passa sem n'a perceberem — e vae morrer aonde nasceu.

O *Pagem d'Aljubarrota* tende para esta eschola-media: que arrebata pela firmeza dos traços no esbôço dos caracteres, pela verdade dramatica nas situações e lances da acção,

pelo sentido profundo e magoado das paixões. Sem soccorrer de ouropeis e falsos lavores a fraqueza do desenho, sem enfeitar com exagerações a falta de affectos lyricos, como elles são, e não podem deixar de ser no drama.

Mas aqui — para não acabar o theatro ás mãos das platéas, é mister aproveitar do drama hespanhol o bem travado e tecido do enredo; as tintas esplendidas com que elle disfarça nos recamos e bordados da fórma a pouca delicadeza, e nenhuma realidade das paixões.

Ainda é cedo para transplantar o systema allemão: só por si as situações, e contrastes moraes não supprem, para este publico inimigo de philosophias, a suprema ventura, e o enlêvo de uma peça toda acção: outras nem as quer, nem as entende — chama-lhe romances. Pobre theatro!

Acostumaram-n'o a depravar o gosto n'aquelles banquetes, ou antes orgias, e ahi o tem que não soffre já o singelo e natural: mostraram-lhe para modelo um Titão — e em não sendo Titões não conhecem nem applaudem: é pena: porque os Polyphemos são raros, e gigantes d'esta estatura são custosos de medir.

No drama do Sr. Leal vê-se esta hesitação: mas o poeta soube cortar o nó: nem caíu no gasto d'esses dilemas de ferro de ferro e fogo nem se abraçou com a copia allemã em todas as suas amplas consequencias. E' florido, animado, e viçoso — sem deixar de ser verdadeiro.

A idéa fundamental assenta no pensamento da nova regeneração dramatica: é toda intertecida de luctas moraes, de commoções de alma; que são as unicas que separam no dialogo — reflexo do intimo sentir — por cam-

biantes successivos os diversos caracteres: sem isso falam todos do mesmo modo — desfecham em phrase tumida tres rasgos, que desfiguram em vez de pintar, e recolhem ao bastidor, em quanto continúa a correr pela scena uma monotonia em quatro ou cinco actos, que não tem de drama senão o titulo: das paixões senão o nome.

E' um drama passado todo no seio de uma familia: não é a Côrte de D. João I: é o Mestre d'Aviz: é o pae; é o amigo; — o rei apparece alli só para se acurvar debaixo do peso da corôa, para sentir descaír o coração de magoa e desconfôrto; para não poder valer ao filho porque é rei; chorando sêl-o porque é pae.

Esta situação é nova, é profunda, e grandiosa. Do Mestre de Aviz, homem de paixões e affectos, com alma para se doer, com peito, que não era da têmpera do seu arnez da batalha, ao D. João I d'Aljubarrota, vae uma larga distancia: vae um abysmo insondavel aonde ninguem ainda lançára o prumo.

E' espinhoso de retratar aquelle esplendido caracter, que, junto ao do Condestavel Nun'Alvares, nos desponta ainda hoje saudoso, como grande vulto de Archanjo a brilhar ao clarão incerto da lampada no crypto subterraneo de uma capella — que no indeciso accusam fórmas e grandezas, a quem a luz, se ao perto as devassasse, teria muito que censurar.

Mas andam vivos na tradição: o povo conhece-os, e os quer como lh'os pintam as lendas: sem quebra nas virtudes — quasi puros e sem mácula, como naturezas sublimes e divinas.

E o poeta para não encontrar a verdade dramatica ha-de, não póde deixar de o fazer, de os trazer assim—ou errou a lança, e per-

deu o torneio. E' um mal para a historia; — d'esse a desaffrontará o Romance que soffre notas e prologos: o drama não.

E o Sr. Leal desenhou aprimoradamente os dois homens mais cavalleiros, e mais homens d'aquelle seculo. Grandes brios, e grandes dores: esperanças que murcham, amores que matam — affectos magoados, que choram, que palpitam, e sentem: eis-aqui as mólas de toda aquella máchina de fádas: — as outras de punhaes e venenos, desgastadas pelo uso, deixou-as ficar no sepulcro do bom Metastasio — aonde as foram buscar os tremendos Goliaths do horror.

Nem as precisava elle: remia-o d'esse captiveiro o seu pensamento: a idéa de pôr o rei e o Condestavel um defronte do outro — e no meio d'elles o amor de pae tão arreigado n'um que lhe sangra do robusto coração duas lagrimas vivas, tão firme e profundo no outro, que o não alardeia — porque cala e consome comsigo os padecimentos moraes — é felicissima. ¡E que linda, profunda, e fiel lhe não saíu traduzida n'aquelle mimoso dialogo do 3.º acto — que vestiu de falas tão portuguezas e simples no Condestavel, tão lisas, e francas, que respiram por todos os póros a sincera lealdade do soldado para o soldado — do cavalleiro para o cavalleiro!.... ¡E o Mestre d'Aviz — o orgulhoso D. João I como se dobra — elle que não ajoelhou deante da vingança de Leonor Telles, que lhe não desmaiaram as faces deante das hostes de Castella..... como se dobra aqui aquella vontade inexoravel debaixo do pêso do sceptro: como tremem entranhas de pae ao ouvir aquelle — *sois rei!* do seu irmão d'armas!... e bem dura prova de rei foi ella — mas o Mestre de Aviz penou-a illeso e immaculado—saíu sempre D. João I.

A par d'este pensamento vem logo outro. São os dois cavalleiros mais nobres da côrte — um, *D. Affonso, Conde de Barcellos*, pelo sangue real que lhe corre nas veias; — o outro, Mendo Vasques, o Pagem, pelo esforço do braço, pela alta imaginação de poeta, pelo puro e espelhado das virtudes. Ambos com o mesmo affecto ardente cravado n'alma; ambos abrazados de ciumes. Encontram-se, luctam, e vencem. Venceu o Conde pelo arrependimento; Mendo Vasques pela generosidade.

Entre elles está a filha do Condestavel, a formosa Beatriz Pereira: recatada e honesta: mas sempre mulher: lisongêa-a o galanteio do Pagem — porque da côrte de D. João I é elle a joia de maior preço; mas o engenho do trovador intimida-a: respeita-o, e não o ama. Os labios fingem — mas o coração está todo com o Conde. Beatriz — como tão poeticamente a pintou n'um toque o Sr. Corvo — *é a rosa nascida entre espinhos e perfumes.*

A esta situação soube o auctor dar graça, limpidez, e ares de nova: mas no fundo d'ella ha uma tristissima verdade. Em Mendo Vasques está o typo da poesia: tão sem ventura sempre — tão trabalhosa e trabalhada de vida — sem um amor sincero, que lhe esfolhe uma rosa pelo seu calvario, uns goivos de lucto sobre a amargura da morte. Partiu, esqueceram-n'o. Padeceu — e ninguem se lembrou d'elle, nem aquella que tanto, e tão do peito, adorava cá na terra. Voltou — e temem-n'o, e lastimam-n'o; mas nem um ai gemido sobre o moço, que tão cedo envelheceu a alma; nem uma palavra, que descontasse uma só das mil agonias que curtira na desgraça. E elle — que não acanham desprezos nem esquecimentos — sabe que já se lhe acabou a existencia: sabe-o, mas volta para salvar da desventura o seu primeiro e unico amor. Depois

ha-de morrer — ¿que mais tinha elle que fazer no mundo? Esta allegoria é sublime, é verdadeira. Depois de viver em mezes uma vida d'annos — o poeta remata-a na solidão da alma — a peior, a que mais dóe: um lençol de esmola, tres resas balbuciadas á pressa sobre o cadaver do que foi luz de esperança, e dois punhados de terra acabam o drama — fica depois a historia para lhe escrever uma linha na pedra rasa que o cobre.

¡Estes dois amores que floridos e formosos sáem no primeiro e terceiro acto! ¡que pincel tão tenue nos traços maviosos d'aquelle affecto sancto da donzella, que colorido tão vivo e esplendido nos contrastes! são bellezas — que não se logram muitas vezes — que ficam para sempre.

O pensamento moral que bem o encarnou no desfecho—quando, depois de perder tudo, o leal mancebo, que tanto soffreu e chorou, ainda achou forças para esquecer com o perdão os desvios do seu rival — de tudo só lhe ficára a *consciencia* — mas essa angelica, celeste, e sancta. — A poesia não se vinga — consola, anima e perdôa. E' a sua missão no meio dos homens.

Esta peça assimilha-se aos ramalhetes do Oriente — debaixo das mil bellezas da sua coroa de flores, ainda tem outra maior — a palavra que ellas estão falando ao coração: o mytho que de todos aquelles lyrios cria um pensamento unico, e altissimo.

Terceiro aspecto nos offerece ainda: enraizada no maior sacrificio humano, regada das lagrimas puras do martyr, bafejada pelo sopro divino do perdão a arvore de Bragança — já não podia estalar, nem vergar-se aos temporaes — passou illesa por meio das procellas — a levantar a cópa viçosa bem acima das mais nobres e antigas florestas reaes.

Foi grandiosa esta idéa d'arte, que assentou o fundamento da casa reinante no mais arduo sacrificio que nunca homens fizeram: o martyrio do poeta sagrou-a: a benção e a gratidão de dois paes — a fadaram; — o amor sincero e virginal lhe deu grandes brios, e grande vida.

Muito mais se podia dizer aqui se não fôra antecipar o juizo dos entendidos. Em breve a veremos no theatro dos Condes com o primor de execução, que os nossos actores já costumam pôr em obras d'estas: e lá confiamos, que todos os intelligentes a haverão pela melhor perola da corôa do nosso poeta.

Foi uma eschola sua — como já se disse na Revista: a sua harpa com sós as cordas da lyrica deu-nos uma melodia inspirada. Tudo alli é suave e triste: mas não lhe faltou o contraste do horror moral: o escudeiro Lopo é ao mesmo tempo o *Caliban*, o *Homodeo*, e o *Cubeta* da peça.

Já dissemos como ella corrêra na scena: todos fizeram muito: mas o Sr. Marcellino Duro pelo interesse que soube dar a um papel secundario, e a Sr.ª que representou já com tanto mimo e talento o dificillimo caracter de Beatriz estavam pedindo especial recommendação.

De proposito aguardámos occasião opportuna de responder com os factos a uma semsaboria desatinada, que o *Times* rabiscou n'alguma hora de nevoeiro, entre aspirações e deleites do *London Porter*, e na ausencia do sol bastardo da sua amavel patria, e o *Portugal Velho* copiou com disvello para não perder o lanço de escoicear as glorias do presente: *Arcades ambo.*

E' de nação pequena, e de gente mais pequena ainda o silencio em que ficou a imprensa toda: dizia o *Times-Portugal Velho*

«*que a ancia de se fazer conhecido, e sair da obscuridade levára o Sr. M. Leal a offerecer o seu Pagem em beneficio dos Inundados*» : disse-o, e ninguem logo, ou depois, accudiu a lembrar-lhe que esse moço *desconhecido e obscuro* — era auctor de tres dramas laureados pelo Conservatorio e Platéas — pelos sabios e pelo povo — auctor de mais dois — novos pela eschola, mais novos ainda pelo primoroso e acabado da execuação.

Nem foi miseria de *Tartufias* politicas essa oblata sagrada no altar do pobre e desvalido pelo *talento de oiro* do nosso compatriota : não foi: entre as chammas do Collegio dos Nobres entre pedras requeimadas a desabar, e traves encendidas a vergar e desfazer-se em mar de scentelhas, lá o vimos—e não era alli o posto do *Tartufo*—mas do homem que sente devéras e do coração : ninguem o celebrou : e fizeram bem : depois d'um inglez mal creado chilrear tres pennys de calumnias, e um portuguez lhe prestar como carrasco officioso, o seu *pelourinho* não ha que dizer : já a victima está canonizada—pela *fé punica* do judeu moderno, e pelo rancor do *Nero* dos jornaes politicos.

O *Times* não admira. E' inglez, é periodista—ensabôa, sobre aviso d'algum apoquentado espia microscopico, a sua barrella de mentiras officiaes a dez schellings a linha: é a *côrte dos milagres* da jovial Inglaterra: é a coruja da sua terra, que sae das ruinas d'aquella litteratura esmorecida e pallida, depois de *Scott* e *Byron*, a lamber o oleo da lampada alheia: mas o *Portugal Velho*!..... é o *Portugal Velho*,—é verdade, que nos esquecia já : mentiu pela bocca do inglez, vendeu a mentira pelo preço do judeu, e ficou mais cego do que Longuinhos depois da lançada..... o peior é, que se continuou a chamar portuguez

depois de renegar o nome e o coração deante dos typos e tinta oleosa do mercenario estrangeiro!... mas é o *Portugal Velho!* vinda d'alli não ha coisa que espante a honestidade e os brios do homem nobre e decente.

III

O lindo drama, assim intitulado, composição do nosso bom amigo o Sr. Mendes Leal Junior, foi representado apenas uma vez no theatro do Salitre por curiosos, em beneficio dos inundados da Madeira; o publico, podemos dizel-o, não o conhece ainda; e os proprios, que ahi o viram, podemos egualmente dizel-o, ainda tambem o não conhecem. De curiosos, mas que sejam dotados, como estes, de muita intelligencia e de muito boa vontade, vae muito a artistas de profissão, cujos talentos naturaes se desenvolveram pelo largo uso e assiduo estudo. Só estes, e nem sempre á primeira nem á segunda vez, concebem todos os tons e semitons dos pensamentos e affectos do auctor; e ainda depois de os bem conceberem nem sempre logram a fortuna de os exprimir bem.

O drama escripto é (permitta-se-nos a expressão) um como alfôbre muito melindroso de idéas, e de affectos, que tem de ser transplantado para um novo terreno, vigoroso, suculento e appropriado, onde cada plantinha góse do espaço que lhe convem, da luz e calor que lhe são proprios, do tracto intelligente que lhe adivinha as necessidades, e lhe satisfaz todas as condições; e para esta transplantação, já se vê de que exercitadas mãos se

necessita; onde ellas faltam, embora sobrem juizo, e desejos, e as mais excellentes disposições naturaes, muita vergontea ha-de murchar por se lhe não terem explicado e extendido bem as raizes—muita enfraquecer-se por lhe terem querido dar mais substancia do que a sua indole comportava, — muita caír pelo não terem devidamente enlaçado com as circumvisinhas, — muita esterilizar-se pela afogarem com as sombras das circumstantes : — d'aqui vem a morte subita e inexplicavel de muito drama vivacissimo, e a resurreição tambem de muitos que se haviam julgado mortos de nascença.

A esta razão geral outra accrescêra contra o *Pagem*.

A pressa, — com que aquelles benemeritos curiosos o levaram á scena para se não retardar a esmola, que tantos infelizes lá ao longe estavam almejando, — vedou que se desempenhassem de seus papeis, como aliás o deveram e costumam. Podemos logo dizer que no dia 8 do corrente no theatro nacional da Rua dos Condes se dará o *Pagem de Aljubarrota* pela primeira vez.

Temos ouvido que alguns malevolos lhe premeditam uma affronta publica. Não o acreditamos. Seria uma brutalidade temeraria e inteiramente perdida. O engenho do Sr. Leal e o gosto do publico são dois conhecidos e amigos de largo tempo. O engenho do Sr. Leal foi applaudido, festejado, quasi idolatrado desde os seus primeiros passos n'esta agra carreira, que elle encetou imbérbe, quasi a braços com a morte e sem guia nem auxilio de genero algum: agora que as suas forças cresceram, que o estudo o enriqueceu, e a experiencia o aperfeiçoou,—agora que os seus dramas são já para o tablado e para o gabinete, para o povo e para os sabios, obras de acção

e obras litterarias — seria muito tarde para os invejosos conseguirem converter-lhe o sceptro em cana verde; mórmente quando os actores, que depois do seu resgate se nacionalizaram de vez e para sempre, estão empenhados em dar a mais cabal execução a um escripto, que, sobre ser todo portuguez, pelo auctor, pelo assumpto e pelo estylo, pertence áquelle de nossos talentos, que mas fecunda e felizmente tem trabalhado para a formosa arte que elles professam.

IV

Terça-feira assistimos no Theatro Normal á primeira representação do *Pagem d'Aljubarrota.*

Foi plenamente applaudida. O contrario houvéra sido uma vergonha, — para o poeta, não,—para a companhia, tambem, não;—mas para a platéa.

O auctor, os actores, e os espectadores todos d'esta vez se comprehenderam mutuamente. Sem este concurso de intelligencias, que raras, bem raras vezes, se realizam, não é possivel a arte scénica.

Felicitâmo-nos de ver que o dia dramatico litterario já alvorece para nós.

(Estes quatro artigos sairam successivamente em varios numeros da *Revista Universal Lisbonense* de 1843).

DONA MARIA DE ALENCASTRO

Drama original em 3 actos

E' singela e pobre a flôr que desejamos bem mimosa e rara para entrançar na corôa poetica do nosso esperançoso talento dramatico: — não lhe realçará de certo a belleza, não lhe accrescentará a valia que não póde ser; mas agreste e ingenua como é, servirá de testemunho da nossa verdadeira admiração: não temos mais que offerecer; porém quando vem do coração, o pouco satisfaz pelo menos tanto como os maiores thesouros, desbaratados por mão larga e indifferente.

Já n'outro jornal comparámos a uma anterior esta peça do Sr. Mendes Leal; já quanto nos consentiam os limitados âmbitos de uma folha diaria a considerámos á luz da épocha actual e suas tendencias; reportâmo-nos em tudo ao parecer, que publicámos em o n.º 432 da *Restauração* sobre o drama de D. Maria de Alencastro:—as reflexões, que hoje aventuramos na *Revista*, são filhas de uma sincera opinião, guiada por maior estudo e mais assentada analyse: muito diriamos ainda, se não fosse impropria de um jornal d'esta natureza a extensão, que similhantes materias requerem; ficará portanto para largamente ser tractado n'um livro que *sobre o nosso theatro e seus progressos*, talvez um dia arrisquemos em publico; não só olhará imparcial para o passado, mas ousamos affiançar que não sairá

menos recto na critica da arte, no que respeita o presente. E' o fructo de sérias investigações, e reflectido estudo; que de novo determinámos atar no ponto em que outras occupações, não de todo alheias das letras o truncaram, uma natural inclinação, por este ramo tão viçoso da poesia ainda mais poderosamente nos impelle a consagrar-lhe exclusivamente o nosso tempo e cuidados; esta resolução havemos de leval-a ao cabo, e nem a falta de conhecimentos, nem a pobreza de engenho, que já confessamos d'aqui, nos poderão desalentar, ou demover de tão decidido propósito.

O theatro é, para um povo livre, eschola e recreio, nem todo elle acompanha o progresso intellectual das nações adeantadas; desgraçadamente o nosso é um dos que não foram bem fadados; a instrucção, que em outras partes se considera geral e commum, é n'este reino excepção e um como patrimonio de poucos eleitos; não vem ao caso agora indagar as causas, que são remotas e proximas; basta estabelecer o facto, e crêmos de boa mente, que ninguem o negará.

Na Allemanha estão-se representando com extremo applauso as sevéras tragedias do theatro grego, com todo o seu esplendor, com toda a pomposa formosura da sua Melpomene; a traducção litteral, theatro armado á feição do antigo, até a melopéa, senão a mesma, pelo menos muito parecida á d'Athenas; — emfim Eschylo e Euripedes! e aquelle povo bateu-lhe as palmas, e saudou com fervor passados tantos seculos a lyrica e a arte hellenica, como ella nasceu e se creou no abençoado sólo da Grecia.

A platéa, que assim se collocou á luz de uma épocha inteiramente diversa, e inteiramente separada da presente e seu fóco, bem

mostra que sabe entender aquella civilização, costumes e philosophia, tão oppostas á actualidade palpitante.

Em Munich, Lopo da Vega e Calderon enlevam e arrancam brados de assombro, escrupulosamente vertidos, e conservando em tudo a fórma e os modos naturaes da terra natal da peninsula: mais outra prova do mesmo facto.

Façam aqui outro tanto, e verão!... Culpado d'isto é por ventura o povo? não é, não; se elle nem reconhece, nem percebe aquillo, como querem que o admire! o livro devem-lh'o escrever em linguagem corrente; a sua escola seja toda nacional como o Gil Vicente; assim rico de lances e acção; porque não está ainda educado para apreciar a analyse subtil das paixões; para levar uma palavra, ou uma situação, embora ella diga mais sobre a época, que o poeta tentou esboçar, do que dez in-folios de máu latim de frades: refaçam-lhe a educação; e depois ha-de ir a par dos outros.

O Sr. Mendes Leal seguiu esta maxima, este dogma do theatro; accommodou o drama á capacidade, ao gosto, e ás inclinações da sua platéa: e ella correspondeu, applaudindo e victoriando o drama.

As paixões politicas refervem, e transpiram nas obras da arte, posto que seja desacatar-lhe o sacerdocio: estamos como na meia edade; tudo é allusão, como n'aquelles seculos quasi tudo era allegoria: innocente que adeje o pensamento; pura de má intenção que se grave a phrase; cada qual lhe deita logo o seu sentido: as epochas de lucta, de guerra, e de catastrophe são as que mais lisongeam o publico; os dramas meramente familiares, se não se travam com o viver agitado na praça, ou com o enrêdo da côrte, d'onde dependa a sorte

do reino, ou da nação, que passa na scena, poucas sympathias carêa.—As reacções politicas fazem resaír as moraes; e no fundo d'esta tendencia ha realmente uma verdade dramatica, já comprehendida pelo creador da tragedia grega: — as transformações sociaes, ou grandes combates prestam aos dramas as côres, a animação, a vida, que sem ellas difficilmente alcança; depois entre a scena e o espectador trava-se uma silenciosa relação d'affectos, e o interesse cresce; o desfecho ou se illumina com o romper da aurora do futuro, ou resolve ao mesmo tempo dois problemas; o social pela historia, o moral pelo complemento da acção.

Tambem n'esta parte se encostou o Sr. Leal ao gosto geral, e fez bem. A sua D. Maria de Alencastro, é mimosa, sevéra, e sobre tudo dramatica: falada n'uma lingua que todos entendem; os caracteres não são coherentes e completos, quanto o permitta a estreiteza do quadro, mas o que mais vale, graduados no colorido para resaír cada um no seu logar: as situações, senão todas irreprehensiveis, na sua perfeição, milagre que julgamos humanamente impossivel, sempre bellas, ricas de lances, e palpitantes de anciedade;—o desenlace de cada acto, calculado com sciencia dramatica, e summo estudo da platéa: o desfecho que só pelo repentino e tragico se recommenda, ainda mais resulta pela palavra profundamente historica que o encerra—«este tiro foi dado na corôa de Affonso VI!»

Entendemos que alli se devia fechar sem mais uma só phrase; está completa a acção; e resolvida a questão moral pela liberdade e amor de D. João; a politica pelo tiro de D. Antonio — fica depois d'aquella expressão o futuro na peça que o espectador já sabe qual foi, se uma vez entrou na sala dos paços de

Cintra, e viu os tijolos cavados dos passos de um rei captivo.

Os actores esmeraram-se todos; e especialmente o Sr. Epiphanio no terceiro acto arrebata, assim como o Sr. Rosa comprehende bem o seu papel, e as situações, traduzindo-as com muita felicidade, e ás vezes natural.

O sr. Tasso entra graciosamente, e a Sr.ª Talassi no gesto, na paixão, e na voz retrata-nos ao vivo a creação ideal do nosso poeta.

A peça está vestida com muita propriedade, e sem olhar a despezas.

(Da *Revista Universal Lisbonense*, 1843).

O TRIBUTO DAS CEM DONZELLAS

Drama em 5 actos

(Imitação)

O *Tributo das cem donzellas* é imitação mais rica do que muitas obras originaes. Não se vê alli abundancia esteril; admira-se a graça, a ligeireza de um pincel sempre variado, e quasi sempre feliz nas diversas scenas de um quadro tão vasto como difficil! O nosso poeta restituiu á peça franceza a verdade da epocha, truncada e invertida sem motivo; e deu assim individualidade aos caracteres e relevo á acção, conciliando a pompa e a magnificencia com o interesse das situações.

E' uma desgraça que o officio de escriptor se tome como um desafogo de outras fadigas, desamparando-se a profissão das lettras tão estimada entre as nações civilizadas. E não se accuse este ou aquelle homem! A molestia de que adoecemos vem de muito longe. Nasce da certeza de encontrar a porta das mais illustres carreiras fechada ás legitimas esperanças. Onde as ambições nobres pela cultura das boas artes não descobrem uma entrada gloriosa, nunca se póde esperar que prosperem. Este mal é um dos fructos acerbos dos repetidos abalos politicos — um dos resultados deploraveis d'essa litteratura dan-

çante e perfumada, feita para merecer o sorriso dos poderosos nos toucadores e nas grades dos conventos, litteratura contrafeita e degenerada, que amortalhou nos braços o cadaver da robusta monarchia de D. João II.

Por longo tempo a imitação como Achilles continuou o gyro em volta da Troya classica. Hoje alguns talentos escolhidos animaram-se a seguir differente vereda e transplantar para aqui o que nos outros reinos já ia encanecendo. Offereceram-nos as exaggerações da contra-revolução da eschola chamada *romantica:* copiaram-lhe os erros e tambem as bellezas; mas, perdôem-nos os que se lançaram n'este caminho, não se libertaram por isso da antiga algema. Imitaram um theatro muitas vezes monstruoso, quasi sempre falso, por julgarem que só no horror dos padecimentos physicos, que só no abuso de anthiteses repugnantes reside o sublime. Mudaram as fórmas á imitação mas não mudaram o caracter á scena portugueza; ficou o que antes era— uma escrava subjeita aos sceptros das estrangeiras. Traduzir sem escolha peças modernas, ou tragedias dos mestres das tres unidades — sempre é traduzir! O pensamento da reacção escapou no essencial aos nossos poetas, como nos parece que escapou tambem a muitos dos chefes das escholas de França e de Allemanha; e era esse que mais cumpria entender e applicar, a fim de colherem os beneficios do novo systema.

O movimento da renascença quebrou com as tradições da poesia nacional, assim como procurou annullar os costumes e usos patrios pautando as instituições pelo modêlo da unidade monarchica, transportada violentamente de uma sociedade morta para as sociedades agitadas pela discordia de interesses contrarios. Foi uma lucta dolorosa, muitas vezes

ensanguentada, e por grande espaço porfiosa, essa transformação. Custou seculos a consumar-se, e sahiram d'ella anniquilados os elementos da passada existencia das nações, e com pouco duradoura vida os vencedores. Em quasi todas as terras a monarchia una adornou o triumpho como esplendor de um momento de glória. Depois dominaram os vicios da sua organização, e enfraquecendo-a trouxeram-n'a ao estado morbido, em que a vieram surprehender as tempestades dos fins do seculo antecedente. A litteratura acompanhou as phases da decadencia assim como notára as breves horas do apogeu.

A contra-revolução poetica d'este seculo não fez mais que auxiliar, completando-a, a victoria popular. O seu objecto era, segundo acreditâmos, atar o fio das tradições nacionaes nos pontos em que os rompêra a renascença. Levantar do chão a estatua apenas modelada na edade media, e com um cinzel mais experiente e um gôsto mais seguro erigir por ella aos seculos modernos um monumento que os não envergonhasse deante dos primores da civilização antiga. A esthetica christan tem de existir em divorcio com o Apollo grego—porém os preceitos, as bellezas immortaes, a harmonia, a pureza da arte de Athenas e de Roma, n'aquillo em que ambas, ou alguma d'ellas, foi excellente não se podem ignorar sem mutilar o engenho e proferir uma blasphemia. As duas civilizações não se fundem nem se afferem pelo mesmo typo—o espirito de uma matou o da outra—mas o que a primeira revelou á segunda no segredo de verdades eternas são depositos que se não desprezam impunemente.

A eschola moderna portou-se com a arte greco-romana como os barbaros do norte com o imperio dos Cesares. Entrou com a soberba

intolerante de um conquistador. Perdeu de vista o seu alvo, e começou a disparar ao acaso. D'ahi provieram os desvarios, os abortos que vimos nascer, applaudir e morrer na mesma noite.

Hoje já as oscillações vão a menos. A' febre revolucionaria succedeu o cansaço e a indifferença. A analyse desce inexoravel sobre toda essa raça de cyclopes improvizados, e sem piedade mostra o que elles são, tirada a mascara, despidas as roupas, e desatacado o cothurno usurpado á casta e divina Melpomene. As escholas — diversas nas applicações — estão obrigadas a reformar-se, a reconstruir-se segundo a mesma e invariavel regra. Quasi todos reconhecem já que o progresso litterario depende de fazer com o nosso passado, com a nossa actualidade, o que os Gregos e os Romanos fizeram com os seus; regenerar a poesia pelo baptismo popular; enriquecel-a com todos os thesouros que a arte moderna descobriu; coroal-a com as grinaldas naturaes que florescerem nos ramos viçosos da tradição.

Do estudo profundo e da reflexão detida sobre o theatro hespanhol comparado ao theatro de Shakespeare tinhamos fé que se veria alguma revelação d'onde surgisse a creação de uma scena portugueza nossa original, filha legitima d'esta terra, herdeira da gloria e poesia das esplendidas epochas que a engrandeceram. Mas não é para aqui discutir questão, que exige maior espaço e mais tempo do que nos é licito consagrar-lhe agora. Bastará que se advirta que gerações pizaram o solo que nós calcâmos, que exercitos cingiram de um diadema de lanças a cabeça dos seus outeiros! A aguia do Tibre, as armas dos Godos, as luas dos Arabes, e os leões das Asturias, durante seculos, nos seus graciosos

valles ou nas suas despenhadas montanhas combateram, dominaram e cahiram. Que de heroes morderam o pó, que de ambições agonizaram nos carceres; que de mudanças aconteceram do anoitecer ao romper d'alva! Sublime espectaculo o de duas civilizações oppostas justando n'um duello mortal pela victoria de uma religião, e pela posse de uma corôa! A conquista em toda a parte; mais ao longe os tempos homericos na raça goda — depois o heroico na guerra de Pelaio e seus successores, até á queda da musulmana Granada. As cavallarias d'Africa, os torneios da lucta de Castella; o romance das mil e uma noites realizados por um punhado de aventureiros nos mares e imperios da India; tudo isto que se reputaria a mais inverosimil das novellas, se não fosse a formosa e confirmada chronica de um reino por muito tempo sem rival, é de uma novidade, de um interesse e de um grandioso, que chegam a assustar os talentos mais ricos, mais viris.

O Sr. Mendes Leal approximou-se n'esta peça das origens que apontámos. E' um ensaio felicissimo, que o convida a emprehender a restauração tão ardua de algumas obras escolhidas de Calderon. Ha, no drama de que damos noticia, lances em que o terror e a compaixão se elevam aonde não sobem as convulsões de uma paixão phrenetica, brutal, e toda physica. Ha scenas em que um buril robusto grava em dois traços um caracter, e sem lhe roubar a verdade humana o funde no bronze dos typos heroicos. O frecheiro Adelgastro é um d'elles. Está desenhada com tanto vigor aquella physionomia, sentem-se tanto as pulsações d'aquelle coração de soldado, abrazado em dois nobres affectos—o amor do guerreiro á bandeira da patria, o amor do irmão á orphã sem outro abrigo que o seu

braço; choram tão deveras aquelles olhos; falam com tanta eloquencia aquellas cicatrizes de dez batalhas, quando entre o suicidio da propria gloria e a infamia da sua familia uma tentação horrivel se lhe offerece, que o applauso parte de todos os lados, e a ficção veste as côres da realidade. Aquelle soldado godo parece nosso conhecido—quasi que affirmariamos tel-o visto hontem pelejar, e vel-o hoje extender o elmo, roto de golpes, a pedir esmola para remir do opprobrio sua irmã condemnada ao harem dos infieis! E todavia não se podia destacar d'aquella epocha. E' toda a expressão d'ella — assim como alguns dos outros. Collocado em quadro mais remoto ou mais vizinho desagradava, offendia. E' o povo em um dos aspectos do seu viver e crer d'outro tempo. Não faremos egual elogio ao Propozito D. Ramiro: é tyranno vulgar de melodrama, que alguma conveniencia forçou o auctor a conservar, mas que está alli contrafeito de se ver em tão boa companhia. O rei D. Affonso, Adozinda, e Bernardo del Carpio, são bons retratos, e cada um d'elles no seu justo logar completa o painel, e anima a scena com os sentimentos de uma classe, ou de uma paixão elevada. O walid Almuhadar é um contraste pittoresco com a sociedade christã, e pela generosidade de alma, esforço e magestosa polidez, é digno de representar a côrte elegante e guerreira do tronco glorioso dos kalifas, qne imperaram em Cordova, em Granada, e em Sevilha. Os caracteres são todos mais ou menos heroicos; mais ou menos repassados d'aquella elevação que a poetica idéa que geralmente se fórma da cavallaria nos obriga a louvar no drama, com quanto no romance a não absolvessemos tão de leve. A poesia d'aquelle periodo ía profunda; estava na tempera dos animos, na

sublimidade dos sacrificios, no desprêzo dos perigos e da morte, no enthusiasmo religioso, e na mesma grandeza da lucta e do seu theatro. Subia menos á superficie. Na peça seria um êrro esta obediencia servil ás leis da chronica. Não é ao drama que pertence verificar certos factos, nem destruir certas opiniões europeias; e muitas d'ellas nem o romance, sob pena de o tornar uma indigesta collecção de notas e commentarios.

A pompa do espectaculo vingou a empreza do Theatro dos seus detractores. A uniformidade e acerto da representação é um titulo de merecido elogio para o Sr. Epiphanio como ensaiador. No papel de Adelgastro, o nosso actor soube exprimir, e com extrema felicidade, todas as alternativas d'aquella pungente dor. Soube ser soldado e irmão, e sobretudo soube ser godo: conseguiu resumir ás vezes n'um gemido, n'um olhar ou n'um gesto, o que ha de admiravel nas grandes afflicções, e o que ha de bello na força, quando a força verga debaixo do poder irresistivel dos padecimentos moraes. A Sr.ª Talassi na linda scena com o Proposito—uma das mais rapidas e expressivas da peça, provou que não tem rival em comprehender as situações mais delicadas. O Sr. Tasso entrou perfeitamente, e em diversos lances confirmou as esperanças que n'elle fundam quantos lamentavam a falta de um *primeiro amoroso* tão sensivel em certas obras. Não diremos o mesmo da Sr.ª Emilia. Se teve momentos melhores, em geral exaggera a candura, e cahe n'uma pieguice que lhe fica mal: desconhece o valor de certas passagens, e destôa a miudo no declamar, adoptando por ultimo uma nota aguda, similhante a grito d'ave, que arripia e molesta o ouvido.

A musica dos choros composta pelo Sr.

Pinto é de muito gosto; ligeira umas vezes ou docemente melancholica outras, é sempre apropriada; as vistas pintadas pelo Sr. C. J. Xavier affiançam os progressos do artista, e asseguram-lhe, se tiver constancia, uma reputação distincta n'este genero.

(Da *Revista Universal Lisbonense*, 1845).

OS HOMENS DE MARMORE

Drama em 5 actos

Escrevendo estas curtas linhas, cêdo aos benevolos desejos do auctor, mas não ignoro o que ellas offerecem de imperfeito e de incompleto, como juizo da sua obra.

Mais do que nenhuma outra, a fórma dramatica exige da crítica, para ser bem avaliada, summa penetração e lucidez de analyse, e amplo desenvolvimento.

Lavrar de corrida um elogio sem base, ou uma censura incorrecta, é desobedecer ás regras, e desacatar os fóros do exame sisudo, cuja auctoridade vive da razão e do gosto, e de nada mais.

Entretanto, conhecendo o precipicio, não posso fugir d'elle. Prometti estas poucas palavras, e devo cumprir. Sirva-me isto de desculpa, se arrojos taes a podem merecer.

Os *Homens de Marmore*, na scena, alcançaram a corôa que só confere o applauso publico; e em um drama philosophico, e concebido para typos da sociedade actual, o suffragio das platéas toma dobrada significação.

Les Filles de Marbre, representadas no theatro francez, estimularam a curiosidade, e graças a scenas felizes no desenho e dialogo, por occasião de alguns lances de verdadeiro pathetico, devido á execução esmerada e habil

de dois actores distinctos, Ulric, e a dama que fez o papel de *Marcó*, as imperfeições sumiram-se, a armação melodramatica da peça não desagradou e a intenção moral, realçando, soube resgatar os defeitos, que saltam aos olhos na leitura, e nos desgostam.

Chegava o assumpto e sobrava, para a larga creação de um quadro de primor; se os pintores corressem menos, e combinassem com reflexão e tacto todos os elementos de exito, sem duvida seria esta uma das raras peças dignas do mais escolhido reportorio, e capazes de sobreviver ás ephemeras ovações de algumas noites.

Mas, saíndo do circulo encantado das illusões scenicas, e meditando comsigo no problema proposto nas *Filles de Marbre*, o observador perguntava á consciencia perplexa que motivo a fazia vacillar—entre satisfeita e descontente; ou por outra, o que faltava n'aquelle retrato para o tornar parecido e sincero?

Na sociedade positiva, que domina o seculo, e adora o bezerro de ouro, sob as diversas denominações inventadas pelo orgulho e pelo interesse, os corações insensiveis petrificar-se-hão unicamente no seio da mulher?

Era justo aferir pela alma gangrenada da prostituta o puro e suave espirito de tantas virtudes, embora risonhas e distrahidas?

O homem, metade do genero humano, traçando o painel, não teria posto o leão aos pés, ou antes não teria transformado a verdade em seu proveito, buscando de proposito uma excepção odiosa para cunhar a effigie do egoismo sordido e cruel?

Acho que sim; e o drama dos *Homens de Marmore* prova-o com as suas conclusões, e nos seus seus triumphos.

A feição é geral; e só varia nos modos e proporções.

Corações de pedra, calculos sem entranhas, vilezas e prostituições moraes, tanto se encontram na ambição e no amor do ouro, do lado do homem, como nas vaidades prodigas, e na avareza torpe da mulher, capaz de se esquecer de si, de Deus, e do escandalo publico.

Felizmente o vicio não vem de hoje, nem o crime é de hontem; nasceu com as antigas civilizações, e cresceu, ou diminuiu, segundo as phases, que as gerações atravessaram...

De Gorgias a Luçullo, dos guerreiros de Atila aos assoladores do Mexico, a moralidade indignada deplorou males eguaes, e a satyra em brado austero flagellou os mesmos desacatos.

Em todos os tempos a riqueza, ou, peior ainda, o desejo da riqueza sem escrupulos, declararam guerra mortal aos sentimentos nobres, ás acções honradas, e ás crenças sinceras.

Bastantes dos heroes de Plutarcho morreram por esta bella causa; e se o silencio da historia esconde o nome e o martyrio de muitos obscuros, não deixou por isso a alma de se lhes rasgar em agudos espinhos de encontro á realidade; nem as lagrimas de sangue, por serem mudas, deixaram de caír eloquentes n'esse calix de amarguras que entre doçuras venenosas todos bebemos mais ou menos, e que se chama a vida!

Esta posição esquecida na obra franceza é o texto dos *Homens de Marmore*; sómente o poeta entendeu bem, que na existencia social, como na individual, os extremos tocam-se, o bem e o mal repellem-se; e o cynismo, se dá o braço á perversidade opulenta vê logo deante, com os olhos firmes e de cabeça alta, a honra amparando a innocencia, e inclinando-se ao infortunio virtuoso.

Eis o que representam no drama portuguez as figuras do pintor Fernando, e das duas fi-

lhas de D. Luiz, Ignez e Beatriz; uma ingenua e pura desde a primeira hora, a outra desditosa por um impeto apaixonado, porém merecedora do perdão que a levanta das humilhações da culpa.

Simplicio Lobo, Estevam de Moura, e Diogo Travassos—corações de pedra com planos e fins diversos — quasi resumem entre todos tres o que ha de mais ignobil e corrosivo nos caracteres depravados, que passeiam impunes defronte das victimas, e aos quaes uma tolerancia incomprehensivel permitte liberdades e condescendencias, negadas com durezá a menos vergonhosas e nocivas acções.

D. Luiz, o fidalgo velho, o homem do passado perdido no presente, préza a honra acima de tudo, e se não hesita em sacrificar á ostentação nobiliaria a felicidade de uma filha, expia nobremente o erro; quando, suffocado em prantos, abre os braços a Beatriz, estala-lhe no peito a delgada capa de pedra, com que o orgulho de raça lhe resfriava os impulsos de um animo generoso.

De todos os caracteres da peça o mais completo é, seguramente, o do usurario Simplicio Lobo, apezar dos toques exaggerados, que auctoriza a arte para os effeitos da perspectiva dramatica.

N'esse, nem uma fibra deixou de se petrificar, nem um instincto bom resistiu ao insaciavel appetite, que o devora.

As lagrimas fazem-n'o rir; no seu peito, em vez de coração, existe uma taboada de cambios, e á força de conhecer e explorar as torpezas de certa roda, cegando com o atheismo moral chegou ao desprezo absoluto por toda a humanidade!

Porque viu de rastos atraz das suas arcas de dinheiro um bando de prodigos famintos, ou de pelotiqueiros de sociedade, julgou a

virtude fabula, e o mundo uma enxovia, em que os bons e probos só se distinguiam dos malvados e miseraveis por um vicio de mais —a hypocrisia!

Depois d'este, Estevam de Moura segue-se como cynismo, e como desenho acabado.

A sua industria de casamentos, e os methodos infames por que a exerce, tomam duplo relevo nas bem delineadas scenas, em que se descobre, fazendo gala da devassidão, e especulando até com as repugnancias, que excita.

De certo, em outro qualquer drama, terminaria a acção no terceiro acto com o perdão de D. Luiz a Beatriz, e com as bellas palavras de Ignez e de Fernando; toda a paixão que as situações comportam, rebentou alli; e o que accresce, nos actos IV e V, são puros complementos philosophicos, necessarios ás conclusões da peça, mas estranhos ao pathetico e ao nó sentimental que a enreda.

Ignez em casa de Simplicio Lobo, e o desenlace final aperfeiçoam os traços das duas physionomias de marmore do usurario e do cynico, porém nada apertam, e nada influem no sentimento dramatico tomado pelo aspecto mais restricto.

A unidade entendida pela antiga regra mandaria caír o panno sobre, as derradeiras phrases de Fernando no terceiro acto; mas a unidade philosophica perderia o valor, ou antes ficaria mutilada sem os dois actos, que a explicam.

De mais, o risco era para o auctor, que se expunha á indifferença da platéa depois dos lances maguados de reconciliação; desde que desprezou com decisão velhos e estreitos moldes, arrostou com elle, e levou a pintura até onde devia; para o fazer completo só cabe á critica o louvor confirmado pelos applausos publicos; a platéa, juiz supremo n'estes pon-

tos, pode illudirse com os rasgos de paixão, mas nunca as combinações mais frias de verdade philosophica a enganarão.

O breve espaço, de que disponho, não consente mais; emitti apenas asserções despidas de provas, e opiniões sem desenvolvimento, que talvez pareçam confusas, ou paradoxaes; mas não podendo alongar-me, só registei um voto humilde, que todos apreciarão no que valer; por mais baixo que o ponham, ainda o julgam muito acima do que eu entendo que merece.

Lisboa, 17 de dezembro de 1854.

(Artigo servindo de *Proloquio*, ao drama *Homens de Marmore*, Lisboa, 1854).

ERNESTO BIESTER

UM QUADRO DA VIDA

Drama em 5 actos

Escrevendo estas linhas, não tenho a presumpção de suppor, que estou compondo um juizo critico: para isso eram necessarias maiores forças, e a pausa e reflexão absolutamente indispensaveis para assentar opiniões provadas, e conceitos meditados.

Satisfazendo aos desejos obsequiosos do auctor, foi outro o meu objecto.

Quiz que eu dissesse singelamente o que entendia da sua peça, e obedeço, porque nunca duvidei repetir, pela imprensa, o que sinto e exponho em particular.

Para mim o *Quadro da Vida*, tal como hoje se apresenta na estampa, está longe de ser uma producção perfeita, que desempenhe todas as condições do genero: mas parece-me innegavel, tambem, que é um ensaio que revela o engenho dramatico, a par das inexperiencias e precipitações que são inevitaveis no principio.

Comparado com a primeira tentativa, o drama *Raphael*, e com a ultima, ainda inedita, a *Redempção*, manifesta-se na urdidura do enredo, no desenho dos caracteres, e na propriedade do dialogo, visivel e incontestavel progresso. Se não venceu de repente toda a distancia, cada passo, que adeanta, approxima-o d'ella.

Caminhando lento, mas seguro, anima a fundada esperança, de que ha de vir a honrar a scena com alguma obra de maior vulto, das que sáem das proporções vulgares, e só um genio precoce antecipa aos annos, e á progressão natural do estudo e do trabalho.

O *Quadro da Vida*, como pintura dos costumes actuaes, apenas significa um esboço. Nas partes difficeis accusa logo a mão noviça, e pouco affeita ainda ás destrezas dos grandes mestres do Theatro.

Lendo-o, occorre logo uma censura justa. O painel, como o auctor o traça, tem mais de estrangeiro, que de portuguez: eis a razão da especie de frieza, com que as plateias o receberam.

Applaudiram os lances de paixão, e os rasgos dramaticos; porém não achando a côr, e o sentimento nacional, viram-n'o sem grande curiosidade, e despediram-se d'elle, como nos separâmos quasi sem saudades de um forasteiro, que nos aperta a mão em um dia, para no seguinte seguir jornada!

O theatro vive de outra coisa. Reduzido a copias, ou a imitações, mais ou menos remotas, das scenas de fóra, desfallece, e pouco a pouco fica desamparado.

Se o *Quadro da Vida* se pozesse a retratar do vivo com mais cuidado, collocando a acção na moldura propria, e dando a tudo a physionomia nacional, ouso affirmar que o exito seria duplicado. Não basta chamar os personagens por nomes portuguezes, é necessario mais; o fundo e a fórma devem corresponder.

Os affectos e as paixões, na essencia, são sempre os mesmos; mas entretanto o ciume de Othello não rebenta do mesmo modo, que o ciume de Christina, ou que o delirio de Didier em *Marion de Lorme*.

A indole, as epochas e a nacionalidade mo-

dificam de variadas maneiras a expressão e os costumes de cada povo; mesmo n'este periodo de geral absorpção, sempre têem feições peculiares, e gestos que o separam do commum, e constituem a sua iudividualidade.

Eis o que falta no drama, de que tractâmos, e principia a apparecer na *Redempção*.

A viscondessa e o Gaspar da Silva do *Quadro da Vida* são da familia conhecida das mulheres da moda e dos Cresos torpes, que estão na posse do drama francez ha alguns annos, como successores legitimos dos cabides d'armas da renascença theatral da meia edade.

Sei que o auctor não os foi recortar d'esta ou d'aquella figura dos dramas modernos: mas sinto que os não viesse buscar á realidade prosaica das cousas, para os idealizar, e reproduzir depois.

Aquelles dois typos da prostituição moral, infelizmente, não são exclusivos. Ha-os aqui, ha-os em Paris, houve-os ha um seculo, e têem de existir sempre. O modo de os pôr em vulto, e de os metter em scena com a verdade absoluta e relativa, é aonde prende o nó da difficuldade.

O avaro de Moliére não é o avarento do poeta latino. O Cid de Corneille differença-se muito do Cid do auctor castelhano, que lhe despertou a idéa da immortal tragedia.

Raymundo tem mais ar de portuguez, e por isso, em certos lances, acha-se como constrangido, e perde alguns rasgos, que o desenvolvimento do seu caracter nobre deviam proporcionar.

As scenas XIII e XIV do segundo acto, a meu vêr, assás o mostram.

São pungentes, animadas, e rapidas em partes; porém tocadas com maior profundidade, e allumiadas pela analyse do coração humano,

redobrariam o sobresalto e a commoção do espectador.

A scena do acto IV, sendo menos longa, mais cortada no dialogo, e sobretudo mais fiel aos costumes e aos caracteres, poder-se-ía apontar como perfeita; e assim mesmo, é bella e de grande effeito.

Passando á contextura do enredo, não se resente elle do vicio capital, que indiquei? A base não será estreita para a acção? O ciume da viscondessa, e a sensualidade estolida, que cega o capitalista, bastam para explicar a catastrophe, naturalmente, ou tem a realidade necessaria para captivar o interesse?

Sinto dizer que não.

O amor ou antes a inclinação da viscondessa por Jorge, limita-se a um capricho, a um desenfado, que o primeiro baile desvanece com as illusões de outra intimidade?

Se nos quer pintar a vingança terrivel suscitada pela mulher do ministro contra Laura, e o seu tutor, o auctor excedeu a medida, e, delineando uma perversidade ferina, no desenlace omittiu a punição condigna.

A espectativa de se vêr obrigado a supportar os galanteios e exigencias do capitalista não satisfaz; o arrependimento balbuciado deante do corpo da victima não é expiação sufficiente.

Se a paixão domina, e as suas chammas queimam na alma da viscondessa a piedade e a misericordia, o ciume, que a devora, não foi desenhado com as fortes côres, precisas para o caracter se manifestar, e, em justa progressão, tornar verdadeiros os transportes, que não desculpam o crime, porém justificam a ficção.

O desfecho, mesmo, offerece menos realce, do que as premissas do drama auctorizavam.

A morte de Raymundo é um sacrificio he-

roico; mas era absolutamente necessario, em presença do final do drama?

Sem alterar a estructura, ou ferir a idéa principal, não haveria maneira de poupar o espectaculo doloroso d'este suicidio? Creio que sim!

Creio até, que o pensamente moral, que deve sempre inspirar, sem falsas austeridades, a obra scenica, ficaria mais completo.

Gaspar da Silva sáe de casa pago, e o seu castigo unico é o desprezo que está costumado a embolsar com os cruzados novos!

A' viscondessa não lhe succede peior!

O ministro é um pavão, que se remira nas suas pennas, e que nada percebe.

Quem padece pois? Quem é punido? Raymundo, o homem virtuoso e innocente!

Noto o que me desagradou, e não adoço a phrase. Se o drama não revelasse talento, se visse n'elle uma chapa vulgar e rude, entregal-o-ía ao seu destino, e não falaria d'elle.

Mas estas incorrecções são proprias das primeiras tentativas. Nunca se começa pelo fim; sobre tudo na mais difficultosa forma da arte.

No *Quadro da Vida*, é força reconhecel-o, ha trechos de merecimento, e de boa execução. Já apontei alguns, e fôra facil citar muitos.

Como exemplo de dialogo espirituoso e apertado a scena X do 1.º acto, entre Jorge e a viscondessa, não envergonharia um poeta de reputação.

Como prova de facilidade e de intenção dramatica o 2.º acto póde supportar uma crítica severa, porque encerra bellezas, que resgatam e compensam os esquecimentos.

De que serviria, porém, insistir mais? A leitura desapaixonada da peça mostrará se fomos imparciaes, avaliando-a. Estamos persua-

didos de que a julgamos sem favor, e adquirimos assim o direito de sermos acreditados na parte em que a elogiamos; e sustentando que entre ella e o *Raphael*, (primeira tentativa) se observa já sensivel progresso, declaramos uma opinião sincera, que será facil comprovar.

O talento do auctor é dos que não recuam, porém caminham lentamente. Carece de espaço, de estimulos, e de reflexão para produzir os fructos sazonados, que só se colhem tarde e na epocha, em que a madureza, moderando a phantasia, dá ás obras d'arte o primor, que ellas pedem.

Entre o *Quadro da Vida* e a *Redempção* existe a mesma distancia, que separa os primeiros ensaios do balbuciar incerto, e do clarão confuso de um engenho, que experimenta os seus poderes, mas desconfiado e duvidoso ainda, vacilla, e não sabe até onde póde chegar.

Disse o que sentia. Se alguma cousa attenuei foi louvor. Ha trechos que eu deveria talvez elogiar, se não tivesse medo de que me suspeitassem de parcial.

O *Quadro da Vida*, como se apresenta hoje ao publico, se não é uma producção notavel, pelo menos é um ensaio de valor, que merece registar-se. Sempre, que um auctor principia d'esta fórma, a crítica deve-lhe a benevolencia da hospitalidade, e os parabens da boa estreia.

Não lhe occulta os perigos da carreira; não lhe poupa as advertencias; mas, extremando a censura do rigor, sabe animar os esforços uteis, e encaminhar os passos timidos.

Já o dissémos. Ninguem começa por onde costumavam acabar os mestres.

(Artigo servindo de *Prologo* ao drama *Quadro da Vida*, Lisboa, 1855).

D. Maria Candida de Carvalho Coutinho
de Vasconcellos

UMA VOCAÇÃO

Entre nós as letras e a poesia ainda não constituem uma profissão. Estimam-se, e ás vezes applaudem-se; mas não alcançaram ainda a protecção e o estimulo, que as anima e faz viver.

Estamos muito mais adeantados; lê-se já o triplo do que se lia; o gosto aperfeiçôa-se; porém achamo-nos por ora bastante longe d'aquelle desenvolvimento, que torna a vida litteraria uma carreira independente e segura, como as melhores.

Em Portugal o auctor mais apreciado difficultosamente poderia subsistir do trabalho da sua penna. Esperemos que dentro em pouco succeda o contrario; por em quanto a gloria excede o proveito, e os elogios são mais do que os leitores! E entretanto os engenhos elevados e as vocações sinceras não faltam!

Estabelecida a comparação com as nações cultas e populosas não nos vencem, como de repente poderia suppor-se.

A França dispõe de meios intellectuaes, com que só rivaliza a Allemanha; e a sua lingua quasi universal proporciona ás boas obras, e até ás mediocres, o mercado do mundo. A convivencia, a polidez, e a crítica discreta conservadas pelo uso da sociedade e pela conversação espirituosa auxiliam as manifestações do talento; e as musas ligeiras sorriem a miudo da lyra das Saphos modernas.

O sexo mimoso não se contenta com o scep-

tro da formosura; reina tambem na provincia das letras; corrigindo, pela brandura natural e pelo tacto delicado, as asperezas do estylo, e apurando as formas em que a arte molda os seus primores. Se a idéa perde em vigor, ganha em agrado e em verdade. Os segredos do amor, as paixões intimas, e a da eloquencia dos sentimentos ternos, quem lhe leva a palma em as avivar? A côr fina e transparente; a negligencia elegante, toda graças; e a melancholia meiga e desaffectada, que une uma lagrima a um sorriso, enlevam nas paginas de um livro, attrahem nos versos fugitivos de uma canção, repassando-se da seducção irresistivel que a belleza insinua em tudo.

Uma litteratura em que não entre, como elemento vivificante, esta inspiração, amena e sensivel, ha de resentir-se necessariamente, sobresaindo nas cousas serias e profundas, e errando a cada passo nas que tiram o effeito e o applauso da expressão exacta dos affectos e da interpretação da existencia interior em varios aspectos.

Esta condição, que nos faltava, e que suppria apenas o instincto de algum escriptor privilegiado, começa a ser menos rara.

Embora ainda, com o recato demasiado cioso se escondam da publicidade, ao menos hoje as senhoras cultivam as artes, e prezam-n'as, como consolação e recreio.

As suas leituras e os seus ensaios romperam aquelle circulo fatal, que partia de Anna Radcliffe e fechava em Arlincourt; e á medida que os costumes e o exito forem animando as tentativas ao principio timidas e balbuciantes, a sua esphera ha de alargar-se e os horizontes hão de descobrir-se.

O tempo é quem pode consumar esta revolução. Confiâmos n'elle, e no impulso invencivel da civilização, e acreditâmos que não

vem longe o dia, em que poderemos saudar a aurora de algum talento feminino, digno de competir com os de fóra.

A's margens do Mondego, nos logares encantados que viram os amores de Ignez, e aonde a tradição não cessa de chorar o seu tragico desenlace; occulta entre os ramos dos bellos salgueiros debruçados sobre as aguas, encontra-se uma d'essas vocações, que para crescer e subir aonde lhe é licito alcançar, só carece de espaço e resolução.

A sr.ª D. Maria Candida de Carvalho Coutinho de Vasconcellos recebeu os dotes de coração e de intelligencia, que com as musas consagram os seus eleitos.

Entregue ás proprias reflexões, regrando os estudos mais pelo instincto, do que por direcção alheia, e formando o estylo e o gosto, separada de todos os auxilios, que os aperfeiçoam, conseguiu a sós comsigo o que só o engenho nobre alcança.

Ousâmos affirmar que a sua prosa em graça desaffectada, e em singeleza elegante não deslustra os modêlos, que se propoz.

Em verso a suave melancholia e o toque mimoso de alguns trechos resgatam o que se desejaria de mais na correcção de certas estrophes, e no acabado geral das peças.

A ningnem é permittido começar pelo fim; e a critica imparcial o que tem a verificar não é a perfeição absoluta, que excede ás posses do lavor humano, mas os rasgos e as qualidades, que o escriptor revela nos primeiros passos, e que são as promessas authenticas do seu talento. A sr.ª D. Maria Candida Coutinho escreve por distracção, e não para apparecer; e por inclinação, e não por orgulho preza as artes. Como todos os que são favorecidos da poesia, sente a sensibilidade trasbordar, a alma abrazar-se, e a idéa vestir a forma, e voar

do coração. Os segredos que o habito ensina á composição, as gradações, que o auctor seguro do estylo e da lingua sabe introduzir, a reflexão e a lima, que o gosto mette de permeio entre o primeiro impeto e o ultimo molde, não se aprendem senão da critica, do uso de escrever, e da lenta comparação de muitas obras primas.

Seria uma lisonja dizer que ella as possue; mas é uma verdade assegurar, que tem poderes para as obter.

Na escolha dos assumptos consiste a grande difficuldade dos que principiam a pizar a scena litteraria. Os mais elevados assustam, ameaçando com o precipicio; e os outros não chegam para o ardor e vehemencia da musa inexperiente. O genero lyrico, offerecendo-se na apparencia como o mais facil, é o mais arduo na realidade para se tractar com novidade. Para o dominar precisa-se de ser senhor da forma, contendo o enthusiasmo e a paixão nos limites da verdade.

Não assegurâmos, que as poesias, que vimos da sr.ª D. Maria Candida Coutinho o conseguissem sempre; mas entendemos, que, persistindo, o ha de conseguir. Admiramos trechos que promettem muito.

Publicaremos alguma ou algumas das suas poesias para darmos idéa do estylo; e fazemos votos para que seja estampado um romance intimo, que nos affiançam estar concluido, e merecer o mais sincero louvor.

Annunciando uma vocação que julgâmos verdadeira, não exaggeramos o elogio, nem carregamos a critica. Guardamos a medida, que a justiça pede. A lisonja é uma offensa ao legitimo talento. A severidade excessiva desalenta sem proveito.

(Do *Panorama* de 1854).

MATHEUS DE MAGALHÃES

MULHER FUNESTA

(Carta ao auctor d'este romance)

Meu querido Matheus

Vou cumprir os seus desejos. Li o pequeno romance, que escreveu e intitulou *Mulher Funesta* e com toda a sinceridade lhe direi concisamente o que um juizo rapido e incompleto, mas verdadeiro, me habilita a expôr ácerca d'elle.

Não pertenço a nenhuma sociedade de elogio mutuo, nem bato moeda de elogios hypocritas. Não estou matriculado tambem nas aulas de murmuração rosnada para rezar o officio de finados a todos os engenhos, deprimindo e dilacerando o bom e o mau, o soffrivel e o pessimo. Não prodigalizo louvores, saudando cada estreia feliz com transportes de admiração suspeita, mas não me prendo nunca por falsos escrupulos, e engrandeço desassombrado e cheio de jubilo o que reputo digno de applauso, ou de estimulo.

Sei que a critica severa é mestra salutar, mas nunca me arroguei fóros de critico encartado. Sei pouco para officio tão pesado. Olhei sempre com mêdo supersticioso para os carpinteiros de poeticas e para os personagens quasi biblicos e carrancudos, investidos no rigoroso cargo de procuradores regios junto aos Tribunaes de Apollo. Nos meus de-

feitos e nos meus erros aprendi a relevar os alheios; e quando uma obra me convida, me attrahe, e me enleva, deixo-me vencer d'ella, e não páro a contar as nodoas, que empanam a luz ao astro. Não indago se a penna, que a traçou, é já illustre, ou escreve ainda desconhecida; falo d'ella, como falaria do livro de auctor morto e sepultado ha annos.

Não se assuste com o exordio. São precauções para não escorregar de leve em terreno sujeito a quedas. Precipitam-se por soberbos tantos Icaros, cujas azas o sol derrete em alturas desamparadas, que me acautelo para não ser tambem um d'elles. Não receie, que, a pretexto de analyse, ou de commentario da sua novella, eu desate aqui uma d'essas pomposas dissertações-labyrinthos, crespas de germanismos, e envoltas na atmosphera nebulosa do sublime a todo o trance, que certos predestinados exhumam para enlevo, ou tormento, não sei bem qual (!), dos raros videntes, que as adoram. Não estremeça! Sinto-me pouco agil para vôos arremessados, e deixo o inintelligivel e o transcendente ás capacidades de eleição, cujos rasgos esthetico-metaphysicos promettem revolucionar as linguas e as lettras. Deante da renovação miraculosa das poeticas e das syntaxes, que nos ameaça, vejo as aguias remontarem-se a entestar com as nuvens, e acurvo-me, fazendo-me o mais pequeno possivel para lhes fugir. No meio do alarido esperançoso, dissonante, e anarchico ás vezes (com magua o noto) de vocabulos obsoletos e de palavras novissimas, de phrases gongoricas atropellando phrases gibosas, ou entrévadas, e de periodos apopleticos a pár de periodos asthmaticos, tintinantes e estupeficantes, confesso que não me entendo, e que pergunto sobresaltado se esta-

remos proximos de uma segunda Babel na confusão dos idiomas.

Será já a tão appetecida lingua do futuro a balbuciar no berço? Talvez! Deus o queira! Mas não faltam incredulos, que reputem tudo isto, e o mais que pode e deve receiar-se, como ventania e redemoinho de poeira metrica, ruidoso e incommodo, mas passageiro. Se assim fôr, os annos e o estudo hão de assentar por fim estas poeiradas no chão trilhado pelos bons exemplos dos mestres, pelos exemplos de D. Francisco Manuel, de Vieira, e de Bernardes, de Castilho, de Garrett, e de Herculano.

As ousadias formosas, que fazem lei, não violentam a lingua, nem defloram o gosto. São flôres novas, mais perfeitas e mais finas desabrochadas nos ramos bem enxertados do arbusto natal. Não consiste a correcção em joeirar as paginas de archaismos, nem a sublimidade nasce de composições e discursos, que requeiram mais interpretes, do que teve o Dante. O que diriamos de quem vestisse sobre galas juvenis os trajos dos avós? Como não ririamos se escutassemos o canto apaixonado de Desdemona nas cordas roucas e empenadas de uma larynge sexagenaria?! Os motins litterarios procedem sempre da impaciencia de sobresair. O erro capital dos exaltados no estylo deriva-se de confundir a magestade com a inchação, a abundancia sobria com a loquacidade, a affectação com a elegancia.

Engano! A ran nunca imitará os gorgeios do rouxinol, a gralha nunca vestirá a plumagem do cysne. O poeta nasce, não se inventa a si. A radiosa luz, com que illumina as epochas; as notas suavissimas, ou austeras, com que enternece, commove, e maravilha; os delirios sublimes da paixão e do sentimento,

em que desafoga, arrebatando-nos, não lh'os soccorre a memoria, suando na forja metrica, nem os grava o cunho vulgar avivando imagens laboriosas. A arte guarda para os que a sabem e prezam os verdadeiros segredos. A sua belleza casta não se reputa menos affrontada com as vestes ridiculas do truão, do que deante dos farrapos mal cerzidos do manto cynico de Diogenes. O continuado tracto das Musas, a meditação do ideal, a comparação assidua dos modelos, e o culto primoroso das fórmas são as seducções a que ella cede, quando a idéa a chama e a domina. Não está na mão do primeiro cavalleiro andante do Parnaso correr lanças impunemente em seus dominios.

Estas explicações pouca, ou nenhuma relação têem com o assumpto que me propuz. O modesto romance, que denominou MULHER FUNESTA não está incurso em nenhum dos artigos do codigo penal poetico. O meu amigo vive innocente, bem o sei, das culpas a que alludi. Nunca perpetrou o delicto de escrever de modo, que fosse necessario accudir logo ao Glossario das vozes antigas, ou a algum Oedipo de germanismos para nos decifrar o enygma. Não se deixou tentar por ora pelas famosas theorias transcendentes, cujo menor perigo, no meu voto, poderá vir a ser a expatriação da lingua, da arte, e do raciocinio. Não posso accusal-o, tambem, graças ao ceu, de repintar as phrases de côres exoticas e cruas para lhes dar ares de singularidade. Escreve como simples mortal, e, por fortuna sua e nossa, crê ainda, que mais vale uma pagina de verso, ou de prosa inspirada pela verdade e pelo coração, do que myriadas de estrophes-zangãos, enxameando doudas, e zumbindo até nos pôrem os ouvidos em sangue. O mesmo affirmo das assuadas de voca-

bulos desconnexos, deslocados, e estrangeirados, absurdos pela novidade insipida, ou pela decrepidez caduca. De balde intentam unil-os em consorcio monstruoso. Resistem, e brigam sempre por se apartarem, volvendo uns aos limbos do passado, e recolhendo-se os outros aos climas e ás épochas distantes, d'onde os arrastaram descompostos, semi-nús, e espantados!

Houve em Portugal um poeta admiravel, que falava pouco em arte, mas que a fazia espontaneamente quasi sem se sentir, até nas interjeições e partes. Foi seu pae. Fo José Estevam! Tudo o ajudava. O typo grego da phisionomia, a gentileza da figura, a flexibilidade do orgão vocal, a largueza e felicidade de gesto. Aquella imaginação meridional, ardente, e namorada do bello, vestia de matizes deslumbrantes até a aridez das demonstrações aritmeticas, até o esqueleto das hypotheses juridicas. Peito magnanimo, alma generosa, o seu coração repetia sympathico as pulsações atropelladas do coração dos povos opprimidos, e a sua alma voava ás espheras superiores nas azas das mais audaciosas aspirações do seculo.

Em terra de gente quasi toda pequena, em que a tribuna tambem raras vezes se engrandece, luctou elle por mais de vinte annos sem desfallecer contra os abusos dos poderes violentos, ora vencido, ora vencedor, illuminando dos clarões do genio, e estremecendo com o trovão das iras tribunicias os partidos e os obstaculos, que lhe disputavam o caminho. Athleta infatigavel, o combate era o seu repouso, as commoções do triumpho a sua alegria, a defesa dos grandes interesses nacionaes e humanitarios a sua divisa. Elle e Garrett, outro poeta da palavra, em contendas memoraveis, que não tornam tão cedo a avi-

var-se, porque estes nossos dias já não são de gigantes, provaram até onde podia elevar-se a eloquencia dos mestres, até aonde ousaram subir os vôos de oradores, de que apenas sobrevivem phrases pallidas e mortas, corpos sem vida, que mal conservam a effigie desmaiada do discurso ao qual fugiu a alma.

N'este canto da peninsula, em uma tribuna quasi ignorada, aos pés da qual vinham bramir, encapellar-se, e espumar o rolo das vagas populares e a onda das paixões infrenes renovaram-se os prodigios do rostro romano, da ágora atheniense, do pulpito de Vieira, e das vozes sublimes de Pitt e de Fox, de Caning e de Burke, de Mirabeau e de Barnave.

Cuida que para suspender de seus labios os auditorios, seu pae se valeu nunca de fórmas contrafeitas, nebulosas, ou requintadas? Leia o bello discurso ácerca da questão do «Charles e Georges,» verdadeiro monumento oratorio; percorra a variada tela da oração ácerca da proposta sobre a liberdade do ensino, que foi o seu canto do cysne, e verá como os maiores effeitos lhe brotavam naturaes e repentinos da phantasia, como, similhante ao deus dos Hebreus, elle creava sem esforço as idéas, as imagens, e os vocabulos.

Garrett sabemos como falava e como escrevia.

Se alguem mal aconselhado fosse dizer a José Estevam, que afiasse a palavra vehemente e inflammada, como a espada do archanjo, retemperando-a na frieza gélida de falsas combinações de palavras, ou que, pondo de parte a licção quasi quotidiana de Vieira, tão seu familiar, esquecesse o pensamento e a commoção para esparzir metaphoras, bordar lantejoulas mareadas, ou conceber laboriosamente abortos de hyperboles e de energueias, cuida que, advertido pela razão altissima, que

era a sua arte, e pelo gosto innato, que foi o guia constante da sua vocação, elle ouviria a licção, consentindo em trocar a apostrophe, que fulmina, a ironia, que lacera, o sublime, que transporta, para se ir assentar, humilde e paciente, no amphitheatro das rhetoricas a dissecar archaismos, conceitos, e trocadilhos!?

Adivinho até que não pouparia na jovialidade do seu genio as setas aceradas do epigramma aos que lhe quizessem incutir a paixão do paradoxo na artificiosa obscuridade de construcções e de excrescencias sem naturalização possivel.

Para ser o primeiro orador portuguez não careceu José Estevam, senão de escutar a alma, e de repetir aos outros o que ella lhe dizia a elle... O que fazia que a sua palavra se derramasse em torrentes abrazadas eram os nobres estimulos em que se arrebatava. A luz, que allumiava interiormente aquelle grande espirito, transbordando, vinha esclarecer e illuminar os outros. Deixando no pó dos tumulos as mortalhas dos seculos extinctos, deixando á pensadora Allemanha o vago ideal de suas disputas philosophicas e de seus devaneios lyricos, vestia as armas do seu tempo e da sua terra, e a liberdade, para elle mestra e inspiração, enriquecia-lhe a palavra de todos os thesouros antigos e modernos da lingua, tornando-o emulo feliz e applaudido de Chatam e de Cicero, no agitado periodo que dominou, e de que o seu nome é, e será sempre, uma das maiores glorias, uma das maiores saudades.

Nobreza obriga. E' filho d'aquelle pae. Deve-lhe a illustração, que os grandes vultos communicam da posteridade aos continuadores da sua raça e de suas obras. Eleve-se, como elle se elevou, pelo trabalho, pela perseverança, pelo estudo. A sua carreira come-

ça. Não cuide que pode percorrel-a de uma vez em poucos passos. O engenho cresce, avigora-se, e aperfeiçoa-se com a educação. Não se creia homem feito, desconfie das illusões juvenis, mas não se deixe tomar tambem do desalento e da incredulidade, que matam muitas vocações auspiciosas. Dê bastante ao tempo, e peça o resto á vontade e á energia intellectual.

O seu pequeno romance não é um primor de arte, está longe d'isso, mas é já mais do que uma promessa. Revela qualidades, que, mais cultivadas, hão de produzir fructos sazonados. Notei-lhe observação no debuxo dos caracteres, e disposição harmoniosa nos lineamentos principaes do enredo. Na pintura das phisionomias, especialmente na das femininas, apezar do desleixo de varios traços, menos finos, ou vivos de mais, transparecem feições exactas e certa felicidade de expressão. As figuras de Marietta e de Narciza são dois retratos, não direi perfeitos, mas tocados em partes com delicado pincel.

No desenho dos caracteres viris a verdade humana não me pareceu tão bem interpretada. Aquelle seu padre João Caetano dava estofo para maior painel, e o brazileiro Numa, como o concebeu, e principiou a delinear, não se negava tambem a retrato mais acabado. A opposição dos defeitos e qualidades, e a lucta moral que ella provoca, pedia mais viveza, á maneira de Balzac, para lhe sahir uma creação menos incompleta. A logica da acção e dos caracteres ganharia muito, se o quadro estivesse mais proporcionado. Faltam desenvolvimentos e explicações, que o excessivo amor da concisão o decidiu a abbreviar, ou a supprimir, mas que a verdade rigorosa não dispensa.

No genero descriptivo vê-se que entra a

medo, e que a luxuosa vegetação dos tropicos e a esplendida natureza do Brazil, mais assustou, do que attrahiu a sua palheta. Os erros de modestia perdoam-se menos ás vezes nas lettras, do que as demasias vaidosas. Para outra vez não abra a scena na poetica terra de Santa Cruz sem nos pintar ao menos alguma d'aquellas paizagens encantadas. Abstenho-me de proposito de discutir a eschola, em que o romance se filia e classifica, e de a comparar com as que lhe disputam primasia. E' licito escolher e preferir cada um o modelo, que reputa mais adequado. O que importa á critica é saber se a conclusão correspondeu ás premissas, e se os meios empregados attingiram o fim, que o poeta se propoz. Nada mais.

Adeus meu amigo. Não desfalleça. Estou certo, ouso affiançar-lhe, que se proseguir, não encontrará só espinhos na carreira de escriptor. Oxalá que eu podesse seguil-a em todo o descanço do meu espirito, longe de outros cuidados e preoccupações.

Lisboa 12 de outubro de 1865

(Carta que precede o volume do romance, de Matheus de Magalhães, *Mulher Funesta*, *Homem Funesto,* Lisboa, 1865).

ANTONIO PEDRO LOPES DE MENDONÇA

MEMORIAS

DE

LITTERATURA CONTEMPORANEA

PRIMEIRA PARTE

I

Consagradas á pintura, bastantes vezes feliz, das physionomias dos nossos escriptores actuaes, as *Memorias* escriptas pelo sr. Lopes de Mendonça offerecem o merecimento, não vulgar de resumirem em traços animados as feições mais proeminentes do talento, e influencia dos nossos poetas e prosadores. Não as julgamos isemptas de defeitos; affirmal-o seria lisonja imperdoavel. Mas qual é o trabalho da mesma indole, que vence todas as difficuldades desde os primeiros passos? Essas leves nodoas, se escapam no impeto da composição, com a mesma sombra realçam as bellezas; e grande erro de critica seria occultal-as, ou exaggeral-as. Basta que o auctor as resgate sustentando as condições assignadas ao genero; e n'este ponto o livro, de que tractamos, está no caso de desafiar a censura.

Viveza de colorido, formosura de estylo, phrase opulenta, embora nem sempre correcta, e vigor na critica, elevada e despida de sugestões parciaes e rasteiras, são dotes, que sem custo vingam o livro de alguns descui-

dos momentaneos, e até de faltas mais essenciaes.

N'esta galeria de retratos, desenhados com expressão, e tocados com fino pincel, recreia-se a vista, e contenta-se a intelligencia; seguindo-os, encontram-se quasi sem trabalho os elementos de uma historia litteraria contemporanea, pelo menos d'aquella que é possivel tentar, tractando já de homens, que ainda não revelaram todos os poderes do engenho, e que promettem ao futuro muito mais, do que mostram no presente, e do que obtiveram no passado.

As *Memorias*, como hoje saem das mãos do sr. Mendonça, pouca similhança conservam da primeira tentativa, ha tempos publicada com o titulo de *Ensaios de Critica e Litteratura;* e se estes, defficientes como eram, alcançaram uma victoria rara, sobre tudo em terra de poucos leitores, achando-se exgotados nove mezes depois de impressos, é bem de crêr que o mesmo, ou melhor exito, premeie a obra mais perfeita.

A differença entre ambas é sensivel.

No esboço a idéa capital desafinava a cada momento com allusões estranhas, ou interrompia-se correndo atraz de digressões improprias. O enthusiasmo do noviciado politico, e a paixão das predilecções juvenis, não sabendo reprimir-se, rebentavam em hymnos partidarios, e proclamações vehementes. A rasão, desequilibrada n'estes impetos, perdia o assumpto dos olhos, e cegava-se. E quando menos o suppunha, o leitor desapercebido encontrava-se longe da provincia das lettras, e da sua tranquillidade, e caía de chofre nas commoções de uma opinião militante.

Viçoso de annos, e com a imaginação na sua florescencia, o escriptor entregava-se todo ás sensações pessoaes, não separando o que é

distincto, julgando com injustiça, em muitos casos, e esquecendo por culpada precipitação nomes e escriptos, dignos de memoria, e indispensaveis para a verdadeira expressão do estado litterario.

A maior parte d'estes lapsos desappareceu do livro de hoje. Foram reparadas as omissões, e desterradas as divagações politicas. Alimentada com estudos mais graves, e allumiada por mais profunda e serena reflexão, a critica sobe á sua natural esphera, e não desmente as obrigações, que o gosto e as regras lhe dictaram sempre.

Entretanto, consideradas em rigor, ainda peccam as *Memorias* por uma falta. Escaparam-lhe lineamentos importantes, que o plano admittia.

A eloquencia nas suas variadas manifestações, a tribuna, o ensino, e o pulpito, porque deixarão de entrar no quadro destinado a descrever a intellectualidade de duas gerações litterarias? Dois ou mais capitulos sobre os progressos d'esta bella faculdade, em que a phantasia se enlaça com a arte para nos arrebatar, ornavam a obra, completando-a.

A discussão dos negocios publicos gera esses talentos admiraveis, poetas e repentistas da prosa, aos quaes obedecem a palavra e o rapto imaginoso como na ágora de Athenas, e no róstro de Roma a inspiração accudia aos Demosthenes, aos Hortensios, e aos Ciceros.

Aberta a lucta, quem ouviu em occasião propicia alguns dos homens do nosso parlamento, e colheu as tradições dos antigos oradores de 1820, não ignora que desde Moura, Fernandes Thomaz, e Borges Carneiro, até Garrett, José Estevam, Magalhães, Passos e Seabra, a eloquencia teve lances e momentos dignos das epochas da sua gloria, levantando

commovidos e frementes auditorios numerosos.

Nas aulas, muitos lentes, pela sua exposição oral, convidam qualquer honrosa competencia; e no pulpito tem-se escutado rasgos, que os mais abalizados prégadores antigos e recentes, não duvidariam adoptar.

E' por isso, que sentimos o silencio do auctor. Se não podemos rivalizar com os bustos e retratos de Cormenin, não deve levar-se a modestia a ponto de escondermos com vergonha os nossos titulos. Homens por homens, os portuguezes não foram, nem são, dos que facilmente entregam a palma. Com Gil Vicente e Camões soubemos ir adeante; depois d'elles não ha motivo para caminharmos sempre atraz dos outros!

II

Antes de estudarmos o livro, falemos do auctor.

Lopes de Mendonça ainda não tem trinta annos. Pelas idéas e pelos sentimentos pertence todo á nova geração, que principiou na scena litteraria nos ultimos dez annos do reinado de D. Maria II.

O seu aspecto é agradavel. O rosto cheio e levemente pallido, os cabellos castanhos claros, e os olhos sinceros, dão-lhe mais apparencias de allemão, do que de filho e habitante dos climas do meio dia.

A fronte rasga-se espaçosa, sem nuvens; e o sorriso, que lhe alegra os beiços, sempre aberto e desmalicioso denuncia logo a alma susceptivel de paixões fortes, mas incapaz de vicios, de artificios, ou de dissimulações traiçoeiras. Vê-se que é d'aquelles de quem disse o rifão, que traziam o coração nos labios.

Nervoso e sensivel, é facil colhel-o em culpa flagrante de amor proprio, mas nunca em peccado mortal de inveja, de odio rancoroso, ou de orgulho violento.

Muitas vezes por ostentação estoica, affecta palavras de exclusão, e vozes de vindicta, que lhe sahem só da bocca, inculcando accessos de intolerancia, e de má vontade, que nunca lhe entraram no peito.

Pouco favorecido dos bens da fortuna, a sua meninice foi uma provação quasi contínua, como a sua mocidade tem sido um combate perenne contra os obstaculos, que no começo pareciam apostados a fecharem-lhe a carreira.

Depois de servir por algum tempo na arma de marinha, e de penar em molesto cruzeiro nos mares da Africa, sentindo que o não chamava a sua estrella pelo caminho dos Nelsons e Collingwoods, e cedendo á indole pouco propensa a supportar as oppressões da sua disciplina, deixou por uma vez o convez dos navios do estado, e com viva fé no futuro e nos trabalhos da intelligencia, arrostou sem temor as estreitezas de uma vida, para a qual a penuria talvez fosse o menor dos dissabores.

A sua educação litteraria resentiu-se dos apuros, que o flagellaram logo ao sair do berço. Se quiz saber, viu-se obrigado a fazer de mestre e de discipulo ao mesmo tempo, supprindo á força de vontade e de penetração as explicações, que lhe faltavam.

Impaciente por se mostrar, e pungido pela necessidade de ganhar nome para subsistir da penna, julgou que a cultura do engenho se levava de repente, e percorrendo muitos livros, e versando confusamente muitos escriptores, entendeu que podia antecipar a madureza, que só se alcança da experiencia, e da reflexão combinadas.

Não se demorou o desengano, e em honra sua deve accrescentar-se, que aproveitou.

A' soffreguidão de leituras desligadas e incoherentes succedeu a escolha, e presidiu o methodo. A rasão teve espaço para se robustecer. O gosto formou-se, e poliu-se. A imaginação, ardente e atrevida, como sempre é na adolescencia, aprendeu a cohibir-se e a regrar-se: e o estylo, depois de oscillar de uns para outros modelos, segundo acontece usualmente aos principiantes, adquiriu a pouco e pouco as qualidades e a viveza brilhante, que o caracterizam, e lhe crearam indisputavel individualidade.

Quantas tentativas baldadas, quantas quedas occultas e sabidas, quantos padecimentos e pezares, lhe custaram os annos dolorosos d'este noviciado, sabe-o Deus, e elle; só o adivinham de longe aquelles dos seus intimos, que o conheceram cobrindo com a risada juvenil o sangue da alma ferida, mas nunca vergada!

Mais isempto e inteiro na adversidade, do que muitos na opulencia, acostumou-se, elle que présa o luxo e os deleites, á frugalidade e á escacez; porque o não diremos? Chegando á noite sem quebrar o jejum e sem saber o tecto que o abrigaria, espirito varonil no corpo de uma creança, não soltando uma queixa, nem pedindo o mais pequeno auxilio, passava pelas mezas bem servidas sem um olhar que trahisse as tristezas da miseria!

Para lhe accudir alguma vez era preciso descortinar a precisão na pallidez da face e presentir a magoa sob a mascara do sorriso. Os que hoje, por ciume injusto dos seus successos, se desatam em equivocos contra a reputação que adquiriu, é provavel que a engeitassem offerecida pelo mesmo preço.

Poucos homens podem levantar a cabeça

tão alto, chamando-se filhos das suas obras. O que é, e o que for deve-o a si. Nasceu victima d'aquella sorte fatal, que vende, por uma herança de lagrimas e agonias, as illusões da nobreza intellectual, menos vã, porém mais onerosa, do que a fidalguia dos avós e dos palacios.

Quem hoje contemplar o regozijo buliçoso, que anima o rosto do folhetinista da *Revolução de Setembro*, ignorando por que degraus de amargura elle subiu, nunca se persuadirá dos sacrificios que lhe tornaram crueis os annos em que os outros folgam, como não acreditaria, se o não visse, em que debaixo d'aquelle aspecto um tanto pesado de fórmas, e d'aquelle semblante um pouco vago na expressão, existe uma das almas mais rijas para a lucta, e fulgura uma das intelligencias mais espirituosas e espontaneas. Em Lopes Mendonça para se apreciar o homem e o escriptor, é indispensavel tractal-os de perto, e conhecel-os a fundo. Vistos a distancia enganarão mais de uma vez.

III

Ha organizações privilegiadas, e estas zombam das fronteiras impostas á actividade intellectual, invadindo-as e divagando por todas as provincias da arte e do saber, como triumphadoras.

Seguras de si, e aptas para traduzirem em varias fórmas a idéa, que os domina, o seu estylo, brando como cera, molda-se a imprimir todas as imagens, e configura os desenhos mais audazes.

As harmonias do céu e da terra; as expansões lyricas da alma; o canto epico das tradições; a canção risonha, e a narrativa popular,

fluentes e faceis, caem-lhe dos labios sem esforço, em melodias sempre novas, em versos arrebatadores.

D'ahi, decorridos momentos, e mal aplacada a commoção interior, vel-os-heis ao bufete, deduzindo em prosa firme as severas reflexões de um papel politico; e logo depois achal-os-heis, voando-lhes a penna sobre as paginas terriveis e graciosas de um romance, sobre os capitulos fugitivos de uma viagem, ou pelas provas de um discurso, ao qual a inspiração prestou os raios da imprecação, ou os espinhos da ironia.

Estadistas na tribuna e no gabinete; prosadores na imprensa; poetas em annos de prosa e até nas fragilidades, cança-se a vista de seguir as multiplicadas transformações do talento d'estes Protheos, que se repousam de uma no seio de outra fadiga, considerando quasi como distracção e recreio os trabalhos mentaes, em que desfallecem menos ditosas faculdades.

Estes homens, viva representação das inquietações febris das epochas, verificam a lenda do Judeu Errante, e parecem obedecer a uma secreta voz, que lhes clama incessantemente: caminha, não descances!

Garrett e Herculano entre nós; Miguel Angelo e Machaviello, Goethe e Byron, (á parte as variantes essenciaes, que os distinguem) explicam este dom da ubiquidade intellectual, e este condão da universalidade.

No meio dos conflictos e terrores, saccudidos cada dia por continuos terremotos politicos, e pizando marmores tintos de sangue civil, os grandes poetas da Italia compozeram os seus monumentos, riscando com uma das mãos a obra d'arte, e repellindo com a outra armada os assaltos dos contrarios.

Portugal não será mais pequeno do que Florença, mas a epocha é diversa.

As luctas de seus filhos, se algumas vezes, por excepção, ensanguentaram os patibulos, em regra, pela doçura da indole e generosidade do caracter, pouco têem saido dos campos de batalha, ou dos comicios da praça publica.

Entretanto, os abalos successivos, que estremeceram o reino, derrubando e levantando por turnos as instituições, não foram estereis para as lettras. O espirito, como que se dilata e engrandece, e a sensibilidade parece refinar-se, durante os periodos tormentosos, adormecendo nas calmarias das quadras pacificas e seguras.

Quasi sempre os progressos litterarios coincidem com as crises proximas, se não se manifestam no centro das dissensões e das pelejas.

Foi o que succedeu com a eschola moderna, no principio denominada romantica, a qual não era, e não é, senão a restauração da poesia dos sentimentos e das crenças nacionaes.

De 1826 a 1840, os escriptores que a fundaram entre nós, a cada instante se interrompiam para accudirem aos tiroteios dos piquetes, ou á trincheira do ataque. A estrophe começada parava no meio d'um verso para a mesma penna ir traçar o artigo vehemente do jornal politico, ou lançar de corrida as notas de uma oração parlamentar.

O desterro e a prisão de hoje, os perigos e as quedas de hontem, contrastavam os jubilos da victoria, cantada apenas, e as illusões da esperança, desmentidas logo.

Garrett e Herculano foram poetas soldados, e gemeram no exilio muitos dos seus cantos.

Dos escriptores da geração immediata, poucos deixam de ter visto de perto o conflicto

das armas, ou de ter experimentado as magoas do homizio, e os pungentes estimulos da lucta incansavel.

Lopes de Mendonça, como bastantes, já viveu n'este sentido tres edades de Vate Cesareo, antes de prefazer trinta annos.

Se os Arcades, de serena memoria, houvessem penado a decima parte dos incommodos, que atribulam, mas retemperam os poetas do nosso tempo; se as tempestades das suas odes, e a natureza dos seus poemas, fossem estudadas de cima dos rochedos coroados de baterias, debaixo da cerração dos mares, e dos temporaes desfeitos, é de crêr que lhes emmagrecessem os rebanhos, e que os seus pastores, rasgando as meias de seda e o çurrão fingido nas verdadeiras urzes das charnecas, descrevessem de vista, e não de ouvida, scenas e costumes, que a musa aprende a pintar, como a de Camões e de Bocage, tremendo os sustos do magestoso espectaculo da cholera de Deus, da ira dos elementos, e do furor dos homens, e não deitando o oculo pela fresta do agazalhado aposento, ou pela portinhola de empoeiradas caleças.

IV

Lopes de Mendonça é poeta, e todavia não nos consta, que ainda escrevesse um verso! Mas nas suas prosas ha paginas aquecidas pelo fogo gerador da inspiração, e toques de sentimento verdadeiro, em que se vêem claras as nodoas d'aquelles prantos sensiveis, que a alma ainda crente derrama sobre o amor e a paixão.

Sente o que nos diz, e conhece o que nos descreve. Tirou da reminiscencia das intimas tristezas, que accommettem o coração nas horas de melancholia e de infortunio (verdadei-

ras horas de crepusculo para a vida interior), as vozes affectuosas de ternura, que nos dirige, e os gemidos de dôr sincera, com que nos commove. Para elle a grande eschola, antes dos livros, foi o mundo e a adversidade.

Se não vagueou pelos campos de Theocrito e Virgilio, ou pelos jardins de Delille e Castel, aprendeu a amar a natureza, que retrata; admirou-a nas suas galas silvestres, nas suas vistas sublimes, e nos seus caprichos repentinos, mais raros e pittorescos, do que todos os artificios.

Sobre o mar viu encapellarem-se as ondas, ouviu rugir o tufão, e contemplou os céus abertos cheios de terror, e coroados de relampagos. Deante da tormenta, o seu espirito, recobrando-se do espanto, gravou para sempre nos sentidos essas grandiosas imagens, incomparaveis na magestade do horror, e para as retraçar não carece de pedir emprestado a Byron o pincel sombrio, nem ás velhas epopeias as falsas côres.

E' o que constitue a originalidade dos seus escriptos, e a viveza da sua interpretação poetica.

Sem ter profundado as abstracções dos tractados estheticos, ou se preoccupar demasiado com as regras muitas vezes arbitrarias dos antigos e modernos legisladores do Parnaso, adivinha de intuição os atrevimentos licitos, e os precipicios encobertos.

Nas conversações animadas nota-se-lhe uma especie de véu que lhe tolda a lucidez da idéa, e um certo encolhimento, que lhe prende a phrase, e a expressão.

Na tribuna faltam-lhe os dotes, que a eloquencia não dispensa senão aos seus eleitos, e quasi sempre em quinhões deseguaes, porque reunidos por acaso em um só homem fazem d'elle a maravilha da sua epocha, e a admiração dos futuros seculos.

Se a dynastia dos Homeros, Dantes e Miltons apenas conta um nome de largo em largo espaço, a linhagem dos Demosthenes, Ciceros, e Mirabeaus, não se desvanece com maior fecundidade. Para ser apenas agradavel orador pedem-se tantos milagres de vocação, que ninguem de sizo deve pasmar, se um engenho distincto, subindo á tribuna e correndo os olhos pelo auditorio pendente dos seus labios, desde logo sentir que o frio do marmore lhe regela a imaginação, que a memoria se lhe cobre de trevas, e que a voz balbuciante sumindo-se na garganta o desampara. São revezes frequentes, e os maiores pensadores ainda estão mais expostos, do que os outros.

Depois, em occasiões supremas, qual é a intelligencia, por segura de si e da palavra que se julgue, que não treme da lucta, que vai travar e dos deslembramentos, que de instante para instante podem offuscar-lhe o brilho, convertendo em desastre o triumpho suspirado?

Ao auctor das *Memorias de Litteratura Contemporanea* falta o verbo espontaneo, e falta o olhar dominador; não o soccorrem a prompta concepção, a elocução fluente, e o dom de se inspirar do assumpto, e das circumstancias externas, emfim não dispõe dos poderes de dicção, e do ardor espontaneo, cujo enthusiasmo dá azas de ouro á phantasia, tecendo a corôa do repentista na tribuna, e fóra d'ella.

Garrett que, apezar de espontaneo, moldava sempre de antemão as fórmas gregas das suas orações; e José Estevam, que recebe de momento a chamma, que o devora a elle, e abraza depois os auditorios, deveram as proezas mais louvadas a um complexo de qualidades difficillimas, repetimol-o, de encontrar.

Menos arriscada, porque não se eleva tanto, e sabe guardar-se melhor das effervescencias

e dos altos vôos, a eloquencia ciceroniana de Fonseca Magalhães desata-se com serenidade, não exclue ás vezes a vehemencia, e appella do argumento rigoroso para a ironia aguda, engastando o dito chistoso a par da imagem classica, e brilhando na defesa e no sorriso muito mais, que na aggressão e no terror[1].

Mas estes eram e são os mestres! Para os imitar não bastam vontade e talento; é preciso possuir as prendas essenciaes, e havel-as apurado nas famosas batalhas, que elles pelejaram, e que, apezar de gigantes, como são, cobrindo-os de gloriosos louros, tambem ás vezes os rasgaram de dolorosas feridas.

Não se creia, que insistimos sem motivo n'este ponto. Ha censores, que não hesitam em cassar o diploma de engenhoso a um escriptor, só porque a sua voz foi mal succedida, ou porque a prosa não correu tão animada e formosa, da sua bocca, como lhe acode á penna de ordinario. A falta de aptidão para um ramo, não significa senão uma qualidade de menos, ou uma timidez de mais.

Se perguntardes aos grandes poetas da palavra o que experimentaram nos primeiros ensaios, ouvireis a mesma historia que Plutarcho nos conta de Demosthenes. A consciencia das proprias forças ajuda a vocação, e o tempo acaba de educar o orador, acostumando-o a conhecer-se e a reportar-se no meio dos impetos mais fogosos.

Para ser vate distincto, ou prosador notavel, não ha obrigação nenhuma de apparecer

[1] Alludindo ao orador, cujo merito é incontestavel, esquecemos o ministro. É o que faremos sempre. Na provincia das lettras não conhecemos paixões politicas; e nem os pequenos homens se nos figuram grandes, nem os grandes se amesquinham ás ridiculas proporções dos heroes de Liliput.

na tribuna e de dominar os auditorios. Tem acontecido não poucas vezes calar-se uma intelligencia reflexiva, mas acanhada na expressão, deante de pygmeus obscuros, mas paroleiros. O que se segue d'ahi? Os escriptos e o talento ficam, e os garrulos morrem até em vida, nada mais!

V

A carreira de Lopes de Mendonça, ao que parece, será unicamente de escriptor e de homem de lettras. Virá a figurar mais, ou menos na região politica, porém carece da habilitação essencial para desempenhar o primeiro papel, porque lhe falta o dom da palavra. Se não o adquirir, (e não o julgamos bastante soccorrido para isso) terá sempre de ficar em segundo, ou terceiro logar na presença das camaras e da tribuna.

Aonde os seus progressos se manifestam quotidianamente, podendo aspirar a tudo, é na litteratura, como prosador distincto. Ainda nos recordamos dos ensaios da sua puericia. Estreou-se com uma collecção de novellas pequenas e declamatorias, publicadas com o titulo de Scenas da Vida Contemporanea, e como todas as producções da flôr da juventude, muito inferiores á sua denominação orgulhosa.

Relendo-as, ainda ha pouco, sorrimos, lembrando-nos da innocencia com que a mocidade se abalança aos mais arduos assumptos, e não duvida emprehender o que faria descórar os mestres consumados.

Temos d'essas culpas, tambem, e não hesitamos em as confessar. Ha dois romances infantis, absurdos, e deploraveis, a Tomada de Ceuta e Gonçalo Hermiguez, que nos accu-

sam do seio do esquecimento em que jazem, graças a Deus; e que, entretanto, fizeram bater com alvoroço o coração do auctor, a primeira vez que sairam a lume, enfeitados de typos novos nas columnas de um semanario.

E' tributo, que todos pagam á experiencia. Para se luctar bem, não se começa vencendo, mas sendo vencido. Antes de ganhar toda a sua agilidade, o gymnastico aprende os equilibrios, caindo. Succede o mesmo na esphera litteraria. Os rudimentos do estylo, e as regras do gosto, são obra de aturados cuidados, e de repetidos esboços.

As *Scenas da Vida Contemporanea* propunham-se nada menos, que a pintura da sociedade, empreza capaz de cançar um Titão, e que um engenho raro, Balzac, deixou ainda incompleta, descendo á sepultura sem herdeiros.

Que importa? Na ditosa confiança dos dezasete ou dezoito annos, Lopes de Mendonça atreveu-se a ella; e deve notar-se, que, succumbindo, como era inevitavel, logo d'alli provou aos entendedores o que havia de ser um dia.

Depois das suas viagens, e no meio dos conflictos civis de 1846 é que a amizade de José Estevam o collocou em posição opportuna para desenvolver e aperfeiçoar as faculdades que o prendavam. Tomando a redacção do folhetim da *Revolução de Setembro*, com ligeiras sortidas até ás ameias politicas do jornal progressista, principiou a sua verdadeira educação de escriptor em artigos de critica e de revista, que se foram gradualmente tornando cada vez mais lidos, e cada vez mais esmerados.

Sem os caracterizar a veia caustica e a philosophia ironica e intimamente desconsolada do desventurado satyrico hespanhol D. Mariano Larra, pelo contrario pautando-se muito

pelo genio risonho de Julio Janin, tão leviano nas apparencias, quanto profundo e penetrante debaixo de um gracejo fino, a erudição e o estylo do *folhetinista* assumiram qualidades novas, e conseguiram dobrar a lingua (séria por indole e pelo tom, em que a afinaram os livros monacaes), a todos os caprichos e excentricidades de uma imaginação despreoccupada amiga da inquietação e do movimento, e acostumada a enchugar os prantos da tristeza com os ditos e chistes de uma critica sem rancor, mas inexoravel.

As victimas do folhetim da *Revolução* n'esta primeira epocha foram numerosas; e o espectaculo das chagas do seu amor proprio, e do ridiculo das suas iras, divertia bastante os leitores d'esse tempo. Lopes de Mendonça ainda então não ousava medir-se corpo a corpo com as difficuldades d'aquella analyse litteraria, espairecida e sagaz, que sabe encobrir sob a mascara da leviandade parisiense o acerto das censuras, e o fundamento dos louvores.

Este condão, excellencia moderna da critica jornalistica, na qual Janin não conhece modelo nem rival, e que elle só concebeu e introduziu no mundo das artes, em Portugal por ora apenas o auctor das *Memorias Contemporaneas* participa d'elle, custando-lhe assim mesmo o sacrificio da correcção e da propriedade da lingua em muitos encontros.

Para se dizerem com graça, e se narrarem espirituosamente esses *nadas elegantes*, que constituem o viver da sociedade á superficie, é preciso imitar a cada passo numerosos toques alheios, sob pena da pintura se carregar de mascarras, e do gracejo se converter nas pulhas saloias, de que tanto abusava o padre José Agostinho de Macedo.

E como a phrase nas evoluções do estylo deve ser, e é sempre quem nos transmitte as

côres da idéa, quando se fala por tons estrangeiros, é que se pensou em francez, em inglez, ou em allemão. N'este genero, a naturalização ha de gozar por certo de maiores liberdades, ou ser prohibida; porque a disciplina suffoca-a, e o puritanismo afugenta-a: e não admira por isso que o auctor dos folhetins de 1848 e 1849 na *Revolução de Setembro* uzurpasse foros inadmissiveis para outro assumpto, tractando a lingua com a mesma sem-cerimonia, com que tractava os *fosseis* da sua collecção de perrexis hebdomadarios.

Entretanto, porque o não diremos? Esta licença quasi abusiva de cunhar em portuguez vocabulos e palavras estranhas, só permittida em tanto excesso ao folhetim de revista, faz mal ás paginas graves dos livros de Lopes de Mendonça. Sem affectarmos de rigorosos, não desculparemos a invasão de gallicismos desnecessarios, nem absolveremos a entrada de uma locução viciosa, aonde a indole e a riqueza do idioma patrio inculcam modos de exprimir genuinos, cultos, e cem vezes mais appropriados.

O defeito é possivel de cohibir, comtudo, e procede de duas causas. Da quasi exclusiva leitura de obras francezas, e de falta de cabedaes sufficientes para sujeitar a lingua, como um instrumento docil, para traduzir os cambiantes mais delicados do pensamento, sobre tudo nos quadros de imaginação.

A difficuldade seguramente parece grande, quando queremos transportar do ideal para a fórma as enlevadas creações, que a phantasia gerou em um sorriso de amor, e afagou debaixo das suas azas matizadas. Mas depois do livro das *Viagens na minha Terra*, e do formosissimo romance de *Joanninha*, alli desenhado admiravelmente por Almeida Garrett ao correr da penna, o problema ficou re-

solvido, e o modelo nada deixa a desejar.

O commercio dos bons poetas e prosadores nacionaes, e uma elaboração mais lenta dos subsidios extrahidos das litteraturas estranhas, hão de habilitar brevemente o gosto do engenhoso escriptor para unir a correcção e opulencia da phrase ás bellezas e arrojos de um estylo, cujos merecimentos só a inveja negaria. Para uma obra viver mais do que a reputação contemporanea do auctor, é indispensavel enraizal-a nas affeições populares, e dar-lhe aquelle verniz de elegancia castigada, que foi o segredo da conservação dos primores das litteraturas grega e romana.

O que póde passar na fugitiva risada de um artigo volante de jornal, mancha um livro, que não deve morrer passadas vinte e quatro horas. Para as obras de valia, a linguagem assimilha-se áquella composição applicada pelos pintores de Italia aos seus paineis contra os estragos do tempo. Embora a frescura das tintas esmoreça, nunca se perdem os toques principaes; e depois de seculos os olhos da posteridade extasiam-se contemplando-os, com o mesmo prazer, com que os applaudiram os primeiros amadores, ao sairem das mãos do mestre!

VI

Lopes de Mendonça tentou a carreira dramatica uma unica vez, e o publico accolheu-o como amigo.

O drama, com que se estreou, tinha quatro actos, e intitulava-se *Affronta por affronta*. Examinando-o á luz da reflexão, o auctor hade ser hoje provavelmente do nosso voto.

A acção passa no seculo XVI, e representa a lucta do elemento popular contra o principio aristocratico.

Um soldado da India, coberto de cicatrizes, e de louros sem premio, volta á patria para achar sua irmã enganada por um fidalgo, sua mãe traspassada de dôr e de vergonha, e uma creança no berço, que nunca poderá nomear seu pae!

Em vindicta, depois de tentar debalde a reparação das armas, negada pelo orgulho sobranceiro do offensor, recalcando no peito o odio e o estimulo da injuria, o mancebo paga a deshonra com a deshonra, seduzindo tambem a irmã do conde moço de Armamar, cede a pouco e pouco aos enlevos de um amor sincero, e acaba deixando-se nobilitar, e recebendo a donzella, que no começo traçava offerecer em holocausto ao desdouro da sua casa.

Já se vê, que os dados, em que se firma o enredo violentam o sentido historico da epocha, suppondo relações e idéas, que ella não comporta.

As melhores scenas resentem-se da situação falsa, que as inspira, e perdem muito do effeito pelas objecções, que levantam no animo do espectador.

Os caracteres, egualmente, apparecem afinados em tons, que não harmonizam com a côr do seculo, pois os seus costumes os desmentem a cada passo.

Em 1660, depois do baptismo popular da corôa, e da revolução mixta que assentou no throno a dynastia de Bragança; depois da conjuração dos fidalgos e dos homens do povo para levar á regencia o infante D. Pedro, os sentimentos de Affonso, e os seus planos de desforra, talvez fossem possiveis, ou pelo menos a probabilidade historica encontraria menos obstaculos; mas no reinado de D. João III, ou na regencia de D. Catharina, o encontro ruidoso do moço plebeu com o seductor

no proprio palacio dos condes de Armamar, o desafio do peão ao nobre, e as vozes e idéas trocadas entre elles, ao que parece envolvem erro na data, de um seculo pelo menos!

Entretanto, posto de parte o ponto essencial da verdade historica, a scena é bella, o dialogo aperta-se com firmeza e elegancia, e o lyrico bafejo, que o anima, dá-lhe magestoso cunho, e incontestavel superioridade. As feições moraes da mãe de Affonso, e o interior desconsolado da triste morada, que a deshonra encheu de lagrimas, estão desenhadas com sobriedade, e o estylo, sem se exceder, aquece a proposito os affectos bem deduzidos da exposição.

No terceiro acto, quasi todo entre Affonso e Izabel, a pintura do amor apaixonado da filha dos Armamares, e finos toques para indicar as contradicções do affecto e de vingança no coração do mancebo, revelam engenho dramatico, e muito instincto das perspectivas do theatro.

Do acto quarto diremos só que fórma o desenlace, e foi executado com vigor e viveza.

Segundo succede sempre, as inverosimilhanças, disfarçadas mais ou menos até ao desfecho, avultam e resaltam n'elle, condemnando o fundo e a architectura da peça.

D. Izabel desdiz do que mostrou ser nas scenas anteriores. Affonso declama grandes tiradas lyricas e populares, e um momento depois, renega as palavras com acções.

O conde moço, esboço um tanto confuso, solta-se em clamores e ameaças de tyrannete, e no carcere propõe ao offendido, tornado offensor, a mesma reparação, que lhe tinha recusado nas salas do seu palacio. Em fim o conde velho accode, como Deus *ex-machina*, e, mettendo-se no meio dos contendores, dicta,

feito juiz de paz, as clausulas do termo de bem viver, que a necessidade o obriga a preferir ao desaggravo das leis vigentes.

N'aquella prisão as portas não têem ferrolhos, entram e saem todos livremente, e só admira a paciencia exemplar de Affonso, porque não pega tambem no chapeu, e não se retira depois de uma cortezia ao carcereiro.

Por fim, o plebeu deixa partir a questão ao meio. Perdôa os prantos e agonias da mãe e da irmã mortas, em troca da mão e do amor da fidalga, que se presta a descer para o elevar. A aristocracia penitenceia-se, e faz um sacricio, introduzindo o plebeu no seu gremio por um alvará bastante custoso de registar na chancellaria da realidade humana; e os furores descabellados do conde moço esfriam repentinamente apenas seu pae lhe ordena que se lembre do que fez!

Descarnando a acção, eis o que se acha! Mas a justiça manda accrescentar, que as pompas do estylo, e as bellezas do dialogo, enfeitam estas contradicções e desleixos com tanta arte, que a maior parte nos escapa, não apparecendo senão quando a reflexão pede contas ao alvoroço das sensações.

O poeta, concebendo a peça, quiz propôr e resolver um problema politico e social; eis o perigo, e eis a causa principal de todas as inverosimilhanças.

Desejou abater a nobreza e exaltar o povo? Permitta que duvidemos. O plebeu ficou moralmente tão pequeno, como o fidalgo: e se alguem se eleva é Isabel, é o conde velho; estes sim é que dão licções de generosidade ás duas creaturas vingativas, que se revolvem entregues a paixões deploraveis. Seduzir a donzella innocente, deixando vivo e impune o verdadeiro defensor, pagar a uma mulher, cheia de affecto, em traições e opprobrios uma divi-

da de homens, que miseravel desforço para uma alma nobre! De joelhos aos pés da sua victima, servindo-lhe de coxim a carta do foro, regeitada por vaidade, e acceita por egoismo, que figura triste para Affonso! Hoje, qualquer individuo ultrajado, se fugisse por azinhagas taes, e empregasse vilezas similhantes para se desforrar, a sociedade, cuja tolerancia absolve até certos escandalos, arredar-se-hia d'elle com asco, votando-o a perpetuo ostracismo.

No seculo dezeseis a incongruencia é dobrada, e a repugnancia visivel. Dada a infamia do moço plebeu, um convento sumiria para sempre, e em segredo, a D. Isabel, e um calabouço calaria eternamente dentro de suas abobadas o seductor, sequestrado e entaipado sem ruido.

Dos tempos do marquez de Pombal ainda a tradição nos affirma que era facil e expedita a maneira de fazer desapparecer um inimigo sem processo nem estrondo! Julgam que a politica dos ministros de D. João III era mais suave, ou foi escrupulosa? Responda a historia da fundação da Inquisição em Portugal pelo meu amigo A. Herculano.

VII

Quasi pelo tempo, em que subiu ao palco esta peça (entre 1848—1849) publicou Lopes de Mendonça um proverbio, *Casar ou metter freira*, que foi estampado nas columnas da *Epocha*, semanario de litteratura e boas artes, aonde escreviam muitos mancebos de conceito.

Duvidamos, que seja facil enxertar esta excentricidade do genero dramatico, mais louvada, que seguida. Mesmo em França, aonde

nasceu, deve o exito ao dialogo espirituoso, e á veia milagrosa de que se inspira debaixo dos dedos de Scribe, Musset e Octavio Feuillet.

Entre nós a acclimatação encontrará mais de um tropeço. O nosso riso é mais pesado, e o sal da comedia meridional muito mais grosso, do que a fina ironia, e a intenção picante do gracejo francez.

E' condão da lingua flexivel e transparente da moderna Athenas prestar-se ás allusões e reticencias, levantando por meias palavras a ponta do véu, para a idéa se adivinhar sem inteiramente se descobrir.

O que nós carecemos de explicar em phrases largas, exprimem os Francezes por duas syllabas; e disfarçando as rudezas, tudo sabem dizer sem fazerem córar o pejo.

E' que a linguagem do theatro e do romance formou-se primeiro nas salas, e das graças melindrosas do sexo formoso tirou a aptidão admiravel, e a negligencia elegante com que fala e pinta. Limada e polida nas conversações allusivas dos circulos parisienses, sempre deixa perceber muito mais do que diz; e para cada traço escabroso possue um segredo, ou uma delicadeza nova que lhe adoça os tons, e lhe faz ganhar em colorido o que póde ter perdido em magestade e amplidão.

Postos estes principios, é claro, que o proverbio, que vale para nós a uma lucta incerta, cuja corôa não nos parece, que recompense a fadiga.

Se desejarem avaliar a difficuldade, medindo com exactidão a distancia que ha de uma a outra lingua, emprehendam a traducção da *Clef d'or* ou de *Il faut q'une porte soit ouverte ou fermée*; e quem sair d'ella satisfeito, com motivo, venceu grande parte do caminho para a imitação perfeita dos primores de estu-

fa, feitos para realce da educação litteraria da sociedade parisiense.

Na obra de Lopes de Mendonça, *Casar ou metter freira*, brilham algumas das qualidades, que ornam a musa dos poetas estrangeiros, que citámos; porém logo se conhece, que nos levaram a terra estranha, e que não são aquelles os nossos costumes, nem é aquella a nossa maneira de ver, de falar, e de sentir.

A sombra do auctor apercebe-se por traz dos interlocutores, e os ditos risonhos, com que desempenha o seu papel cada um d'elles, mais sobresae como aposta de disputantes espirituosos, do que de quadro a uma acção natural, conduzida com arte, para confirmar qualquer das sentenças, em que a sabedoria collectiva das nações formulou axiomas practicos.

A marqueza, armando ao barão, habil em cambios, e activo em capitalizações, uma cilada matrimonial, e ajustando para isso um tractado de alliança offensiva e defensiva com o conselheiro, um dos seus duzentos primos em Adão e Eva, é um typo que julgamos recortado dos exemplares francezes, e pouco em relação com a realidade portugueza.

A emprezaria de casamentos offerece o languido suspiro dos seus mais que maduros annos com tal graça, e tal certeza de si, que a resgatam do ridiculo, passando as culpas e risadas para a romba e atascada pessoa do ricaço, victima expiatoria de todos os outros personagens.

O conselheiro tambem se nos afigura a nobilitação da especie. Custa a crer que exista uma variedade com a finura e o chiste do primo da marqueza; pelo menos fazendo profissão e vida de conselheiro, e chamando-se por essa alcunha.

Sabemos de muitos de grande prestimo e de altos espiritos, mas a prova da sua capacidade, consiste em cuidadosamente se esconderem do titulo, e em resignarem a recebel-o só nos sobrescriptos da secretaria.

A sobrinha da marqueza, essa, leva as lampadas a todos. Poucas mulheres de Marivaux, ou de Regnard rivalizariam com ella em aprumo e dextreza; e nenhuma a excede em malicia caustica e dissimulação comica. As duas damas e o conselheiro são, pois, tres serpentes, mais perigosas, que a famosa serpe do paraizo, que se ajustam para obrigarem o barão a subscrever para um ensaio de socialismo practico. Cada qual, por seu turno, se apodera do amofinado basbaque, zomba das suas ternuras, explora-as, e todos acabam despindo-o litteralmente em commum proveito.

O barão, que ama a sobrinha, e que sem o prever molestou as inclinações do conselheiro, acha-se de repente esposo da marqueza, e sob pena de receber uma estocada, ou de esperar a bala de uma pistola, vê-se constrangido a dotar a noiva, que pedia, entregando-a por suas mãos ao feliz rival.

E' a antiga e sabida situação dos Turcarets; mas, lendo as scenas ás vezes scintillantes de equivocos e de gracejos apropriados, não ha quem negue ao auctor os louvores merecidos.

Está longe, ainda, por certo dos modelos, mas approxima-se quanto lh'o permitte a lingua, e as difficuldades, que ella oppõe. Se os caracteres fossem mais nacionaes, e o dialogo mostrasse menos imitação estrangeira, incontestavelmente seriam primorosas estas curtas e recreativas paginas.

Assim mesmo attestam notavel progresso; o verdadeiro engenho, até abalançando-se aonde não póde chegar, deixa vestigios da passagem, e com a sua lucta avisa da temeri-

dade, aos que logo aos primeiros passos cançariam.

VIII

As *Memorias de um doido*, escriptas em capitulos soltos, ao correr da mão, para apparecerem ás semanas, nas columnas da *Revista Universal*, accusam a precipitação do plano e revelam as incorrecções inevitaveis d'este modo de compôr.

Os dois volumes, que se intitulam *Recordações de Italia*, publicados em 1852, a nosso ver são a obra mais esmerada de Lopes de Mendonça, e a que melhor representa as feições do seu talento.

Nas *Memorias de um Doido* ha seguramente capitulos de prosa-poetica de uma execução acabada, e de uma paixão não fingida; mas o geral do livro destôa, e não cumpre as promessas, que o assumpto e as galas do estylo do auctor annunciavam.

Pelo contrario nas *Recordações de Italia*, o gosto e a arte dominam sem pezarem; sentem-se, e não se vêem.

Parece uma conversação espairecida e familiar, ao lume do fogão, entre dois amigos, acabando de se abraçar depois de longa auzencia.

Narrando as sensações, que experimenta, fugindo com dextreza da trivialidade, e da erudição, o escriptor, de um traço, ou de uma vista, pinta os logares e os monumentos, e sem se deter nem voltar a traz, com agrado se faz acompanhar de seus leitores.—Gibraltar á noite—De Milão a Veneza—e uma excursão ao lago de Como—encerram quadros de perspectiva, e paineis de paizagem, que honram o livro, e designam quem o escreveu

de direito e sem favor como um dos prosadores mais distinctos da nova geração.

A linguagem accode-lhe mais pura, e empregando termos proprios, muitas vezes assume a suprema elegancia da concisão ornada, ou da sobriedade attica.

Certas paginas respiram aquella negligencia culta, e têem aquella frescura de pincel, que lembram o desafogo de Méry nos seus dias de jovialidade e abandono.

A anecdota picante casa-se tanto a tempo com a allusão aos costumes e a critica das cousas, que uma viva imagem dos objectos passa deante dos olhos do entendimento, e quasi nos vem enganar os sentidos.

Depois, que bellos episodios são os pequenos romances—La Vendetta—Beppa—e Beatriz—miniaturas desenhadas com summo cuidado, e que poucos excederão!? Mais castigadas na phrase, e cortadas leves excrescencias não poderiam lêr-se com as de Merimée sem desar para o escriptor portuguez?

Paremos aqui. O exame das *Recordações* levar-nos-hia longe, e é mais do que tempo de nos occuparmos da obra, que nos serve de texto.

Do auctor já dissemos o que era necessario, e desculpando-nos pela demora, pediremos aos leitores a sua benevolencia para o objecto principal. Promettemos não sair mais d'elle.

SEGUNDA PARTE

I

E' mais do que tempo de passar ao exame do livro depois de ter conversado tanto sobre o auctor.

Haverá quem observe, que se falou de mais, e que similhante demora não era necessaria. Mas que remedio? Os escriptores não nascem formados, e para conceber exacta idéa do seu talento, não basta expedir-lhes o diploma em branco. Se o estylo pinta o homem, mal apreciada será a obra, não se conhecendo quem a fez.

Considerada assim a critica, espero que o imperfeito retrato, que serviu de introducção, não pareça de todo inutil, sobre tudo destinando-se este jornal a levar ao estrangeiro a indispensavel noticia, que lá falta, das nossas cousas.

Aqui, pouco, ou muito, sabemos todos uns dos outros como n'uma familia grande; mas fóra, por desgraça, somos ignorados de mais: e d'ahi provém as injustiças, que não merecemos.

Para as acabar ha só um meio: é dizermos de nós, como os estranhos dizem de si; e falando com modestia nada arriscaremos.

As duas ultimas gerações, a quem se deve a ultima renovação, podem apparecer de cabeça erguida em toda a parte, porque têem de que se ensoberbecer.

Estivesse mais vulgarizada na Europa a lingua de Camões e Gil Vicente, e a pagina

que nos pertence na historia litteraria dos derradeiros vinte annos, escripta por Garrett Herculano, Castilho, e outros distinctos poetas, não se reputaria a de menos preço.

A douta Allemanha já o confessou, honrando com sincero louvor alguns dos livros, que a illustram.

E se ha obra, que possa concorrer para nos fazer conhecidos, é sem duvida, a que Lopes de Mendonça emprehendeu, tornando a critica amena e agradavel, e desenhando em largos rasgos a physionomia d'este periodo, um dos mais notaveis na successão do nosso desenvolvimento intellectual. Por isso a estudamos com tanto cuidado, não lhe poupando censuras e observações, onde julgamos que ajustam.

As *Memorias de Litteratura Contemporanea* abrem por uma introducção em cartas, *sobre a poesia e o seculo*, dirigidas ao dr. Thomaz de Carvalho, um dos professores moços mais espirituosos.

Sairia ambicioso de mais o titulo, ou são as dimensões do quadro, que, ficando estreitas, o desmentem?

Ardua e complexa, como se apresenta, a questão pedia maior espaço, e muita pausa; para a deflorar apenas, talvez fosse preferivel deixal-a intacta.

A experiencia ha de convencer o auctor das *Recordações de Italia*, de que a prudencia na escolha, e a madureza na execução de qualquer assumpto, constituem os primeiros fundamentos do bom exito.

As opiniões arriscadas, e as hypotheses atrevidas do esboço, ou antes do embryão, que tentou, accusam a precipitação de um trabalho, que precisava de ser extenso e meditado.

Forçando analogias para approximar talentos ás vezes de opposta indole, aformoseou a phrase com o verniz da novidade, e a graça

de colorido, mas duvido que a razão se dê, egualmente, por satisfeita.

E' exacto, que os grandes mestres, apesar da propria individualidade, revelam uma especie de parentesco de idéas e até de fórmas com os engenhos elevados, que os precederam na carreira; porém não acho coisa facil discernir de longe, e de repente, sympathias e feições pouco apparentes de sua natureza.

Quasi sempre, para as indicar, vão pedir-se emprestadas as linhas e as côres; e a palavra, resentindo-se do estrangeirismo da origem, denuncia-o logo, dizendo menos e peor, porque não traduz o seu, mas o alheio pensamento.

E' severa esta reflexão; mas Lopes de Mendonça merece a verdade, e está no caso de a aproveitar. Além d'isso chegou á edade, em que não é licito metter a reputação em aventuras, nem tractar de resto o nome, alcançado á custa de fadigas.

Deve moderar o arrojo, com que, em algumas occasiões, entrega a penna a mil devaneios caprichosos, abalançando-se a commettimentos, para que não se preparou.

O excesso nas qualidades torna-se defeito. O talento, seguramente, é um thesouro, que póde cobrir muita nudez; entretanto arrastal-o a torneios pouco serios, ou desbaratal-o sem medida abate, não exalta o escriptor.

Nada mais accrescentaremos. Desejariamos, que fosse outra a introducção, ou que, sendo aquella, viesse, ao menos, mais castigada nas idéas e nas formas; em fim, mais do auctor, e menos das suas leituras ainda pouco elaboradas.

Como artigo de periodico poderia nascer e passar; mas como estudo inicial de uma obra grave parece-me leve para não ajuntar impropria.

O que significam, por exemplo, alli, as cri-

ticas dramaticas das *Filles de Marbre* e da *Dame aux Camelias?* O momentaneo clarão das duas peças allumiou acaso mais adeante, do que o proscenio e a sala do theatro? E' de hoje, por ventura, o problema, que propõem, e resolvem incompletamente?

Não! Viveram o que vivem as producções ephemeras, que tocam em uma corda sensivel do coração humano, ou saccodem os nervos dormentes do corpo social.

Custa-me, portanto, a admittir o passaporte, com que o auctor as introduz; e louvando a viveza engenhosa de muitos trechos, que sobresaem nos dois artigos, ainda louvaria mais o sacrificio d'essas folhas, devido em consciencia á regularidade de proporções do livro.

Aonde as *Memorias* começam é no estudo intitulado *Ultima Arcadia.*

As tres figuras notaveis, que alli nos apresenta, entram de direito na apreciação logica da actualidade, como precursores da eschola moderna, e modelos dos homens novos, que lhe hastearam o estandarte.

Bocage, José Agostinho, e Francisco Manuel dominaram em graus distinctos, e de diverso modo, mas não ha duvida, que foram mestres e exemplares; e Lopes de Mendonça, indagando, com sagacidade, até onde se extendeu a sua acção, sabe encher o quadro, e quasi animar de segunda vida aquelles vultos, tão admirados na sua epocha.

Levanta-os do silencio immerecido, em que vão caindo alguns, e distingue, habilmente, a parte de cada um no progresso das idéas, e na innovação das fórmas.

Estas paginas são das mais bem concebidas e mais bem traçadas de todo o livro.

II

A indole e a influencia de Bocage offerecem grandes difficuldades para se avaliarem á luz propria.

Inconstante e fogoso, nobre de espirito e fragil de caracter, Elmano resumia quasi todas as prendas e todos os defeitos dos poetas nos dois periodos, que representa.

Para o apreciar é necessario penetrar na sua intimidade, e pôr de lado os louvores contemporaneos, e bastantes vezes as paginas dos seus livros.

Sedento de applausos, prompto em conceber e exprimir, e devorado de implacavel ciume contra os talentos inferiores que elle proprio elevava, honrando-os sem causa com a sua emulação, offerece-nos a sua carreira duas faces e duas naturezas inteiramente diversas.

O sublime Cantor de *Leandro e Hero* não é o repentista ribombante dos outeiros e cafés. O generoso e compassivo Manuel Maria, sempre disposto a consolar a pobreza e a afflicção, está longe do satyrico desapiedado, cuja Nemesis delirante não perdoa a nenhum affecto, nem esquece a mais leve offensa do amor proprio.

Os desgostos e as distracções foram os maiores inimigos da sua gloria. Dotado, como poucos, pelas musas, que o fadaram desde o berço como seu valido, faltou-lhe o tempo, e chegou tarde para elle a epocha da reflexão, e dos fructos sazonados.

Até onde alcançaria aquelle engenho, desassombrado das paixões que a miudo o offuscavam, e estabelecido o equilibrio entre as faculdades da razão e os thesouros da phantasia?

Eis o problema que a morte deixou suspen-

so, e que só arriscadas conjecturas podem rastrear.

Seria extensa a sua inspiração, como era radiosa e vehemente nos curtos vôos, que levantou? O calor, o brilho do estylo, que lhe douram a phrase, sobresahiriam nos cantos de um poema longo, com a mesma valentia? Ousaria tentar a lingua tragica, interpretando os segredos do coração e do sentimento, e não as folhas mortas dos livros?

Não é facil responder. Desappareceu justamente na occasião, em que promettia mais.

Entre duas escholas, uma de imitadores, que ajoelhavam deante das regras impostas, outra de partidarios da liberdade das fórmas, ligados contra o rigor da servidão classica, a qual pertenceria, e para qual d'ellas o encaminharia a sua vocação?

Tudo nos diz que para a segunda.

Se a rapidez da escripta, e a falta de pausa o inclinavam a aproveitar os moldes e o colorido da seita greco-romana, modificada pelos exemplos das musas italianas e francezas, os arrojos do estylo, o rasgo das idéas, e a viveza em sentir e pintar, attrahiam-n'o para a renascença, chamada romantica que muitas vezes pareceu antever.

Quando se esquece das prisões antigas, e se entrega ás commoções, que o arrebatam, a dor e a ternura choram na sua lyra como se os dedos de moderno bardo fizessem estremecer as cordas. São momentos, são lampejos, sei; mas quem adivinhou mais peregrinamente a suavidade melancholica de Lamartine, e os sombrios e ardidos commettimentos de Byron, e de Hugo?

Bocage estudava pouco, e não reflectia mais. O seu cabedal de saber era portanto acanhado. A' força de genio, e por illuminação espontanea, é que suppria os dons adquiridos,

que se ganham á custa de vigilias e fadigas.

Versado na lingua latina e na franceza, sabia apropriar á nossa, com rara felicidade, as bellezas dos auctores estranhos, ostentando nas magnificencias do verso toda a pompa, que o portuguez comporta. As suas traducções são verdadeiros primores.

Elmano, entretanto, não era proprio para conceber a revolução da arte, nem para a dirigir. Depois de feita, seguil-a-hia como apostolo fervoroso, como um dos mais incançaveis apologistas; mas traçal-a, e executal-a elle, excedia os seus poderes, e os limites naturaes da sua indole.

N'este sentido, o grande serviço que lhe devemos, reduz-se á audacia venturosa, com que arrancou a poesia das aulas de Minerva, e meia desgrenhada, meia composta, a vulgarizou nas praças e nas palestras, acclamando-se rei das canções, e tornando-as populares e plebeias como os auditorios, que extasiava nos seus repentes.

Foi um passo notavel, sem o qual a renovação, que se insinuou depois, quasi despercebida, encontraria nas fronteiras vigilantes Argos, para a fazerem retroceder, negando-lhe os foros da hospitalidade, e da naturalização, e expellindo-a antes de a conhecer.

As *Memorias de Litteratura Contemporanea* abraçando em breve quadro toda a existencia de Bocage, e accusando as feições proeminentes d'esta physionomia movel e ardua de reproduzir, corrigem os juizos mais levianos, exarados nos *Ensaios de Critica*, e dão-nos parecido e melhorado o retrato, que a principio ficára apenas em esboço. Não juraria em todas as asserções do auctor; mas não receio assegurar, em geral, que esculpiu o vulto com firmeza, e que não lhe errou as linhas e os toques mais sensiveis.

III

Outro tanto não ousarei dizer do estudo sobre José Agostinho de Macedo. Respira antipathia, e muitas vezes cega-se com a parcialidade.

A transição não é facil, observa bem o auctor, quando se passa do talento de Bocage para o de Macedo; mas acho rigor de mais exauctorar o cantor da *Viagem Extatica*, da *Meditação*, e até do *Oriente* das honras de poeta.

A maior ou menor correcção dos seus escriptos não lhe tira as innegaveis qualidades, que abonam a fecundidade e o vigor do seu engenho; e embora nos seus metros transluza mais a arte, do que a inspiração, embora se julgue mais calculado, que espontaneo, não basta isso para fecharmos as suas obras, sentenciando-o á revelia.

No primeiro ensaio de Lopes de Mendonça, Elmiro (nome arcadico de Macedo) era flagellado com as mesmas varas, com que verberou as reputações e o merito de muitos escriptores distinctos; e força é dizel-o, e as *Memorias de Litteratura* o confessam, em vez de um juizo severo, mas recto, a apreciacão envenenava-se como um libello.

Entretanto, mesmo depois de reparada a injustiça, ainda achamos apaixonadas e rigorosas as conclusões do livro.

Julgando Elmiro, como poeta, será exacto asseverar que foi monotono versificador, brilhante sem ser magestoso, e assoprado sem eloquencia?

Não respondem victoriosos os seus poemas em numerosos trechos a esta accusação? A

inspiração lyrica não o bafejou, é verdade, nem conhece os finos e graciosos toques com que se realça tantas vezes a musa de Bocage e de Filinto, quando se elevam ambos na melancholia doce e amoravel, que é o suave crepusculo interior das almas sensiveis; mas estes dotes não são communs, e Macedo, por não os possuir, deixará de ser cantor?

A sua esterilidade como lyrico, e os seus desastres como dramatico, não lhe roubam tambem a gloria, nem apagam o esplendor das incomparaveis bellezas, que nasceram da sua penna.

Lopes de Mendonça não o occulta, citando até a *Viagem Extatica* e a *Meditação*. Podia accrescentar sem favor largos episodios do *Oriente*. O que esmoreceu a fama d'este ultimo foi a orgulhosa competencia, alardeada contra o genio de Camões.

Porque motivo, nos mostraremos pois mais severos que os factos?

O genero didactico, que Elmiro cultivou com lustre, apezar da excommunhão de Hegel e das theorias absolutas, não merece o desterro, a que o vota o philosopho allemão. Teriamos para isso de mutilar as litteraturas, empobrecendo-as!

Grandes nomes, e muitos brazões intellectuaes ficariam anniquilados de um rasgo, se fosse licito dictar essas leis absolutas.

N'esta, como em todas as manifestações da arte, o que deve reprimir-se é o abuso. A opinião de Hegel é mais a censura dos defeitos, que a critica do genero; e não vejo, que Macedo incorra na exclusão decretada em nome d'ella, só porque seguiu as pizadas de Pope, e não as de Ronsard, ou de Racine!

Elmiro representa um papel notavel na litteratura da transição, que ainda abrangeu a nossa épocha, e caminhou alguns annos a par

d'ella! Poucos escriptores seriam mais populares; mas o applauso momentaneo e estrepitoso que tanto o exaltou, filho na maxima parte do applauso das paixões civis, foi obtido á custa de excessos deploraveis, e rebaixando a penna sem pejo aos ultrajes mais torpes.

Ninguem escreveu melhor o libello em Portugal. Devorado de ciumes, inimigo do merito, apenas o via resplandecer, não perdoou a vivos nem a mortos, suppondo elevar-se, porque os deprimia.

A memoria feliz e viva, a leitura constante e vasta, e o buril carregado, mas chistoso, com que sabia gravar a satyra, tornavam-n'o fatal como zoilo, e perigoso como adversario.

Fecundo em epithetos, pittoresco nos ditos, e copioso na linguagem, o seu estylo, agradavel e picante, corre desafogado pela prosa, e poderia apontar-se para modelo, se as suas pinturas jocosas não degenerassem com frequencia em obscenas parodias, e se os gracejos não descessem a baixezas e a chascos ignobeis, que espantam em um sacerdote, e repugnam em um erudito, e um poeta, que devia captivar a estima pelo respeito de si proprio!

José Agostinho sabia muito, e ainda fingia saber mais. Versado no estudo dos auctores latinos, italianos, e francezes cita por jactancia, e nem sempre auctoriza as citações. Singular nas asserções, e adorador do paradoxo, a sua obra do *Motim Litterario* reflecte a fiel imagem da sua vaidade e das suas paixões. Antigos e modernos, nacionaes e estrangeiros, nenhum escapa áquelle patibulo, aonde todos padecem o açoute inexoravel da inveja, disfarçada nos trajos de critica chocarreira.

Depois da morte de Bocage, Macedo reinou como despota e tyranno, sem eximir ninguem da sua mordacidade. Os seus opusculos poli-

ticos revelam uma alma vingativa, e um coração não susceptivel de estimulos generosos.

A vehemencia do convencimento não corresponde á furia das palavras. A crença é tibia ou nulla, e se clamou tão alto, foi para encobrir o vazio, que as suas phrases immundas, ou sanguinarias, não escondem inteiramente. Nos folhetos litterarios, as armas variam pouco; e a mesma veia as inspira sempre. As *Pateadas* e as *Cartas de Manuel Mendes Fogaça*, devem notar-se como primores do genero. E' tal o sabor comico, a riqueza de termos, e a variedade da erudição, que o espirito não se cança de o seguir e admirar, embora lamente o fel e a malignidade dos motejos. Luctando com adversarios inferiores em forças, e, além d'isto, allucinado pelo rancor, aparou em escudo facil as setas, que lhe dispararam, descarregando-lhes golpes em resposta, de que alguns não convalesceram nunca. Só uma vez encontrou a flagellação aonde esperava a impunidade. Pato Moniz, acossado pelos tiros repetidos do satyrico, arrastou-o pelos cabellos ao pelourinho do poema heroi-comico, e crivando-o de irrisão, expol-o aos ludibrios, no seu libello metrico da *Agostinheida*. Com Bocage o castigo ainda lhe devia doer mais. Os vergões, de que o marcou a ira de Elmano, na satyra mais vehemente da nossa lingua, a *Pena de Talião*, ficaram-lhe para sempre assignalados.

Macedo foi o ultimo da sua geração, parecendo ficar atraz para encerrar a epocha, e não deixar entre os contemporaneos rival que o molestasse.

Nas suas obras, dissipado o negrume do incendio civil, encontram-se bellas paginas, que o gosto e a imparcialidade hão de salvar do esquecimento. A historia e a physionomia do ultimo seculo litterario perderiam parte

da significação, omittindo-se esta figura, que, apezar de descomposta e desvairada em bastantes occasiões era de estatura muito acima do vulgar.

Filinto, o pobre desterrado, que se consolava das injustiças do tempo e das maguas da solidão conversando as lettras patrias e as estranhas, era talvez dos tres o poeta mais fiel aos ritos do Parnaso, e o confidente mais intimo das musas latinas, sobre tudo da horaciana.

Austero censor das nodoas, que deturpavam a lingua vernacula, inoculou sem o cuidar os principios da reforma no seio da geração, que de longe escutava attenta os seus oraculos; e sem o suppôr serviu de instrumento activo para a ruina da eschola classica, objecto do seu culto desvelado.

Se Bocage vulgarizou a poesia, se Macedo escarneceu nos altares os idolos impostos, e os legisladores reverenciados, Francisco Manuel (Filinto Elysio) divulgou na sua lyra as phantasias romanticas de Wieland e Chateaubriand, vertendo admiravelmente os *Martyres* e o *Oberon*.

Lopes de Mendonça, apreciando o genio e a influencia do velho traductor de Gresset, não se equivoca em nenhum dos lineamentos, assás difficultosos de fixar, e em concisos traços dá-nos um retrato parecido e verdadeiro.

Não sei se Filinto, na realidade, nascêra dotado dos poderes da invenção, e se a sua phantasia por vezes risonha, por vezes melancholica e reflexiva, ousaria remontar-se á grande altura a que precisa subir, quem, separando-se do commum, vai procurar novas idéas, e novas formas, além do circulo das imitações.

Mais portuguez na voz e no sentimento

não era possivel sel-o ; como enthusiasta das tradições e glorias da patria, depois de Camões, não acho quem o excedesse , mas d'ahi ás prendas necessarias para crear na mente um mundo ideal, ou emprehender uma transformação na arte, a distancia é larga, e duvido que, mesmo com esforço, elle a vencesse.

Os raptos lyricos em que a alma se lhe arrebata, e o pensamento se lhe matiza das mais finas joias da lingua, são vasados em moldes sabidos; e se alguns assomos de innovação por acaso lhe despontam, vê-se, que escaparam timidos e fugitivos, e que o assustam pela audacia. Francisco Manuel foi metrificador tão aspero e ingrato, quanto Bocage era harmonioso.

Traductor por necessidade, e parece-me que tambem por inclinação, na escolha dos originaes não se mostra feliz, nem constante sempre. O capricho e a penuria decidiam de ordinario do destino da sua penna, e milhares de versos engeitados á nascença, avultam nas collecções, apezar de tudo, desculpando-se com a indigencia do poeta, que não era remisso em os condemnar.

O estudo sobre Filinto, nas *Memorias de Literatura*, pela sisudeza das opiniões, e pela elegancia desaffectada, caracteriza a vocação do auctor, e offerece-nos a medida do que elle póde, quando a reflexão, na pausa do gabinete, vem levantar o preço ás qualidades do seu estylo.

A critica deve ser assim, amena, agradavel e familiar. Não é um juiz desabrido, que se entumece cheio de soberba e de rigor, que, sem as ver, quasi, passa pelas bellezas da arte, e que sem se compadecer contempla os infortunios. Esse erro acabou !

Hoje assenta-se tractavel e amiga junto do lar domestico, acompanha o auctor em todos

os seus passos, advertindo-o, quando descobre primeiro o precipicio, e applaudindo-o, com sinceridade e effusão, quando um rasgo de talento abona o seu louvor.

Entre o panegyrico servil, e a censura extrema está a verdade, e d'ella é que os seus olhos nunca devem afastar-se!

IV

Entramos com o auctor nos dominios da eschola moderna, e o primeiro vulto que logo nos detem é o de seu fundador, do maior poeta, que teve Portugal depois de Camões.

As datas aqui são eloquentes.

No anno de 1825, viu a luz em Paris, a 22 de fevereiro, a primeira edição da admiravel elegia consagrada á gloria, e aos infortunios do cantor de Vasco da Gama, e Ignez de Castro.

No seguinte de 1826, estampou-se, e tambem em Paris, o poema de *D. Branca*, primeira lança quebrada na liça pelos encantos da arte moderna. As crenças e as fabulas do povo, inspiraram o maravilhoso que dá relevo e côr a tantas scenas animadas. O *Oberon* de Wieland foi o typo, que fitou a imaginação do vate ainda em todo o viço da mocidade.

Em 1828, levantando a viseira, que trouxera callada ao torneio, e apagando da sua divisa o moto de Filinto, com o qual se disfarçára, apresenta-se de rosto, dando a mão á sua *Adozinda*, irmã mais nova de *D. Branca*, e como ella gerada nas estreitezas e angustias.

A carta, escripta de Londres ao sr. Duarte Lessa em 14 de agosto, serve de prologo; e, em resumido e engraçado painel, retrata a formosura d'essa musa serrana e popular, meio esquiva meio pensativa, que, fugindo á

côrte e aos preceitos, visitava ao luar das noites de estio os recessos dos montes, ou nos dias curtos e lindos de inverno ia assentar-se melancholica e coroada de flores campestres, com o seu alaude rustico, cantando as endeixas da patria, e olhando para os pincaros, que, toucados da neve, se penduravam da serrania proxima.

Finalmente em 1829, o estimado livro de *João Minimo*, cuja introducção é um modelo de estylo facil e de prosa familiar; cujas mimosas poesias, correndo toda a escala dos sentimentos e affectos, todas as fórmas e cambiantes, ora imitam a graciosa lyra grega na correcção, e luctam com Propercio e Catullo na ternura, ora, seguindo a Goethe e Byron nos devaneios da inspiração romantica, passam de enxugar as lagrimas da dor ao riso picante da ironia, e ás alegrias loucas e festivas do lar domestico.

Cousa notavel, todas estas obras sairam de prelos estrangeiros, e podem reputar-se filhas do exilio e da saudade!

E' que o poeta nasceu fadado para ser a voz harmoniosa de um periodo de revolução e que para nos pintar as alheias penas havia de começar por sentir as proprias.

Se o poeta dos *Lusiadas* não se affrontasse com o Adamastor, e nos perigos e naufragios de uma vida errante e desgraçada não aprendesse da experiencia a conhecer os amargores, os prantos, e os cuidados tão crueis de padecer, a maravilhosa tela, em que se desprega a grande acção do maior feito moderno, não nos revelaria em tantos lances sublimes o seu ardente amor da patria, e o profundo sentimento com que penetra até aos intimos seios os segredos da existencia, e os mysterios quasi insondaveis do coração!

Garrett formou-se na mesma eschola da

adversidade, a melhor pedra de toque das almas elevadas. E só assim podia achar a suavidade melancholica, a melodia plangente e meiga, que reveste de tanta tristeza o canto de Camões, quando, beijando a terra do seu berço, com ella abraça junctamente as cinzas frias da amante, e parece desentranhar-se-lhe a existencia nos soluços da magua inconsolavel.

As lagrimas não se desenrolam tão verdadeiras pelas cordas da harpa sem que se saiba o que ellas queimam, e o que ellas custam!

D'onde tirou o cantor dos *Lusiadas* a ternura do episodio de Iguez de Castro, e o quadro grandioso das iras de Adamastor, senão da memoria de seus amores tão desditosos, e das tremendas furias que rugiam coroando o cabo das tormentas?

O visconde de Almeida Garrett encerra elle só nos seus escriptos uma litteratura completa. Poeta dramatico, poeta lyrico; romancista, e cantor nacional, cada passo, que firmou na carreira, que abriu, foi assignalado por um livro primoroso, em que se admira a graça castigada das musas classicas unida aos arrojos contidos do renascimento christão.

No *Auto de Gil Vicente*, no *Alfageme*, em *Fr. Luiz de Souza*, e na *Sobrinha do Marquez*, que variedade dentro do mesmo genero, que pureza de lineamentos e de traços, que finura de côres, e que novidade de fórmas!

Como a grande epocha de D. Manuel respira animada n'aquelle delicado e conciso quadro do *Auto*, onde os dois poetas, o creador da scena, e o creador do romance, se encontram, e se estimam, sem comtudo poderem chegar a entender-se!

Que bellas estrophes as de Bernardim Ribeiro, e de Paula Vicente aos devaneios da

poesia, á chamma divina, que a accende, e ás illusões e escarneos do mundo, que são a sua corôa de espinhos e o seu martyrio!

No *Alfageme* o vigor de tintas, a naturalidade das physionomias, e a rara perfeição em fundir no ideal da arte a verdade, e a verosimilhança humana, são incomparaveis. Como aquella Alda sabe ser anjo e mulher ao mesmo tempo! Como aquelle Froilão Dias, rindo e chorando, supporta alegremente a sua pobreza recusada, e encara sem temor as inquietações dos tempos, levando as mãos e a esperança a Deus!

Que retrato acabado o do Mendo Paes, cortezão de todas as victorias, acclamador de todos os triumphos, e peito falso e venal, que a virtude offende, e só o interesse captiva!

Que figura viril e nobre a d'um Fernão Vaz, o Alfageme, homem só da patria, e dos deveres, a que ella obriga, leal e valente como o ferro da sua boa espada, heroico e enthusiasta, como o povo que representa, nos seus dias de gloria e de abnegação, em que acorda para apontar a lança ao peito do invasor!

E de *Fr. Luiz de Sousa* o que diremos, senão que a antiga e a moderna arte ainda não excederam o religioso terror, e a tragica simplicidade d'esta immensa catastrophe domestica, mil vezes mais pungente, pela realidade cruel, do que as desgraças de OEdipo, e os gemidos de Electra?!

Que scenas, que vozes, e que affectos os d'aquelles paes, que, sem culpa, vêem sobre si a reprovação dos homens; e que, separando-se para fugir ao casto amor, que os uniu, nem se atrevem quasi a dar o nome de filha ao doce e innocente fructo das suas entranhas, que vem expirar alli de vergonha e dôr entre ambos, chorando, como anjo que era, as injustiças da terra!

Almeida Garrett não teve competidor, e em largos annos talvez não ache herdeiro. Aonde elle reinou não se levanta outro, senão da mesma estatura, e dotado dos mesmos poderes.

Mesmo nas obras menos esmeradas, ou mais distraidas pela corrente das influencias politicas, o cunho do mestre crava-se esplendido, e logo accusa a poderosa individualidade, que lhe deu o ser, e o chamou á vida do mundo ideal. O *Arco de Santa Anna* é a prova.

Estará alli a épocha com as suas crenças, e a sua existencia ainda rude, mas sincera? De certo não! Pessoas e coisas obram e falam, como agentes dos nossos dias; os alvasis da cidade episcopal discorrem, e accordam como os vereadores dos nossos municipios bastardos. Gil Eannes é um nome antigo, que serve de capuz a um orador moderno.

Omitti porém o anachronismo, esquecei mentalmente as datas, e entregae-vos ao agrado da leitura sem reservas criticas. Que viveza não achaes no estylo, que distribuição sobria nos claros e nas sombras, e que habil collocação a das figuras, e dos episodios! E' a vida, mas a vida como nós a sentimos e a conhecemos, cega, inquieta, caminhando sem saber para onde, e trabalhando com ardor, ignorando o fim.

O amor illumina o painel até ao fundo, e ata os fios da acção com summa naturalidade.

O estudante Vasco, pelos olhos de Gertrudinhas, renega a creação e amizade do bispo, e acaba introduzindo a D. Pedro o Justiceiro dentro da cidade, não sabendo que introduz com elle o castigo e a humilhação do seu verdadeiro pae!

A bruxa velha, Fr. João da Arrifana, Paio Guterrez, os dois besteiros, emfim todas as

figuras estão desenhadas com tal individualidade, que não esquecem mais, e que basta uma palavra para as apresentar, como na existencia real succede, com os que nos são mais familiares e intimos.

E esse livro das *Folhas Cahidas*, canto de outono, ultimas e inspiradas melodias de um grande espirito, concebido entre o sorriso das musas?

Houve nunca alma de vate mais fina em sentir, mais ardente em amar, e mais delicada nas queixas? Quem lhe diria ao poeta, e a nós tambem, que eram na realidade as derradeiras flores da sua lyra, que, muda para sempre, se ornaria com ellas, encostada ao monumento?!

Finalmente as *Viagens na minha terra*, livro de enlêvo que não se acaba senão para o tornar a repetir, que se lê todos os dias, e que parece sempre novo, não deixariam muito atraz as phantasias tão festejadas de Xavier de Maistre, e as sensibilidades ás vezes forçadas de Sterne?

A espirituosa ironia, que esperta de um sorriso, (cuja bondosa malicia diverte mas não offende), as paginas descriptivas, e as reflexões da critica, não faz lembrar muito a miudo a penna de Cervantes, como o admiravel episodio da *Joanninha*, hombreia, se não as excede, com as mais apuradas miniaturas de Marmier e de Vigny, os dois mestres de pintura correcta, ligeira, e ao mesmo tempo philosophica e expressiva?

As *Memorias de Litteratura*, tentando o esboço d'este retrato, que pela difficuldade desafia todos os poderes da erudição, e da analyse, tomaram-n'o pelo aspeto proprio, cedendo ás paginas mais amplas do livro, (que de certo se fará um dia) o exame detido e profundo, e a avaliação absoluta e relativa de

um escriptor, que resume em si muitas vocações differentes.

A posteridade tinha começado para Garrett mesmo em vida; e a auctoridade do seu nome já imperava pela admiração, a despeito das invejas e enredos dos aulicos do acaso, que um sopro da fortuna levanta nas espumas das sublevações politicas.

Os dois estudos de Lopes de Mendonça sobre o poema de *Camões* e o drama de *Fr. Luiz de Sousa* são dignos dos dois primores, que explicam. Todas as qualidades, que caracterizam o gosto e o estylo do auctor das *Recordações de Italia*, se observam alli reunidas, como para peleja arriscada o capitão prudente congrega todas as forças, e as dispõe para segurar o successo. E que maior batalha, do que medir-se corpo a corpo com um vulto como o de Almeida Garrett, discernir as diversas edades e maneiras do seu talento, e sem se offuscar pôr os olhos tão firme nas bellezas que mesmo por entre o brilho do seu genio possa descobrir as nodoas, que, sempre e em todos, denunciam a fragilidade humana?

Se o trabalho sobre Alexandre Herculano correspondesse, e, conciso de mais, não se desviasse dos pontos em que importava demorar-se para avivar a physionomia do historiador philosopho e do poeta, esta parte das *Memorias* teria dobrado valor, e era sufficiente por si para grangear uma reputação.

Porque esqueceria ao auctor outro retrato que nem as musas, nem as lettras dispensam em uma galeria de engenhos eminentes? O cantor de *Amor e Melancolia*, o poeta dos *Ciumes do Bardo* e da *Primavera*, o escriptor de tantas prosas substanciaes e ricas, representa a transição entre as duas escholas, e na pureza e harmonia das fórmas não conhece rival.

Antonio Feliciano de Castilho pela indole da sua imaginação, e pela delicadeza do gosto approxima-se do estylo classico, ao passo que, na suavidade e candura do verso, na melancholia affectuosa, e no devaneio caprichoso e enlevado, se mostra intimo com a poesia moderna.

Se Bocage, José Agostinho e Filinto são inseparaveis na exacta apreciação do primeiro periodo, o segundo nunca ficará completo, nem intelligivel sem Garrett, Herculano e Castilho. São forças e influencias, que obram juntas e não se desmembram sem erro.

(Da *Revista Peninsular*, 1855.)

FIM DO SEGUNDO VOLUME
DAS «APPRECIAÇÕES LITTERARIAS»

INDICE

ALEXANDRE HERCULANO:

«O monge de Cister» 7
Escriptores contemporaneos 25

MENDES LEAL:

Poetas lyricos da geração nova 48
«O pagem d'Aljubarrota» 95
«Dona Maria de Alencastro» 111
«O Tributo das cem donzellas» 117
«Os Homens de Marmore» 125

ERNESTO BIESTER:

«Um quadro da vida» 133

D. MARIA CANDIDA DE CARVALHO:

Uma vocação 141

MATHEUS DE MAGALHÃES:

«Mulher funesta» 147

LOPES DE MENDONÇA:

«Memorias de Litteratura Contemporanea» 159

OBRAS COMPLETAS

DE

LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA

XXXIV

VOLUMES PUBLICADOS

I—Ráusso por homizío
II—Odio velho não cança (1.º)
III—Odio velho não cança (2.º)
IV—A Mocidade de D. João V (1.º)
V—A Mocidade de D. João V (2.º)
VI—A Mocidade de D. João V (3.º)
VII—A Mocidade de D. João V (4.º)
VIII—A Mocidade de D. João V (5.º)
IX—Lagrimas e thesouros (1.º)
X—Lagrimas e thesouros (2.º)
XI—A Casa dos Fantasmas (1.º)
XII—A Casa dos Fantasmas (2.º)
XIII—De noite todos os gatos são pardos.
XIV—Contos e Lendas (1.º)
XV—Contos e Lendas (2.º)
XVI—Othello—As redeas do governo
XVII—A mocidade de D. João V (drama).
XVIII—Amor por conquista (comedia) — O Infante Santo (fragmento).
XIX—Fastos da Egreja (1.º)
XX—Fastos da Egreja (2.º)
XXI—Fastos da Egreja (3.º)
XXII—Fastos da Egreja (4.º)
XXIII—Bosquejos historico-litterarios (1.º vol.)
XXIV—Bosquejos historico-litterarios (2.º vol.)
XXV—Bosquejos historico-litterarios (3.º vol.)
XXVI—Questões Publicas. (1.º vol.)
XXVII—Questões Publicas. (2.º vol.)
XXVIII—Arcadia Portugueza (1.º vol.)
XXIX—Arcadia Portugueza (2.º vol.)
XXX—Arcadia Portugueza (3.º vol.)
XXXI—Memoria biographica e litteraria ácerca de Manoel Maria Barbosa du Bocage.
XXXII—Apreciações litterarias (1.º vol.)
XXXIII—Apreciações litterarias (2.º vol.)
XXXIV—Apreciações litterarias (3.º vol.)

OBRAS COMPLETAS DE LUIZ AUGUSTO REBELLO DA SILVA
REVISTAS E METHODICAMENTE COORDENADAS

XXXIV

ESTUDOS CRITICOS — V

APRECIAÇÕES LITTERARIAS

VOLUME III

LISBOA
EMPREZA DA HISTORIA DE PORTUGAL
Sociedade editora
LIVRÁRIA MODERNA | TYPOGRAPHIA
R. Augusta, 95 | *45, R. Ivens, 47*
1910

FRANCISCO MARIA BORDALLO

I

Sunt lacrymæ rerum!

O nome, que hoje commemoramos, é o de um homem, que ainda hontem foi entre nós affectuoso amigo, ameno escriptor, consumado official do mar. Ao sair da infancia logo embalado no rollo tempestuoso das vagas, familiar com os perigos tão frequentes na inconstancia do elemento, que sulcava, aprendeu em tão severa eschola a só inclinar a fronte deante de Deus, cujas maravilhas admirára na vasta immensidade dos oceanos percorridos na sua incansavel peregrinação.

Ao tocar em metade apenas da carreira, já pendida ha mezes para o sepulcro por fadigas, que resumiam longos annos de trabalhos em poucos de edade, a morte, apressando-lhe as ultimas horas, chamou-o a descançar.

Modelo de brios, coração viril em affrontar as adversidades, e facil em se abrir ás illusões, era a alma do soldado realçada pela phantasia de poeta, era a sinceridade quasi infantil propria da tenra juventude e rara nos annos mais maduros. Não conhecendo do mundo, pelos desenganos, senão o que mais harmonizava com a nobreza de seus instinctos, deixae-o di-

zer-se sceptico, porque as cans precoces, que alardeia, não lhe envelhentaram o espirito nem lhe endureceram o peito. A palavra e o sorriso, que lhe brincavam nos labios mostravam, que tarde, e só tarde, provaria d'esse amargo fructo denominado descrença por uns, e experiencia por outros, que não se colhe senão com os pés já frios do inverno da vida, e o sudario regelado da edade sobre os sentimentos.

N'aquella testa, que se rasga pura de nuvens, n'aquelle rosto aonde se lê a isempção do caracter, o ardor do coração, e o arrojo de maritimo afeito a luctar com as ondas, finalmente n'aquella vista, que adormece com a meditação, e tão prompta fuzila com a ira e o enthusiasmo, tudo encontrareis menos a palida e triste desconsolação do homem, que mede os passos com desconfiança, espreitando no semblante alheio a hypocrisia, ou a torpeza.

E' o typo militar no seu mais bello aspecto, unindo á expressão do valor tranquillo e senhor de si a espiritualidade filha do engenho.

Ainda nos ultimos dias, e já com as sombras do tumulo nas feições, arrastava-se para a derradeira morada com uma firmeza, que cegou de falsas esperanças os que não sabiam que poderes tinha aquelle coração para contemplar sereno ao limiar da eternidade o proximo fim, que por vezes vira cavado nos abysmos das aguas, ou ameaçal-o rugindo ennovellado no bulcão, cujas azas inflammadas varriam deante de seus olhos o procelloso mar da China.

Separou-se da existencia como se respirasse alliviado de um peso insupportavel!

E que saudades levaria da terra, em que a fortuna lhe fôra pouco amiga, aonde mari-

nheiro, soldado e escriptor só encostado ao proprio merito subira a um por um os degráus, para elle ingremes, dos postos e cargos que alcançou?

Vendo saudar em triumpho as gralhas enfeitadas, e os aduladores de si proprios; vendo o incenso desenrolar-se dos thuribulos para empanar ainda de mais fumo as vocações vadias, ou rachiticas, as vaidades nuas de estudo e de talento, mas entumecidas de soberbas pueris: vendo em tantas occasiões os parvos recostados no logar dos doutos, os especuladores de popularidade vã na cadeira de Catão, os manigripos da moral á banca da usura, e os tartutos do progresso nos pulpitos da liberdade, Bordallo o que havia de esperar, ou querer da sociedade, aonde homens e cousas tudo era tão pequeno e insignificante? Iria acotovellar na carreira o correio cansado de choutear atraz do anonymo de hontem feito homem grande, ou disputar a palma á eloquencia desdentada de algum macrobio, desbotada taboleta de falsas auras sem fundamento?

Iria oppor-se aos aphorismos caducos dos veterinarios, hoje sem freguezes, das patrioticas insurreições?

Para competir com similhante plebe fôra necessario ter a condescendencia de se acanhar á estatura dos seus heroes.

Accordado ás vezes de outros cuidados pelo zumbido importuno de ambições ainda mais comicas do que offensivas, o auctor do *Passeio de sete mil leguas*, se algumas vezes se distrahiu, despedindo uma ou outra seta do arco politico, em geral, consolava-se da contemplação melancholica do presente com as recordações das épochas, em que o esplendor das lettras e a gloria das armas grangearam invejados brazões a este mesmo Portugal,

hoje presa dos arithmeticos inventados em estadistas, dos graciosos guindados por obra e graça do riso epigrammatico, dos retabulos ornados de arminhos e fitas, aos mais altos cargos, emfim dos cortezãos, cujos titulos ao mando teem sido a mudez, a inercia, e um somno de pedra!

Repugnando-lhe os episodios da vida publica, em que os actores eram taes; e ao mesmo tempo sentindo nas faces arder o pejo deante das saturnaes do pauperismo intellectual e politico, Bordallo escondia-se das ostentações, que outros cortejavam.

Em vez de as requestar, evitava-as.

De que lhe serviria em realidade uma cadeira na Camara, um bufete na secretaria, ou mais uma fita ao peito? A vocação não o attrahia para as lides da palavra. A sua penna corria mais solta pelas paginas do romance, ou do livro imaginoso, do que se prestava a entretecer o exordio e a peroração de um documento official. O resto nem lhe lembraria! Similhante ao Nathaniel Bempo de Cooper, ao qual se comparava ás vezes pela identidade da existencia errante, quando chegasse a hora suprema, moço, ou vergado aos annos, chefe de esquadra, ou capitão tenente, sabia que levantaria a cabeça na presença dos homens, e que responderia á voz de cima com a mão no peito e sem trepidar—aqui estou, senhor!

E' que n'aquella farda lisa de condecorações a sombra de uma nodoa nunca maculára o lustre dos brios guerreiros. E' que, recolhido na sua pobreza, entre os livros e o trabalho, dedicado á satisfação de deveres domesticos, que só entendem almas como a sua, nem a suspeita de um pensamento mau, nem o sobresalto de um remorso, nem as inquietas vigilias de cubiças e de ambições seden-

tas, lhe transpozeram nunca os umbraes da porta, lhe agitaram o somno, cravando-lhe de espinhos o leito, ou lhe disvelaram as noites perdidas em calculos impuros.

Com verdade disse uma vez de si :—«Fugindo das sociedades secretas para o claro da praça publica, sem ter porque me punjam os remorsos tenho atravessado por entre as vicissitudes da épocha, com a mão na consciencia, ainda que com o coração oppresso de melancholia, cumprindo os deveres de militar sem baixeza, os de escriptor publico sem venalidade, e os de particular com independencia. Páro tranquillo, e digo lançando a vista sobre o passado:—Nunca fiz mal aos meus similhantes.

«O meu somno não é perturbado por espectros.»

Não, pobre amigo, o teu ultimo somno não será perturbado pelos espectros, que tantas vezes inquietam a noite do tumulo áquelles que desceram a elle curvados sob o peso das queixas, das lagrimas, e das desditas alheias.

Repousa tranquillo!

A boa memoria do teu nome, precioso legado que tão illeso quizeste sempre guardar, mais ainda que os louros da guerra, que as ancoras do mar, e do que as corôas das lettras, será como uma eterna aureola sobre a tua campa.

Os prantos, que a regam, as flores que se esfolham sobre ella, as vozes que murmurarem as orações do descanso junto da terra, que te cobre, serão prantos saudosos, flores de amizade, vozes da alma, que se consola da ausencia, falando a Deus do que perdemos para sempre.

Repousa! Mais feliz do que nós — no seio do Senhor, aonde tudo é luz e serenidade, — não verás ao menos o que, mais tardios em te

seguir na mesma jornada, talvez nós estejamos fadados a deplorar.

Dorme, amigo! Tu, que tanto amavas a terra do teu berço, tu, que eras tão fiel a todas as grandes affeições, a todas as nobres inspireções, chamou-te Deus, quem sabe, para não assistires ao acto mais doloroso da vida de um povo—á sua agonia moral, seguro annuncio da sua morte politica.

Em torno de nós tudo são trevas, desalento e tristeza. Sobre os horizontes escuridão presaga de grandes tormentas, sobre o futuro um véu de lucto, que talvez maiores infortunios hajam de levantar cedo. Quando as nações, á força de baixar, se desconhecem a ponto de entregarem o seu remedio aos empiricos mais ignorantes... só um milagre da providencia as salva. Merecemos esse milagre?

II

Francisco Maria Bordallo nasceu em Lisboa no dia 5 de maio de 1821, quasi á mesma hora em que Napoleão Bonaparte entregava ao Creador o maior espirito d'este seculo, e talvez do mundo, no rochedo de Sancta Helena.

Na auto-biographia, que tinha composto para este Jornal, datada de 2 de setembro de 1860, o auctor de *Eugenio*, alludindo a tão notavel coincidencia, exclamava: «Creia o leitor que, apezar do que esta circumstancia póde ter de orgulhosa, só verá os singelos apontamentos de um pobre marinheiro, despido de condecorações, que não é, e nunca foi, socio, ou irmão de academias, confrarias,

ou outras quaesquer associações, que nunca teve o que se chama uma posição politica, nem uma reputação litteraria, porque nem mesmo á sociedade da *admiração mutua* quiz pertencer .»

Nos *Trinta annos de Peregrinação*, opusculo estampado em Macau no anno de 1852, referindo-se ao facto de ter visto a luz, quando o grande astro do maior capitão se sumia para sempre no occaso, Bordallo, na sentida prosa, que lhe inspiravam tão longe do ninho paterno as saudades da formosa Bahia do Tejo, diz de si o seguinte: «No dia, em que exhalava o ultimo suspiro o maior vulto historico, apparecia ao mundo a humilde creatura, que escreve estas singelas paginas... mas fadado a peregrinar, desde tenra edade com vocação para o mar, só gosei do repouso no seio da familia até aos doze annos. D'ahi em deante comecei a viajar, e se por muitas vezes volvi á patria e me demorei por alguns annos n'ella, nunca mais tornei a alcançar a paz do espirito e o socego proprios da primitiva edade. Na Europa, na Africa, na Asia, na America e na Oceania — por entre borrascas e calmarias, sobre gelos e exposto ao ardores tropicaes — passei dias amargurados, e tambem felizes, se ha na vida dias que possam ter esse nome. Gozei e padeci muito. Encontrei corações que o meu entendeu mas ainda mais peitos refalsados, que especularam com a minha sinceridade, com os mais sanctos impulsos da alma!... E tantos que fizeram de mim o que hoje sou: reservado, desconfiado, incredulo.»

N'esta descripção do homem interno, o poeta enganava-se pintando-se outro e diverso do que era. A candura do seu espirito sobreviveu a todos os enganos. Por mais que o magoasse na vida o attricto da sociedade ao

perpassar, a flôr viçosa das illusões juvenis nunca se murchou de todo para elle. Cerrou os olhos com os enlevos e as falsas esperanças dos annos venturosos da primeira mocidade.

José Joaquim Bordalo e D. Magdalena Gertrudes Diniz foram seus paes. Larga familia contou ainda no berço, bem diminuida depois. De quinze irmãos, que eram todos, apenas contava um quando expirou. Dois ficaram sepultados no oceano; a elle, tantas vezes ameaçado da mesma sorte, salvou-o a fortuna, e quasi pela mão o trouxe á terra da patria para que ao menos dormisse á sombra dos seus cyprestes melancholicos o derradeiro somno. Foi a resposta a uma pergunta? Quiz Deus que os seus ossos repousassem ao lado dos d'aquelles a quem devêra a vida? Talvez invejasse mais o silvar da balla, que fere como o raio ou o sudario espumante das vagas; mas para homens como elle, é indifferente acabar aqui, ou além, com tanto que a ultima oração seja na lingua materna tão suave aos ouvidos do moribundo, e que a cruz humilde, ou que o marmore funerario se erga triste no torrão sagrado por sacerdote portuguez. Em um coração como aquelle, o amor do berço natal resume a extrema ternura, que encerra todos os affectos.

Bordallo foi o ultimo de quinze irmãos, com que Deus abençoou a casa paterna. Nascido, quando as idéas liberaes despontando do meio do fumo e do embate das armas, começavam a dilatar-se e a conquistar proselytos, parece que respirou o ar forte dos livres, para nunca poder supportar o silencio, e as algemas lançadas ao pensamento.

A revolução do anno de 1820, antecipando-se com generosa, mas pouco segura iniciativa, á educação e ás aspirações de um povo, que

gemia impaciente sob o jugo da tutela britannica, separado do seu rei, não soube fundar as instituições representativas, copia pouco reflectida dos codigos politicos de outros reinos tambem na infancia, e ainda no balbuciar incerto do systema.

Os inglezes, desterrados do exercito e do governo, accolheram-se á sua ilha; o monarcha, advertido pelos acontecimentos, voltou do Brazil para Lisboa, e os cortezãos, figurando-se liberaes por momentos em odio ao estrangeiro, assentaram-se nas cadeiras do congresso... para algum d'elles as acutilar depois.

A imprensa livre encetou o arriscado noviciado dos que pisam desajudados asperos caminhos. A tribuna revelou á Europa os fogosos raptos da eloquencia meridional; e mais de um ensaio abortado mais de uma tentativa, que os reformadores se não atreveram a realizar, assustados pelo aspectro do passado, veiu attestar que o sonho de alguns homens mais adeantados do que o seu tempo, e de que os desejos de seus conterraneos se desvaneceria nas trevas da premeditada reacção.

Foi o que aconteceu.

Silva Carvalho, D. Francisco de S. Luiz, Felgueiras, Luiz Antonio Rebello da Silva, Borges Carneiro, e outros, remirão no exilio, nos carceres, ou nos degredos o erro de acreditarem na fé jurada pelo soberano.

A junta apostolica, inspirada pelo fanatismo, e pelos resentimentos da esposa de D. João VI (o mais innocente de todos nas violencias politicas e religiosas, apezar de ser o imperante), todos os dias enriquecia com os nomes de novas victimas as taboas de proscripção. Ciosa da confiança concedida aos ministros do rei absoluto, que a não acompanharam nos delirios, estranhando n'elles a prudencia como delicto de lesa-magestade, dispoz tudo

para de um só golpe decapitar o partido liberal, e assignalar no throno mais uma abdicação, celebrando as exequias das idéas modernas no meio do prestito lugubre dos martyres votados ao patibulo.

Deus compadeceu-se n'esse dia, que amanhecêra triste, da ruina de Portugal. Os conspiradores, desarmados, passaram dos jubilos do triumpho para as gemonias. O principe, acclamado chefe, despediu-se repentinamente das praias de Lisboa, e a paz, renascendo á sombra da tolerancia, abriu a estrada da patria a muitos que suspiravam, alongando a vista das margens do Tamisa, das campinas da França, ou dos risonhos jardins da Italia.

Era a pausa que precede as grandes tempestades.

O bondoso monarcha, mais timido e ameaçado do que os defensores da constituição, proscriptos em seu nome, adoeceu da enfermidade, que o levou ao tumulo. Além dos mares, no vasto imperio, que cedo havia de deixar, dando o raro exemplo de ceder duas corôas, D. Pedro, o seu herdeiro, confirmou as esperanças das gerações, que, enthusiastas, n'esses agitados dias hasteavam como symbolo da futura regeneração a bandeira das instituições livres.

A carta foi outorgada no Rio de Janeiro, e o sceptro de Portugal passou do successor de D. João VI ás mãos de sua filha, predestinada desde os tenros annos para regar com as lagrimas do desterro e do infortunio os degraus do throno, a que a victoria por fim a exaltou.

Não é para aqui narrar os erros e hesitações, que aplanaram á segunda reacção o caminho juncado de cadaveres, por onde atravessou depois de usurpar o poder.

Os que foram réus de receios panicos, e ter-

giversações reprehensiveis em 1826 e 1827, punidos e desenganados, expiaram no fundo das masmorras, nas ancias de cruel incerteza, e em largos mezes de exilio a culpa irreparavel.

Avizada pelos revezes passados a facção apostolica, por um lado firmada nas declamações apaixonadas dos pulpitos e confessionarios, excitada do outro pelos clamores da plebe escrava do monachismo, e implacavel nos rancores, não perdoava ao engenho, nem á consciencia o crime de não adorarem como ella de joelhos os idolos do passado.

Não confundimos um partido inteiro na responsabilidade de alguns sicarios. Caia sobre esses só o desprezo e a nodoa que tornou os seus estandartes execrados!

Muitos, que viam nas velhas formulas o condão fatidico das antigas prosperidades, deploravam, como nós, as pompas lugubres dos supplicios, o silencio dos calabouços, e as vindictas consentidas a algozes e espias. Instrumentos detestados apressaram a queda aos que serviam, porque nunca salvaram nenhuma causa, antes foram sempre efficazes para perderem e deshonrarem todas.

A resistencia de um punhado de heroes separados de todos sobre um rochedo no meio do oceano, a sua constancia mais inabalavel, do que as penhas que lhe serviam de reductos, assegurou aos foragidos sem asylo, aos que ardiam no fervor das armas uma liça, aonde assignalassem o seu valor.

D. Pedro volveu á Europa. Reunindo na sua mão poderosa os elementos dispersos da emigração, rei-soldado, abriu para si nova e mais gloriosa carreira, sobredourando o brazão ducal de Bragança com os rasgos admirados da sua aventurosa empresa.

Aproando ao Porto, os seus navios, em

cujos topes pela primeira vez a brisa matutina despregava as côres azul e branca, desembarcaram nas praias de Mindello os sete mil soldados da liberdade, que tantos perigos, padecimentos e estreitezas haviam de experimentar.

As illusões da jornada desvaneceram-se. As promessas dos que os convocavam de longe sairam mentidas; e calcando depois de annos o sólo natal, os batalhões portuguezes, em vez dos braços, que a esperança lhes representára abertos para os receberem como irmãos, só encontraram as boccas dos canhões accendidas pelo odio civil e o ferro luzente das bayonetas apontadas ao peito.

Não era um passeio triumphal o que os esperava, era a guerra de muitos contra poucos rodeada do seu cortejo de miserias e de sangue.

Corrâmos um véu sobre os episodios d'essa lucta, em que a voz da peleja foi a mesma em ambos os campos; em que os pelouros, despedidos de um para outro arraial, iam talvez consumar o maior dos crimes—o fratricidio.

Apertada em estreito sitio, cercada de baterias, que dia e noite vomitavam sobre ella a morte e a ruina, a cidade do Porto, baluarte inexpugnavel, não só venceu pela firmeza as legiões que de dia para dia a proclamavam rendida, como superou os tractos ainda mais rigorosos da fome e do bloqueio.

Sentinella mais activa, que a propria vigilancia dos adversarios, o inverno desgrenhava na barra as furias da tormenta. Lá fóra nem uma vela; dentro, a peste acenando com as lividas agonias, e unindo o estertor dos moribundos ao ruido sinistro das bombas estourando sobre os edificios, aos gemidos dos feridos, e aos trémulos e envergonhados suspiros da fome.

A esperança, sempre a ultima a desamparar-nos, até a esperança parecia ter esquecido os defensores do Porto.

Mas o vulto do imperador, inabalavel contra a adversidade maior do que todos os infortunios, respondia com a serenidade de uma grande alma aos desastres conjurados para o desanimar.

Caracter fundido em bronze, imagem dos antigos modelos, oppoz a rijeza do animo, e o heroismo do coração aos assaltos da desgraça, e fez do peito dos soldados, dignos como elle da victoria, trincheiras vivas que o inimigo nunca alcançou escalar.

Pallidos, e sangrando das feridas abertas, apenas soava o rebate, todos eram leões embravecidos. As forças e o ardor multiplicavam-se em cem pelejas ao mesmo tempo.

A épocha das provações terminou, porém.

A' estação inhospita succederam os primeiros sorrisos da primavera, afagando o dorso ainda crespo das vagas; a barra abriu-se: e, precedida pela victoria, a expedição do Algarve avistava Lisboa, quasi ao tempo, em que a esquadra da rainha nas aguas de S. Vicente, por um arrojo memoravel, obrigava a armada contraria a arriar as bandeiras.

Depois foi Almoster, depois foi a Asseiceira, depois Evora-Monte, e, decorridos mezes apenas, depois foi o descançar de tantas fadigas mal recompensadas ao lado de seus avós para o principe, que a Providencia guiára á terra promettida e resgatada por elle, vedando-lhe tambem o ver pelos seus olhos crescer e elevar-se a obra, que fôra toda sua no plano e alicerces.

Encerrada a lucta, reunidas as primeiras côrtes, começada a execução das instituições, que a sua espada restituira á patria, D. Pedro, encostado ao hombro dos seus veteranos, dos

companheiros da sua iliada de proezas e sacrificios, fechou os olhos, deixando o grande nome do ultimo feito da sua vida como epitaphio, e o throno constitucional de sua filha como monumento.

Amortalhado nos estandartes triumphantes, reclinou-se para dormir o somno eterno nos braços da victoria; mas a mão victoriosa, extendida para o futuro, apontava para a risonha aurora, que se annunciava proxima a despontar. O sol da liberdade, erguendo-se esplendido, illuminou o tumulo de D. Pedro.

III

Este foi o periodo infeliz, que Bordallo atravessou na infancia e na puericia, periodo doloroso, em que a adversidade cunhava em cada hora o sello de todas as desgraças. Dividida em dois bandos irreconciliaveis a familia portugueza, obliterada a memoria de si mesma, esquecida a nobreza dos seus actos na historia dos povos, quando todos acccordavam para cicatrizar as chagas rasgadas pelas guerras do imperio, ella, adormecida para o bem, e só activa no mal, consumia os brios e o esforço em discordias, que regavam de sangue as ruas, os campos, e os patibulos.

Já vão bem longe de nós esses tempos de tristeza e continnos terramotos; e permitta Deus que nunca voltem.

Para os homens, que travaram a lucta, e braço a braço a sustentaram, cada anno valeu por dez de fadigas, e de velhice antecipada.

Para os que assistiam ao duello como es-

pectadores anciosos, as vozes vagas, que se cruzavam, as confidencias murmuradas ao ouvido, as noticias duvidosas e logo desmentidas, eram no seio do lar domestico o alimento das conversações, a esperança ou o terror de quem cifrava no exito do encontro dos dois partidos—da peleja ferida entre o passado e o porvir—todos os calculos de melhoramento, de tranquillidade e de regeneração.

Finalmente, a nós, ainda na edade tenra, geração nascida na vespera, sem discernimento para apreciarmos os grandes interesses, que implicava a guerra das idéas, só nos captivavam a imaginação infantil as mostras bellicosas dos corpos, que marchavam, só nos condoiam por entre devaneios puerís o lucto e os prantos das viuvas e dos orphãos, cujo official varado de ballas caira no campo, só nos enlevavam os festejos e as illuminações, em que o enthusiasmo dos vencedores significava a brava alegria do triumpho e dos resentimentos saciados.

A familia de Francisco Maria Bordallo pertencia á opinião liberal perseguida.

Tendo vivido na abundancia, começaram a escassear-lhe os meios, e ás amarguras d'estes cuidados accrescia o peso ainda maior dos repetidos receios, que temiam todos os que então eram inculcados como suspeitos.

Desde o anno de 1828 os olhos da policia tinham-se fitado na casa aonde nascêra o futuro auctor da *Viagem á roda de Lisboa*, e o dono, em continuo sobresalto, a cada hora temia vêr-se arrastado, e quem sabe se entre alaridos e affrontas, ao segredo de um carcere.

Em épochas tão desditosas, quando tudo corre incerto e alvoroçado, ao pae mais extremoso esmorece o animo para se consagrar ao desempenho das mais importantes obrigações.

Não admira, pois, que José Joaquim Bordallo, tendo sempre deante da vista a prisão, que o ameaçava. e podia realizar-se de um momento para outro, e apurado ao mesmo tempo de rendas pela calamidade dos tempos, não podesse applicar á educação do ultimo filho os disvelos assiduos, que a intelligencia, madrugando na creança, exigia d'elle.

Apezar d'isso, e a despeito da irregularidade com que os intentou, os primeiros estudos não foram desaproveitados; suppria a vontade a deficiencia de mestres e a interrupção forçada dos livros. A memoria prompta, a comprehensão facil, e o desejo de saber prevaleceram; e aos doze annos o discipulo achava-se instruido nos rudimentos da instrucção, que patenteava então aos alumnos o accesso para conhecimentos mais elevados.

A restauração constitucional, verificada em 1833, veiu auxiliar o adeantamento de Bordallo.

A vocação attrahia-o imperiosamente para a vida maritima; e o regimen, que se inaugurava, patenteava-lhe essa appetecida carreira, dispensados os *quatro avós nobres*, sem os quaes até ahi não era licito obter o gráu de aspirante de marinha.

Quando alcançou vestir a farda, que nas suas illusões equivalia para elle quasi á de almirante, já tinha adquirido certa familiaridade com os elementos de mathematica e com as linguas franceza e ingleza. Valendo-se dos subsidios, que ellas offereciam, já se alongava por leituras de historia, de poesia, e de geographia, leituras soltas e sem methodo, mas substanciaes até pela liberdade com que eram emprehendidas.

Foi no dia 7 de Setembro de 1833, que Bordallo foi admittido na classe dos aspirantes de marinha, e a 17 que o reconheceram

na companhia. Contava doze annos, e provavelmente, por contemplação devida a tão tenra edade, dictaram os superiores a ordem, que o isemptou de acompanhar os camaradas, quando se reuniram ao exercito liberal na saida das linhas de Lisboa em 10 de outubro.

No mez de maio de 1834 já o encontramos navegando para as ilhas dos Açores a bordo da escuna *Algarve*, o mais ronceiro navio de que houve memoria nos nossos mares: sahiu barra fóra a 16, visitou S. Miguel, a Terceira e o Fayal, e regressou á capital a 10 de julho com cincoenta e cinco dias de viagem. A segunda vez, que embarcou, foi tambem n'outra escuna, digna rival da escuna *Algarve* pela velocidade, e como ella, talvez por esse merito, incumbida das funcções de paquete no archipelago dos Açores.

Aqui findaram por então as suas excursões.

Recolhendo-se em setembro de 1834, passou a frequentar a Academia de Marinha por espaço de tres annos, tempo requerido para completar o curso.

Em um caderno de lembranças fugitivas, todo escripto de sua mão que temos presente achamos uma succinta resenha dos seus estudos, e do modo distincto por que os concluiu.

Matriculado a 5 de outubro, examinou-se em arithmetica a 28 de janeiro de 1835, e admitido nas aulas, que constuiam o primeiro anno lectivo, proseguiu com louvor e até com applauso em algumas cadeiras, a serie das suas habilitações scientificas até as rematar em 1837.

Entretanto, com a sinceridade ás vezes rude, timbre do seu caracter, o mancebo queixa-se de que vegetára, mais do que vivêra em todo esse tempo.

Para elle a existencia escholastica, de tanta saudade sobre tudo na velhice, não lhe deixára

recordações eguaes ás que memora de outros lances da sua carreira.

Foi nas aulas, apezar d'isso, que se lhe enraizou no peito a mais pura e exclusiva affeição da vida. Um de seus condiscipulos tornou-se o seu primeiro, o seu mais intimo amigo. Separados pelas distancias, discorrendo mezes e annos, em que a existencia errante de ambos lhes não consentia approximar-se, as duas almas entendiam-se e falavam-se de longe, voando uma para a outra.

Fieis ao laço apertado na adolescencia, a mesma vontade os animou sempre, e, quando a hora final bateu para o primeiro, a mágua de um irmão mal significaria a dor e o lucto de Bordallo.

Pediu, e esperou depois, o cadaver do amigo, como o esperára tantas vezes a elle vivo, e pouco antes de se despedir do que ainda amava, tres ou quatro dias antes de cerrar os olhos, a mão já tremula com o sopro da morte as ultimas linhas que traçou foram um convite para a ceremonia funebre da trasladação dos ossos d'aquelle, cujo corpo só então entrára a barra, como se adivinhasse que era chegado o tempo de se unirem ambos no mesmo campo de repouso, aonde tantas vezes tinham orado juntos.

Terminados os estudos, foi promovido ao posto de guarda marinha effectivo em 27 de novembro de 1837.

Referindo-se a este primeiro despacho, devido como todos os que obteve, não ao favor, mas ao merecimento, escreveu elle: «Foi um dia, bem feliz para mim aquelle, em que, pela primeira vez, puz as dragonas nos hombros! Succede o mesmo a todos; mas é alegria, passageira; acaba antes de se haver mareado o primeiro fio de ouro.»

Nomeado logo depois com outros officiaes

para ir em commissão a França, afim de reconduzir a Lisboa os restos da nossa esquadra aprisionada em 1831 nas aguas do Tejo pelo almirante Roussin, partiu no começo do rigoroso inverno de 1837, e, depois de saccudida nos braços da tormenta por mais de vinte dias a fragata *Diana*, em que navegava, na bahia de Biscaia, famosa pelas suas tempestades, e no canal e costa da Mancha, conseguiu lançar ferro na rada de Brest.

Saltando em terra e achando-se em França, na patria das lettras, das artes, e do gosto, na viçosa edade de dezeseis annos, Bordallo sentiu pulsar com mais força o coração; depressa diminuiu porém o seu jubilo. Desejára visitar Paris, e com esse proposito tinha embarcado; mas os obstaculos levantaram-se-lhe debaixo dos pés, e tão irresistiveis, que houve de ceder, ainda que a seu pezar. Os officiaes, poucos e occupados, mal podiam com o serviço; e elle, em annos tão verdes, como se atreveria só a enredar-se no perigoso labyrintho da grande cidade? Além d'isto, a bolsa do guarda marinha era bem pobre para se animar, fiado n'ella, a emprehender com alguma commodidade viagens dispendiosas.

Da sua ida a Brest a memoria, que mais viva conservou, foi a da aspera invernia tão custosa de supportar n'aquelle clima, sobre tudo por um habitante do meio dia.

A neve branqueava o tecto dos edificios, e congelada nas ruas e no convez dos navios, a cada passo fazia resvalar os caminhantes. Noites longas e torvas com leves intervallos lucidos pezavam sobre a cabeça dos que acabavam de deixar as noites serenas de Portugal, tão saudosas, sobre tudo, quando o meigo clarão da lua prateia as aguas e a cópa dos arvoredos. «Parecia, exclama Bordallo, falando d'este tempo, que Deus lançára o suda-

rio dos finados sobre aquella terra! A natureza estava como se fosse morta.»

Mas, para entreter as horas de melancholia não faltavam recreações bem saborosas, mais que tudo para quem entrava como elle na existencia com a feliz ignorancia dos quinze annos. Bailes em que o vórtice das danças servia de prologo e muitas vezes tambem de desenlace ao breve drama de uma paixão infantil; reuniões realçadas pela graciosa formosura das damas; concertos, passeios, caçadas, emfim, tudo o que faz deslizar a vida risonha e esquecida... concorreu para entreter os socios, a imaginação, e o espirito. No meio d'estas distracções entrou o mez de maio de 1838, e com elle vestiu a natureza as galas de primavera; acalmaram-se os mares encapellados, e pouco depois appareceu a ordem, que o mandava regressar á patria. Recebeu-a com alegria: e, ajudadas pelo vento a fragata *Diana* e a corveta *Urania* aproavam no dia 14 á foz do Tejo com sete dias de navegação.

IV

Chegados a este ponto, abbreviaremos o nosso esboço biographico.

Para os curiosos de particularidades, andam na mão de todos os livros de Bordallo, e n'elles, a cada pagina, se encontrará melhor e mais segura informação de suas peregrinações, do que eu poderia offerecer aqui na desalinhada noticia, que hoje acompanha o seu retrato.

Estão para mim tão frescas as memorias da intima convivencia, pungem-me por tal modo ainda a dôr e saudade do amigo, que

mais de uma vez a penna me foge da mão, e a vista se me cega com os véus da magua.

Não esperava ser eu quem esparzisse estas flores sobre a sua campa!... Mas é um piedoso dever, cumpra-se! Inclinemo-nos deante da vontade de Deus. Arvores, ou arbustos qual ficará de pé embora vergue, quando a sua mão poderosa se extende para o prostrar?

Desde maio de 1838 até abril de 1839, Bordallo residiu em Lisboa.

Corriam para elle os dias rapidos, e dourados com as illusões dos dezoito annos. Olhando para a vida, ao longe tudo eram rosas e jubilos; contemplando o mar, que fôra quasi o seu berço, sonhava com os maravilhosos feitos de mais afortunados tempos, e julgava-se predestinado a esmaltar a nobre carreira, que preferia, com algum rasgo digno de louvor. Quem se não enganou assim, mesmo depois de os espinhos, cravando-se, o advertirem severamente, e não suspirou pelos enlevos da juventude, por esse mundo ideal creado na phantasia, miragem fabulosa, com que a esperança nos acena, e que os cuidados, os revezes, e as fadigas vão desvanecendo de estação para estação á medida que nos adeantamos na estrada dos annos?

Quando a alma é bem formada, o coração nunca a desmente. Bordallo, entregue a si desde a infancia, trocando tão cedo os affagos maternos pela existencia trabalhosa e arriscada de marinheiro desde os treze annos, exposto a todas as tentações que depravam e corrompem, deu sempre de si os mais nobres documentos.

Salvou-o a pureza dos instinctos. Para elle a honra era mais do que um dever, era um culto, uma religião. A pobreza um orgulho e um brasão. Gloriava-se mais, e com motivo,

de ser filho de suas obras, de subsistir dos fructos da sua penna, do que se ensoberbeceria de uma longa genealogia.

Na edade critica, em que os precipicios nos cercam por todos os lados, quiz ser, e foi homem feito no caracter, nos costumes, e no procedimento. Os vicios não o contaminaram; as más acções não o seduziram; a ociosidade não o entorpeceu.

Laborioso, modelo de lealdade, exemplar como militar, rico de probidade e de virtudes, nunca practicou um acto que o obrigasse a baixar os olhos deante dos outros. Os seus sonhos de mancebo eram então sonhos de innocente ambição, devaneios de poeta, raptos exaltados em que, á gloria das armas e das lettras, se unia o tremulo e doce balbuciar do primeiro amor em um peito em que só agora começavam a desabrochar e a florescer os mais ternos sentimentos.

Em Campolide, no verão de 1838, viu pela primeira vez a donzella que o subjugou. Era formosa, e prendada das graças e encantos, que fazem do amante um escravo, e do escravo um louco. Ouçamol-o falar de si e d'ella. A tantos annos de distancia parece que ainda o coração lhe estremecia, chorando aquella illusão, tão querida, sempre a ultima que se desarraiga, e que raras vezes se arranca sem ir com ella parte da alma.

«A historia d'este amor virginal de duas creanças é a historia singela e pura de uma primeira affeição, mil vezes repetida no mundo, mil vezes parodiada pelos romancistas.

«E' uma coisa que se sente, mas que não póde descrever-se... E que podesse? Fôra uma profanação fazel-o, desdobrar ante os olhos do vulgo atufado no lodo da vida commum essa sublime tela de uma alma repassada de ternura!...

«Não tentarei contar como passaram tantos mezes de felicidade, vendo todos os dias a encantadora A**, falando-lhe, passeiando quasi a sós com ella por aquelles lindos campos entre Lisboa e Bemfica... não o tentarei, não!... Nem ha palavras que traduzam em linguagem vulgar esses divinos extasis de dois corações que se entendem.

«Era uma ventura inefavel a que eu possuia. Durou pouco. Se era coisa minha!»

O desenlace d'esta paixão foi o que de ordinario costuma ser o das mais extremosas e arrebatadas.

O tempo e a ausencia gastaram depressa na donzella a constancia e apagaram o puro ardor do affecto. Nomeado para embarcar, e até sem tempo para se despedir d'ella, Bordallo viu fugir as costas de Portugal, e os mezes arrastarem-se uns após outros pesados de saudades. Nas longas vigilias do oceano, na lucta com a procella e os elementos, na meditação das horas vagas, a visão do amor apparecia-lhe para o consolar, e a idéa de um perjurio raras vezes lhe toldava os illuminados horizontes da esperança.

No fim de tres annos veiu. Correu, indagou achou-a casada de dias!

O golpe feriu-o profundamente. Por muito tempo em terra, ou mar em fóra, na bonança, ou no estalar da tormenta, aquella imagem de suave belleza, gravada no mais intimo seio, vinha trespassar-lhe o peito e associar-se a todos os seus pensamentos. Elle proprio o confessa. O nome, a saudade d'ella vivem na Adelaide do seu romance maritimo *Eugenio* —e as ultimas reminiscencias ainda lhe inspiraram a creação de Constança no drama *Rei ou Impostor!* E' que estas recordações da juventude, como elle mesmo affirma, são as que mais custam a arrancar. São lembranças

do primeiro amor—da unica felicidade verdadeira que nos faz vêr as venturas do céu no desterro da vida.

Encerremos aqui este episodio e afastemo-nos com o navio. que leva a seu bordo o amante ainda illudido, pelas solidões do oceano. Lá se descobrem os altos cumes das serranias da Madeira; lá está a viçosa ilha, a poetica *Flor do oceano*! Aquelle vaso ancorado é o brigue *Tejo*, a embarcação que ha de transportal-o á costa occidental de Africa. Vae principiar um longo degredo, mas uma licção util e proveitosa para o official e para o mancebo. Soltam-se as vélas. A quilha corta as aguas, que fervem á proa brancas de escuma. Deu-se a ultima despedida. Agora só mar e céu; só a immensidade e Deus!

Em setembro de 1839 estavam na equinocial, demorando-se por quasi cinco mezes n'aquellas regiões, aonde se definhavam de miseria e de enfermidades ao desamparo as vicejantes ilhas de S. Thomé e Principe.

«Como a sua apparencia illude o viajante! diz Bordallo. São formosos jardins, que só encerram pobreza, doenças e intrigas, sob os ramos de fructiferas arvores, entre crystallinos ribeiros, ao lado de pittorescas collinas. Afastemos a vista d'este quadro melancholico já que não nos é dado remediar os males.»

Escutemol-o ainda descrevendo as proprias sensações á proporção que o navio descobre os territorios, em que o nome portuguez foi exaltado por descobrimentos e conquistas, e hoje está decahido por culpa da ignorancia, da negligencia e do desleixo!

«No principio de 1840 partimos para Angola. Vi então pela primeira vez esse soberbo continente africano, que os esforços de nossos avós fizeram conhecido do mundo. Não foi sem terror que descobri os areaes

da Lybia, aonde cresce em liberdade a palmeira; mas houve para mim uma grande compensação na chegada a tão insalubres plagas—abracei o meu amigo Correia.»

Durante a estação de Angola visitou Bordallo repetidas vezes a cidade de Benguella, aonde adoeceu das febres intensas do paiz, o presidio de Novo Redondo, e as povoações, rios, e surgidouros, mais ou menos abrigados, da Catumbella, Lobito, Egypto, Quicombo, Benguella velha, Cuanza, Corimba e Bengo.

Ambriz, Cabinda e Molembo, ainda n'essa epocha não arvoravam a bandeira portugueza.

Em Mossamedes deteve-se sete mezes. N'esse tempo a povoação começava a erguer-se de algumas humildes barracas de palha. A fortaleza achava-se em principio. A' guarnição do brigue *Tejo* coube a honra de lançar os alicerces da primeira casa de pedra construida n'aquelle deserto areal. A' saida do navio já morava n'ella o governador.

Contava dezenove annos de edade, e já o anno de 1840 declinava para o seu termo quando foi promovido ao posto de segundo tenente por despacho de 26 de novembro. Seriam optimos auspicios se a nossa marinha de guerra offerecesse vantagens e estimulos; mas no fim de dez annos Bordallo ainda não tinha subido mais um só gráu! Parou alli esperando que os incidentes usuaes, e as taboas da mortalidade lhe abrissem o caminho. Só em 1850 (a 12 de novembro) alcançou as dragonas de primeiro tenente!

Eis o quadro, que nos deixou de Angola e do seu estado. N'elle encontrarão o observador e o escriptor em traços rapidos, e com as verdadeiras côres, não só o aspecto das localidades, mas a physionomia da sociedade

tão mudavel e ardua de colher na sua expressão natural:

«O viver n'aquellas paragens é monotono. Não se encontra nenhuma das distracções dos povos civilizados, á excepção dos grandes jantares, que podiam muito bem passar para o dominio dos selvagens!

Vêem-se alli homens febricitantes os quaes a sêde do ouro arrastou áquellas regiões, e que morrem abraçados ao dinheiro, pensando ainda n'uma especulação de escravos na hora da agonia!—Enxergam-se bandos de faccinoras, que a justiça para alli enviou em degredo, e que, enriquecidos por novos crimes, e ás vezes mesmo protegidos pela auctoridade, olham com desprezo para o pobre que alli aporta, e tractam os negros como o mais vil animal da creação!!!

«Quadros risonhos não ha alli—só alguma belleza de paizagem como nas vicejantes margens do Bengo e do Catumbella—tão pouco sadios apezar da formosura do sitio. Como ha-de haver sociedade, se faltam mulheres civilizadas, se a morte se encarrega de juntar a miudo no sepulcro a pobre europêa, que dá á luz um filho, e o tenro fructo do seu amor!!!»

Nas ultimas horas que ainda lhe permittiam conceder a Angola, antes de largar o panno e de seguir caminho da patria, um lance meio comico, meio serio veiu colher o mancebo de sobresalto. Certa viuva de Loanda, namorada em segredo dos seus dezenove annos, não pôde reprimir as lagrimas, quando lhe annunciou a partida e se lhe offereceu para qualquer negocio de que o quizesse incumbir.

Commovida pediu-lhe alguns instantes de conferencia, e, depois de um dialogo, alegrado pelas respostas de Bordallo, que não acabava de perceber o sentido occulto d'aquella

grave negociação feminina, a senhora, que não era moça nem bella, concluiu exclamando:—«Sou muito rica, mas ninguem me quer»!—«Não acredito por mais que o affirme» redarguiu o joven official inspirado pela cortezia de cavalheiro.—«Pois bem, prove-o. Quer casar commigo?»

O golpe não esperado atalharia outro menos animoso. Bordallo não se deixou trespassar pelas frechas disparadas dos olhos da Venus africana.—«Agradeço muito a honra, que me faz, disse, mas já sou captivo de outra senhora.» No dia seguinte levantava o brigue ancoras e elle partia sem se lembrar sequer de que rejeitára nada menos do que uma opulencia de duzentos contos de réis. Um major contemplativo consolou esta Dido de tres Sicheus, occupando no seu thalamo o logar de quarto marido.

Bordallo, entrando a barra de Lisboa e pizando ancioso as praias da patria, conheceu então quanto as illusões mentiam. Adelaide era esposa de outro. A solteira tinha vingado a viuva.

V

A vida desliza-se desapercebida só para aquelles, que nunca supportaram o seu peso, affrontando-se com os trabalhos.

O que valem os poucos annos e as suaves illusões, que os douram juncando todos os caminhos de flôres, se as vigilias e as fadigas nos envelhecerem na primavera, ou se na edade dos sorrisos e enlevos madrugarem para nós os cuidados, antecipando-se?

Foi o que experimentou o moço official,

quando, ao beijar alvoroçado a terra da patria, veiu encontrar desvanecidos todos os sonhos com que o amor lhe entretinha as pesadas horas do desterro. A sua primeira paixão, como notámos, terminou pela infidelidade de rigor n'estes romances urdidos no despontar das paixões.

Achou casada a donzella, que protestára resistir a séculos de ausencia. Alguns mezes cançaram aquella constancia, que promettêra ser eterna. Advertidos por outros desenganos, recordamo-nos depois sorrindo d'essas desgraças, tão frequentes na juventude, mas aos vinte e um annos, qual de nós deixou de suspirar pelo tumulo, unico porto tranquillo para que a phantasia exaltada nos aponta a fim de descançarmos de tão sentidas maguas? Quem ignora quantas lagrimas envergonhadas, quantos suspiros, quantas imprecações custa o despedir-nos d'esses dias, em que se viveu tanto, vendo fugir para sempre, assim se crê então pelo menos, as encantadas miragens interiores, em que a esperança illuminava o radioso futuro de um affecto mutuo e inalteravel?

Caír de tão alto e tão de subito é sempre doloroso: mas caír assim, e logo aos primeiros passos deve ainda sel-o mais. Foi para se esquecer, elle proprio o confessa, que o mancebo procurou afogar na agitação, no ruido, e nas trevas de uma vida quasi dissoluta as recordações, que o dilaceravam. Pouco tempo durou o desvario. Combatiam felizmente contra elle as boas inclinações e os nobres instinctos. A saude deteriorada, e o primeiro momento lucido de reflexão, cedo o avisaram do suicidio lento, mas infallivel, do corpo e do espirito. Acordou, accudiu por si, e os poderes da vontade arrancaram-o por uma vez aos laços d'aquelle perigoso captiveiro.

Foi então, que, para se distrahir cursou a aula de economia politica na eschola polytechnica.

A eloquencia de José Estevam fóra da tribuna, d'onde a desviára a intolerancia dos partidos, alteava os vôos, explicando as theorias mais elevadas que presidem á formação e distribuição da riqueza dos povos, e gravando no animo do auditorio, muitas vezes suspenso, a idéa com a opulenta phrase, em que a cinzelára. D'esse tempo conservava o mancebo presente a lembrança citando com admiração as licções do grande orador, e lastimando que não lhe houvesse consentido aproveital-as mais.

A morte, que tão cedo tinha de o alcançar, principiou a annunciar-se-lhe, ferindo-o no que mais amava.

O anno de 1843 abriu-se para elle carregado de luto. Sua mãe, que não só estremecia, mas que adorava, senhora recolhida no culto e modestia dos deveres domesticos, d'essas, tão raras, que occultam as virtudes com recato maior, do que mostram outras em esconder os vicios, sua mãe, a amiga, a confidente da sua existencia, cerrou os olhos nos seus braços.

Os que tambem perderam o amor, de que elle ficava orphão, sabem como dóe até ás raizes da alma e do coração esta separação eterna do que ha de mais puro e sancto nos affectos humanos.

Desde o primeiro sorriso tão meigo, que desafia a nossa alegria infantil até ás lagrimas que em outra edade se juntam com as nossas, desde o balbuciar, em que este doce nome é o primeiro que a bocca incerta aprende e profere até ás horas da adversidade, em que lhe vamos compor o rosto com apparente serenidade, quando por dentro as agonias e os pran-

tos dissimulados se consomem em silencio, que outra affeição entranhavel, absoluta, e extremosa nos acompanhará assim em todos os trances?

Anjo caridoso para nos velar o berço e nos encaminhar os tremulos passos, mestra tão branda e carinhosa para nos ensinar as primeiras palavras e as primeiras orações, amiga tão sincera e ardente para se entristecer com os nossos revezes, ou se ensoberbecer com os nossos triumphos, o que nos pede, o que lhe damos, em compensação de tantos sacrificios e desvelos, em premio de uma vida inteira de ternura e de abnegação?

Bordallo chorou sobre aquelle sepulcro as primeiras lagrimas de homem. Muitos annos depois ainda sentia tão funda a dôr d'esta ferida sempre aberta, que, segundo affirmava, e se lhe conhecia, poucos foram os dias em que os espinhos da saudade lhe não pungissem, avivando as maguas, ou em que uma subita recordação lhe não toldasse de repente com os véus de uma tristeza fugitiva, mas penetrante, as horas mais descuidadas.

Em breve novos trabalhos vieram distrahil-o.

E' assim a vida. Levantamo-nos de orar sobre uma campa para d'ahi a instantes nos vermos na crista das vagas talvez saccudidos pela tormenta. Na carreira do official do mar os goivos do sepulcro e as rosas do amor hão de colher-se á pressa. Quem póde dizer aonde o encontrará o sol, quando inundar de luz as immensas solidões das aguas, ou a noite, quando extender sobre ellas e sobre o navio correndo ao largo, o seu manto de estrellas scintillantes?

Foi no mez de abril do anno de 1843, que elle repentinamente recebeu ordem para embarcar na corveta *Urania*, a qual, passadas

vinte e quatro horas, saía a barra para a estação de Africa. Era pouco justo. O official designado á ultima hora passára já alguns annos nas regiões insalubres para onde o enviavam, em quanto outros mais favorecidos não as tinham visto ainda. Além d'isso frequentava uma aula com aproveitamento, a de economia politica. No primeiro impeto de resentimento, o mancebo resolveu perder os sacrificios de tantos annos, pedindo a demissão; valeram muito para o atalhar n'este proposito imprudente as palavras amigaveis do commandante da corveta Pedro Alexandrino da Cunha, aquelle mesmo que tão boa memoria deixou do seu nome na armada e no governo das possessões ultramarinas.

Cheio de benevolencia e experimentado, sabia como os caracteres inteiros e rigidos se abrandam. Poz de lado a voz da auctoridade, que não seria escutada, e propoz ao moço official quasi como obsequio pessoal o acompanhal-o até Angola, promettendo que na primeira occasião propicia elle mesmo lhe porporcionaria o modo prompto de voltar a Lisboa. Escravo da honra, cumpriu depois tudo o que disse. Seis mezes depois Bordallo estava outra vez na capital, regressando no brigue *Audaz* commandado pelo sr. Francisco Antonio Gonçalves Cardoso, um dos seus amigos e distincto official.

A vocação litteraria amanhecêra para o mancebo com o desabrochar da juventude fortificada pela contemplação de tantas maravilhas, admiradas em mares e climas diversos. Exaltada pelo amor principiára ainda a medo a ensaiar os seus primeiros cantos.

Na puericia a inclinação invencivel nos que nascem predestinados para escriptores tinha-se revelado não sem algum prazer de seu pae,

poeta da eschóla velha, e cultor dos bons modelos.

José Joaquim Bordallo não votava ás musas e ás artes o odio estulto, com que muitos desculpam a sua indigencia intellectual, declamando contra ellas e contra os que a prezam. Longe de reprimir, ajudou no filho a propensão natural, sorrindo-se das informes tentativas do seu estro juvenil, e gastando algumas horas consagradas ao descanso em lhe explicar os segredos da fórma, e as varias medidas do rhytmo.

Fructificou a semente. O gosto do mancebo educou-se; a emulacão e o desejo de medir as forças decidiram-n'o a empenhar o engenho em alguma obra de maior vulto. Aproveitando o tempo, que lhe concedia o serviço militar depois de desembarcado pela segunda vez da viagem de Angola, dedicou-se a compôr dramas, genero que era então a corôa de todos, porque as ovações das platéas, os triumphos do palco, e a admiraçãoda imprensa o apontavam como o degrau mais facil de subir para apparecer em grande altura.

Seis peças escreveu entre dramas e comedias, as quaes, mais ou menos, podem todas filiar-se n'este periodo,

Foram: o *Rei ou Impostor*, representado em Lisboa no theatro de D. Maria II e no Rio de Janeiro no de S. Pedro de Alcantara, e depois impresso. O *Alcaide de Faro—Ricardo Savage—O Leproso—A mulher romantica—e faz favor do seu fogo?* Algumas d'ellas chegaram a entrar em estudo, e, por varios motivos, não viram a scena; outros perderam-se, ou nunca saíram da pasta.

Em poesia desconfiava de si. O verso não lhe saía fundido de um jacto, nem abrazado no fogo da inspiração espontanea. Carecia de apurar em frio as rimas, e de polir os metros.

De mais conhecêra, que não bastava alinhar quadras e tercetos para merecer o nome e a gloria de poeta. Viu os principios de uma carreira, em que só as aguias sobresaem, ao passo que a queda todos os dias accusa as temeridades de novos Icaros, e absteve-se com prudencia; «entretanto nos meus exercicios ineditos, diz elle sorrindo, tinha-me arrostado com todos os generos desde a epopeia até á charada, e havia tentado todos os metros desde o verso alexandino até á redondilha.»

Por esse tempo encetou a carreira de jornalista politico. As primicias dos que figuraram depois nas lettras com mais lustre foram colhidas com raras excepções pela mão inquieta e febril d'aquella implacavel divindade, que então, no maior conflicto das paixões e das inimizades, desgrenhava as iras em artigos repassados da ardente cholera, que fervia no seio dos partidos.

Veteranos e noveis alistaram-se em um ou em outro campo, e julgando luctar pelos principios e pelas idéas, na realidade ornavam só o momentaneo triumpho de algum vencedor, que devêra á sua penna a derrota dos contrarios: seria difficil hoje repetir a experiencia. A adoração dos nomes proprios não encontra adeptos. Ainda se combate, mas frouxamente; ainda se illuminam de lampadas patrioticas os porticos de algumas folhas; mas ás acclamações de um ou de outro apostolo mais enthusiasmado respondem só o silencio e a indifferença. Felizmente queremos as cousas primeiro e os homens depois. Não é pequeno progresso.

A politica militante não se compadecia com a indole e as inclinações de Bordallo. Seguiu-a sem ardor, e cedo trocou o sabor acre e as commoções pungentes de suas inglorias

polemicas pelo estudo e mais repousada escripta dos artigos litterarios.

Collaborador modesto, fugia da publicidade, não suppondo ser ainda bastante conhecido para se expôr sem perigo á luz da imprensa, e ao seu juizo muitas vezes contradictorio. De posto em posto, elevou-se a redactor em chefe de uma Revista bimensal, e logo o rodeou, vozeando, a plebe de importunos metrificadores, cuja veia inexgotavel era n'essa epocha o supplicio de quantos dispunham de uma pagina de jornal, porque nenhum cedia em orgulho ao maior engenho, ou se reputava inferior em merito aos mais applaudidos poetas.

Aonde estão hoje essas phalanges tão compactas de arruadores do Parnaso, todos laureados pela admiração innocente das familias e pelo intimo convencimento da propria predestinação? E' provavel que não poucos se hajam arrependido dos sacrilegios metricos, e os estejam expiando curvos sobre o bufete de algum escriptorio, ou de alguma repartição.

Em 1844 appareceu o nome de Bordallo, na *Revista Universal*, como auctor de uma antiga lenda nacional — *D. Sebastião o Desejado.* Precedia-a uma recommendação valiosa redigida pelo sr. Antonio Feliciano de Castilho com aquelles encarecimentos de honra e de amisade, que o inspirado cantor prodigalizava como estimulo aos que, encostados ao seu braço, se atreviam a affrontar as provas publicas.

Estampar um romance, ou mesmo algumas paginas soltas na *Revista* era para os mancebos d'aquelles annos uma distincção tão appetecida, que não a trocariam pelo diploma de socios de nenhuma academia. Tinham razão. Não se podia escrever em mais luzida com-

panhia. Mestres e discipulos travaram alli relações que duram ainda hoje, e que talvez sem este nucleo civilizador se houvessem demorado, ou nunca existissem.

Porque decaíu e se sumiu de todo aquelle astro, que por tanto tempo fulgiu com esplendor? São desgraças e descuidos nossos. Faltou-lhe o carinho e a mão de quem o creára; d'ahi por deante esmoreceu.

Foi deante dos palmares africanos, entre calmas e borrascas, que Bordallo concebeu a idéa, e desenhou na phantasia o plano do seu romance maritimo *Eugenio*.

Começado a escrever em Lisboa e posto de parte para lhe preferir outros assumptos, tornou a occupar-se d'elle em 1835 no Rio da Prata, e veiu concluil-o ao Rio de Janeiro em 1846, aonde saiu impresso pela primeira vez. A raridade dos poucos exemplares, que ainda restavam, animou o auctor a publicar a segunda edição de Lisboa no anno de 1853, a qual tambem se acha quasi exhausta.

O romance maritimo em nenhum paiz podia ser cultivado como aqui. A patria, o berço dos grandes navegadores, devia abrir ás imaginações fecundas amplos horizontes. As proezas de nossos capitães, a grandeza das scenas da Asia e da Africa, os lances heroicos e quasi sobre-humanos, que assignalaram o valor, a constancia e a fortaleza de tantos descobridores e almirantes nossos, porque não hão de convidar o pincel de algum Cooper, ou de algum Marryatt portuguez?

Infelizmente como notavamos já em 1853, apreciando resumidamente esta primeira e auspiciosa estreia de um escriptor competente para nos falar do mar e da magestade, que repassa os episodios da vida, em tão vasto e sublime theatro, esta bella provincia da arte

moderna não foi percorrida. Por ora só Bordallo a avistou.

Duarte Pacheco, Nuno da Cunha, D. Francisco de Almeida, Affonso de Albuquerque, e tantos vultos mais altos e epicos, do que os personagens animados pelas admiraveis creações do poeta americano e do novellista inglez, ainda esperam quem os desenhe na tela!

Ao *Eugenio* seguiu-se apoz um intervallo de quatro annos outra obra da mesma indole — a *Nau de Viagem.*

Recolhido, e debaixo das sombras dos arvoredos em uma casinha de campo, aonde moravam a tranquillidade e a ventura, riscou proseguiu, e terminou dentro de poucos mezes este segundo romance, em que descreveu com a mão de mestre em muitas partes a existencia intima do navio, o coração, as virtudes e defeitos do typo rude e sympathico do marinheiro.

A *Nau de Viagem* foi publicada na *Revista Popular* de 1850 e 1851.

Nas duas tentativas, que ensaiou, e que não são os livros menos originaes e estimados, que estampou, as qualidades do estylo, a firmeza do debuxo, e o vigor das côres accusam grandes progressos dentro de pouco tempo.

Eugenio abraça apenas uma simples viagem a Angola em um navio de guerra; a *Nau de viagem.* em mais largas proporções, pinta-nos a longa derrota da India a bordo de uma charrua com passageiros e degredados.

Cada um dos romances sabresae por diversos dotes.

No primeiro respira-se o perfume dos melindrosos sentimentos, que só na edade em que foi ideado se traduzem com verdade. No segundo ha mais observação, mais analyse, e menos poesia. Em um, por entre o quebrar das vagas contra o costado do navio e o sibi-

lar do vento na enxarcia, ouvem-se os canticos de amor, ainda crentes e arrebatados, no outro, os annos mataram as illusões, e o riso mesclado com as paixões do infortunio, e com os relampagos sinistros dos vicios e dos crimes, formam quadros comicos, ou dramaticos, mas já nem balbuciam a lingua suave d'esses idyllios, enlevo da juventude, que tão cedo, por desgraça, murcham e seccam as flôres de que se teciam a suas grinaldas.

VI

Tornemos a atar o fio da narração, continuemos a acompanhar na incansavel peregrinação o official, cuja existencia errante o destino ha de ainda levar de estação em estação ás risonhas paizagens da America, e ás fronteiras do mysterioso imperio, que os antigos viajantes denominaram do Grão-Cathai.

O repouso, que tinha gosado, e de que tão bons resultados soubera tirar, foi de novo interrompido.

Em 17 de janeiro de 1844 sahiu na fragata *Diana* para conduzir á ilha da Madeira os vencidos na lucta politica.

A viagem devia ser de duas ou tres semanas; durou mais de dois annos.

Foi durante ella, que a fortaleza do animo o salvou de um dos maiores perigos, que ainda atravessára.

Era em novembro. Estava o seu navio ancorado no porto do Funchal. No dia 13 Bordallo recebeu ordem para ir n'uma lancha com vinte e oito homens de tripulação á Ponta do Sol afim de seguir e apresar uma embarcação suspeita de contrabando.

Partiu. A manhã rompêra linda e serena. Sobre a tarde, quando voltava, o vento principiou a refrescar e as ondas a encrespar-se. A lancha andava pouco, e a escuridão da noite ia cerrando. Com as trevas cresceu o mar e o temporal.

Ao alvorecer avistaram o Funchal e a fragata fundeada, mas os navios mercantes tinham levantado ferro para se abrigarem do outro lado da ilha. Bordejaram todo o dia, consumidos em vão esforços, com todo o panno largo, em uma embarcação pôdre e carregada. Da *Diana* não lhes podiam enviar soccorro, e de terra menos.

Approximára-se o occaso, e um brado unisono de agonia solto por todos os infelizes, que se viam perdidos, revelou que percebiam o immenso risco da sua critica posição. A noite descia medonha; o vento rugia ameaçador; continuos escarceus, alagavam o fragil barco. Nem agua, nem mantimentos! Nem um instrumento nautico; nem uma carta, nem uma bussula! «Cada grau de sol, que se mergulhava nas ondas, diz Bordallo, actor e espectador n'este episodio, era uma esperança, que se escoava, era um passo para a morte—morte cruel e affrontosa!...»

A essa hora soldados e marinheiros todos jaziam prostrados uns sobre outros nas cavernas da lancha, já meia de agua. Parecia proximo o ultimo acto de uma d'essas dolorosas tragedias, que só têem por testemunhas as estrellas do céu e as vagas do oceano. A escuridão cada vez se fechava mais densa. Com o ultimo raio da luz, que desmaiava, se esvaecia tambem o derradeiro alento dos que ainda esperassem.

Bordallo era sobretudo um homem de robusto coração e de indomavel vontade. A lucta com os elementos, ou com os obstaculos,

encontrava-o sempre firme e decidido. Entretanto, não podia illudir-se. Não sendo soccorrido (e como o seria no meio do vendaval desfeito?) via perto o seu fim, e o dos companheiros, afeitos a arcarem com os trabalhos sem nunca perderm o animo. Se n'esse momento supremo anteviu por vezes a sepultura nos abysmos cavados pelos tufão, se a morte lhe acenou de perto com as roxas agonias, segundo a phrase de Garrett, soube ostentar a serenidade apparente que é a nobre e sublime expressão do valor moral.

Nem uma palavra, nem um gesto trahiu as lugubres apprehensões, que deviam assaltar-lhe o espirito.

O terror derrubára aquelles homens rudes e costumados a rir no meio das procellas. De todos só dois se conservavam de pé ainda — o guardião Antonio Manuel, e o velho marinheiro Arsenio, os quaes se revezavam ao timão. Perto do auctor de *Eugenio* assentava-se o guarda marinha, hoje primeiro tenente da armada, o sr. Luiz Caetano de Novaes, e contemplando da pôpa aquelle temeroso espectaculo aprendia alli em presença da morte a conhecer o mar na sua ira.

Depois de largo silencio, Bordallo pediu-lhe o lapis e em uma tira de papel que conservára até ao ultimo dia, escreveu: «E' a primeira vez na vida que cheguei a ponto de perder a esperança, não a coragem. 14 de novembro 1844.»

Heroica phrase, singela e concisa, como as dizem sempre os homens de acção perante os lances decisivos! A rhetorica sempre vem depois. Cambrone tambem não respondeu, como se crê, por um dito classico e quasi epico aos que o intimavam para que se rendesse em Waterloo. Repelliu-os com uma imprecação de soldado e com as armas.

Deus velára pelos que se lastimavam de serem desamparados de sua mão. Um barco de Porto Santo, fugindo á tempestade, passou junto da lancha; com a sua vista renasceu a esperança. Mandando aproal-o, o moço official pediu-lhe um pratico.— «Nenhum de nós o é!» responderam, tentando escapar-se. Se o conseguisse, os que imploravam auxilio necessariamente succumbiam. Sem hesitar seis espingardas á voz do commandante romperam o fogo, e os tiros fizeram apparecer o piloto negado á voz da humanidade. Depois de correrem toda a noite entre vagas furiosas e gritos de misericordia, respiraram por fim ancorando á sombra da Ponta do Pargo, e ao romper da alva entravam em Porto Moniz, aonde descançaram de tantas fadigas e padecimentos, só bem avaliadas de quem por experiencia conhecer o que são as ancias de tantos homens solitarios no meio do oceano, entre o tremendo embate das ondas, que em cada volta pareciam embarcar a morte, e o frenesi da fome, da sede e da extrema desesperação.

Quando se recolheram ao Funchal, aonde os julgavam naufragados, o commandante da fragata, o desditoso João Maria Ferreira do Amaral, apertando Bordallo contra o peito com o unico braço, que os inimigos lhe haviam deixado, pagou-lhe com uma só lagrima todos os trances e agonias. E' que foi talvez a só vez em que mostras de pranto molharam os olhos d'aquelle homem, que todos diriam fundido no molde de bronze dos antigos romanos.

Abbreviaremos d'aqui em deante os traços d'este imperfeito esboço.

O que se segue da existencia do amigo, que perdemos, narrou-o elle, melhor do que nós o fariamos, nos livros, que deixou publicados.

De que serviria repetir o que o auctor presenciou, ou sentiu, quando elle o descreveu com as côres proprias e com a fidelidade, que era em tudo o timbre do seu caracter?

A bordo da corveta *D. João I*, que partiu do Funchal para o Brazil, e que encalhára proximo da nossa antiga colonia do Sacramento no banco de Ortiz, o auctor do *Passeio de sete mil leguas* visitou o Rio de Janeiro. Em Montevideu viu pela primeira vez Garibaldi, então commandante da legião italiana, o qual servia sob as bandeiras do partido dos *colorados*.

Foi-lhe permittido conhecer tambem n'esta occasião o famoso adversario do dictador da Sicilia, o celebre D. Manuel Oribe, que então se intitulava presidente legal da republica do Uruguay, e com elle o almirante Brown, chefe da esquadra de Buenos Ayres.

Quem diria ao official portuguez, que a mão de Garibaldi assim apertada nas remotas regiões da America viria ainda a ser tão poderosa, que dispozesse de grandes corôas, e ousasse renovar o edificio derrocado de Carlos Magno e de Napoleão o Grande — a unidade da Italia?

Para encerrarmos a lista dos homens eminentes, com quem tractou n'esta viagem, não omittiremos o mysterioso dictador Rozas, nem sua filha D. Manuelita, seductora pelas prendas do espirito, e mais ainda pela persuasiva eloquencia, com que por vezes conseguiu applacar os instinctos feros, e modificar as vindictas do poderoso despota, que assoberbava a republica de Buenos-Ayres.

Tendo navegado em conserva com a esquadrilha brazileira, que de Santos acompanhou o imperador ao Rio de Janeiro, a corveta desfraldou finalmente as velas e seguiu a derrota de Portugal. Bordallo deixava na

America um nome bem quisto e louvado. No *Jornal do Commercio do Rio de Janeiro* sahiram estampadas as suas *Impressões de viagem* no Rio da Prata, vertidas depois em hespanhol no *Constitucional* de Montevideu, e por ultimo trasladadas em inglez nas columnas do *Times*.

Voltando á Europa foi nomeado ajudante da companhia de guardas-marinhas em 7 de setembro de 1846, servindo de inspector dos estudantes subsiados do Ultramar.

No seguinte anno de 1847, depois de uma prohibição imprudente da censura dramatica de que se originou vehemente polemica, na qual tomaram parte quasi todos os escriptores mancebos, retirado o veto em obediencia á opinião unanime da imprensa, subiu á scena entre applausos a sua peça *Rei ou Impostor?* Este exito devia estimulal-o a proseguir; pelo contrario parece que lhe inspirou certa desconfiança. Nunca mais se atreveu no palco a pedir as corôas, que tantas vezes o gosto pervertido das platéas têem negado a verdadeiros primores.

Uma commisão importante, e para elle valiosa pelos novos aspectos, que podia rasgar-lhe, a nomeação de secretario do governo de Macau em 12 de novembro de 1850, veiu arrancal-o d'estas occupações, attrahindo-o a novos climas. Coube-lhe o posto de primeiro tenente em virtude do despacho, partiu para a China, e por dezeseis mezes suspirou pela exoneração de um cargo, que para elle significava só um desterro oneroso, e nada mais. Conseguiu por fim ser attendido.

Das viagens de ida e volta escreveu um livro impresso em Lisboa no principio de 1854. Seja-nos licito referir summariamente o que ácerca d'elle dizia já proximo dos ultimos momentos o poeta de *Camões* e *D. Branca*.

O Passeio de sete mil leguas elogiado por muitas pessoas curiosas, e sem favor recommendado por diversos jornaes, chegou á cabeceira do leito de Garrett, que suavizava as dores da enfermidade distrahindo-as com as diversões proprias de um espirito culto e elevado.

Leu-lhe aquellas paginas o nosso amigo commum Francisco Gomes de Amorim, e o auctor das *Viagens na minha terra*, que annos antes erguêra n'este genero um monumento talvez sem rival nas litteraturas do meio dia da Europa, observou-lhe com o sorriso fino e leve, que era unicamente seu: «Faça os meus cumprimentos ao Bordallo e diga-lhe que escreveu um bonito livro, mas que não andou muito avisado, compondo-o em Lisboa. Ainda que assim fosse não devia dal-o a conhecer. *A historia de uma viagem* produz muito maior effeito, quando ao leitor parece ser escripta em presença dos logares; a illusão é mais completa.»

Este conciso juizo do mestre encerra toda a critica da obra.

No territorio, que possuimos do celeste imperio, imprimiu Bordallo o seu opusculo intitulado *Trinta annos de Peregrinação*, manuscripto achado na *Gruta de Camões*. São sessenta e nove paginas, em que respira toda a candura de uma alma, que nunca envelheceu, nem se corrigiu da sua virtuosa confiança nos homens e nas cousas. Ama-os e crê tanto n'elles, que mesmo dizendo que não, mostra logo que até ao derradeiro dia ha de ser sempre leal e crente por instincto, sincero e probo por irresistivel vocação do animo.

No anno de 1852 volveu de novo a Lisboa. Desde então nunca mais tornou a embarcar. Dedicado exclusivamente ao lavor das lettras, vivendo na intimidade de poucos, sem ambi-

ções, sem vaidades importunas, consagrou o tempo ao cumprimento dos deveres domesticos, ao estudo e á escripta.

Para elle as horas de trabalho eram horas de recolhimento, que não interrompia, nem permittia que estranhos interrompessem. Pertencem a este ultimo periodo da sua vida—*A viagem á roda de Lisboa*, livro concebido muitos annos antes, e estampado em Lisboa em 1855, de que não chegou a concluir a segunda parte; *os Quadros Maritimos* publicados no volume III da 3.ª Serie do *Panorama* de 1854; e os *Navegadores Portuguezes*, capitulos dados á luz tambem no *Panorama* de 1855. Apar d'estes ensaios, as paginas de diversos semanarios attestam ao mesmo tempo a sua fecundidade e como o amor da terra natal lhe dictava os assumptos.

Parecia que o caracter, a aptidão e as habilitações de Bordallo deviam grangear-lhe senão o valimento, ao menos a boa sombra dos politicos chamados a presidirem á administração da Marinha e do Ultramar.

Não aconteceu assim por muito tempo.

A sua indole isempta e incapaz de lisonjas desviava-o do caminho dos que não teem olhos senão para verem as genuflexões dos cortezãos da sua elevação ephemera. Foi preciso que o visconde de Sá, o soldado heroico, e o mais instruido ministro, que tem regido as nossas possessões desde 1834, entrasse no gabinete para o official distincto pelos serviços do mar, e pelos dotes da intelligencia, ser lembrado e aproveitado.

Estava no terceiro volume, cortado pela morte, a importante empresa de descrever as diversas provincias, que formam ainda hoje o nosso extenso imperio colonial. Commettida ao conselheiro Lopes de Lima, que não levantára mão d'ella por alguns annos, ficou

interrompida com a sua partida para a viagem em que falleceu. O visconde de Sá quiz que este valioso estudo se completasse, e em 25 de Janeiro de 1858 designou Bordallo para redigir a estatistica de Moçambique e dos Estados da India.

O escriptor correspondeu briosamente á confiança do ministro. Em 1859 sahia dos prelos da Imprensa Nacional um bello volume de mais de trezentas paginas, com numerosos mappas, tão estimado dos entendidos pelo esmero e exactidão das noticias como pela correcção da phrase e do estylo.

Quando expirou tinha concluido já, ou deixou quasi concluido o tomo relativo á estatistica de Goa. E' de crer que não se demore em vêr a luz.

Nos ultimos tempos, como se prevessem que elle dentro em pouco havia de faltar, principiaram os homens publicos a consideral-o, como em Portugal se costuma, nomeando-o para commissões gratuitas. Promovido no posto de capitão-tenente em 8 de Agosto de 1859, era em abril de 1861 feito secretario da junta encarregada de propor ao governo os meios efficazes de promover nas provincias ultramarinas a cultura do algodão, e em 10 do mesmo mez figurava como vogal da 5.ª secção nas listas das pessoas escolhidas para compor a commissão directora da exposição dos productos nacionaes em Lisboa, e dos trabalhos preparatorios para a de Londres.

A morte, porém, velava perto do seu leito. A enfermidade, que a olhos vivos o ia enfraquecendo, se por dias lhe dava alguma tregua era para recrudescer mais intensa de novo, assustando os seus amigos, que, apezar de todos os receios, estavam longe de suppor, que o termo estivesse proximo.

Convencido da gravidade da molestia, já tarde infelizmente, parece que em segredo se persuadiu tambem da inefficacia dos remedios. No mez de Maio, cedendo aos conselhos dos que deploravam anciosos o seu estado, buscou algum lenitivo nos ares temperados do campo, e por alguns dias experimentou em Bellas rapidas melhoras. Accudiu-lhe com ellas a esperança e já premeditava para alcançar completo restabelecimento uma larga viagem a Malaga e depois a Constantinopla, quando a doença, redobrando os assaltos, acabou de o prostrar.

Recolhendo-se a Lisboa, e sentindo-se proximo do seu fim, encarou-o com a serenidade modesta, de que offerecêra não raros exemplos na sua carreira militar. Para não antecipar aos que o rodeavam as tristezas da ultima separação compoz o rosto e as palavras, e quasi até exhalar os derradeiros alentos representou, sem se desmentir, este sublime engano.

Entretanto, nem elle, nem os outros podiam já illudir-se. No dia 26 de maio pelas sete horas e meia da manhã entregou a Deus o espirito, deixando de padecer.

Poucos homens viveram tanto em tão poucos annos. Descendo ao tumulo legarão outros opulencias e grandezas; memoria mais honrada nenhum.

N'aquelle coração nunca as más paixões lançaram nem a sombra de uma nodoa; aquella alma, desprendendo-se do mundo, não terá tido de que se envergonhar na morada celeste.

Peregrino incansavel, principiou e terminou cedo a trabalhosa jornada da vida.

A Europa, a Africa, a Asia e a America foram o theatro das suas excursões. Visitou-as, contemplou os seus monumentos, e meditou

junto d'elles. Saudou os padrões levantados á gloria portugueza por mãos vencedoras, e gemeu de vêr tremular as côres de estandartes estranhos sobre as muralhas de fortalezas, que foram nossas.

A morte, que o seguia, não quiz que os mares lhe prestassem o lençol das vagas por mortalha, como era o seu desejo. Feriu-o nas horas tranquillas, no momento, em que tudo lhe promettia repouso.

Sepultou-se com elle o que no homem pertencia á terra; mas sobrevive na saudade e no justo louvor dos que o conheceram pela amizade, ou de mais longe pelos escriptos, o que nunca esquece mesmo em tempos esquecidos: o bom nome herdado de seus paes, e as obras do engenho.

Se parece pouco aos que se deslumbram com as pompas, é tudo para os que sabem como se desvanecem em fumo as vaidades, e só permanece o que é de Deus e do espirito, a virtude e a intelligencia.

(Da *Revista Contemporanea*, de 1861).

CARTA

A

FRANCISCO MARIA BORDALLO

ÁCERCA DO

ROMANCE «EUGENIO»

Meu amigo. — Pedes-me algumas linhas ácerca do teu romance maritimo *Eugenio?* Desejas estampar um voto humilde, a que a sua brevidade tira ainda esse tal ou qual valor, que a tua affeição lhe presta?

Escreverei, para que não me accuses de remisso; mas fica certo de que são paginas escriptas á pressa, dictadas por um exame superficial e não quaes a obra as merecia, e eu as quizera. Sabes se disponho de poucos momentos, e se a critica pede pausa e reflexão!...

Não te queixes, pois do que succeder—«tu o mandaste!» diz um dos heroes de Shakespeare; e sem mais prologos vou entrar já no assumpto.

Em um folhetim de agosto de 1847, Lopes de Mendonça, *que viu o mar*, cousa que não aconteceu a muitos que tractam d'elle, falando do teu romance, faz uma observação verdadeira.

A patria, o berço dos grandes navegadores, parece que devia ser a primeira a abrir a carreira da novella maritima. As proezas dos

nossos capitães, a magestade das scenas da conquista na Africa e na Asia, e os lances admiraveis pela constancia e fortaleza, que assignalam tantos navegadores e almirantes, como não convidaram ainda a phantasia fecunda de algum Cooper, ou de algum Marryat portuguez?

Infelizmente não appareceram por em quanto senão curtos ensaios, e esta rica e bella provincia da arte moderna ainda não foi visitada. Duarte Pacheco, Nuno da Cunha, Affonso de Albuquerque, D. Francisco de Almeida, e outros vultos mais altos e mais poeticos do que os personagens animados pelas creações do auctor americano, e do novellista inglez, ainda não acharam pintor que os desenhasse na tela do romance maritimo-historico!...

Sei que as difficuldades são grandes — mas o exito corresponde. Tu que pisaste a terra consagrada pelas façanhas de nossos maiores, e cortaste os tormentosos mares, que os não detiveram, tu podes dizer se nação alguma possue thesouros eguaes para enriquecer ao mesmo tempo o livro severo da historia ultramarina (ainda por escrever) e os dominios da poesia narrativa, que esperam por um imaginador!

Bem vindo seja, pois, o *Eugenio* como tentativa, e como promessa. A vida intima do navio, as contradicções do coração e do caracter n'esses homens rudes, que as ondas balouçam, e que o perigo não fatiga, — e o drama aonde entrelaças os episodios da tempestade e dos recreios navaes—estão em harmonia com o pensamento que domina a acção, passada durante a viagem, e concluida, logicamente, pelo painel melancholico do amor delirante do infeliz Eugenio.

Ha no teu volume paginas, que não hon-

ram só o talento. Official e mancebo, o teu peito descobre-se no horror com que flagellas os castigos aviltadores e barbaros, que humilham o homem, para exaltarem o despotismo.

Ouço clamar que a disciplina cahiria se o chicote e as varas não retalhassem as carnes do marinheiro e do soldado! O sophisma é transparente, e por decoro da farda rejeito-o.

Outras nações militares não carecem d'estes espectaculos atrozes para manterem a obediencia. Quem affronta a ira do Oceano, o bramir da procella, e o trovão dos combates, aonde a derrota não tem retirada — merecia ao menos morrer como um homem, e não acabar debaixo das pranchadas como um cão!

A alma que se dobrou sob o chicote ou sob a vara tornará a levantar-se quando a chamarem em nome da honra e da patria para cravar a bandeira no tope dos mastros, ou involto n'ella o marinheiro depois de aviltado sepultar nas aguas a vida com o navio?

As tuas considerações gravam-se por si mesmas no animo; e ainda creio que virá o dia em que o preconceito e o absurdo não hão-de prevalecer contra o senso moral, e contra a verdadeira educação guerreira. A civilização a todas as horas desarma abusos e usanças reprovadas.

Queres que te diga? O que louvo mais na contextura do teu romance é a naturalidade com que narras e representas. Os teus personagens vivem, e para attrahirem não é preciso soccorreres-te a acontecimentos extraordinarios, nem a declamaçõesfalsas e gastas á força de vulgares.

Os caracteres teem aquella individualidade, que aviva as feições dos heroes de Cooper na melhor das suas obras (a meu ver) o *Piloto;* movem-se á vontade; e não careces de empre-

gar as machinas de uso commum nos fabulistas estafados para os differençares, e para lhe infundires o que quer que seja, que é a vida e a expressão nos filhos da phantasia.

A comedia da passagem da linha forma um episodio em si mesmo perfeito, e habilmente aproveitado para trazer a scena do supplicio do *Russo* e para te proporcionar a occasião de expores o triste quadro das suas consequencias, quando o coração da victima é superior á tyrannia do codigo.

O *Russo*, cravando a faca no primeiro que encontra para obter a morte e escapar á infamia da chibata, resume de um modo dramatico o que seria talvez menos persuasivo demonstrado em largas observações.

Do capitulo VII, em que deduzes da tua experiencia e da nobreza dos teus sentimentos a condemnação do systema de castigos em vigor, já falei, e não tenho que accrescentar.

Não te devo lisonjear—mas posso exprimir o que senti; porque lendo o pequeno volume que intitulaste *Eugenio*, sente-se.

Como obra de arte vejo n'elle um ensaio, que promette bom exito, querendo tu dedicar os poderes do teu engenho a este genero sem cultura entre nós.

Se não subiste do primeiro passo o ultimo degrau, alcançaste elevação sufficiente para não desistires, e para justificares o elogio sincero.

O estylo parece-me correcto em geral, tem propriedade, e é muitas vezes feliz nas descripções das cousas e das pessoas.

Como romance, o *Eugenio* sustenta o interesse e a variedade, e prende a attenção sem a cançar.

Se te houvesse de dar um conselho — e sei que da nossa amizade os acceitas sempre —

dir-te-hia, que procurasses ser o nosso Cooper.

Ninguem melhor do que tu pode descrever o mar e as scenas grandiosas que elle apresenta na sua infinita magestade. Possues os dotes necessarios para imaginar e descrever os dramas sublimes a que servem de theatro o navio, as tormentas, e o Oceano.

(Esta apreciação de Rebello da Silva, ácerca do romance *Eugenio,* de Francisco Maria Bordallo, veiu appensa, no fim, á edição d'aquelle romance, Lisboa, 1854).

FRANCISCO GOMES DE AMORIM

I

Francisco Gomes de Amorim, ajudante do escrivão da Thesouraria da Marinha, servindo em commissão como official da Bibliotheca naval, segundo official da Secretaria da Junta geral da Bulla da Cruzada, socio da Academia Real das Sciencias e de varias sociedades litterarias nacionaes e estrangeiras, nasceu a 13 de agosto de 1827 na linda aldeia, chamada Avelomar, assentada no regaço de uma praia da pittoresca provincia do Minho, dois kilometros ao norte da Povoa de Varzim. Foram seus paes José Gomes de Amorim e D. Marianna Joaquina Bento. Desde a mais tenra infancia luctou com a estreiteza de meios, com a adversidade, e com os lances e fadigas, que de ordinario costumam provar os animos viris em annos robustos.

Citâmos de proposito os empregos e distincções litterarias, que adquiriu, não por alarde de esteril vaidade, mas como exemplo do que uma vontade firme, ajudada de elevados dotes intellectuaes, póde conquistar em curta carreira, apezar da indifferença com que entre nós foram, e são tractadas as boas artes, por

esses, que, alcunhando-se estadistas e homens sisudos, solettram, ás vezes a custo e balbuciando, as phrases mascavadas dos diplomas, que assignam de cruz. Filho de suas obras, e só d'ellas, o poeta do qual vamos esboçar o retrato, nunca teve outras recommendações, que não fossem os applausos das platéas festejando o seu engenho na primeira scena portugueza, e o louvor e a acceitação dos escriptos de prosa e verso, com que ennobreceu a sua juventude laboriosa.

De toda a familia, composta de lavradores pouco abastados, era seu avô paterno o unico instruido, e o que possuia e presava os livros. Liberal convencido, mas sereno, tinha-se retirado áquella meia solidão talvez para se furtar á vigilancia dos restauradores de 1823, incansaveis em assellarem o seu zelo pelos *direitos inauferiveis.* Fôra empregado? Com a queda da constituição perdêra o logar? O cutello demissorio havia-o alcançado vibrado pela mão perseguidora dos vingadores do throno e do altar? O bom velho era discreto e falava pouco do passado, provavelmente por prudencia. Em 1827 todos os tios do poeta, e eram muitos, andavam ausentes, e nunca mais voltaram á patria. Dispersos pelo Brasil, e pela India, quando as armas constitucionaes triumpharam em 1833, depois da lucta, em que tantos prodigios as illustraram, mais resentidos, do que saudosos, nenhum d'elles quiz recolher-se ao reino, d'onde os tinham desterrado os odios politicos e a intolerancia.

O unico filho, que se conservou junto do ancião, por estar casado, foi o pae de Gomes de Amorim; mas apenas rebentou a guerra esse mesmo se viu obrigado a tentar fortuna atravessando os mares e dobrando o cabo de Boa Esperança. O seu consorcio, concluido contra o parecer do avô materno do poeta,

que as opiniões realistas exaltavam, em vez de trazer a paz, ateou ainda mais a dissensão entre as duas casas, e coagido pela necessidade, e quem sabe se pelo receio tambem, o desconsolado marido, sem protecção, nem recursos, foi constrangido a separar-se da esposa, e a começar longa serie de peregrinações longiquas, que na maior parte do tempo o sequestraram do conchego e delicias do lar domestico. A grande pobreza, em que seu avô paterno declinára desde 1824, o quasi desapego do avô materno, logo depois reduzido á escacez pelas commoções civis, e os poucos lucros colhidos por seu pae da aventurosa existencia, a que se entregára, concorreram para que a meninice de Gomes de Amorim corresse penosa e amargurada. Sua mãe, senhora de espiritos varonis, não desanimou com o doloroso quadro de miserias e privações a que a votára a sua meia viuvez. Sem outro amparo mais do que suas virtudes, abrigada por um tecto humilde, cujo preço deveu por alguns annos, pediu forças á sua ternura para não succumbir, e soube ser mãe exgotando todos os sacrificios.

A infancia é naturalmente descuidada. N'ella as lagrimas e as alegrias choram, ou riem como os chuveiros e o sol se cruzam e se interrompem nos dias viçosos de primavera. Da epocha, em que a razão principiava a amanhecer-lhe, as recordações do poeta, confusas e fugitivas, apenas lhe avivam a saudosa e suave figura da mulher, que repousava das lides de uma vida trabalhosa, velando, reclinada sobre seu berço e o de seus tres irmãos, o somno de innocencia, que todos dormiam ignorantes, ou esquecidos, dos prantos e do suor de sangue, que lhe custava a ella o pão quotidiano. Pobre mãe! Ao menos na edade provecta, os respeitos e carinhos entretece-

ram-lhe de flôres bem gratas ao coração os espinhos da sua corôa de martyrios!

Chegou o dia de se abrir para o poeta e seu irmão mais velho a aula de primeiras lettras, dia de tristeza e de oppressão para a infancia quando passa da petulancia e dos jubilos pueris para o jugo de uma disciplina n'aquella epocha aggravada pelos terrores da ferula. Seu irmão aproveitou, coroando de rapidos progressos, os esforços do sr. Manuel Corval, que ao mesmo tempo se queixava de que a sua palmatoria, sempre alçada contra a preguiça invencivel de Gomes de Amorim, arrancando-lhe a pelle das mãos, não tivesse o condão de lhe incutir os rudimentos! Mas o alumno afez-se ao supplicio, e, desafiando as iras e os castigos, parecia comprazer-se em envergonhar o methodo de ensino do honrado velho! No fim de tres annos Manuel Corval tinha estalado umas poucas de ferulas, mas o estudante nem soletrava, nem escrevia o seu nome. Com aquella perspicacia, que Deus concede muitas vezes aos dictadores da cartilha e do *b a ba*, o professor subiu ao seu tribunal e condemnou a pena ultima a capacidade do discipulo. Declarou-o estulto, *urbi et orbi*, e jurou por Jupiter que morreria analphabeto. Egual sentença nos feriu a nós e com merecimentos similhantes. Felizmente o poeta vingou a creança, e mais tarde por nossa parte procurámos tambem deixar ficar por mentiroso o funesto vaticinio.

Quem se confrangia com a supposta rudeza do filho era a afflicta mãe, cujo affecto podia anciar, mas não antever, que o estudo livre e voluntario faria mais do mancebo em poucos mezes, do que muitos annos de licções, e de rigores. A's censuras e prophecias doutoraes do mestre eschola, irritado no orgulho pedagogico, juntavam-se, para acerar a sua

tribulação, as caridosas apreciações dos vizinhos, que todos em voz unanime, e meneando a cabeça com um gesto melancholico, repetiam como aphorismos inconcussos os juizos temerarios do sr. Manuel Corval.

A verdade é que na puericia Gomes de Amorim promettia pouco. Não tinha agudezas, ditos engraçados, nem facilidade de aprender. Elle proprio o confessou. Os seus talentos, aliás variados, assignalavam-se em outras applicações. Inventava todos os dias um pretexto novo para escapar á aula e á ferula implacavel. Atirava á pedra com uma certeza digna dos fundibularios romanos. Não conhecia emulo na grande arte de apanhar os passaros a laço, e na corrida disputava o premio aos mais velozes. A estas proezas uniam-se algumas prendas menos inoffensivas. Trepava ás arvores, vindimava as uvas, e arrombava as paredes dos cerrados aos visinhos. Um d'elles, victima de um desabamento instantaneo, não podendo colher o réu, cuja ligeireza zombava de seus passos entorpecidos, vingou-se, dando-lhe piparotes na sombra, e exclamando, que ainda havia de vel-o acabar em salteador de estrada. Deus se compadecesse do lunatico propheta por sua alta misericordia! Mas teve desculpa. Nunca houve dôr egual á sua dôr, quando, a par dos destroços do muro, contemplou depennada dos melhores cachos a cepa, que era o seu enlevo!

Não insistiremos, narrando as providencias correccionaes, sugeridas pela cholera dos proprietarios espoliados das mais formosas peras e dos mais gulosos figos á pobre mãe. Aconselharam-n'a *a que fizesse gente do filho, e o arrumasse;* e um lavrador e um cordoeiro mais lesados, ou mais impacientes, encarregaram-se, vaidosos, e não felizes, de conter no redil a ovelha desgarrada. Ambos perderam a deman-

da! O poeta aborrecia as artes de Triptolemo, não percebia o sublime ideal da nabiça e do repolho, e detestava de todas as veras da alma a roda nada mythologica de tecer as cordas. Antes a palmatoria do sr. Manuel Corval, cuja infallibilidade exultava com as repetidas provas da indole indomita do discipulo não amado! Quem quizesse encontrar o estouvado trasgo de aldeia, ou havia de apanhal-o a cavallo nos troncos de alguma arvore carregada de fructa, ou vêl-o partir de corrida até á crista dos rochedos para admirar de lá as azas brancas de um navio, voando sobre as ondas, ou os picos annuviados das serras de Barroso e de S. Felix. N'esta occupação para elle unica, esquecia almoço e jantar, mestres e parentes!

Crescia a pobreza, entretanto, e sua mãe decidiu-se a deixar partir o filho mais velho para o Brazil, ornado de todos os dons, de que soubera enriquecel-o a aula de primeiras lettras. A familia quiz assistir ao bota-fóra, e encaminhou-se de Avelomar ao Porto. Era tal n'esses dias o aperto de meios, que o poeta pediu emprestadas as calças de um vizinho e ainda hoje se accusa de lh'as não ter restituido, caso serio, e de eterno remorso. O que é certo é que, resolvendo-se de repente a acompanhar o irmão, e partindo com elle, as calças viram mais mundo, do que seu dono contava seguramente que ellas vissem.

II

Noticias falsas, ou exaggeradas, ácerca das enormes riquezas do Brazil, desvairavam a esse tempo os mancebos do Minho. Era o visco, de que se valiam os caçadores de homens

brancos, para arrastarem, como rebanhos, ás praias do imperio transatlantico as victimas de suas torpes especulações. Manuel Amorim fôra um dos seduzidos, e o nosso poeta, nas frequentes visitas a bordo do navio, que havia de transportal-o, tentado pelos alliciadores e pela sua phantasia ardente, em breve caiu tambem na rêde. Custou-lhe a arrancar a licença appetecida. As entranhas de sua mãe rasgavam-se com a mágua de ter de dizer alli adeus por tanto tempo aos primeiros fructos do seu amor. Os parentes resistiam ; e alguns compatriotas oppunham-se, generosos, ou esquecidos das paredes derrubadas, das arvores torcidas e das hortaliças e searas pisadas pelo rapaz travesso. Por fim a pertinacia do moço aventuroso venceu a ternura assustada. Não houve remedio. Foi preciso deixal-o partir!

A viagem tornou-se arriscada. A fome, a sêde, as calmas, e as tempestades juntaram todos os seus tormentos para darem ao viajante inexperiente a amostra do que o esperava na terra estrangeira, que de tão longe vinha buscar. A embarcação aferrou o porto de Santa Maria de Belem no Pará. Apenas desembarcaram, viram-se logo formados em turmas no caes da alfandega os emigrados voluntarios, e começou para elles o desengano completo das illusões, que os attrahiam. No meio de uma multidão de gente de todas as côres giravam alguns brancos, rindo, chasqueando, e inventariando a mercadoria. Era a praça dos escravos portuguezes que se abria para substituir a praça da raça negra! Gomes de Amorim, attonito, contemplava aquelle espectaculo, via os seus companheiros desapparecerem uns apóz outros, e ainda não acabava de perceber que estava alli para ser vendido. Um contractador levantou-lhe a cabeça pen-

dida de tristeza sobre o peito, e mandou-o falar! Um preto approximou-se, e perguntou-lhe o nome, accrescentando se queria servil-o? Uma figura ignobil, rota, e descalça, carregou-lhe por mofa o bonnet sobre os olhos, applaudida pelos apupos e algazarras dos que a rodeavam. Ao cabo um comprador mais apressado disse duas palavras ao capitão do navio, que em pessoa ajustava o seu negocio de carne humana, e ordenou ao irmão do poeta que o seguisse. O pasmo e a afflicção nem consentiram que os dois se despedissem. Arrancaram-n'os dos braços um do outro, e Manuel foi estrear a sua nova carreira, guardado com tanta vigilancia, que em uma cidade pequena só no fim de seis mezes soube o poeta que elle existia e aonde trabalhava.

Gomes de Amorim, quasi só, e olhado *como refugo* pelos entendedores, nem animo tinha para chorar. Separado por milhares de leguas de quantos amava, ou conhecia, entrava nas amarguras do desterro, aos dez annos de edade, pela porta mais dolorosa e que mais fere o coração, pela porta do captiveiro. Passadas horas chegou-lhes a sua vez tambem. Achou senhor! Um homem trajado de pardo, afagou-o com brandura, e disse-lhe que o acompanhasse. Saltaram-lhe então as lagrimas, as primeira lagrimas de homem, que o infortunio expremia de olhos, aonde até ahi só tinha rido a malicia pueril. Sentira a desgraça, affirma elle, no prologo do seu livro dos *Cantos*, do qual colhemos estes traços biographicos, mas não a vira. Agora, que a tinha junto a si, e que o seu peso lhe acurvava a alma, é que entendia e apreciava a miseria da sua posição!

Creança desamparada, a saudade, a memoria dos carinhos perdidos, e da patria distante tornavam-lhe pungente e terrivel aquelle

momento, em que lhe lançavam aos pulsos os ferros mal disfarçados da servidão. Mas não havia que escolher! Banhado em prantos obedeceu, e sem saber para onde, seguiu o novo amo. Chamava-se este José Maria Fernandes, e mereceu pela sua bondade, que o poeta, se recordasse d'elle com gratidão.

O tempo tudo gasta. Amorim cedo volveu á descuidada alegria propria dos annos de pouca reflexão. Caixeiro na loja de Fernandes, tão rapidos progressos adeantou dentro de um anno, que, sem vaidade, podia olhar-se como o açoute e o flagello dos freguezes do estabelecimento, que a palmatoria infatigavel do proprietario nem sempre resguardava das manifestações violentas do seu patriotismo juvenil. Os pezos das balanças, os copos, e as garrafas voavam despedidas ás faces dos agressores, pretos ou mulatos, e nos lances duvidosos uma surriada de pedras, puxada com a pericia adquirida nas campanhas minhotas, rematava a derrota dos mais recalcitrantes. Os vôos d'este heroismo subiram tão alto, que o patrão perdeu de todo a paciencia. Um servo elegante e almiscarado, mas atrevido, do presidente da provincia desafiou com um dito grosseiro as iras faceis do bellicoso caixeiro. A correcção foi prompta. O poeta puniu-o por onde peccava mais. A colher da manteiga, enorme e carregada, barrou-lhe a cara com tal certeza, que parecia mascara adaptada ao rosto para lhe tirar o busto. Ao mesmo passo um barrete de gordura cobria-lhe os cabellos frizados, e uma mordaça de nova especie afogava-lhe a voz. Desatinado e cego, o infeliz tractou primeiro que tudo de libertar os olhos, e apenas os poude abrir rebentou como um raio pela rua fóra, direito ao palacio, que servia. Fez ruido a scena comica, o presidente exigiu a desaffron-

ta do lacaio, e Fernandes, apoz um castigo exemplar, que não amaciou a cholera no rancoroso magistrado, tractou de ceder sem demora os serviços do moço turbulento a algum vizinho. Mas a reputação de Amorim chegára longe! Os mercieiros e logistas sobresaltados tremiam só de lhe ouvir o nome, e nenhum queria ver-lhe nem a sombra ao balcão de sua casa. Para o accommodar foi necessario procurar-lhe um estabelecimento no extremo opposto da cidade, depressa immortalizado por aventuras eguaes, de que se lembram ainda os patriarchas do commercio.

Ia fazer os doze annos, e não sabia ler. Envergonhou-se da ignoranica, e em poucos mezes de applicação venceu-a. A primeira obra que o acaso lhe abriu deante dos olhos foi a *Historia de Carlos Magno e dos Doze Pares de França.* As proezas dos paladinos, os requebros da formosa Floripes, as furias do Almirante Balão, e as gloriosas cutiladas de Durindana extasiaram-o. Quiz auditorio, que o acompanhasse na admiração, e recrutou-o. Apenas o amo se ausentava, uma pinha de pretos, de tapuios, e de mulatos, suspensa dos labios do leitor, applaudia com elle o valor de Oliveiros contra Ferrabraz, e pranteava em berreiro tragico a heroica morte de Roldão em Roncesvalles. A leitura era n'esses dias fructo defezo no Pará, e por isso mesmo saboroso. Amorim por indole indocil aos caprichos tyrannicos, estudando, vingava-se do odio geral dos mercadores á lettra redonda. Dentro de algumas semanas decorou e recitava todas as oitavas dos *Lusiadas*, primeiras licções de historia e de poesia, que tomou. E' força confessar que o mestre não podia ser melhor.

Aborrecido da vida de caixeiro, jurou deixal-a, e seu irmão e um primo, de que era

hospede, debalde teimaram por tornarem a sujeital-o. Convencidos de que luctavam em vão, propozeram-lhe outras carreiras — a de artista, a de padre, a de medico, ou a de advogado, obrigando-se a correrem com as despezas necessarias. Rejeitou-as todas. As grandes florestas estavam proximas, e ha muito que elle se sentia como assaltado da nostalgia das selvas, e que ardia em impaciencia de percorrer livre aquellas solidões, cujos perfumes acres nas azas da briza nocturna o convidavam de perto. Via n'ellas, exclama elle, a patria do seu pensamento, a terra da eleição com que sonhára. Decidiu-se. Um dia de madrugada embarcou em uma canôa e partiu para o rio Xingú.

Apenas entranhado nas mattas virgens achou-se no seu reino, no imperio de sua phantasia. A onça, o tigre e o tamanduá não o espantaram. Ás serpentes, os jacarés, os gentios de todas as raças ainda o assustaram menos. Costumou-se á sua presença. A existencia, os festins e os costumes barbaros transformaram-n'o quasi em um dos heroes de Cooper. Trocou a espingarda pela frecha, o idioma natal pelo dialecto dos jurumas, ou pela lingua dos tupis e em breve a vida fragueira bronzeou a sua côr, tornando-a quasi similhante á dos tapuios. Esqueceram-lhe os livros e só repetia mentalmente uma, ou outra estancia de Camões, quando espreitava com o arco retezado e a tacuára em punho a passagem da anta ou do veado.

Depois de vaguear um anno inteiro pelas matas e cachoeiras do Xingú, subiu o Amazonas, e veiu completar os treze annos de edade ao seio da linda e viçosa villa de Alemquer, assentada na orla da terra banhada por um braço do immenso rio, entre os grandes lagos Curumurú e Surubiú. Foi ahi, em casa

de uma familia indigena, e dentro de um cesto forrado de folhas de bananeira, que entre quatro, ou cinco livros velhos, encontrou e leu pela primeira vez o admiravel poema de *Camões*, por Almeida Garrett, edição do Rio de Janeiro.

A sublime elegia dos infortunos do grande cantor fez da creança errante um homem, e do homem um poeta. A vocação adormecida dispertou com as harmonias divinas do verso. A alma abriu de repente os olhos, e a natureza appareceu-lhe outra e mais bella. O canto das aves, o murmurio das aguas, o gemido da briza, entre as flores, os seus gemidos por entre as copas das arvores gigantes, soavam-lhe nos ouvidos, affirma elle, com melodias tão novas e deliciosas, que pasmava de si e de tudo o que cercava. Rios, lagos, selvas, montanhas, e ceus, vestiam galas e descobriam esplendores, que até ahi não percebêra. Uma voz occulta traduzia-lhe estas sensações raras e quasi magicas em palavras vagas e incoherentes. Adivinhava, não aprendia. A revolução fazia-se dentro d'elle e fóra d'elle. O seu espirito enchia-se de luz. O dom da revelação poetica descia sobre a sua fronte, dissipando as trevas da edade e da educação. A musa chamava-o e sorria-lhe do fundo das florestas. Encontrava-se em fim com o seu destino. D'ahi em deante ia trilhar sem hesitação a via dolorosa dos que Deus sagrou interpretes das maravilhas da creação e dos mysterios do sentimento!

Em uma carta escripta a Garrett, com a singeleza dos primeiros deslumbramentos, Amorim retratava-lhe esta sua agitação e perguntava-lhe se ella seria indicio de engenho captivo, que desejasse soltar-se e voar? A carta gastou largo espaço em baixar das vertentes dos Andes e em atravessar o A-

tlantico. Alcançaria resposta? O oraculo consultado a tantas mil leguas de distancia falaria? Garrett era grande em tudo. No fim de dois annos e meio, em 1844, Amorim recebeu no Pará a boa nova da sua vocação, firmada pela penna do mestre. O grande poeta consolava-o e animava-o! Extendia-lhe a mão, e dizia-lhe que tivesse confiança! Divulgou-se a noticia, quizeram muitos ver essas linhas do punho do cantor adorado quasi como um semi-deus em todo o Brazil. Os incredulos emmudeceram, e os que antes se tinham rido das travessuras da puericia indomita do obscuro caixeiro converteram-se em seus admiradores. Invejavam-lhe como benção aquellas lettras, que lhe falavam do futuro e das grandezas do espirito.

A sorte estava lançada. Gomes de Amorim já não cabia na terra do desterro. Resolveu voltar a Portugal. Queria admirar de perto o homem, cuja gloria havia mais tarde de lançar um raio de luz sobre elle, estimando-o como amigo, e honrando-o como poeta. Não ignorava que novas provações e fadigas o aguardavam na patria, e que, para as promessas do mestre se cumprirem, carecia de envidar todos os poderes da vontade, resignado aos mais arduos sacrificios. Recolhia-se pobre e sem protecções, como partira. Dos sonhos d'ouro, que o tinham arrancado ao ninho querido de sua infancia, a unica riqueza que trazia era a esperança! (1)

(1) Este artigo publicado no numero IX, do 5.º anno (dezembro de 1864) da *Revista Contemporanea*, tinha n'este original a indicação de que continuava Infelizmente n'esse mesmo numero suspendeu sua publicação tão excellente *Revista*, e o artigo não teve seguimento.

CAMILLO CASTELLO BRANCO

Não intentamos aqui hoje o esboço biographico, a que tem direito o escriptor applaudido, cujas feições reproduz a nossa estampa. Falta-nos o espaço para o fazermos com a pausa e reflexão, que pede a sua feliz e variada vocação. Não nos absolvemos, porém, do encargo, para nós honroso, de pagar mais este merecido tributo a um engenho eminente. Timbrámos, sempre, e havemos de continuar no mesmo caminho, no proposito de entrelaçar uma flôr embora com mão humilde, na viçosa corôa que cinge a fronte dos homens, que honram com o trabalho intellectual o proprio nome e a patria do seu berço.

A gloria de Camillo pela indole do seu talento, e pelas galas que ornam os seus escriptos, não carece da posteridade para assignalar com viva luz o logar elevado, que occupa. O observador penetrante da sociedade portugueza contemporanea, o pintor tantas vezes inspirado das virtudes modestas, que a ennobrecem, ou dos vicios e ruins paixões, de que ella adoece no meio das pompas luxuosas do seu cortejo; o auctor de tantos quadros notaveis pela correcção e verdade das figuras, paineis que podiam ser firmados por grandes mestres estrangeiros, não deve a sua realeza,

senão a si mesmo, senão a Deus, que o prendou de dotes privilegiados, senão á perseverança, mãe de todos os prodigios.

A vida para elle tem sido educadora severa, e não amiga, ou aduladora condescendente.

Na adolescencia e na juventude, os seus primeiros passos encontraram desde logo a provação dolorosa, mas necessaria, da lucta e dos obstaculos. E' d'esse tempo de combate e de silenciosas dôres o véu de tristeza, que lhe cae a miudo sobre o rosto; é d'esses dias de fadiga, de provação, e de duvida pungente, que talvez date o sorriso meio sceptico e quasi desconsolado, que lhe encrespa os labios com frequencia!

Não se aprende o que elle sabe e traduz nas opulencias do seu estylo no mundo dos felizes e indifferentes. A sciencia do bem e do mal, a mais alta e a mais cruel de todas as sciencias, desde Adão, não se estuda senão no livro, sobre todos difficillimo e arduo de interpretar, o dos mysterios do coração e da consciencia.

O que deve ter custado ao homem, que nasceu para amar, sentir, e admirar, o desengano das mais seductoras illusões, conhece-o unicamente aquelle que já o experimentou.

Sorrides dos poetas, da sua credulidade quasi infantil, da sua impaciente e extremosa sensibilidade, e da rapidez com que se deixavam alcançar dos tiros do infortunio e da ingratidão?!

Não os condemneis de leve. O preço da imaginação, que vos enleva, da mimosa suavidade, que vos attrahe, e das invenções delicadas, que vos convidam, são as lagrimas, as incertezas, e as feridas do orgulho.

Vêdes que o seu reino não é o vosso, e que o seu vôo os traz por cima das alturas, que se vos afiguram as maiores montanhas; sa-

beis que elles conversam com o espirito do passado e com as vozes divinas, que annunciam o futuro—que são videntes—e pasmaes de que o contacto rude de mãos grosseiras os fira; admiraes, que, voltando como o Dante todos os dias do mundo dos phantasmas, a sua pallidez diga aos homens os terrores e os trances da inspiração?

Não avalieis, pela rasteira prosa dos que se arrastam, o martyrio dos que gemem, choram, e se cobrem dos suores da agonia no horto da meditação, aonde expiam com o calix, raso de todas as amarguras ao lado, o crime de serem reis da intelligencia, mas reis apupados, affrontados, flagellados, crucificados não poucas vezes por aquellas mesmas turbas, que, arrependidas, hão de trocar os ultrages e as imprecações pelo tardio canto da apotheose.

Não pergunteis, pois, a Camillo, nem aos que padeceram como elle, pelos espinhos, que se lhe foram cravando na alma á medida, que se adeantavam, ainda envoltos na anciedade e nas trevas do seu destino. Venceram! Chegaram! Para os que vêem á superficie basta, e sobeja até. Para os que estão affeitos a adivinhar na melancholia do semblante, e na gota de fel, que salpica uma phrase, os segredos das existencias consumidas e desenganadas, não é preciso dizer-lhes tudo.

A plebe dos insultadores converteu-se em sequito do triumphador? O arco de cançado, depois de despedir umas apoz outras as setas contra elle, empenou-se ou partiu-se? A purpura retinta no sangue manado das feridas deu na vista ás multidões e decidiu-as a inclinarem-se?

Louvae as maravilhas do engenho, as grandezas do pensamento, e as transformações da fortuna. Ditosos ainda os que viveram assás para não descerem á sepultura com o fu-

nesto presagio de morrerem de todo. De ordinario o sol da gloria surge tarde, e só illumina os tumulos!

O auctor do *Homem de Brios*, das *Memorias do Carcere*, e de *Aonde está a Felicidade*, não é novo nos trabalhos, nas magoas, e nas desillusões a que alludimos. Em mais de uma formosa pagina de seus livros seria facil apontar a nodoa dos prantos, ou o ardor da chaga incuravel e profunda. Mas a historia publica e intima dos homens, como elle, não se escreve senão depois, assim como a justiça inteira, e o elogio sem restricções, não se concedem senão á sua memoria. Emquanto não restituem á terra tudo o que os fez eguaes dos outros, a sua elevação opprime os mediocres, a sua voz assusta os emulos, e o seu vulto assombra as vaidades invejosas, que suppõem, que elle lhes toma todos os passos, e lhes fecha todas as estradas.

Não falaremos, por isso, nas considerações, que havemos de dedicar á physionomia litteraria de Camillo Castello Branco, senão do que elle quiz que todos vissem e soubessem. Exceder estes limites fôra por demasiada sympathia, e por indiscreta curiosidade arriscarmo-nos sobre a orla estreitissima de um precipicio. O que nos pertence é o escriptor, o moralista, o observador, o romancista, o poeta. Tractaremos d'elles só, e não é já pouco para forças tão pequenas, como as que nos desanimam de sair victoriosos da empreza. O resto outros o dirão melhor á sua hora.

(Da *Revista Contemporanea*, de 1864.)

RAYMUNDO ANTONIO DE BULHÃO PATO

I

A lucta da poesia com a prosa não é de hontem, nem de hoje. O vôo livre da aguia sempre offuscou os que se arrastam, myopes e cançados, atraz das pequenas vaidades, e das pequenas coisas, mais orgulhosos da falsa gloria de homens positivos, do que se o louro da epopeia, ou o diadema dos principes da arte, lhes cingisse a fronte.

Para elles a estrophe esplendida, que sulca de luz uma épocha, a tela aformoseada pelo pincel dos mestres, uma estatua de Phidias ou de Canova, o *Othello* de Rossini, ou o *Prophéta* de Meyerber, são apenas vans sumptuosidades, que oneram os Estados, quando auxiliam o gosto, ou ociosas superfluidades, quando figuram como pompas accessorias do luxuoso tracto de alguns Mecenas enriquecidos pelo agio, ou pela usura.

Se não se atrevem a fulminal-as com altivo despreso é porque se temem do castigo; mas em segredo vingam-se sorrindo com olympica indifferença do premio, ou do louvor, que anima o alvorecer de uma radiosa vocação.

Que importam, porém, no meio da Europa

culta, os motejos anonymos, as repugnancias estultas, e as rivalidades ineptas da seita dos adoradores da prosa?

Empallideçam embora sobre o papel das copias officiaes. Para os confudir basta apontar-lhes para o sol da intelligencia, que ha tantos mil annos illumina o mundo.

Corôem-se no fôro, nos comicios, e nos pretorios, e no meio do seu cortejo de um dia proclamem que os libellos e as contrariedades, as circulares e as portarias concorrem mais do que os *Lusiadas* e a *Divina Comedia*, mais do que o Tasso e o Ariosto para ennobrecerem o brazão moderno das nações.

Em quanto elles blasphemam, cegos pelas trevas interiores, os que vêem adeantam-se, e assignalam o seu caminho.

Se lamentam que a admiração, ou estimulo (este raras vezes!) saúdem o genio, cuja realeza firma o throno na immortalidade, projectando sobre o futuro a sombra dos vultos que o dominam pelas idéas, nem por isso as queixas murmuradas a medo, e os reparos afiados pela inveja, ou pela calumnia, apagarão das paginas da vida intellectual dos povos os titulos, que os affrontam.

Deixae-os passar, os triumphadores da prosa, porque o seu reino acabará com elles. Occupam-se debalde em erguer, como prodigio de desveladas concepções, uma fabrica tão fragil, que, a meio seculo de distancia, já ninguem verá o edificio.

Quando o verdadeiro monumento á roda do qual esvoaçam como enxames endoudecidos se achar completo; quando o pensamento da épocha estiver traduzido no poema, na sciencia, no marmore, e no painel, a posteridade chegará á base, e gravando no rosto do seculo findo os nomes dos que foram grandes, dispersará ao longe, como inuteis e perdidas,

as cinzas d'essa obra, cujos architectos desconhecidos se julgaram a si mesmos gigantes, medindo-se, não pela estatura dos que o foram pelas faculdades, mas pelas proporções elasticas do amor proprio assoprado de paixões, que um impeto accende, e outro extingue.

Felizmente passou já o tempo, em que a corôa entretecida pelas musas encobría a corôa de espinhos. Hoje ha logar para todos, e nas eminencias do poder temos visto applaudir nos conselhos dos povos a voz eloquente dos poetas oradores, echo admirado da poderosa voz que agitava em Athenas e Roma auditorios compostos de nações inteiras.

Ser poeta, e só poeta, já não se reputa crime. A civilização concedeu fóros de cidade a esses *loucos* sublimes, como diz um grande escriptor, que atravessam as sociedades com os olhos da alma no ideal, e suspensos de seus labios param a escutal-os, como videntes e prophetas do porvir, (que o são em muitas occasiões,) aquelles mesmos que outros estudos chamam por opposta estrada. Irmãs e intimas, as artes e as sciencias abraçam-se, entendem-se, e completam-se.

Traçando o esboço biographico de um poeta, cuja carreira póde dizer-se que apenas se abriu hontem, antes de correr o lapis para delinear os contornos da sua physionomia animada e original, pareceu-nos que não seriam demais como fundo do quadro estas reflexões.

A nossa edade, mixto ainda confuso do antigo e do moderno, não corrigiu de todo os preconceitos e as theorias obsoletas do velho Portugal da saudosa era dos in-folios historicos, dos idylios, das nenias, e dos epicedios.

Lembra-se menos do que devia de Camões e dos cantores, que ornaram os seculos do seu

esplendor, e mais do que é justo da mendicidade e da servidão deploravel d'esses vates degenerados, que sacrificavam á gula e á devassidão, fazendo dos seus carmes venal offerta nos banquetes dos poderosos.

Estamos em epocha diversa, de certo, e a atmosphera é tambem diversa. O odio aos versos era o mote de graves togados, e de encanecidos estadistas, na decadencia, que precedeu a queda de um regimen decrepito.

Quem o adoptaria hoje? Abertamente ninguem; mas a occultas não faltam detractores, que, cheios de si e arrebatados pela admiração dos primores caligraphicos de uma penna official ao rasgar o cursivo elegante de qualquer carta de lei, não hesitam em se cortejarem uns aos outros em dialogos deliciosos, estampando o ferrete innocente da sua microscopica emulação sobre os talentos, que os deslumbram.

São os Sanchos dos nossos dias. Crêem que fustigando o humilde jumento podem acompanhar os que, sem os verem, os deixam longe de si não apressando o passo; e na obesidade irrisoria de sua fofa *burocracia* entre a raspadeira e o tinteiro, declaram-se opprimidos, porque não se commetteu a iniquidade de antepor o raso copista ao escriptor, a mediocridade ao engenho, a machina ao inventor.

A veia tão espirituosa no seu desleixo de Alfredo de Musset, que não perdoava facilmente, deixou-nos retratados os phariseus da arte, punindo-os com a immortalidade do ridiculo.

J'aime surtout les vers, cette langue immortelle.
C'est peut-être un blasphême, je le dis tout bas;
Mais je l'aime á la rage. Elle a cela pour elle,
Que les sots d'aucun temps n'en ont pu faire cas,
Qu'elle nous vient de Dieu—qu'elle est limpide et belle,
Que le monde l'entend, et ne la parle pas.

II

Bulhão Pato nasceu em Bilbau, nas provincias vascongadas, e foi creado em Deusto, pequena e risonha povoação assentada sobre o rio, a uma legua da cidade, viçosa de arvores e flores na frescura do valle, em que se debruça circumdada de montanhas, cujos tópes as neves encanecem nos rigores da estação.

Quando abriu os olhos, a lucta civil dilacerava a Hespanha. Póde dizer-se que foi embalado ao som dos canhões, e que a canção guerreira dos carlistas, ou dos christinos, foi o primeiro canto, que o adormeceu no regaço materno.

Singular coincidencia!

A geração poetica, que fundou entre nós a eschola moderna afinou as primeiras estrophes, e retemperou o estylo no meio do estrepito das armas. Garrett e Herculano, soldados e cantores, padeceram as dores e amarguras do exilio, e conheceram as estreitezas do assedio; a geração que se lhes seguiu ao entrar na adolescencia encontrou as paixões, os crimes, o sangue, e o luto d'essa guerra das idéas, a que os nomes dos principes serviram de bandeira, mas que no fundo se pelejava entre a sociedade antiga, que desabava, e o principio vivificante da liberdade moderna, robustecido pelas perseguições e pelo martyrio, que se erguia triumphante como Antêo da sua terceira queda.

Poucas provincias viram tão de perto, como a que foi o berço do nosso poeta, os horrores das discordias civis.

Tres vezes cercada, e nunca vencida, Bilbau salvou talvez a causa de Izabel II com a

vigorosa resistencia que oppoz a D. Carlos. Disparando a balla, que feriu mortalmente a Zumalacarregui, roubou ao exercito inimigo o grande general, que parecia captivar a fortuna, obrigando a victoria a ser-lhe companheira fiel em todas as emprezas.

No continuo perpassar de esquadrões, e dos corpos armados, que o odio politico tornára ainda mais implacaveis do que estrangeiros, a aldeia d'antes socegada e feliz, e a casa habitada pela familia de Bulhão Pato não poucas vezes mereceu a triste honra de ser designada para quartel general a officiaes de ambos os campos, e até para ponto de defeza.

Zumalacarregui commandava o segundo sitio de Bilbau, quando o poeta, ainda no balbuciar da infancia o viu no meio do cortejo bellicoso das tropas, e gravou na idéa a imagem d'este grande vulto guerreiro, talvez o maior d'aquelle doloroso periodo. O general tinha o seu quartel no convento dos Capuchinhos, em um cerro distante um tiro de espingarda da casa do auctor da *Paquita*, e apezar da edade tenra nunca mais o pequeno Raymundo esqueceu o dia, em que elle foi ferido, ficando-lhe representadas na memoria a tristeza e a desesperação, que romperam com a noticia da sua morte.

Quando a espada saiu da bainha, e esta se atirou para longe entre filhos da mesma patria, por onde passa a lava ardente tudo ficou queimado.

Foi o que aconteceu em Deusto.

Accusavam-n'a de se inclinar ao partido, que tomára por timbre sustentar os fóros das provincias vascongadas, e n'aquelle tempo atraz da suspeita pouco se demorava a vingança.

Breves horas depois de levantado o cerco de Bilbau, os soldados constitucionaes assolaram a povoação e os suburbios, procurando

exceder-se uns aos outros na barbaridade e nos estragos.

Logo em seguida as labaredas desenrolaram-se dos tectos, as portas arrombadas cederam ao machado dos assassinos, e o sangue das victimas inermes e sem culpa tingiu os louros de uma victoria, que as cruezas ennegreceram.

No meio dos horrores de similhante espectaculo, vendo ao clarão dos incendios a aldeia a abrazar-se, e as tropas convertidas em salteadores, atravessando carregadas com os despojos do saque, a familia de Bulhão Pato decidiu-se a desamparar a habitação aonde sem duvida egual sorte a esperava.

Foi um dos maiores e mais afflictivos transes, de que ainda hoje se recordam com horror os que o experimentaram.

Fugindo á crueldade dos vencedores, homens, senhoras, e creanças buscaram o refugio das montanhas por veredas penduradas sobre abysmos, por alcantis olhando para precipicios, por brenhas enredadas e sombrias. Este era o caminho que tinham de correr com o terror a aguilhoar-lhes os passos, e com a idéa da morte affrontosa a perturbar-lhes o animo.

Foi n'um d'esses lances desesperados, em que a realidade tantas vezes se adeanta ás fabulas poeticas, que, vendo o filho desfallecido de fadiga, a mãe de Bulhão Pato, tão extremosa quanto prendada de raras virtudes, cobrando brios com as ameaças do perigo, o levanta de repente nos braços, e encostando-o ao seio, sem permittir que ninguem mais lhe tocasse, com alento sobre-humano, sóbe com este peso, que o amor lhe torna ligeiro, as encostas mais ingremes, e transpõe com pé seguro os despenhadeiros mais arremessados.

Só quando respirou em salvo, e se achou

desassombrada do maior cuidado é que, sentindo fugir as forças, e conhecendo que a não podiam por mais tempo ajudar, depoz em terra a creança, de certo pasmada do vigor emprestado por aquelle arrebatamento de ternura, que só cabe no coração affectuoso da mulher, porque só ella sabe amar e morrer sem uma queixa, quando a voz do dever a chama, e lhe diz obedece!

Para o poeta este principio da sua carreira não foi perdido. Creado entre armas e combates, aprendeu a encarar o perigo sem receio, e, familiar com elle, a desafial-o mais de uma vez sem motivo, exaltado pelo ardor do sangue peninsular que lhe pula nas veias, e pela memoria da educação fragueira dos primeiros annos.

III

No meio dos conflictos civís, e no seio da perturbação, que elles geram, a estremecida infancia de Bulhão Pato atravessou o balbuciar dos annos ao collo dos carinhos e meiguices de paes, que punham n'elle todo o seu amor.

Entretanto não era entre o ruido das armas, que a sua educação podia corresponder aos cuidados e desejos dos que o amavam; e na falta absoluta de mestres, sua mãe D. Maria da Piedade Brandy, e sua irmã mais velha encarregaram-se de gravar n'aquella memoria tenra os rudimentos da instrucção elementar, que já podia receber.

Com ellas aprendeu a leitura, as primeiras noções de grammatica, e os principio da lingua franceza.

Seu pae, Francisco Antonio de Bulhão Pato, homem de vontade firme e de um va-

lor admirando nas guerras da independencia, incumbiu-se pela sua parte de lhe ensinar a escrita, e de o ir aperfeiçoando no conhecimento da lingua de Voltaire e de Chateaubriand.

Nos exercicios corporaes foi tambem quem o dirigiu, e, habil em todos, procurou que o desenvolvimento physico acompanhasse desde logo os progressos da intelligencia, que principiava a amanhecer.

Aonde o engenho do filho enganou as suas diligencias foi no estudo da mathematica. Por mais claras que lhe apresentassem as demonstrações, uma negação completa parecia cegar-lhe o entendimento, inutilizando todos os esforços.

De resto á viveza natural unia já as graças do espirito, realçadas por esses toques de profunda e melancholica sensibilidade, que de ordinario são depois na vida o segredo dos bellos rasgos da imaginação, mas que os maiores cantores expiaram sempre pelo doloroso preço de grandes amarguras, umas verdadeiras, outras mais apparentes que reaes, porém não menos crueis e pungentes para o que as padece.

Bulhão Pato nasceu fadado com este dom funesto para o mundo dos interesses e das vulgaridades, mas essencial, indispensavel, para aquelles, que a inspiração ha de arrebatar mais tarde, elevando-os acima dos pequenos colossos de vaidade que se chamam grandeza de sangue, opulencia de ouro, ou soberba de honras, e que não passam comtudo de pó assoprado, para lhe mostrar de alto todos os dominios do ideal, esse immenso imperio aonde o sol da gloria nunca teve occaso, e aonde reinam com os outros principes da arte Homero e Milton, Dante e Camões, Byron e Cervantes.

Para os que são poetas do coração, e não da cabeça, e que não devem a um temperamento particular a olympica indifferença, com que Goethe sabia servir-se das paixões como de instrumentos, que depois de aproveitados não hesitava em quebrar, os suspiros de Desdedemona, as estrophes de Parisina, as magoas, lyricas das canções do auctor dos *Lusiadas* e as queixas maviosas do cantor das *Folhas Caidas* não significam puros artificios de fórma, nem meros arrojos de metro. N'aquellas paginas, como em um espelho, reflecte-se a alma, (e que alma!) dos martyres das musas. Mais de uma vez os prantos melhoram a penna, que tecia as caprichosas linhas da phisionomia do immortal Quixote.

O riso que alegra a sublime ironia do heroico manco de Lepanto rebentava-lhe a elle em lagrimas pelos olhos, quando se contemplava a si, que Deus fizera tão grande, posto aos pés dos pobres de espirito e dos humildes de engenho, e quando para brindar a Hespanha com o monumento, que não a tornou menos afamada, que as suas conquistas e navegações, carecia de se arrastar de porta em porta pelas escadas dos cortezãos, implorando um Mecenas já com as sombras da morte sobre o rosto.

Na edade mais juvenil, a par da sensibilidade que se lhe notava, e que era o indicio da vocação precoce, os dotes de phantasia começaram a madrugar, revelando em Bulhão Pato, como em Bocage, as impaciencias do estro.

Falava com facilidade o francez e a lingua vasca, recitava com propriedade e calor os versos, que seu pae lhe dictava, e talvez mesmo os que compunha, porque o antigo militar das luctas do imperio estimava os versos, e não se despresava de os escrever no gosto da

eschola, que então dominava, e á qual o talento esplendido do vate Elmano poz a corôa na cantata de *Leandro e Hero*, e nos inimitaveis sonetos, que serão sempre o desespero dos imitadores.

Em 1837, mais desannuviado o horizonte politico da Hespanha, recolheu-se á patria a familia do poeta. Contava este apenas sete annos, e o mar n'esta primeira viagem e na edade em que todas as grandes sensações se incutem, não quiz que o baixel lhe cortasse as ondas sem se vestir das pompas da tempestade.

Por entre o clarão dos relampagos, e os escarceos das vagas despenhadas, soltos os furacões, e rebombando pelas aguas o estalar dos trovões, pintou-se-lhe a morte a cada instante, ora ameaçando o navio do fundo dos abysmos, ora saccudindo-o da juba espumante dos rollos atravessados. Todas as temerosas magnificencias, de que a tormenta se adorna, viu elle passar n'esses dias em que a esperança por horas chegou a sumir-se no anciado peito dos navegantes.

D'estas scenas grandiosas, em que o temor e a admiração do poder de Deus se abraçam, conserva o poeta ainda hoje viva a lembrança, e é provavel que nunca mais as esqueça. Quem uma vez, e sobre tudo quando principia a firmar no caminho da existencia os incertos passos, teve occasião de ver de perto o grandioso espectaculo, que elle contemplou ao sair da procellosa bahia de Biscaia, recebeu como lord Byron o baptismo do Oceano e cedo ou tarde, poderá retratar um dia, como o bardo inglez, alguns d'esses paineis, que ficam de pé na posteridade, louvados e applaudidos como as telas de Salvador Rosa, ou como as estancias de Camões, o cantor que melhor soube desenhar em grande as maravilhas da natureza dos tropicos, e a lucta dos elementos.

Quatro annos depois da chegada a Lisboa, em 19 de agosto de 1840, perdeu Bulhão Pato seu pae, ferido repentinamente por uma lesão do coração, quando o filho entrava nos dez annos, e quando mais necessarios se tornavam os desvelos e a vigilancia de um homem esclarecido para lhe encaminhar as inclinações nascentes, dirigindo por estrada propria a sua educação.

Mas se o tumulo acabava de se fechar sobre o protector da sua infancia, e se a mão vigorosa que o havia de ajudar a atravessar os principios da juventude lhe faltou de subito, no coração extremoso da mais terna das mães lhe concedeu a providencia a possivel compensação.

Estranha até ahi inteiramente á administração dos negocios domesticos, revestiu-se de valor para supportar as saudades da viuvez, substituindo pelo amor e pela dedicação a perda do chefe da familia.

IV

Senhora nos dotes da alma e pelas prendas do espirito, fez-se homem para salvar da ruina a pequena fortuna, que tinha escapado intacta dos revezes das commoções civis, e ao mesmo tempo não se poupou a sacrificios, nem a esforços, para abrir pelo estudo ao mancebo, que para ella era o penhor e o retrato do esposo morto, a carreira ampla, que os seus talentos lhe podiam proporcionar n'uma épocha, em que rasgados todos os privilegios hereditarios, só o engenho e o trabalho mobilitam e elevam.

Depois de frequentar no collegio da rua do Quelhas as aulas de instrucção primaria e as

disciplinas, que constituem o ensino secundario, provavelmente com a invencivel aversão, que de todos os tempos os moços imaginosos sempre consagraram aos bancos das escholas e á sineta claustral das horas de silencio, Bulhão Pato respirou com mais liberdade cursando os geraes da Eschola Polytechnica, creada em 1837 na dictadura de Manuel Passos pelo visconde de Sá da Bandeira, e hoje emula dos estabelecimentos da mesma indole em outros paizes.

Um obstaculo, porém, mais irresistivel ainda que a perguiça tão sabida nos validos das musas, desviava o poeta da fatal pedra, d'onde a mathematica, severa e rispida, o repellia com um desastre em cada licção.

Ser-lhe-ia mais facil compor em tres dias mil oitavas, mais ou menos estropiadas pela inexperiencia juvenil, do que arrostar-se com o terrivel volume das taboas de Callais, com as equações alegebricas de Francoeur, ou com os triangulos e trapesios de Vilella. No fim de longos dias de inutil e molesta peregrinação por aquella Siberia fechada para elle a sete sellos, retirou sem os despojos da batalha, trazendo para casa o fardo mais ligeiro possivel de conhecimentos scientificos.

Ajustada a somma d'este periodo, achou que tres annos consumira para ficar sabendo apenas a conta de diminuir practicamente, e a de repartir com soffrivel rapidez.—De multiplicar nada!

E' verdade que o seu professor de calligraphia, o qual hoje é de crêr que se entumeça de orgulho por ter guiado os primeiros riscos e ligações de tão distincto alumno, não póde com motivo jactar-se de haver sido muito mais feliz. A lettra do poeta é um pregão escandaloso contra as delicadezas dos finos e grossos, corôa e gloria de Venturas e Godinhos.

Mas se o genio de Laplace devia cobrir o rosto deante d'este desertor dos numeros e das formulas transcendentes, outras artes, mais amenas, extendiam os braços, e o convidavam sorrindo-se, a seguil-as

As musas, amigas da sua infancia, e companheiras da sua juventude, as musas que talvez não tiveram pequena culpa na derrota mathematica, segredaram-lhe, não se sabe como, a melodia ingenua e os toques graciosos, que recommendam a sua primeira poesia,—*Se córas não conto*—feita aos quinze annos, ao desabrochar da vida florente de mancebo, e recitada quasi ao ouvido pelo poeta com aquella timidez, que affronta as faces de rubor, e suffoca a cada syllaba a voz tremula de commoção.

Vão já longe para elle e para nós os dias, em que assistimos todos a esta primeira estreia de uma sincera vocação.

O poeta escondia-se então de si, e córando hesitava, mesmo animado pelo sorriso de Almeida Garrett, tão cheio de bondade quando saudava um engenho verdadeiro, tão ironico e malicioso, quando, entalado entre prosas pifias e versos claudicantes, sentia os ouvidos e o gosto martellados pela eterna legião de vates sepulcraes, cujas cabelleiras e barbas de porta-machado, eram a libré da seita romantica, seita no fim de tudo inoffensiva, e que veiu a morrer afogada em ondas de tincta e semsaboria, como lhe prognosticou o mestre.

Bulhão Pato desde o primeiro canto separou-se dos pios luctuosos dos barbadões, e dos punhaes e venenos dos auctores carniceiros, que, percorrendo os cemiterios em busca de caveiras luzidias, e de spectros melodramaticos, enchiam a scena portugueza de anões e lubis-homens, encascados em grevas e coxotes, em arnezes e celladas, encharcando de la-

grimas, que podiam ser mais bem aproveitadas, os lenços das beldades, que applaudiam por moda as tetricas e pavorosas composições, de que ás vezes só o ponto escapava para dar o ultimo reclame no meio dos bravos da platéa.

A poesia *Se córas não conto* composta em janeiro de 1847, é apenas um ensaio, mas um ensaio que logo denunciou duas qualidades raras, sobre tudo para a épocha em que foi escripta, — individualidade no estylo, e simplicidade desaffectada na fórma,—exactamente o contrario do que mais apparecia então na plebe dos glosadores servis das bellas odes de Victor Hugo e dos cantos de Lamartine.

Era um carme fugitivo, mimoso, cheio de frescura e de enlevo, um carme que se não torna a repetir, porque o coração dos quinze annos, que o inspirou, infelizmente com os atritos da vida, á medida que aprende, endurece, e por cada nodoa das paixões, que mostra, perde uma fibra maviosa, um sentimento juvenil, um dos perfumes, que exhala, quando puro se abre como flor ao sol e á alegria descuidosa da primeira existencia.

Foi a esta poesia quasi da sua infancia, que Bulhão Pato deveu o seu conhecimento com Alexandre Herculano, n'esse tempo mais recolhido do que hoje, e mais occupado com as lettras, do que em vigiar o arado. Achavam-se os dois á mesa, em casa de José Estevam no anno de 1848, quando os primeiros rebates da revolução de fevereiro em França traziam entre nós os animos exaltados, e as opiniões inquietas.

Estavam frescas ainda as cicatrizes da guerra civil de 1846, e os bandos, que a tinham pelejado, devorados pelos odios recentes, não conheciam a tolerancia, que actualmente con-

verteu em rivalidade de eschólas politicas as implacaveis e cruentas discordias, que ensanguentaram o berço da liberdade.

Presidia o ministerio o duque de Saldanha; e a urna eleitoral sob a pressão dos acontecimentos votára parcialmente ao ostracismo os maiores vultos do partido progressista.

Na tribuna, viuva dos grandes oradores, que a haviam ennobrecido, já não soava a voz eloquente de Almeida Garrett e do seu contendor de 1840. Rodrigo da Fonseca entrára na Camara dos Pares, e apenas alguns mancebos, novos no estudo das cousas publicas, e principiantes nas lides da palavra, começavam no parlamento o seu tirocinio.

Em casa de José Estevam uma vezes, outras na Ajuda, em casa de Herculano, e algumas no gabinete do auctor de *D. Branca* é que se reuniam os filhos da geração, que succedia á do Mindello, para ensaiar as primeiras obras deante da vista dos mestres, e com o conselho e incentivo d'elles.

Bulhão Pato, que apenas tinha rimado os versos de *Se córas não conto* obedecendo á vocação, como o rouxinol solta o canto sem esforço, nem intenção, admirava de longe os nossos grandes escriptores contemporaneos com aquella timida adoração, que é o pudor dos verdadeiros engenhos, e que o vulgo das creaturas mediocres nem aprecia nem percebe.

Nunca tinha visto Herculano, sabia-lhe de cór os livros, e contemplava-o silencioso com a especie de fanatismo, que depois o tracto e o uso transformam lentamente em amisade e veneração.

No fim do jantar executou-se o que fôra ajustado sem elle o saber. Prenderam o poeta moço e intimaram-o para recitar as estrophes, que o pobre cantor na sua modestia quasi in-

fantil julgava indignas de offenderem os ouvidos do auctor do *Monge de Cister* e da *Harpa do crente.*

O aspecto de Alexandre Herculano, na apparencia muito menos accessivel que o de Garrett, de certo não concorria para diminuir o enleio e a turvação do mancebo; porém não lhe valeram desculpas nem escusas.

A sentença estava proferida: foi preciso cumpril-a:

Principiou, pois, mais a balbuciar, do que a repetir os versos.

A' medida que as estrophes se desatavam, o sorriso de Herculano desenhava-se, alegrando-lhe a bocca severa, e tomando aquelle ar sincero de interesse paternal, que os seus intimos lhe conhecem, e que tanto lhe espiritualiza a phisionomia.

Quando os grandes rasgos e as grandes idéas lhe accodem; nas occasiões, em que a discussão ou o calor das crenças, exaltando-o, rompem, a frieza exterior, que parece tornal-o indifferente a tudo e a todos, a voz de dentro chama por elle, e a transformação opera-se. Então a cabeça inclinada para meditação e pelos habitos do bufete, ergue-se transfigurada de subito, e eloquente no olhar e na expressão, sublime muitas vezes pelo convencimento, ou pela indignação, adivinha-se com facilidade n'aquelle rosto, illuminado pela chamma do genio, o homem que soube combater pelos principios modernos, o poeta que tão nobres canticos elevou ao encostar a espingarda de soldado da liberdade, e o profundo pensador, que, levantando o sudario dos seculos e das épochas, lhes restituiu o viver e as feições, gravando na face do monumento a resurreição historica do que foi o velho Portugal, quando, livre pela espada, levantou á sombra da cruz a nova monarchia.

O sorriso de Herculano socegou os receios do poeta, e confortou-lhe a esperança. Os versos agradaram, e um aperto de mão e poucas palavras leaes, como as elle usa, disseram-lh'o apenas terminou.

(Da *Revista Contemporanea* 1860.)

PAQUITA

Por BULHÃO PATO

(*Carta ao sr. Eduardo Coelho*)

Meu amigo:— Os versos são raros entre nós, e os bons versos rarissimos. Os deuess fugirem do Olympo, e com elles vae desapparecendo a lingua suave e encantada dos vates. A prosa villã, como dizia Almeida Garrett, a prosa dos interesses mercantis e industriaes, inundando tudo, galga já a meia altura do Parnaso. A famosa Caballina seccou-se nos ardores da ambição, e a risada immensa de Polichinello estala galhofeira e implacavel ensurdecendo os ouvidos dos mais devotos cultores das musas. O mocho fatidico voou do elmo de Minerva e do poleiro venerando dos frontespicios dos livros da Academia. Os frisões de Phebo pegaram-se com as nebrinas do pardo agosto d'este anno; e por ultimo as nove irmãs, roucas e desgrenhadas com os defluxos germanicos, parece que estão dispostas a mendigar uma ferula de regentes nas aulas quasi desertas de algum conservatorio. Deus nos accuda com tantas quedas e abdicações!

O que nos vale é que ainda um outro filho de dias mais felizes guarda pura e illesa a primitiva fé. Castilho acaba de roubar ao

primoroso poeta mantuano o segredo do seu engenho bucolico, e as *Georgicas*, desespero de traductores e imitadores, ostentam na lingua de Camões todas as galas e feitiços de sua belleza irreprehensivel. João de Deus vae colligir em um volume, em um só ramo, todas as flôres, que tem semeado com mão prodiga em seu caminho. Bulhão Pato, além da *Paquita*, promette mais dois tomos de versos; Thomaz Ribeiro entretem as ferias campestres da sua aldeia com os ultimos cantos de um poema novo, e Mendes Leal ha de romper cedo o silencio com alguma de suas manifestações esplendidas. A par d'estes ha outros ainda que não desertaram os altares desamparados do primeiro culto, e, confiemos no poder da arte e da harmonia, a sua voz não suffocada resoará acima dos silvos da locomotiva, dos martellos das forjas, do ruido metallico dos balcões, e do susurro indifferente dos interesses mundanos. Não se vive só de pão, e o reinado das trevas começaria na hora em que o alvião e o camartello, a enchó e a plaina demolissem no seio de uma nação o throno do espirito.

N'esta conversação familiar, quasi intima, e desprendida das formas cerimoniosas da austera matrona chamada critica, permitta, meu amigo, que eu siga a corrente, e que lhe fale a lingua raza e plebeia, de que me queixei ha pouco, já que por desgraça nunca alcancei medir e rimar dez versos certos. Que importa? Por não forçar a vocação, por não deixar os ouvidos dos leitores a escorrer sangue, ou por não disparar contra elles rimas mais duras do que pelouros, nem por isso me julgo incapaz de sentir e de apreciar o bello, e posso affiançar melhor a imparcialidade, achando-me fóra do alcance da sancção penal do adagio. Não sou official do mesmo of-

ficio. Basta de digressões. E' mais do que tempo de entrarmos no assumpto.

Bulhão Pato publicou agora seis cantos da *Paquita*. O primeiro viu a luz em 1856 ha dez annos, e, sem ser classico, o poeta cumpriu o preceito horaciano:—*decies reddatur ad unguem* —«Mas o poema continua, exclamam os precatados, vae apenas no começo, e está longe da conclusão? Esperemos! Depois de acabado é que o havemos de saborear». Não é possivel, leitores! Poemas, como a *Paquita*, lêem-se e compram-se assim. Cada episodio completo forma uma parte. O *D. João*, de Byron, ficou no canto XVII. *El Diablo Mundo*, de Espronceda, tambem o atalhou a morte no canto VI. O Ariosto, depois de pôr o remate no canto XLVI pelo combate singular de Rugero e Rodomonte á sua epopeia romantica, ainda cinzelára mais cinco cantos (*i cinque canti*) fragmento de segundo romance forjado por aquella imaginação inexgotavel, e talvez mais amplo do que o primeiro. Pepe na *Paquita* correu apenas os primeiros passos? Amou e foi amado, trahiu e foi trahido? A formosura, a juventude, os jubilos e o sol da esperança douram-lhe a existencia? Chrysalida louca e descuidada, rompendo o involucro, ensaiou apenas os vôos; e beijou só as primeiras flores? Contaes que o poeta o não deixará morrer prosaicamente de uma febre cerebral entre dois amores, que podem e devem resuscital-o?

Tudo isso é verdade, mas não o é menos, que Pepe agoniza, que os lindos olhos de Adelina aonde as lagrimas se congelam em perolas do coração, não obraram ainda o prodigio de o despertar do somno lethal e que uma receita do dr. Placido, se a desgraça o traz casualmente á sua cabeceira, é capaz de quebrar o fio tenue que o tem suspenso entre o tumulo e a vida nova. Se o poeta não disse,

mais nada, se outros seis cantos não accudirem com a redempção, Pepe acaba na sua cama, como qualquer heroe de romance ou da historia, e as formosas peccadoras, que o estremeceram, cobrirão no primeiro baile o lucto da alma com os sorrisos, e os volteios arrebatados da valsa doudejante. Estes romances, em que o assumpto se desdobra por partes como a tela matizada de um quadro immenso, raras vezes se fecham regularmente, e de ordinario é a phantasia do leitor quem os termina. Byron deixou o seu D. João palpando na escuridão o corpo gentil da duqueza de Fitz-Fulke, e tinha riscado mais cento e trinta e quatro cantos (!) O Bojardo parou no mais intrincadodo enredo, e com os fios soltos do trama interrompido urdiu o Ariosto os episodios principaes do *Orlando Furioso*. Espronceda saía apenas do prologo, quando a penna lhe caíu das mãos quasi repentinamente. E apezar d'isso *D. João*, o *Orlando Innamorato*, o *Orlando Furioso* e *El Diablo Mundo* são lidos, estimados e festejados como obras completas. Cada genero segue as suas condições.

Qual é porém a filiação da *Paquita*? Quem são os seus antepassados na successão tão variada das manifestações da arte? Descende da numerosa familia dos poemas romances, que no seculo XVI desabrocharam na Italia, patria privilegiada do Dante e do Petrarcha, de Raphael e Miguel Angelo, asylo mimoso das lettras fugitivas, sanctuario inviolavel dos grandes pensamentos? E' um ramo bracejado da frondosa arvore das epopeias romanescas, que desde *I Reali di Francia*, *Busvo d'Antona*, e *La Regina Ancroya* brotados na primeira epocha. e do *Morgante Maggiore* do Pulci, ou do *Mambriano* do cego de Ferrara nascidos na segunda, não cesse de

crescer e de subir, alargando a copa, até se estrellar das mil côres variegadas, de que a ornou a maravilhosa invenção do Ariosto, continuando o *Orlando Innamorato* do Bojardo? Sorri em suas feições o genio risonho e imaginoso d'essa pleiada immortal, que enxertou no velho tronco já tão carregado de ramos as aventuras complicadas do *Orlando* por Berni, de *Prime emprese d'Orlando* por Dolce, da *Angelica Innamorata* por Brugiantini e do *Ricciardetto* por Fortiguerra?

Ha na *Paquita* reflexos visiveis d'aquella eschola admiravel. O riso e as lagrimas fundem-se muitas vezes na mesma estrophe; a vida real passa por entre os festões de folhagens e de flôres da creação phantastica; o suspiro doloroso quebra-se nos fios do epigramma furtivo; e a nodoa amoravel do sentimento profundo apaga-se com frequencia nos gracejos ironicos da musa terna, galhofeira ou sentimental, que mira em todos os aspectos a physionomia vária e espirituosa, trocando mais vezes as formas no mesmo canto, do que o Protheo antigo.

Mas, curvando-nos n'este ponto á evidencia, faltariamos á verdade se não vissemos no rosto da *Paquita* senão as côres e a expressão meridional. Não é franceza não de certo; não repete o cançado thema das imitações monotonas; mas não é tambem italiama estreme, embora o veu de Beppa, a veneziana, lhe realce a face tão graciosamente como a mantilha sevilhana. O poeta, á maneira de Alfredo de Musset, pode dizer de si rompendo com os traslados e com as copias servis:

J'aime surtout les vers, cette langue immortelle;
C'est peut-être un blasphéme e je le dis tout bas;
Mais je l'aime á la rage. Elle a cela pour elle,
Que les mots d'aucun temps n'en ont pu faire cas.

Qu'elle nous vient de Dieu—qu'elle est limpide et belle,
Que le monde l'entend et ne la parle pas.

E sem existir intimo parentesco entre o auctor da *Paquita* e o auctor dos *Contes d'Espagne et d'Italie* quem não descobre em muitos trechos do poema certo desprezo calculado da forma para fazer sobresair depois as bellezas, o mesmo gesto livre e desassombrado, egual elegancia desenfeitada e um sainete quasi andaluz, que faz lembrar o da musa independente, estouvada, vagabunda, e por vezes tão sensivel de Musset? Ao mesmo tempo quem não sente no painel rapido, que aviva, brincando, os toques satyricos dos retratos das Preciosas, do dr. Placido, dos vates funebres, e dos Mundanos da sociedade, o gume frio e cortante da ironia mordaz da alma inconsolavel de Byron? Finalmente, em alguns trechos arrebatados passa como nuvem negra ás vezes a sombria interpretação *del Diablo Mundo*. São momentaneas, são fugazes estas chispas, bem sei, mas de todas as expressões voluveis se compõe o typo do poema, e de todas se deve tomar nota para o apreciar devidamente.

A *Paquita* approxima-se mais na estructura externa do *D. João* de Byron, do que dos *Orlandos* do Ariosto, e do Bojardo. Não podia deixar de ser. Entre o seculo XVI e o seculo XIX abre-se um abysmo insondavel nas idéas, nas tendencias, e nos costumes. Mas quando se estuda mais de perto a organização intima dos dois romances-poemas vê-se que são profundas as differenças, que os separam. Se o D. João do cantor de *Child Harold* não se assimilha ao D. João de Mozart e de Moliére tambem o Pepe da *Paquita* se não parece com elle se não em serem ambos hespanhoes, em correrem ambos aventuras, e em

serem dois personagens eroticos. Byron resumiu nos dezeseis cantos do *D. João* a substancia da sua philosophia sceptica, vertendo em ondas todo o fel de uma alma ulcerada e descrente, todo o veneno do espirito mephistophelico sobre as inspirações mais nobres e sobre os sentimentos mais puros. Os episodios formosos, os lances dramaticos, a luz suave dos climas encantados, tudo se apaga subitamente nas trevas da duvida e do escarneo. Sobre os suspiros melindrosos do affecto, sobre as expansões delicadas do coração um riso cruel condensa as sombras da incredulidade, do motejo, e do desprezo. Pepe não é filho da descrença. Entra na vida pelas portas da aurora. Todas as formosuras, todas as illusões lhe sorriem. Borboleteando por cima das flôres, o seu perfume inebria-o, e o fulgor de uns lindos olhos enlouquece-o. O sangue arabe gira-lhe nas veias. Os sonhos ditosos embalam em nuvens douradas aquella alma namorada. No seu peito, a imagem de um amor só esmorece desvanecida pela visão recente de outro amor. Sensual, como D. João, mas de uma sensualidade mais poetica, passa dos ardores da paixão physica para o extasis da paixão platonica quasi sem transição, e com egual enlevo. Castelhano crê em Deus e na sua dama, e, prompto sempre a morrer por ambos, floreia a espada com a mesma facilidade, com que suspira na guitarra ao doce clarão da lua mil idyllios, ou com que, ajoelhado deante do altar, esquece por instantes aos pés da cruz os ferventes osculos do amor.

A individualidade de Pepe, como se nos representa, e a pintamos, constitue a unidade unica do poema. No mais tudo é varieda de e infinita liberdade. Acceitando n'esta parte a anarchia fecunda do Ariosto, imitada por Byron, o poema rompe com todas as re-

gras e tradições classicas, e logo desde a invocação trilha um caminho, que os carpinteiros de poeticas, cegos aduladores da immobilidade, não apontam em seus roteiros epicos. As heroinas multiplicam-se, os personagens acotovellam-se, a acção complica-se, o enredo trava-se e enlaça-se, e no fim do canto VI o protogonista desfallecido de tantas fadigas cae prostrado no leito da dôr. Esta pausa, necessaria depois do turbilhão, este repouso logico apoz o activo vortice, prepara o leitor para novas scenas e novos rasgos. E' o methodo do Ariosto e de Cervantes. No meio de um incidente, em que a anciedade palpita, o primeiro sorrindo, levanta o vôo, e segue Astolpho ao reino da lua, emquanto o segundo deixa a gaiola dos leões aberta, e o cavalleiro da Mancha de lança em riste e abre outro capitulo.

A *Paquita* encerra grandes bellezas de estylo, de sentimento, e de metrificação. Por todo o poema circula um sopro vivificador, que anima as figuras, as paizagens, os retratos e as scenas. A' maneira do Ariosto e do Byron o poeta conversa familiarmente com o leitor, espraia-se em digressões, moraliza os incidentes, e chora ou ri, sobre os successos e os personagens. No variado matiz da ficção o ideal e a realidade fundem-se. A belleza humana e a belleza espiritual travam-se. A poesia e a prosa da vida avultam, umas vezes a par, outras separadas. Desde o devaneio quasi ethereo até á rizada zombeteira, o alaude percorre sem esforço e quasi no mesmo momento todas as notas e todos os tons da escala. A palheta offerece ao pincel as côres mais naturaes e as tinctas mais raras. O quadro muda de aspecto e de pessoas de instante para instante sem violencia, e por graduações quasi insensiveis.

No caracter de Pepe ha mais de um toque vivo, que recorda a individualidade do poeta. Bulhão Pato, como Byron, introduziu algumas feições suas no retrato do heroe. Pepe, jovial, devorado de appetites ardentes, e de paixões impetuosas, se em muitos aspectos representa o typo juvenil da humanidade, colhendo a esperança em flôr, por outros vê-se que já aprendeu a vida, e que a sabe, falando sem balbuciar a lingua seductora dos affectos. Na carreira vertiginosa, que enceta, crestando cedo as azas á innocencia, adivinha-se que ha de assellar com beijos de fogo sobre labios de rosa o pacto do ideal com os sentidos. Como adora *Paquita* e a estremece! Que frescura n'aquella scena das visitas nocturnas do jardim! Não falta alli nenhum dos perfumes do amor. Que ternura n'aquelle adeus! Como foge o coração aos dois na despedida, como a alma entre saudades e tristezas se lhes derrete em prantos, ao passo que a luz branca da lua se pousa melancholica nos myrthos e rosaes que a aragem suspira descabellando as copas das olaias, e que o rouxinol no silencio cortado dos soluços dos amantes repete o canto namorado de Romeo e Julieta! Pepe arranca-se por fim aos meigos braços que o prendem, e deixando metade de seu sêr e a doce imagem gravadas no peito da donzella, corre atraz da voz que o chamou de longe, voz que todos ouvimos, na mesma ditosa edade, voz que os gelos do inverno esmorecem mas que só a mudez do tumulo apaga no ouvido inteiramente.

No desenho das mil contradicções do caracter feminino, o poeta em um traço, com um sorriso, com uma reticencia ás vezes pinta, ou esculpe uma physionomia, e mostra haver estudado profundamente todos os segredos caprichosos da formosura, mesmo quan-

do os véus pudicos do recato virginal mal a deixam aperceber-se pelas confusas palpitações do seio do alvorecer da ternura em um peito, que ainda ignora o que é amar. Paquita, Angelita, Herminia, Adelina são mulheres. Vivem e sentem, estas com a candura descuidada da adolescencia, aquellas com o ardor intenso, mas contido, da paixão. Emquanto umas solettram nas paginas quasi em branco do livro da vida, aberto apenas hontem, as primeiras lettras do enygma, que é já e ha de ser depois o mysterioso destino de toda a sua existencia, as outras, feridas da experiencia dolorosa de illusões cem vezes mentidas, passam dos raptos do delirio aos trances do ciume e mesmo apertando a realidade nos braços temem vêl-a fugir para sempre como sonho. A metrificação da *Paquita* em geral é primorosa. A rima não acanha, ou estreita, em suas peias o pensamento. Nos cantos v e vi, especialmente, a riqueza e a perfeição, e a facilidade com que o verso traduz os conceitos, e parece desafiar os obstaculos de proposito para os vencer, são admiraveis. A invenção tambem se affirma e robustece n'estes dois cantos, a nosso ver os mais bem acabados do livro. No iii e iv nota-se alguma incerteza na acção e certo excesso nas digressões. No i e ii ha um sentimento delicioso na pintura do affecto juvenil de Pepe e de Paquita, e rasgos de fina critica no rapido esboço de alguns caracteres; mas aonde o poeta ostenta todos os poderes, todas as galas, todos os enlevos da imaginação é na invocação maviosa do canto v, em que o idylio e a elegia se fundem com graça e requebro inimitaveis, é no retrato delicado de Adelina e da viscondessa, é na scena nocturna de Pepe, e de Herminia. A pintura esmerada de Angelita, a chistosa malaguena andaluza, cantada por

ella, o drama intimo de um affecto nascente combatido pelo dever, e a recitação de Pepe intitulada o *Baile*, são trechos, que dão subida valia ao canto VI pela correcção e variedade dos toques, pela interpretação verdadeira e por vezes sublime da vida e pela graça, proporção, esmalte do estylo. O *Baile*, pelo movimento e pelo cinzel primoroso que lhe apurou as estrophes, compõe só por si um trecho lyrico precioso. Citaremos algumas oitavas, deplorando não podermos citar tudo:

Entrei no baile, quando a valsa rapida
Corria a sala em airosas voltas!
Das leves roupas, transparentes, soltas
Que doce aroma se esparzia no ar!
Parei mirando aquellas frontes candidas,
Que se animaram d'alegrias loucas,
Amor calando nas graciosas boccas,
Amor dizendo no inspirado olhar!
.. ..
Volta suspensa sobre os braços tremulos
Do par ditoso, que o salão percorre;
Nos doces echos a cadencia morre;
Cessa o delirio do girar febril!
Parou sorrindo; de seus olhos languidos
O azul celeste resplandece agora,
Como aos lampejos da punicea aurora
O ceu resplende no florido abril!
.....
Porém de novo o seu olhar, volvendo-se,
O meu procura com profundo affecto;
O seio virgem lhe palpita inquieto;
De novo a walsa no salão rompeu!
A walsa! a walsa! d'esta vez sorrindo me,
Nos meus braços com ternura enlaça:
Assim o archanjo n'este mundo abraça
O venturoso que transporta ao ceu!

Eis entre muitos, egualmente bellos, um exemplo de que não exaggerâmos o louvor. Se o espaço o consentisse provariamos que, em todas as notas do sentimento, em todas as

outras cordas da poesia, seria facil apontar episodios inteiros acabados com mestria summa, e filhos de uma inspiração poderosa. A singeleza realça a variedade n'este poema tão completo e tão diverso. A veia do trovador, o alaude romantico nos seus mais apaixonados cantos, o riso e os prantos, a ironia e o motejo, a melancholia que enleva, a dôr muda que faz chorar, o drama e a comedia, o idylio e a elegia, tudo se liga, tudo se enlaça, succede, e reproduz n'este quadro transparente, sincero espelho da vida em suas manifestações multiplices. Original na idéa, profundamente peninsular nas feições, na lingua e nos affectos, a *Paquita* viverá emquanto se falar e escrever a lingua de Camões. E' um livro que ha de ficar. Seus defeitos pode a lima do auctor gastal-os de edição em edição; suas formosuras, resplandecentes como o bello sol que as viu brotar, hão de confirmal-as cada vez mais os annos e o gosto publico. Emquanto outras composições, filhas caprichosas de um devaneio momentaneo, revoam queimando á luz da publicidade sua belleza de um dia, o poema de Bulhão Pato, tentativa coroada de exito, monumento que guarda a cúpula, irá subindo de andar em andar, até entestar com os mais altos, se a mão do architecto não affrouxar, ou não enfraquecer no risco. Esperemos que não. Vimos nascer a *Paquita* ha dez annos, e sabemos que no meio de todas as infidelidades o poeta, veiu sempre repousar-se do bulicio da vida e até das acclamações mais festivas juncto d'ella. Estremece-a como filha. Quer-lhe como ao seu primeiro amor. Contemos que o generoso Pepe ha de levantar-se do leito da dor, e que novos cantos dirão suas novas aventuras.

(De um folhetim do *Diario de Noticias* de 186...)

NOTA DOS EDITORES

O estudo que em seguida publicamos não tem aqui o seu devido logar; antes deveria entrar n'um dos volumes dedicados a *Estudos Historicos;* a necessidade, porém, de darmos ao leitor um volume regular, nas dimensões dos outros, nos obriga a incluil-o aqui, o que o publico facilmente comprehenderá e desculpará.

O INFANTE D. HENRIQUE

I

Foi o decimo quinto seculo um dos mais notaveis na historia da civilização moderna. A Europa, rejuvenescida, começou a extender os olhos por mais longos horizontes; a politica dos estados principiou a assentar regras menos obscuras, ligando-se os reis e os povos com relações mais intimas e mais seguras. As sciencias e as lettras, por tanto tempo confusas e quasi adormecidas, renasceram, ou renovaram-se; as artes, filhas do gosto e da cultura intellectual, encontraram na Italia a segunda patria, que buscavam para florescerem. Immensa actividade anima as sociedades e estimula os individuos; desabam com estrondo, ou esphacelam-se alluidas, as cidadellas feudaes; os municipios affirmam com ousadia as proprias immunidades; as monarchias, valendo-se do seu apoio, cobrem-se com o escudo popular na lucta com as classes privilegiadas. Principes distinctos e homens insignes resumem as idéas novas em todas as provincias do saber, em todas as manifestações do progresso. Herdeiro de um passado, cuja expressão era a variedade, fadado a abrir as portas a todas as conquistas do pensamento, precur-

sor das profundas revoluções do espirito que trilharam os caminhos para a revolução de 1789, o XV seculo desapparece, deixando gravada uma das paginas mais admiraveis. Bastariam para o illustrar suas navegações e descobrimentos, se tantos rasgos e arrojos diversos o não louvassem.

A Portugal coube em sorte ser um dos primeiros, se não o primeiro, na carreira que elle apontou. Limitado no periodo anterior a dar o exemplo do que póde a vontade de um reino pequeno, mas resoluto, quando quer e sabe conservar-se livre, em 1415 vê raiar a aurora dos futuros para que a Providencia o predestinára, conquistando Ceuta, e pagando na terra africana a divida de Tareck e dos invasores da Peninsula. Em Aljubarrota escrevêra pela mão de D. João I e de Nuno Alvares Pereira a carta gloriosa de sua independencia; trinta annos depois, passando o estreito, e arvorando as quinas nas ameias da cidade de Salat-Ben-Salat, deu o primeiro passo na estrada que o levou tão longe, que lhe grangeou brazões tão invejados, e a que deveu o titulo, sem egual, de sua curta mas prodigiosa influencia nos destinos do mundo.

Quando se contemplam os feitos prodigiosos de um reino tão resumido em população e territorio, de uma faixa tão estreita de terra apertada entre o Oceano e o vulto colossal da Hespanha, sente-se sincero orgulho em ser filho do seu berço e descendente de seus heroes. Esquecemos as sombras actuaes e deslumbram-nos os esplendores do passado! Se olhâmos para a Africa, vemos os muros de Ceuta, de Arzilla e de Tanger rotos e voados, inscrevendo com o sangue de seus cavalleiros as memorias de cem triumphos; se dilatâmos a vista pela extensão immensa das aguas, resuscitam para nós aquelles intrepidos navega-

dores que nos seculos XV e XVI, em periodo tão breve, avassallaram os mares; dobrando o cabo da Boa Esperança, descobriram, conheceram, descreveram e occuparam em sua vasta circumferencia todas as costas de Africa, e depois na Asia, alargando o nosso imperio, dominaram uma superficie de mais de oito mil leguas, dictando leis a trinta e tres reinos tributarios!

Não ignorâmos o que nos custaram conquistas tão pouco proporcionadas com o poder. Tentámos o impossivel, vencemol-o por annos, mas por fim succumbimos. Tivemos os régulos asiaticos como vassallos a nossos pés, e as potencias da Europa como supplicantes em nossos portos; fizemos armadas, que hoje parecem fabulosas; desbaratámos multidões, cujo numero espanta; fechámos em nossas mãos as chaves dos mares e do commercio do Oriente. N'esses dias o nome dos capitães portuguezes era mais temido que o nome dos maiores capitães romanos. Passou como sonho esta grandeza. Declinámos mais rapidamente ainda do que subimos. Lançou-nos ferros o ouro de Castella; enfraqueceram-nos, corrompendo-nos, as delicias e riquezas orientaes; repartiram entre si as nações sobre o sepulcro em que agonizámos sessenta annos, a purpura e os membros dilacerados d'aquelle poderoso estado; mas se as vicissitudes politicas, se as perfidias, se os infortunios nos precipitaram, e se do que fomos e podémos salvámos apenas do naufragio pouco mais do que recordações, sobejam ellas para nos merecerem a admiração, que só nos poderão negar os que nunca leram a historia, ou os que, por invejosos, até as datas desejariam apagar dos annaes do mundo, para nos riscarem o nome das tabuas de bronze aonde a verdade o immortaliza.

Os descobrimentos dos Portuguezes, assignalados por mil victorias, abraçam por um lado a parte oriental do novo continente, e pelo outro abrangem desde a costa oriental da Africa até á peninsula de Malaca e até ao grande archipelago das Molucas. Seguravanos a obediencia de tantos dominios uma extensa linha de presidios e de fortalezas. Contra muitas d'ellas vieram quebrar-se por vezes, em ondas tumultuosas, os barbaros e os infieis, que o odio religioso e a ira da sujeição arremessavam contra os fracos muros de que nossos peitos foram quasi sempre a melhor, se não a unica, defesa. As feitorias erguiam-se em todas as estações importantes das costas. Os cartazes dos capitães da India abriam e cerravam todos os mares. Que nação com progressos tão rapidos obrou maravilhas eguaes, ou se elevou pelo seu valor e energia tão depressa ao auge das prosperidades?! Que espectaculo digno de admiração não patenteia a transformação, quasi momentanea, de um dos mais pequenos estados da Europa, tornado em reino poderosissimo, mudando a posição commercial da Europa e da Asia, offuscando Veneza, abatendo as maiores potencias, e realizando uma revolução immensa em todo o globo pela revelação do antigo ao novo mundo e pelas relações mercantis dos povos mais remotos, ignorados e separados uns dos outros até então pelas distancias?!

Sem tradições anteriores e sem exemplos presentes que os guiassem, obraram os portuguezes tudo isto. Filhos unicamente de suas obras, dois fachos os allumiavam em todas as emprezas—a fé e a intrepidez! Arando tantos mares, visitando tantas raças, varias na indole, desvairadissimas nos usos e nos costumes, levaram ao seio de todas a industria, o commercio e a civilização. Pertence a gloria e o lou-

vor do assignalado feito ao principe de espiritos altissimos, vida e alma das primeiras navegações, de que era ao mesmo tempo mestre e inspiração. Tinha-lhe negado a Providencia um throno para o desopprimir de outros cuidados, e para lhe aplanar talvez mais faceis os caminhos. Dotára-o Deus de engenho elevado, de constancia e de vontade firme para, ajudado de prendas tão raras, conceber e executar os vastos planos que sublimaram o seu nome. Cavalleiro, cortou-lhe a gloria ao sair da puericia e na juventude os louros guerreiros, para mais tarde lhe cingir na fronte a corôa rostral, querendo que todos o tivessem por modêlo acabado das perfeições da epocha, vendo-o unir ás palmas de soldado os trophéos de navegador, á doutrina a jerarchia, ao arrojo a auctoridade.

Se o infante, filho do mestre de Aviz, pelo respeito e veneração da pessoa, não realçasse a nobreza do sangue, nunca as caravelas que saíam por sua ordem de Sagres a arrostar os perigos e tormentas do mar tenebroso, teriam ousado chegar tão longe. Animados de seus estimulos, escutando a grande voz que mesmo de longe lhes bradava — ávante!, é que ellas se adeantavam, descobrindo em cada anno, e depois quasi em cada mez, aguas, ilhas e costas, que o véu dos tempos escondêra por tantos seculos. Sem elle, sem as suas fadigas, sem a sua viva crença na sciencia e no porvir, nenhuma se offereceria de certo a devassar os segredos do Oceano, affrontando os terrores erguidos á entrada d'aquellas solidões com o livido espectro da morte. Seus irmãos foram dignos todos do nome glorioso do pae, e para sobresair no meio d'elles D. Henrique necessariamente havia de recommendar-se por qualidades singulares. Se el-rei D. Duarte, como escriptor, se lhe avantajou, se o infante D.

Pedro, como politico, se lhe antepoz, qual d'elles póde, todavia, ser-lhe comparado, na audacia das resoluções, na grandeza dos planos, e na constancia inalteravel com que seguiu e desenvolveu a fecunda idéa que se tinha apoderado do seu espirito, e na qual uma luz interior e prophetica lhe mostrava a origem das futuras prosperidades de Portugal?

II

Nascido na cidade do Porto, em 4 de março de 1394, o infante D. Henrique foi o quarto filho com que Deus abençoou o ditoso consorcio de D. João I e de Filippa de Lencastre. Creado aos peitos da vigilancia materna, se na eschola guerreira do pae aprendeu as artes de extremado cavalleiro, ostentadas em Ceuta e Tanger, em Arzilla e Alcacer, com o leite da infancia bebeu nas ternas licções da mãe a inclinação decidida pelos estudos graves, e o amor das emprezas arriscadas, que tão moço ainda o apartaram da côrte, encerrando-o no desterro voluntario e laborioso de Sagres.

Notámos a acção efficaz do seculo XV nos progressos humanos. Portugal, se não precedeu a Europa em muitos, acompanhou-a em todos. A epocha dos descobrimentos foi tambem a epocha dos primeiros chronistas, dos principes poetas e escriptores, dos geographos e mathematicos distinctos. O mestre de Aviz, como observou Garrett, conferindo á lingua vulgar os foros de lingua official, passou-lhe a sua carta de alforria, nobilitando-a. Fernão Lopes em sua singeleza, pintára do vivo quadros inimitaveis, retratando os vultos, as paixões e as scenas dramaticas dos reinados de D. Pedro, de D. Fernando e de D.

João I. Ia succeder-lhes com mais erudição, porém mais affectado, e menos animado e verdeiro, Gomes Eannes de Azurara, o prosador valido de D. Affonso V, o amigo, por vezes lisongeiro, do infante D. Henrique.

A historia de *Amadiz de Gaula*, o trato familiar com os Normandos de Inglaterra, os trovadores e os cancioneiros, e, mais que tudo, os exemplos e usos do paço, que as virtudes e o engenho da filha de João de Gant haviam quasi tornado aula practica do gosto, e seminario concorrido, aonde a honestidade da rainha só com prazeres intellectuaes se recreava, tinham introduzido a pouco e pouco entre nós a cultura de fóra, os brios e rendimentos cavalleirosos, o respeito e adoração platonica das damas, e a predilecção pelos livros classicos resuscitados, e pelas aventuras e novidades, em que a seiva da nacionalidade buscava activo emprego para a phantasia e para a vocação.

A maior de todas as excellencias com que a Providencia brindou o mestre de Aviz, tão afortunado em tudo, foram os filhos, coroa preciosa da sua velhice. Todos sairam insignes, D. Duarte para rei, D. Pedro para politico, D. Henrique para navegador e D. Fernando para martyr; e a todos fez unicos nas perfeições o desvelo esclarecido de D. Filippa de Lencastre, creando-os no temor de Deus e de seu pae, abrindo-lhe os olhos do espirito á luz da sciencia, tornando-lhes agradavel, e depois necessaria, a leitura dos bons livros, e finalmente, querendo e alcançando que elles, pelas prendas naturaes e adquiridas, pela elevação dos sentimentos e pelo conceito merecido dos dotes mentaes, fossem na realidade principes, isto é, os primeiros do seu reino.

Em outra esphera menos restricta, D. João I não accudia com menor cuidado á educação

viril, dando-lhes mestres que os apurassem nos exercicios corporaes, que lhes ensinassem os segredos das armas, as dextrezas da lucta, os garbos e delicadezas da boa cavallaria, e esmerando-se ao mesmo tempo em que desde a juventude assistissem á direcção dos negocios, ouvissem os conselheiros consummados, apalpassem practicamente as difficuldades do governo, e se habilitassem, escutando e obedecendo, para mandar. O exito d'esta dupla união de esforços não podia ser mais venturoso. A raça do mestre de Aviz foi uma grande raça, e coube-lhe o condão invejavel de levar Portugal pela mão de tres grandes reis pouco felizes como soberanos, ou como reis, D. Duarte, D. Affonso V e D. João II, até ao limiar da epocha de D. Manuel, chegado á undecima hora, para colher os fructos que os outros haviam semeado, e que nenhum logrou contemplar maduros.

O infante D Henrique, na vida occupada que fazia, era por indole mais reflectido que os irmãos, e de todos os filhos o que a mãe estimava mais, por se lhe assimilhar nas feições do rosto e do espirito. O ardor juvenil poucas vezes subia a inflammar-lhe as faces ou as palavras, para se abater depois com facilidade. Concentrava-o intenso e calado, combatia-o com a razão até elle ficar vencido ou vencedor, e não o deixava assenhorear da vontade senão acalmados os primeiros impetos; mas desde que se lhe arraigava, como convencimento, tornava-se uma paixão serena na apparencia, mas indestructivel, contra a qual luctavam debalde os argumentos, as contrariedades, os dissabores e os revezes. A conquista de Ceuta e os descobrimentos maritimos são documentos provados das tendencias irresistiveis do seu caracter. Em ambos teve a principio contra si o voto dos homens sisu-

dos, a censura dos conselheiros prudentes e as opiniões do vulgo; e affirmando a resolução cada dia com mais vigor, logrou responder com duas victorias á incredulidade e aos receios. D. Filippa prezava n'elle a perseverança, que, apontando sem se distrahir ao alvo, não recolhia nem affrouxava o arco senão depois de acertar.

Gomes Eannes de Azurara, que de perto conhecêra e tractára o infante, deixou na *Chronica do descobrimento e conquista da Guiné* (cap. IV pag. 19) o seu retrato fiel no physico e moral. Era de estatura proporcionada, largo de espáduas e cheio de corpo. A côr do rosto, branca e rosada, com as intemperies das estações, perdendo o mimo, fizera-se trigueira. Os cabellos castanhos, e quasi crespos, não lhe affrontavam a fronte espaçosa, em que de ordinario poisava uma nuvem, não de ira, mas de cuidado ou reflexão. Os olhos azues, vagarosos e reflexivos, poucas vezes revelavam as commoções mais intimas. O aspecto aos que o viam pela primeira vez infundia mais do que respeito, e nas raras occasiões em que cedia á indignação, o semblante carregado lembrava em certos longes a colera terrivel de Pedro I, seu avô. Falava pouco e meditava muito. A acção era circumspecta, lenta e propria das compleições fleugmaticas. O gesto não desmentia a physionomia. As vozes eram mansas e todos os movimentos socegados. Constante na adversidade e humilde nos successos prosperos, contemplava a fortuna e os desastres com inteira egualdade de animo. Seguia a persuasão e o dever, e acceitava estoicamente os resultados.

A fortaleza do coração, a firmeza da vontade, e a subtileza e penetração do engenho, foram os auxiliares a que deveu os bons effeitos de suas emprezas. Se a imaginação lhe

inspirava as idéas, tinha a força necessaria para a conter, e não se deixar arrastar por ella mais adeante do que podia ou queria ir. O desejo de esmaltar o nome por feitos illustres foi o verdadeiro motor de tudo o que tentou e conseguiu. A' gloria herdada procurou sempre juntar a gloria adquirida. Nunca se lhe conheceu amor que o prendesse, senão o das armas e das novas navegações. Nunca houve recreação, mesmo innocente e licita, que o desviasse um passo do caminho encetado. Prezava as lettras, estimava os sabios, e velava as noites com frequencia sobre os livros e sobre os mappas. Sobrio e frugal na mesa, o seu temperamento robusto zombava das vigilias, aturava sem molestia os maiores trabalhos, e trazia sempre o corpo são e obediente ao espirito.

Nenhum principe, que não fosse rei, creou nunca em sua casa tantos e tão bons servidores, desfructou rendas tão largas, nem sustentou estado egual. Premiava com generosidade mas era remisso em punir, e pouco escrupuloso em escolher as pessoas. Algumas vezes confundia com menos justiça os creados fieis e virtuosos com os maus e negligentes, perdoando com facilidade mais do que offensas leves. Escravo da lei, nas alterações do infante D. Pedro, mostrou-se melhor vassallo do o que irmão, seguindo Affonso V e o duque de Barcellos, não por odio e má vontade contra o primeiro, mas por severa interpretação das obrigações de subdito. Religioso e devoto, todas as acções offerecia a Deus, e pela dilatação da fé e propagação da palavra evangelica nas terras infieis e ignoradas, começou a arriscar os thesouros, e daria de bom grado o sangue e a vida. Nos descobrimentos, a maior gloria para elle foi sujeitar á egreja novos rebanhos de crentes convertidos.

Este foi o infante D. Henrique. Veremos na continuação d'este esboço, que as obras corresponderam ao caracter, e que suas eminentes qualidades não venceram menos do que os homens que instruiu, e do que as grandes coisas que realizou.

III

A fortuna, tão inconstante de ordinario, nunca se cançou de acompanhar o mestre de Aviz. Desde o primeiro até ao ultimo dia seguiu-o fielmente, e elle justificava a excepção. Firmada a paz com a corôa de Castella, em 1411, tinha applicado todos os cuidados á administração interna, provando que não era só nos campos de batalha que o seu engenho podia resplandecer. Severo, e até inflexivel, se o rigor se lhe representava necessario, foi cicatrizando a pouco e pouco as feridas profundas da guerra da independencia, e espertando e engrossando por tal modo as fontes da prosperidade publica, que não tornou menos glorioso o nome como principe e como legislador do que o fizera sobresair nas armas como insigne capitão.

Seus filhos, dignos da austera eschola em que haviam sido creados, principiavam a sair da adolescencia, e na viçosa edade dos brios juvenis recordam entre si, invejando-as, as proezas dos cavalleiros da Ala dos Namorados e da Tavola Redonda. D. Duarte, o mais velho, apenas contava vinte e tres annos; D. Pedro vinte e dois; e D. Henrique vinte sómente. Os infantes D. João e D. Fernando ainda estudavam sob a tutela vigilante de sua mãe. Vendo os filhos em sua florente primavera, o mestre de Aviz desejava esmaltar-lhes

mais as prendas com o gráu de cavalleiros, e queria para isso ordenar uma cerimonia pomposa, em que, na falta de facções guerreiras, a dextreza e o garbo dos infantes encontrassem, ao menos nos lances cortezes dos torneios, competidores illustres, em que se empregassem, e admiradores que os applaudissem. Estava, porém, muito longe ainda de conceber a expedição que encerrou por um feito memoravel o occaso de sua venturosa carreira.

E' de suppor que D. João I declarasse aos infantes a intenção em que estava de os armar cavalleiros em festas reaes, que durassem um anno, convidando para ellas todos os cavalleiros e fidalgos da christandade. Gomes Eannes de Azurara, testemunha quasi contemporanea do successo, assim o affirma [1]. Mas elles, dominados do ardor de realçar em luctas mais graves a estreia de suas armas, julgando essas justas pequena occupação para animos como os seus, juntaram-se um dia na camara de seu pae, e decidiram rogar-lhe que proporcionasse ao seu valor mais nobre ensejo, do que jogos e pompas para ostentarem a fortaleza do braço, e a ousadia do coração. Assentada, porém, a paz entre Portugal e o reino vizinho, faltava campo de verdadeira guerra, aonde os tres irmãos, e com elles o conde de Barcellos, poucos annos mais velho, podessem realçar o nome e a fama do mestre de Aviz. Accudiu-lhes quasi no fim da practica a Providencia, pela bocca de João Affonso, vedor da fazenda, mais moço na edade madura para commettimentos arrojados, do que muitos mancebos fogosos. Depois de ouvir os principes e de lhes louvar a vontade, o vedor da fazenda lembrou-lhes a facção de Ceuta, cidade infiel das mais opulentas de Africa, encarecendo-

[1] *Chronica del-rei D. João* I, p. III cap. VII.

lhes o atrevimento do feito e a gloria do triumpho.

Accederam facilmente, e, inflammados em enthusiasmo, falaram todos quatro a el-rei, pedindo-lhe que escolhesse a empreza de Ceuta para os armar cavalleiros na mesquita da cidade conquistada por elles. O mestre de Aviz, escutando-os, sorriu-se lisongeado dos brios que lhe recordavam os annos de sua juventude, mas interiormente determinou pesar primeiro com sereno juizo os perigos e as vantagens, consultando o voto dos conselheiros experimentados, que o tinham esclarecido nas compleições mais delicadas do governo. Se o valor natural o inclinava ao desejo dos filhos, a prudencia suggeria-lhe objecções politicas do vulto contra a guerra de Africa, e o assumpto requeria em todo o caso detido exame. Deveria elle, com vinte e nove annos de reinado e cincoenta e sete de edade, sair de leve como capitão de aventuras, arriscar a vida e a bolsa dos subditos, enfraquecer o reino, e facilitar aos castelhanos a conquista de Granada, que os tornaria mais poderosos?

Expoz estas duvidas aos principes, e convidou-os a resolvel-as. Meditaram, discorreram entre si, e encarregou-se o infante D. Henrique de desatar todas as difficuldades. A substancia dos argumentos que elle invocou encontra-se nas paginas do seu chronista valido, Gomes Eannes, e demonstra que n'aquelle espirito a idéa e a acção amanheciam ligadas. As hesitações do soberano acabaram de se desvanecer com os seus discursos, e o orgulho do pae ensoberbeceu-se de ver o filho tão discreto e tão brioso. Abraçando-o com a bocca cheia de riso, quiz que elle fosse, em premio, o mensageiro da boa nova que os irmãos aguardavam anciosos. Não cabe em quadro tão resumido entrarmos na descripção parti-

cularizada das prevenções que el-rei dispoz com todo o recato, e do segredo impenetravel com que dissimulou á Europa os seus preparativos, a fim de conservar os inimigos desapercebidos. Os leitores acharão todas estas noticias na terceira parte da sua *Chronica*, escripta por Gomes Eannes, e na que depois se publicou, composta por Duarte Nunes de Leão. Apontaremos sómente alguns episodios mais notaveis, porque retratam as feições da epocha e o caracter dos personagens.

Quando a conquista de Ceuta, approvada pelo conselho e pelo velho condestavel Nuno Alvares Pereira, se reputou negocio decidido, falaram os infantes á rainha todos juntos, e receando assustar-lhe a ternura, fundaram a justiça da empreza em motivos de grande certeza e de segura glorificação da fé, procurando mover-lhe o animo, não só a não se declarar contraria, mas a interceder em seu favor com D. João I. D. Filippa de Lencastre era esposa digna do mestre de Aviz, do primeiro cavalleiro das Hespanhas. Sabia conter e calar os melindrosos affectos de mãe para attender ás elevadas obrigações de rainha. Ciosa da reputação dos filhos, não duvidou recommendar o feito com palavras, que pintam assaz o seu grande coração. Restava, comtudo, ainda o mais arduo, a confidencia, de proposito retardada, da partida de D. João I, o qual resolvêra acompanhar os filhos a Ceuta, coroando com esta ultima proeza a sua existencia de soldado. Não foi sem infinitos rodeios que o rei se atreveu a rasgar o véu, por calculo apertado até então n'aquelles olhos, que viam tambem dentro da sua alma, e aonde elle por tantos annos sempre lêra o mais extremoso e arraigado amor. Afeito a affrontar os perigos nos campos de batalha, o mestre de Aviz sentia-se timido e pequeno

na presença do grande sobresalto que ia causar, e receava mais as vozes severas da esposa, do que em tantos conflictos o ferro e os arremessos do inimigo.

O modo por que explicou á rainha o intento revela claramente as apprehensões que o atalhavam. D. Filippa era mulher, e mulher de altos espiritos e de robusto juizo. Conhecia-a. Mais de uma vez, em casos extremos, seguira o seu conselho, e não ignorava que a menor opposição da sua parte suscitaria á sua ida obstaculos insuperaveis. Lembrando, pois, as instancias d'ella em favor dos filhos, procurou justificar por este meio a necessidade de os guiar em pessoa, para não se arriscarem de leve, provocando algum desastre irremediavel. Ouvindo-o, por mais esforçado que tivesse o peito, a ternura da esposa prevaleceu, e as lagrimas rebentaram-lhe dos olhos. Foi só um momento porém. Reprimindo-se logo, e falando, não como mulher apaixonada, mas como rainha e mãe, D. Filippa combateu a vontade do marido, allegando as mesmas razões politicas com que, em segredo, D. João I muitas vezes a si proprio se arguira. Era sisudo expor em um lance, distante e temerario, a sorte da dynastia e do reino, deixando a monarchia sem cabeça que de prompto accudisse a um revez, para ordenar os socorros, se fossem indispensaveis, para moderar os infortunios, se apezar de não esperados, elles escurecessem os horizontes? O Mestre de Aviz guardava para este apuro suas armas mais finas — sabia o unico argumento que podia convencel-a. «Não é, respondeu, para renovar aventuras de mancebo, que na edade grave ficariam mal a um rei, que determino passar a Ceuta; o meu proposito sóbe mais alto. Até aqui todas as minhas victorias alcancei-as contra Castella; trago as mãos

tintas no sangue de christãos. Não parece que o céu me offereça esta occasião para as lavar da nodoa e para expiar todas as culpas, abrindo as portas de Africa ao Evangelho, e convertendo em templos as mesquitas?» Tocada no mais intimo de sua alma piedosa, a rainha cedeu. Não poude, ou não ousou insistir mais contra o que a religião, e a consciencia lhe diziam ser do serviço de Deus. Voltou-se, pois, para Elle, e abraçada com a fé, conforme com a vontade celeste, implorou do Senhor dos exercitos mais um dia ditoso para as armas de Portugal, mais um dia de triumpho para a lei da graça[1].

A morte avisinhava-se porém; a peste ardia no reino, e Sacavem, entrada do flagello, era a esse tempo a residencia da rainha. Pediu-lhe D. João I que o acompanhasse a Odivellas; mas D. Filippa, desejando demorar-se por algumas horas a fim de acabar suas devoções na egreja, prometteu partir depois do meio dia. Colheu-a o contagio aos pés dos altares, e feriu-a de modo que principiou a causar inquietação. Avisados logo el-rei e os infantes, correram cheios de cuidado e de anciedade. No começo, a enfermidade insidiosa encobriu o maior perigo, e as esperanças só fugiram aos que a rodeavam quando a molestia se aggravou.

Quem não se enganava com illusões era a rainha, e, proxima da hora suprema, o grande amor em que se desentranhava pelos filhos revelou-se em harmonia com a elevação do caracter e com a pureza das virtudes. Antes de se despedir para sempre d'elles, quiz entregar-lhes por sua mão as espadas que mandá-

[1] Gomes Eannes de Azurara—*Chronica de el-rei D. João I*, p III cap. XXXVII. *Chronica d'el-rei D. João I*, por Duarte Nunes de Leão, cap. LXXXII.

ra apromptar para se armarem cavalleiros, as quaes João Vasques de Almada lhe trouxera ricamente guarnecidas havia pouco. A forma por que lh'as deu, e as exhortações que tornaram tão valioso este derradeiro brinde, foram minuciosamente narradas pelo velho chronista Gomes Eannes de Azurara, que, sem o cuidar, competiu na singeleza da pintura com o seu émulo inimitavel Fernão Lopes, traçando-nos uma das scenas mais nobres e interessantes do viver e crer da meia edade portugueza n'este periodo [1].

D. Filippa chamou os filhos em roda do leito, e vencendo em si a dor para não exacerbar a alheia, começou pelo principe D. Duarte, offerecendo-lhe a espada que tinha para elle, e recommendando-lhe que, herdeiro de seu pae, fosse o defensor natural da justiça, sem distincção de grandes e pequenos, e que nunca arrancasse o ferro da bainha senão pela razão e pela verdade a fim de proteger os povos. Ao infante D. Pedro observou: «Meu filho! Porque sempre desde a meninice vos vi muito chegado á honra e serviço das donas e donzellas, que é coisa que especialmente deve ser encommendada aos cavalleiros, e porque a vosso irmão encommendei os povos, recommendo-as a ellas a vós, as quaes vos rogo hajaes sempre em vossa guarda.» Por mais fortes que fossem os peitos dos mancebos, as palavras e o padecimento da mãe cortavam-lhes o coração. Suffocados em lagrimas e traspassados, ajoelharam para ouvir seus ultimos conselhos e receber a ultima benção.

Com o infante D. Henrique augmentou mais ainda em todos a tristeza. Para lhe falar, a rainha, que lia em sua alma, a profun-

[1] Gomes Eannes, *Chronica de el-rei D. João I*, cap. LX.

da saudade da separação, disfarçou com um sorriso mavioso a mágua, e, revestindo-se de apparente alegria, disse lhe: «Meu filho, chegae-vos!» Depois, encarecendo-lhe as obrigações do nome e do sangue, encarregou-o de ser o amigo e o protector dos direitos e merecimentos dos fidalgos. O principe, dobrando o joelho, inclinou-se deante d'aquella benção de amor e de esperança, e jurou cumprir fielmente o que sua mãe lhe ordenára. Filho querido e mimoso de D. Filippa, a qual parecia adivinhar os grandes futuros que a Providencia lhe reservava, ninguem sentiu mais do que elle a immensa perda que ia cobrir de sombras o reino, transformando de repente em prantos e lucto os jubilos festivos da expedição que D. João I e seus filhos haviam apparelhado, bem descuidados do golpe terrivel que a precedeu.

IV

As qualidades do infante não eram só apreciadas por sua mãe. O mestre de Aviz, tão penetrante e experimentado, confiára de D. Henrique o armamento de toda a esquadra apparelhada na cidade do Porto, e lendo as cartas, em que este o avizava dos seus progressos, cada vez mais se confirmava no vantajoso conceito formado de sua aptidão. Quando recebeu ordem de navegar para Lisboa, tinha o infante as coisas tão bem apercebidas. que, sem demora nem confusão, mandou embarcar os cavalleiros e ricos-homens do norte a bordo das naus e galés, largando da barra do Douro com os navios embandeirados de balsões, e os mastros cobertos de flammulas de variadas côres, ornadas de motes e divisas

e os homens de armas e bésteiros trajados de novo com sua libré, e com as librés dos fidalgos que os tinham assoldadado.

Quiz D. João I que o infante D. Pedro saísse a receber o irmão com oito galés, acompanhado do mestre de Christo, do Conde de Barcellos, do prior do hospital, do almirante e do condestavel. O encontro no mar foi alegre e vistoso. Depois da saudação guerreira, as duas armadas entraram juntas na bahia de Lisboa, fundeando defronte do logar do Restello, aonde D. Henrique depois levantou uma egreja, e el-rei D. Manuel construiu o formoso templo de Sancta Maria de Belem.

D. João I estava em Odivellas com a rainha, já enferma da molestia de que falleceu, quando o infante veiu pedir-lhe a benção. A boa nova da ordem em que trazia a esquadra havia-o precedido, e o pae, satisfeito e orgulhoso das prendas que via alvorecer em edade tão juvenil, não pôde conter o jubilo, que não exclamasse: «Bem parece, meu filho, que o cargo que vos eu dei não foi filhado por vós como por homem de vossa edade, cá segundo me cõtarom toda vossa frota vem muy bem aviada como de home que tem vontade de me servir e accrescentar em sua honra, e bem podeis dizer, que tivestes maior diligencia em vosso corregimento, do que nós tivemos do nosso, pois que fostes prestes primeiro do que nós.» Este elogio na bocca do mestre de Aviz, que os não liberalizava de leve, pagou o infante com usura de todos os cuidados e trabalhos; e o prazer com que, apezar da doença, a rainha logo após lhe abriu os braços e o louvou pela promptidão e acerto dos preparativos, não o ensoberbeceu menos, porque a

[1] Gomes Eannes de Azurara, *Chronica de D. João I* p. III, cap. XXXV, e XXXVIII. *Ibid*, cap. LI.

ternura em D. Filippa não era cega nem parcial [1].

A morte da rainha não suspendeu a partida da frota. Pouco antes de expirar, como se uma illuminação divina lhe desvendasse os olhos e lhe rasgasse o véu inpenetravel do futuro, D. Filippa não só annunciára a victoria, mas apontára até o dia em que a armada havia de soltar as velas. Compunha-se ella de cincoenta e nove galés, de trinta e tres navios grossos de guerra, e de cento e vinte vasos de transporte. Entre soldados e marinheiros, embarcaram cincoenta mil homens. Foi no porto de Lagos que o segredo da expedição se rompeu, e que, lida a bulla da cruzada, el-rei mandou pôr as prôas a emboccar o estreito, avistando Ceuta no dia 14 de agosto de 1415, anniversario da gloriosa batalha de Aljubarrota[1].

A 21 saltavam em terra os infantes D. Henrique e D. Pedro, começando logo a combater a cidade defendida em Salat-ben-Salat, o qual em tão grande aperto amargamente se arrependeu da imprudencia com que tinha despedido dias antes as tribus auxiliares, que tinham accudido a soccorrel-o quando a armada christã apparecêra pela primeira vez deante dos seus muros. O temporal, que obrigou os Portuguezes a apartarem-se, illudiu o kaid arabe. Suppondo-os desenganados da vaidade da empreza, adormecêra na vigilancia, e só despertou, mas tarde, a tempo em que tudo se unia contra elle[2].

El-rei tinha promettido ao infante D. Henrique, ainda em Lisboa, a primeira entrada

[1] Publicou a bulla o padre João de Xirú em um douto sermão prégado a todos os que seguiam el-rei.

[2] Çurita, *Annaes de Aragão.*—Duarte Nunes, *Chronica de D. João I*, cap. LXXXVII.

nas praias de Ceuta. Lembrado da sua palavra, mandou-o com a armada do Porto sobre a Almina para principiar o desembarque, em quanto o grosso da esquadra, surgindo defronte do sitio aonde se erguia o edificio dos banhos, divertia a attenção dos Mouros, inquietando-os por aquella parte. O infante obedeceu com jubilo, e os Arabes, descobrindo as naus e galés fundeadas deante da cidade, illuminaram as janellas para mostrarem que os não colhiam descuidados. Era vasta a cidade e populosa, e a vista de milhares de luzes, estrellando as casas no meio das trevas, offerecia aos olhos formoso espectaculo, contemplada do mar.

Salat-ben-Salat, kaid de Ceuta, de Tanger, de Arzilla, e de outros logares da costa, descendia da guerreira raça dos Bens Marins, e, adeantado em annos, não se illudia com apparencias. Conhecendo de nome e reputação D. João I, e vendo-o com tão grande poder sobre Ceuta, deu-se logo por perdido. Dizia-lhe a experiencia que um rei poderoso, e costumado a subjugar a fortuna, não intentava feito como este, rodeado dos filhos e da flor de seus cavalleiros, para levantar mão d'elle, sepultando em um dia as glorias de todo o seu reinado. No inverno da vida, não alvoroçavam a Salat-ben-Salat os brios impetuosos, que de longe desprezam os maiores perigos, mas que, a braços com elles, trocam depressa a ousadia pelo desalento.

Olhava para as aguas coalhadas de centenares de velas, recordava as proezas admiradas do rei e dos capitães que via deante de si, e comparando o que devia temer d'elles com o que podia esperar das multidões indisciplinadas dos Arabes, sentia-se fraco e pequeno para resistir, e poupar á sua bella cidade a ruina e o captiveiro. Os Mouros mancebos, reprehen-

dendo-lhe a desconfiança, e apodando quasi de covardia a sua prudencia, zombavam dos homens cobertos de ferro, que vinham por cima das ondas medir força com a dextreza das suas armas e com a ligeireza de seus corceis. Cedo os desenganou o successo, de que o velho alcaide tinha razão![1]

Rompeu o dia 21 de agosto, e o infante D. Henrique, com as pranchas já fóra das galés, e a gente apercebida, só aguardava o signal para saltar em terra. Pela praia volteavam os Mouros em corridas bellicosas, terçando as lanças, e arremessando as azagaias com apupos aos nossos e alaridos ferozes. Saíu o sol, começaram a aquecer as armaduras, e avivou-se a impaciencia dos que tremiam de raiva, retidos no convez por ordem de D. João I. Por fim, não podendo já supportar a demora, lançaram-se os mais insoffridos nos bateis, e mandando responder com a brava alegria das trombetas ao desafio dos anafis arabes, investiram com a terra.

Foi dos primeiros que a pizaram o infante D. Henrique, com Estevam Soares de Mello e Mem Rodrigues de Refoyos, seu alferes, seguidos de pouco mais de cento e cincoenta homens, ferindo logo renhida peleja com os defensores até de envolta com elles romper pelo bairro da Almina dentro. A esse tempo já o infante D. Duarte luctava tambem corpo a corpo com os Mouros, e ao lado do irmão arrancava os infieis de todas as posições para os encostar ás entradas da cidade. Decidiram depois os dois principes, como valorosos, seguir a fortuna aonde ella os levasse, e, unindo em um só corpo os trezentos companhei-

[1] Duarte Nunes, *Chronica de D. João I*, cap XC e XCI.—Azurara, *Chronica del-rei D. João I*, p. III, cap. LXXI e LXXII.

ros, com tanto vigor apertaram os inimigos, que os obrigaram a recolher-se cortados do medo e do ferro, e alcançaram, travados com elles, transpor as portas da cidade, aonde a batalha se accendeu muito mais fervorosa do que fóra [1].

Soou sem detença aos ouvidos de Salat-Ben-Salat a triste nova de ter sido invadida Ceuta, sem lhe valer a fortaleza das muralhas nem o braço dos moradores, e rebentando-lhe lagrimas, vencido antes de consummada a derrota, mais cuidou de si e dos thesouros, do que das obrigações de capitão e de senhor A esse tempo os infantes, conquistando o caminho palmo a palmo, occupavam o alto denominado do *Cesto*, d'onde não podiam facilmente ser rechaçados. Separando-se então D. Henrique accommetteu os Mouros que lhe disputavam a rua direita, e não só os repelliu como suspendeu os que vinham após alguns christãos fugitivos.

Cerrando a cara do bacinete e embraçando o escudo, depois de deixar passar os seus, o infante saíu ao encontro dos Arabes, e combateu-os com esforço tão destemido, que os constrangeu a dar as costas. Os Portuguezes, reanimados então com o exemplo, e voltando atraz, vingaram a affronta no tropel dos contrarios, levando-o nas pontas das lanças confuso e ennovellado até ás Casas dos Genovezes, ditas da Aduana, aonde, reforçados por muitos chamados em seu soccorro, elles tornaram a suster-se e a virar o rosto, rompendo e desordenando os christãos em fuga descomposta.

Foi aqui o lance mais arriscado para o in-

[1] Duarte Nunes, *Chronica de D. João I*, cap. XC e XCI.—Azurara, *Chronica d'el-rei D. João I*, p III cap. LXXI e LXXII.

fante. Vendo correr os seus como cegos de terror deante dos infieis, e estes ensoparem os ferros nos que alcançavam, cresceu-lhe por modo tal a ira, que, sem contar os companheiros nem os inimigos, se arrojou ao meio das fileiras tumultuosas dos Arabes, e ferindo a um lado e outro, conseguiu detel-os a principio mais ainda com o espanto do que pelo estrago dos golpes, que, apezar de repetidos, sempre eram golpes de poucos homens. Recrudesceu a peleja, recuaram os infieis, e não pararam senão cobertos com a sombra dos muros do castello.

Mas chegados a este ponto, favorecia-os a estreiteza da rua. Engrossando com o auxilio dos que vinham do alcaçar e das torres de Barbaçote, e colhendo os Portuguezes quasi entalados entre as muralhas da cidadella, o muro fortificado que dividia as duas cidades (alta e baixa), e a multidão que de instante a instante affluia compacta, cuidaram ter segura a victoria e vingado o sangue dos seus. Não seriam mais de dezesete os cavalleiros que se acharam com D. Henrique n'este trance. Os outros haviam-se apartado a pouco e pouco, estes attrahidos pela cubiça do saque, aquelles abrazados de sêde e em busca de agua.

Foi, pois, apenas com esses dezesete, que o acompanharam sempre, que o infante por tres horas se defendeu bizarramente, e suppondo-o todos morto já, ou captivo, não só conservou o posto, como, investindo por ultimo com os barbaros, conseguiu mettel-os pela porta que abria para a segunda villa, e de roldão com elles apoderar-se d'ella, obrando gentilezas, que depois se contavam como prodigios.

D. João I tinha desembarcado. O ruido das armas dentro da cidade, ouvido pelos cavalleiros que o rodeavam, e o som das trombetas,

chegando de longe aos ouvidos, foram os primeiros nuncios da victoria começada por seus filhos. Queixavam-se os cavalleiros moços da demora, e de lhes ser roubada a honra dos primeires golpes. Para os contentar, consentiu el-rei que invadissem a cidade, em quanto de fóra, elle, como avisado capitão, ordenava as coisas para coroar o triumpho com o assalto do castello.

No meio d'estes cuidados veiu a voz sinistra da perda do infante sobresaltal-o repentinamente. Por maior que fosse a dor, soube contel-a, respondendo aos que lamentavam a desgraça, que tão cara fazia pagar a conquista: «Em boa hora fosse! Morreu no seu officio.» Quando, porém, a má nova se converteu na festiva noticia das proezas que notámos n'este mal esboçado quadro, não pôde reprimir a alegria como soubéra esconder a tristeza, revelando a ternura e o orgulho que alvoroçavam o seu robusto coração [1].

Desamparada dos ultimos defensores, Ceuta em um dia tornou-se portugueza. O estandarte de Aljubarrota fluctuou nas ameias do castello e nas mesquitas, em logar da voz dos muftis, resoaram os hymnos dos sacerdotes christãos. Bastaram poucas horas para a espada de D. João I desengastar esta joia inestimavel da coroa dos Ben Marins.

Restituido ao reino, premiou el-rei o infante D. Henrique com o titulo de duque de Vizeu, e o infante D. Pedro com o de duque de Coimbra.

Assim se armaram cavalleiros os filhos do mestre de Aviz.

[1] Duarte Nunes, cap. XCI e XCII.—Azurara, cap. LXXIV a LXXXIII.

V

El-rei D. João falleceu em Lisboa a 14 de agosto de 1433, com setenta e seis annos de edade. D. Duarte, o primogenito, que lhe succedeu no throno, contava quarenta e dois annos; o infante D. Pedro quarenta e um; o infante D. Henrique trinta e nove; o infante D. João, mestre da ordem de Santiago, trinta e tres; e o infante D. Fernando, mestre de Aviz, trinta e um. Deixava pois, todos os filhos homens feitos, estimados pelas prendas do corpo e do engenho, e os primeiros do reino pelas grandes qualidades que realçavam com a nobreza propria a nobreza herdada.

Correu curto e pouco ditoso o governo de D. Duarte. A fortuna, como que arrependida de ter acompanhado o pae em todas as emprezas, parece que guardou para o successor as primeiras severidades, accumulando no breve intervallo de cinco annos as desgraças e os flagellos em proporção tal, que, mesmo em dobrado espaço, seriam notadas. O novo soberano, principe sabio e amado pela rectidão e bondade, ferido da peste em Thomar, expirou com a mágua de legar ao paiz a prolongada menoridade de seu filho, e de morrer ficando quasi intactos os males que mais desejára vencer e extirpar[1].

Lembrado do grande nome que revivia n'elle, e das pesadas obrigações que a corôa de seu pae lhe dictava, D. Duarte quiz assignalar desde logo o seu reinado com um feito insigne, continuando as conquistas de Africa, ultima façanha de D. João I. Suggeriram-lhe

[1] Vid. Vasconcellos dos Reis.—Ruy de Pina. *Chronica del-rei D. Duarte.*—Vid. Nunes de Leão.

a tomada de Tanger, cidade rica, populosa e guerreira, que, rendida, lançaria glorioso. pregão do valor e felicidade das nossas armas No conselho convocado para deliberar sobre o modo mais opportuno de realizar a conquista, dividiram-se os votos.

O infante D. João approvou-a, mas duvidando do exito, se o não assegurassem exercitos copiosos e fortes armadas. Moço e arrebatado, o infante D. Fernando, ouvindo, mais do que a prudencia, o ardor das crenças religiosas, facilitou a execução de tudo, recordando a el-rei o milagre de Ceuta, e as gentilezas e bizarria dos soldados portuguezes.

D. Duarte, que devia escutar mais attento as reflexões do infante D. João do que as temeridades devotas do infante D. Fernando, allucinado e cubiçoso de illustrar o seu governo, inclinou-se ao voto arriscado do irmão mais novo, e, para não dilatar a expedição, consentiu que ella saísse precipitada, e que se confiasse a victoria mais de esperanças desamparadas, que de calculos sisudos e de probabilidades razoaveis[1].

As côrtes concederam de má vontade *pedido e meio* para a jornada de Tanger, que os conselheiros e ministros experimentados censuravam por inutil e intempestiva. As rendas publicas escasseavam, e el-rei não encontrou n'ellas, ou no subsidio auctorizado pelos Estados, as sommas que precisava para accudir aos gastos dos armamentos. Declarou então a guerra voluntaria, e, sob penas graves, mandou chamar e aperceber os fidalgos, os cavalleiros e os homens de armas. Nem o dinheiro dos orphãos escapou! No conselho tinha-se decidido que Tanger não podia ser investida por menos de quatorze mil homens, ajudados

[1] Ruy de Pina, *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XIV.

de esquadra proporcionada. Esqueceu logo o preceito, inventaram-se os planos mais arrojados, e citando fóra de proposito e para tudo o ultimo feito de D. João I em Ceuta, só não citavam o segredo, a madureza, e a sciencia politica e militar, com que elle concebêra, encobríra e lográra verificar seus altos pensamentos[1].

Accusaram n'aquella epocha o infante D. Henrique de haver apressado com mais impaciencia do que razão os aprestos da armada, passando por cima dos obstaculos sem os destruir, e enganando-se a si e aos outros, de modo que fôra elle o auctor e a causa principal de todos os revezes. E' provavel que o descontentamento e a dôr do desastre exaggerassem as culpas do principe. Os motivos que n'este e em todos os commettimentos o determinavam a pôr os olhos só em Deus, esperando tudo da sua protecção, se d'esta vez não justificaram a sua fé, em muitos geraram prodigios.

N'um seculo em que as crenças dominavam firmes e arraigadas, a illusão de que o braço do Senhor, pelejando invisivel, dispensava os esquadrões numerosos, não podia ser estranhada; e se não abona a capacidade do infante como capitão, pelo menos attesta a sinceridade do seu zêlo. Demais, se D. Henrique peccou por excesso de confiança, D. Duarte não parece ter peccado menos por fraqueza de vontade ou por condescendencia extrema. Ninguem melhor do que elle conhecia o verdadeiro estado do reino, e a grande necessidade de socego e de paz que havia, para elle se restaurar dos estragos de luctas dilatadas. Por que não

[1] Ruy de Pina, *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XIV e XXII. — Duarte Nunes de Leão, *Chronica de D. Duarte*, cap. VII e VIII.

recusou el-rei a empreza de Tanger aos infantes, antes nas côrtes de Evora a louvou e propoz como indispensavel, suffocando as queixas e murmurações dos povos?[1]

Pela mesma causa que D. Henrique, com menos de seis mil lanças, se atreveu a facção que requeria mais de quatorze mil! Entendiam ambos que Deus lhes inspirára a conquista de Tanger, como ordenára a de Ceuta a seu pae, e imaginavam que se repetiria com elles o milagre que em um dia abrira as portas da cidade moura ao mestre de Aviz, sempre venturoso em todas as acções. Por isso se obstinavam, apezar da falta de dinheiro e das contradicções dos subditos, desprezando as admoestações do papa e o voto do infante D. Pedro.

A frota saiu a barra de Lisboa a 22 de agosto de 1436. Recenseando em Ceuta a gente que traziam, os infantes D. Henrique e D. Fernando viram com espanto que ella subia apenas a sete mil homens, prova da precipitação com que a tinham embarcado, e da pouca ordem e disciplina com que se organizou e regeu em tudo a expedição desde o começo.

A falta de um grande capitão, a falta de D. João I, principiára logo a sentir-se. Os reforços de D. Duarte, mesmo violentos como foram, não haviam conseguido apurar o numero de soldados necessario. A direcção de D. Henrique, mais apto para combater heroicamente do que para mandar como general, concorreu tambem para o mau resultado, prognosticado por todos os cavalleiros educados na eschola practica do mestre de Aviz, os quaes tinham aprendido n'ella a não fiar gran-

[1] Ruy de Pina, *Chronica del-rei D Duarte*, cap. XIV e XXII. — Duarte Nunes de Leão, *Chronica de D Duarte*, cap. VII e VIII.

des successos de puros acasos. O infante, talvez por demasiado valor, attendeu pouco ás ordens del-rei, não cumprindo o regimento de D. Duarte, que o auctor da *Historia Genealogica* nos conservou nas *Provas* da sua obra. Apartou-se de mais do mar, não extendeu a couraça como se lhe recommendava, das trincheiras até á praia, e foi causa por esta desobediencia dos mouros o cercarem inteiramente no seu campo, cortando-lhe os mantimentos, interceptando-lhe os soccorros, e forçando-o a capitular sem retirada.

Alguns capitães, antevendo a derrota, aconselharam que se mandassem os navios a pedir mais gente, e que se aguardassem os auxilios para tentar o cêrco da praça; mas os infantes responderam, que tão perigoso era dar tempo aos inimigos de se fortalecerem, como accommettel-os com pequenas forças; e, arrastados pelo mau destino que os chamava, D. Henrique marchou por terra com a maior parte das tropas, e D. Fernando veiu por mar investir Tanger, cujo cêrco ambos apertaram em 23 de setembro.

Tanger não era Ceuta. Avisados pela perda recente, ligaram-se os mouros para repellir os christãos com dez mil cavalleiros e até noventa mil homens de pé, guiados pelos scheiks das tribus e pelos scharifes de Fez, de Marrocos, de Tafilete e do Belez. Despejaram-se os aduares e as enxovias das terras comarcãs, para arrancar das mãos dos nazarenos preza tão rica, appelidando os cacizes e marabouts a guerra sancta e a remissão dos peccados em beneficio dos que se armassem em defeza da lei do propheta. Rodeados de multidões barbaras e fanaticas, e combatidos dentro dos proprios arrayaes, defenderam-se os portuguezes com admiravel firmeza. A sêde foi, porém, o maior e mais cruel inimigo com

que luctaram. Cada gotta de agua, disputada á lança e á espada, custava-lhes torrentes de sangue [1].

Por fim, convertido o cerco de Tanger em estreito assedio posto nos nossos, e coagidos os infantes da fome, da sêde, e das miserias dos soldados, propozeram ao scharife de Fez que abrisse caminho ao embarque dos Portuguezes. Este pediu Ceuta em premio, e um dos infantes em refens da restituição da cidade. Cresceu a ira em uns, mas redobrou o desalento nos outros com a condição. Entre a morte e o captiveiro imminente de todos, e a entrega de Ceuta, não podia hesitar-se por muito tempo. Offereceu-se generosamente o infante D. Fernando para ficar no meio dos infieis. D. Henrique voltou a Ceuta, aonde caíu gravemente enfermo de fadiga e de desgosto.

Chamado por D. Duarte ao reino, o infante, em vez de saltar em Lisboa, desembarcou em Sagres, no Algarve, tão magoado do revez, que não se atrevia a avistar-se com el-rei. N'este meio tempo, o soberano, compadecido da sorte do irmão retido em ferros pelos infieis, consultava as côrtes em Leiria (1 de janeiro de 1438) sobre se devia ou não sustentar-se Ceuta, e o conde de Arrayolos e muitos com elle provaram com textos da Escriptura, que não devia guardar-se palavra aos barbaros, nem soltar-se o infante por tal preço.

D. Henrique, longe de ajudar a liberdade do irmão, mais a impediu do que a favoreceu,

[1] Duarte Nunes, *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX—Ruy de Pina, *Chronica de D. Duarte*, cap. XLII.

[2] Duarte Nunes, *Chronica del rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX —Ruy de Pina, *Chronica de D. Duarte*, cap. XLII.

notando que D. Fernando se offerecêra já resignado a padecer pela fé, aventurando a vida para que a cidade se não restituisse, e que não mudára de tenção ou de desejo.

Duarte Nunes, apreciando este procedimento, observa *que fôra de homem austero e pouco amoroso, quaes sohem ser* (accrescenta) *os que não teem filhos*, e conclue carregando as culpas da infeliz jornada e da resolução iniqua das côrtes sobre D. Henrique, não sem motivo, asseverando que elle fôra o verdadeiro auctor da empreza, o que mettêra o irmão mais novo n'ella, e o que votára no fim o seu captiveiro perpetuo, tendo-se D. Fernando offerecido para o salvar e ao exercito![1]

Triste pagina, na verdade, é esta na vida gloriosa do infante, avivada ainda por outra, digna egualmente de censura, na tragedia que rematou os dias do infante D. Pedro nos campos da Alfarrobeira!

VI

Na menoridade de seu sobrinho, D. Henrique seguiu o partido do infante D. Pedro, concorrendo para lhe aplanar os caminhos do poder e para lhe manter a sua pacifica posse.

El-rei D. Duarte, por testamento, nomeára regente do reino sua mulher, D. Leonor, e ordenára que das sobras dos rendimentos publicos se apurasse a somma necessaria para o resgate do infante D. Fernando. Não havendo meio de o arrancar do captiveiro senão entregando Ceuta, a ultima vontade do soberano moribundo fôra que se entregasse a praça aos mouros em troca da liberdade do irmão. Nenhuma

[1] Duarte Nunes de Leão. *Chronica del-rei D. Duarte*, cap. XVII e XIX.

das disposições se cumpriu. D. Leonor encontrou forte opposição na antipathia dos subditos. Ceuta continuou a ser portugueza, e o infante morreu em ferros.[1]

O infante D. João combatia a principio a regencia da rainha, invocando os sentimentos patrioticos da nação. Amada em quanto viveu o marido, D. Leonor, mulher e estrangeira, difficilmente podia governar um paiz soberbo por suas liberdades conquistadas, cioso dos foros e brios proprios, e naturalmente desconfiado do perigo das influencias estranhas. Para suster com firmeza as redeas de estado tão guerreiro e altivo, as mãos delicadas de uma dama eram fracas e timidas de mais. Accrescia (e era o peior de tudo) a emulação encoberta, mas irresistivel, do infante D. Pedro, tio do rei menor, geralmente venerado por sua elevada capacidade e grande sciencia.[2]

Depois de visitar parte da Europa em viagens, que duraram quatro annos, e de ter auxiliado com a espada e o conselho o imperador Sigesmundo nas luctas contra os Turcos, D. Pedro, recolhendo-se, admirára em Roma as maravilhas da arte pagã, e as pompas do culto catholico; e, restituido ao reino, tinha casado com Isabel, filha do conde de Urgel, e neta de D. Pedro, rei de Aragão. Cavalleiro da ordem da Jarreteira, condestavel por morte de D. Nuno Alvares Pereira, e adorado por suas virtudes e qualidades, estranharam logo muitos que D. Duarte lhe houvesse preferido uma princeza estrangeira, e, aggravados da injustiça, trabalharam por emendar o erro, creando obstaculos a D. Leonor, e movendo

[1] Duarte Nunes de Leão, *Chronica del-rei D. Affonso V.*—Ruy de Pina, *Chronica de D. Affonso V.*

[2] Zurita, *Anales de Aragon.*—Pina, *Chronica del-rei D. Affonso V.*

contra o seu poder interino o animo dos póvos.

Sentindo-se desamparada, a rainha procurou, não sem destreza, encostar-se ao braço que todos esperavam se alçasse para a derrubar. Propoz ao infante o casamento de Affonso V com sua filha D. Isabel, e cuidou havel-o vinculado por este modo á sua causa pelo esplendor de tão invejada alliança. Illudiu-se. A ambição não se enfreia com promessas, quando vê proximo e certeiro o alvo dos desejos. D. Pedro agradeceu a D. Leonor a offerta em termos affectuosos, renovou-lhe os protestos de respeito e devoção, mas deixou adeantar as diligencias de seus partidarios. As côrtes de Torres Novas, que a rainha não soube dominar, concedendo-lhe o cuidado da educação do filho, despojaram-n'a, a despeito dos esforços de alguns fidalgos e do conde de Barcellos, da regencia do reino, e conferiram-n'a ao duque de Coimbra. Nasceram d'esta resolução discordias graves e sublevações. A rainha retirou-se a Alemquer, e, obrigada a entregar a D. Pedro o principe e o governo, dizia-lhe, resentida, que só agora se reputava inteiramente viuva, porque se via sem marido e sem filho. Entre as facções oppostas da côrte e dos estados, exposto aos tiros do odio e da inveja, o infante, desgostoso, quiz tambem sair de Lisboa, e só forçado pelo povo consentiu em não ceder aos competidores a direcção dos negocios publicos.

Por cumulo de infortunios, o prior do Crato, levantando as bandeiras da viuva de D. Duarte, e o conde de Barcellos, apoderando-se de Guimarães, acclamaram a resistencia, constrangendo o regente a empunhar as armas para os conter. Em todas estas alterações, funesta origem de que se derivou depois a catastrophe em que D. Pedro perdeu a vida, o

infante D. Henrique sempre representou o papel de conciliador zeloso, correndo de um a outro campo, aplacando as paixões, adoçando os amores proprios irritados, e congraçando os interesses mais oppostos e implacaveis [1].

A administração prudente e sábia do duque de Coimbra, justificou as esperanças dos que tinham luctado para lhe ser confiado o leme do estado. Tolerante, habil e generoso, deveu-lhe Portugal os annos mais felizes d'este periodo, respirando em paz á sombra das leis, dilatando as forças, e engrossando as riquezas no seio da mais profunda tranquillidade.

Os louvores e a satisfação dos subditos não desarmaram a má vontade dos inimigos do regente. Em vão, antepondo o bem do paiz ao orgulho pessoal, se havia elle reconciliado com o conde de Barcellos, seu irmão natural, esquecendo todas as offensas; debalde, para melhor affirmar a amizade recente, por morte de D. Gonçalo, senhor de Bragança, doára o senhorio d'aquella cidade ao conde; com o titulo de duque e inutilmente, tambem, perdoára ao arcebispo de Lisboa as injurias antigas, restituindo-o á sua diocese. Serviram só estes beneficios de fazer ingratos, azedando ainda mais a aversão dos que a auctoridade absoluta do duque confundia e humilhava.

Formou-se uma conspiração no paço, de que foram alma o duque de Bragança, o conde de Ourem, seu filho, e alguns fidalgos moços, companheiros inseparaveis d'el-rei. Aconselhada pelo arcebispo de Lisboa, esta parcialidade, denominada da *Capella da Guarda Roupa*, sempre ao lado de Affonso V, não cessava de deprimir o regente, pintando-o como homem austero, inimigo e censor das

[1] Ruy de Pina, cap. XVI e seguintes. — Nunes do de Leão, *Chronica de D. Affonso* V.

distracções juvenis, e devorado de insaciavel ambição, não perdendo ao mesmo tempo occasião de demolir no conceito do soberano inexperiente o respeito e a confiança merecidas pelos serviços e prendas do duque de Coimbra [1].

N'este periodo tocou Affonso V a edade de sair da tutela e de tomar o governo do reino, o o infante D. Pedro, convocando as côrtes immediatamente, perante ellas resignou o mando supremo e deu conta da sua administração, pedindo perdão a el-rei e ao povo dos erros que podesse ter commettido. Approvaram os Estados os actos da regencia, sanccionaram o casamento de Izabel com el-rei, seu primo, depois celebrado em maio de 1447, e assentiram que o duque de Coimbra continuasse a ajudar D. Affonso, seu sobrinho, com os conselhos, governando assim mais dois annos, quasi com tanta auctoridade como na epocha em que regêra o paiz durante a menoridade.

Mas as nuvens tempestuosas iam-se acastellando e cobrindo os horizontes só na apparencia socegados. O casamento d'el-rei com a filha do duque de Coimbra assustára os inimigos do infante, que viam perpetuada a base do predominio de D. Pedro.

O duque de Bragança, o conde de Ourem e o arcebispo de Lisboa, receosos de que, se o amor da esposa nova e formosa captivasse o rei mancebo, todos os enredos cairiam com uma palavra ou com um sorriso d'ella, redobraram os esforços para cavar entre o duque e o soberano abysmos que os separassem para sempre. Valendo-se da calumnia, ennegreceram o caracter do regente, e apalpando no

[1] Pina, cap. CXXXII.—Faria e Sousa, *Epitome*.—Nunes de Leão, *Chronica de D. Affonso V*.

animo de Affonso V o lado fragil—o orgulho juvenil da realeza — suggeriram-lhe suspeitas absurdas ácêrca da lealdade do sogro, descrevendo-o, como querendo passar em tudo pelo verdadeiro rei, diffamando com aleives a sua administração, e figurando-o detractor ambicioso e ingrato da capacidade do sobrinho.

Deu el-rei ouvidos a estas vozes, esfriou na amizade pelo tio, e principiou a dar-lhe signaes pouco equivocos de desagrado. D. Pedro, severo, inteiro, e por indole pouco soffredor, em logar de permanecer para desterrar da mente do monarcha as idéas incutidas pelos émulos, retirou-se da côrte aggravado e cedeu-lhes inteiramente o campo.

Exploraram elles logo o erro, e, aproveitando-se com destreza da ausencia do duque, acabaram de alienar-lhe o animo de Affonso V, não tremendo de o accusar até de envenenador de D. Duarte, de D. Leonor e do infante D. João, calumnia que espantou a todos, indignando os virtuosos. Correu o infante D. Henrique de Sagres a defender o irmão, mas chegou tarde. Senhores da vontade de el-rei, os inimigos de D. Pedro facilmente o emmudeceram, assacando-lhe a cumplicidade nos delictos imputados ao duque.

Quiz o regente voltar á côrte, e entender-se com D. Henrique para ambos ligados pulverizarem a facção do duque de Bragança. Mas esta, vigilante e sem escrupulos, temendo que os infantes destruissem em uma hora a obra de tantos annos, conseguiu d'el-rei que expedisse contra D. Pedro e seus parciaes as ordens mais injustas e crueis, prohibindo-lhes a entrada no paço, e até a menor communicação e intimidade. Por fim, completamente dominado pelos inimigos de seu sogro, Affonso V, sob pretextos futeis, mandou

aperceber para a guerra as cidades e villas do reino, decidido a investir Coimbra se o regente não cedesse, e de feito, no mez de outubro de 1445 marchou de Cintra para se pôr á testa de suas tropas[1].

N'esta extremidade apenas restavam ao desditoso principe duas esperanças—o apoio do braço valoroso do conde de Abranches, D. Alvaro Vaz de Almada, que no conselho reptára á lança e á espada os calumniadores do infante sem nenhum se atrever a apanhar-lhe a luva, e a amizade auctorizada de seu irmão D. Henrique, que, munido com elle, podia mudar o mau aspecto das coisas. D. Henrique estava em Thomar. Avisou-o dos aggravos que padecia e dos perigos que o ameaçavam, porque o duque de Bragança, para o affrontar, intentava atravessar armado por suas terras. Respondeu-lhe, pedindo que nada decidisse sem elle em pessoa ir, para o que se ficava apromptando; mas não cumpriu a promessa. Em vez de accudir a Coimbra, aonde D. Pedro o esperava com tanta afflicção e necessidade, fugiu para a côrte, não querendo desobedecer a el-rei, nem declarar-se pelo irmão contra o duque de Bragança!

Duarte Nunes, em phrases acerbas, flagella esta politica doble, dizendo, depois de alludir á tristeza e desamparo do regente, enganado em suas ultimas illusões, que similhante acção «fôra grande mácula na honra e fama do infante D. Henrique segundo os bons homens e graves d'aquelle tempo, e tanto mais, quanto menos obrigação tinha de mulher e filhos por quem quizesse poupar a vida e adquirir mais estado, e por seu irmão

[1] Ruy de Pina, *Chronica del-rei D. Affonso V*, cap. CXXXVIII e seguintes.

D. Pedro ser seu irmão inteiro e legitimo, e padecer calumnias e accusações falsas [1].»

Privado de todo o auxilio e dos conselhos do irmão, o duque de Coimbra resolveu marchar sobre Lisboa para vir justificar-se. Saiu Affonso V a oppor-se, e a batalha de Alfarrobeira poz termo á lucta e aos dias do infante. Uma seta varou-lhe o corpo, prostrando-o. O conde de Abranches, que jurára sobre a hostia não lhe sobreviver, sabendo que era morto, depois de obrar prodigios de valor, deixou-se cair por terra para acabar tambem n'aquelles campos infelizes, exclamando: «O' corpo, já sinto que não pódes mais, e tu, minha alma, já tardas: agora fartar, villanagem!»

O sangue do infante, vertido n'esta peleja ingloria, não ficou inulto. Da filha de D. Pedro nasceu o principe, que tomou sobre si a obra terrivel da expiação. O cadafalso do duque de Bragança vingou o quasi assassinio de Alfarrobeira. Os filhos pagaram no duplo as dividas e os crimes dos paes. Só depois de cerrada a campa sobre as cinzas de D. João II é que as duas raças inimigas se congraçaram no reinado d'el-rei D. Manuel [2].

VII

D. João I, como pae que sabia crear e educar os filhos, e como rei que sabia mandar, nos ultimos dezoito annos havia repartido pelos infantes as diversas provincias do governo do reino. N'esta divisão coube a D. Henri-

[1] Duarte Nunes, *Chronica e vida de D. Affonso V*, cap. XVII.

[2] Damião de Goes, *Chronica do principe D. João* cap. IV e V.

que a direcção e vigilancia das conquistas d'além do estreito, cuja séde era Ceuta, entrada por onde todos esperavam abrir caminho a maiores victorias.

Quando os mouros, em agosto de 1419, vieram cercar e combater a cidade, o mestre de Aviz, apressando os soccoros, confiára a seu filho a armada que enviou de Lisboa em auxilio da praça, e notámos já como no reinado de D. Duarte a expedição de Tanger fôra guiada egualmente pelo infante, não encobrindo as accusações que padeceu por causa do revez e do captiveiro do irmão, nem a firmeza com que se oppozera á restituição de Ceuta, exigida em resgate do principe pelos infieis.

Finalmente quando Affonso V determinou investir em pessoa Alcacer, consultou o tio, concertou o plano e o modo do assalto com elle, e, embarcando em Setubal a 30 de setembro de 1458, foi buscal-o a Sagres, aonde residia, para esperarem juntos a frota do Porto, commandada pelo marquez de Valença. A esquadra com que el-rei desaferrou das praias do Algarve compunha-se de duzentos e oitenta vasos, entre galés, naus, fustas, caravelas e navios de guerra e de transporte, e levava a bordo vinte e seis mil homens de peleja.[1]

Alcacer, que os Arabes chamavam *Cassar ezzaghir* (paço pequeno), tinha sido edificada por Almansor, Emir Al Moumetim de Marrocos, na orla da costa, a tres leguas da peninsula Hispanica, para abrigo de suas velas e defesa do embarque de suas tropas. Era villa sadía, risonha e populosa, rica de mercadores e fabricantes, e mais que todas frequentada pelo commercio maritimo.

[1] Este é o calculo de Damião Goes na *Chronica do principe D. João*, cap. X. Outros auctores contam só 220 velas e 20:000 combatentes.

Affonso V resolvêra rendêl-a. O tio, conforme com elle, coadjuvára com grande zêlo este intento. Tres dias de navegação aproaram a armada á barra de Tanger. O filho de D. Duarte, cujos altos pensamentos não desmentiam os brios reaes, contemplando a nobreza e opulencia da cidade, e hesitando se deveria trocar por acção mais illustre o feito de Alcacer, convocou os infantes (D. Henrique seu tio, e D. Fernando seu irmão), e reunindo o conselho, propoz-se convencel-os a todos das vantagens da nova empreza.

Contava el-rei então vinte e seis annos de edade, era dotado de presença gentil, muito agil e esbelto de corpo, apezar de um pouco grosso, usava barba comprida, tinha o rosto alvo e córado, e maneiras insinuantes. Dado ás lettras, amigo e protector de seus cultores, falava e escrevia com eloquencia, e possuia o raro condão de grangear vontades e de attrahir affectos.[1]

O discurso, cuja substancia referem os chronistas, fôra calculado para arrebatar cavalleiros como os que trazia comsigo. Recordando-lhes o desbarato de 1436 deante dos muros d'aquella cidade, e a necessidade de o vingar agora, que a occasião se lhes offerecia propicia, ponderou que, rendida Tanger, a gloria e o terror de nossas armas nos abririam com facilidade as portas de Alcacer. Insistiu depois, e apontou os motivos que o demoviam do primeiro proposito, inclinando-o ao segundo. O enthusiasmo é contagioso, e a voz dos soberanos quasi sempre persuasiva, se pede o que póde mandar.

Os mancebos applaudiram o rei, animados do mesmo ardor; mas o infante D. Henrique,

[1] Vid. Ruy de Pina, Pulgar, Caribay e Nunes de Leão.

amestrado pela experiencia, já ancião (64 annos), e tão pago de illusões juvenis defronte d'aquellas muralhas, oppoz com auctoridade o seu voto ao do sobrinho, e prevaleceu pela prudencia e madureza das razões.[1]

Louvando-lhe o valor invencivel, e lisongeando-o como quem conhecia as fragilidades d'aquelle caracter heroico, no principio poz de parte, para não lhe ferir o orgulho, a fortaleza de Tanger e os perigos de a combater de leve, dizendo cortezmente, que não duvidava do exito, pois aonde estava el-rei não havia facção difficil. Ao mesmo tempo valeu-se do unico argumento que podia abalar-lhe a sua resolução.

Notou que a gente guerreira que o acompanhava partira de Portugal com a promessa da conquista de Alcacer, e que, para a intentar, todos traziam a vontade prompta, persuadidos de que a mesma coisa seria vêr a villa do que ganhal-a; mas que sabendo de repente a mudança, e pouco dispostas para ella pelas lembranças dos desastres passados, podiam desmaiar, obedecendo constrangidos, e pelejando mais por vergonha que por vontade.

«Se por esta causa (ajuntou) accommettesseis Tanger, sem a vencer, a fadiga e tristeza do revez obrigar-vos-hiam a recolher ao reino sem investir Alcacer, e, além do pejo do feito mallogrado, ouvirieis queixas e censuras por causa das despezas e do sangue prodigalizado sem fructo.» Affonso V escutou attentamente as palavras do infante, convenceu-se da sabedoria d'ellas, e encerrou a deli-

[1] Damião de Goes, *Chronica do principe D. João*, cap. XI.—Duarte Nunes, *Chronica del rei D. Affonso V.*—Ruy de Pina.

beração, exclamando: «Em nome de Deus seja! Vamos a Alcacer.»[1]

Dois dias depois avistava as ameias e as torres da villa. Era tal a impaciencia do rei, que mandou logo armar os bateis e saltar a gente; mas o numero das fustas e dos bésteiros e homens de armas alongavam o desembarque, apressado pelo animo insoffrido do principe. O infante D. Henrique, com a sua divisão de quarenta velas, descaindo com a força das aguas, tinha sido forçado a ancorar duas leguas abaixo, e por isso tambem se demorava. Conseguiu por fim cortar a corrente, approximou-se, e os escaleres remaram immediatamente para terra. Foi a voga arrancada com tal vigor, que todos vararam na praia quasi a um tempo, e nunca se alcançou com verdade quem fôra que a trilhára primeiro.

Mais de quinhentos mouros, cavalleiros e ousados, e muitos homens de pé, defendiam aquellas areias, e começaram a regal-as de sangue seu e nosso. Pelejavam os Portuguezes deante dos olhos do rei, haviam jurado dar-lhe Alcacer, e vinham sofregos de medir o braço com os infieis; mas estes, resistindo, sentiam o esforço avivado pelo amor dos filhos e das mulheres, e pela esperança de conservar a patria e os bens. Durou bastante o recontro, e só depois de cairem alguns mortos de parte a parte é que os da villa esmoreceram, recolhendo-se uns pelas portas logo cerradas atraz d'elles, e refugiando-se outros nas brenhas quasi inaccessiveis da serra vizinha, aonde os nossos se não atreveram a seguil-os.[2]

[1] Damião de Goes, *Chronica do principe D. João*, cap. XI.—Duarte Nunes, *Chronica del-rei D. Affonso V*—Ruy de Pina.

[2] Os mesmos auctores citados.

Anoitecêra ao findar a refrega, e os capitães aproveitaram as trevas para desembarcar os trons, as bombardas e os petrechos necessarios para o combate da villa, riscando e assentando ao mesmo tempo o arrayal, porque viram logo pela mostra bellicosa que os Mouros tinham dado de si, que sem engenhos de guerra os não haviam de render tão cedo, como imaginavam ou como se lhes promettêra. Os infieis por seu lado tambem não repousaram. Não se fiando nas fortificações que os cobriam, levantáram á pressa novos parapeitos e reparos, e proveram-n'os com diligencia de defensores e munições.

Não lhes deu tempo para mais a intrepidez d'el-rei. Apenas amanheceu, repartidos os postos e ordenados os terços e companhias, mandou tocar as trombetas e accommetter de rosto as tranqueiras, que os da villa sustentaram com tiros de pedra, nuvens de azagaias, panellas de polvora e arremessos variados. Dilatou-se a contenda com muito sangue esparzido de parte a parte. Por ultimo, os agarenos, não podendo já suster o impeto dos portuguezes, deram as costas, e metteram-se dentro dos muros, pouco esperançados de os salvar da ruina[1].

Ennovellaram-se de envolta com elles alguns dos nossos, subiram outros os valles atropellando-se, e muitos, rompendo as paredes com as armas, penetraram pelas brechas. Os cavalleiros da mercê do infante D. Henrique, vendo o tumulto da investida, accudiram com machados ás portas das tranqueiras, arrombaram-n'as, e por ellas dentro, como torrente despenhada, chegaram em tropel a pôr as lanças nas portas da villa, que, mais fortes e

[1] Goes, *Chronica do principe D. João.*—Ruy de Pina.—Nunes de Leão.

chapeadas de ferro, lhes desfalleceram os braços. não se deixando despedaçar. Dos adarves os Mouros repelliram-n'os com invenções de fogo e golpes desesperados, até que os forçaçaram a afastar-se, mal feridos e desenganados.

Espaçaram-se os combates até o sol se esconder. A resistencia dos inimigos provára ao infante e a el-rei que o lance de Ceuta e o milagre da primeira conquista africana não se repetiria em Alcacer. Ambos, como bons capitães, cuidaram em dispor as coisas de modo que a villa caisse em seu poder antes que assomasse de fóra algum soccorro[1].

Approximaram-se da muralha as mantas de guerra e os engenhos, picou-se o muro em differentes pontos, e encostaram-se as escadas para subir aos terraços. Rebentou com o alvorecer a peleja por todas as partes, turvou-se a claridade do dia com a chuva de frechas, pedras e pelouros cruzados, e coroaram-se de fogo as ameias. As escadas, tombadas, esmigalhavam-se no chão com os que as trepavam; os trons, disparados uns apóz outros, enviavam pelos ares grossas quadrellas, que, silvando, vinham estalar as mantas de guerra, ou rasgavam horrendos sulcos nas fileiras rotas e ensanguentadas dos sitiantes. Ao desafio das trombetas e caixas christãs respondia a fera braveza dos atabales e anafis mouriscos; as vozes de S. Jorge e de Portugal eram abafadas pelos clamores de Allah e Alkassar! Juncou-se de feridos e de mortos o campo; mas o estandarte vermelho do propheta não se arriou nas torres deante da bandeira das quinas. As sombras da noite, no segundo dia, baixaram sem a victoria sobre as dores e gemidos, e sobre o espectaculo cruen-

[1] Ruy de Pina.—Goes.—Nunes de Leão.

to dos arrayaes inflammados. As horas de repouso, em vez de aplacar, atearam as iras e o incendio. Durante ellas recrudesceu a lucta.

Ia já a noite em meio, sem tregua no conflicto, quando o infante D. Henrique, como cavalleiro practico na arte militar, mudando de tactica, mandou assestar contra o muro uma bombarda grossa, e, tentando com premios a cubiça do mestre, conservou-se ao lado d'elle em quanto fez os tiros. O primeiro derrubou logo um grande lanço do muro, e o segundo ainda alargou a brecha. Receosos os Mouros de que o engenho lhes acabasse de demolir de todo a defesa, e movidos pelo prantos e súpplicas das mulheres e filhos, acenaram de cima com a bandeira de paz, e pediram quartel.

Mandou o infante suspender o combate e calar o ruido das armas. Offereceram-lhe a entrega da villa em troca da vida, da liberdade e das fazendas; concedeu, mas exigindo os captivos christãos, e refens que assegurassem a lealdade do pacto. Submetteram-se os vencidos, confirmou Affonso V a capitulação, e a 23 de outubro de 1458 Alcacer era del-rei de Portugal. Os infieis despejaram a villa de madrugada, saíndo com as mulheres, as crianças e o espolio que poderam transportar. Ao meio dia entrava D. Affonso na povoação rodeado da sua côrte guerreira.

Esta foi a derradeira empreza do infante D. Henrique em terras de Africa, louvado por consenso unanime em todo o cêrco como o unico e verdadeiro auctor da conquista. Desforra de um grande espirito na infelicidade de Tanger. A fortuna compensou-lhe com a gloria d'estes dias e com os jubilos do triumpho as humilhações e amarguras do primeiro revez. O filho de D. João I não dormiria tranquillo ao lado do tumulo de seu pae,

se não podesse attestar ao vencedor de Ceuta, que o captiveiro de seu irmão D. Fernando ficava vingado com o captiveiro de Alcacer.

VIII

Entrâmos, finalmente, em novo campo, no qual o filho de D. João I não conhece emulo nem competidor. Alludimos aos descobrimentos maritimos, brazão invejado do seculo XV, gloria immortal do principe, que, para o intentar, luctou com opposições e obstaculos de toda a especie, conseguindo leval-o tão longe em seus dias, que deixou aberto o caminho aos navegadores de D. João II, e as portas do Oriente entrecerradas, para Vasco da Gama e D. Manuel, mais felizes, as devassarem depois.

Foram só do infante o risco e a execução do projecto. Nenhum soberano, nenhum particular o precedeu ou acompanhou no começo, e nunca proposito audacioso nasceu de principios menos elevados. Mesmo depois do descobrimento do Corpo Santo e da Madeira tudo parecia contrariar ainda as idéas de D. Henrique; tudo tendia a desanimar a sua constancia. As murmurações e a contradicção redobravam. Os maus resultados por muitos annos deram razão aos que arguiam de vã e de perigosa a carreira que mandava romper as suas velas. Os mais doutos e avisados estranhavam as novas navegações, tractando-as de chimericas. O povo e as classes menos allumiadas accusavam-n'o quasi de tentar a Deus com ellas.

Contrariedades eram estas para alma menos firme se desalentar, ou para persuasão menos convencida se esmorecer. Mas a luz que o guiava, e que lhe esclarecia o plano a que

votára a vida, era luz mui viva e mui alta para se apagar com o sôpro do orgulho humano, ou com o bafo arido do scepticismo das multidões. Escutando com fé admiravel a voz do futuro, encerrado a sós com seus pensamentos longe da côrte e das distracções, fitou os olhos do espirito na immensidade das aguas, que até ao derradeiro suspiro sempre quiz deante da vista como promessa e como incentivo; intrepido, continuou a pisar a estrada que tantos erros e trevas escondia aos engenhos mais cultos do seu tempo.

D. Henrique era ambicioso de louvores. Soube justifical-os. Aquella grande alma achava estreito para seu ardor o pequeno Portugal. No amor viril, em que se desentranhava pela patria, sonhára para ella prosperidades e grandezas, que a fortuna tomou sobre si realizar, mas que nos exordios deviam até figurar-se a elle proprio quasi loucas. Loucura sublime dos homens que se antecipam ao seculo e ás idêas communs, rasgando sós, e muitas vezes escarnecidos, as sendas dolorosas do porvir.

Se compararmos a vastidão dos designios com os meios limitados que podia applicar, mais nos ha de maravilhar ainda o exito. D. Henrique era duque de Vizeu, senhor da Covilhã, e oitavo governador e administrador da ordem de Christo, quando encetou, talvez antes de 1415, suas ousadas navegações. Não possuia mais rendas do que as do ducado, as do senhorio da Covilhã, terra já n'esses dias rica, e as do mestrado de Christo, que, aproveitadas com economia, o ajudaram muito. Depois as ilhas achadas por seus capitães e povoadas por elle, e o commercio das costas de Africa, que ia descobrindo, soccorreram-n'o com bons lucros, mas esses mesmos foram sempre inferiores aos avanços.

A prova é que em 1449 devia ao duque de Bragança D. Fernando I mais de dezenove mil escudos de ouro, e annos depois, á primeira responsabilidade accrescia outra quasi egual de dezeseis mil. Parte d'estas dividas pagou-as o sobrinho, o infante D. Fernando, seu filho adoptivo, e o resto acabou de o satisfazer el-rei D. Manuel, sendo ainda duque de Beja. O governo superior de Africa e de Ceuta, que seu pae lhe delegou logo depois da conquista, que D. Duarte lhe conservára, e que Affonso V lhe quiz tambem continuar, ao que parece, se por um lado lhe facilitava informações, buscadas com diligencia, pelo outro, em vez de lhe prestar o menor auxilio pecuniario, havia de custar-lhe grossas quantias em diversas occasiões. Baste lembrarmos a expedição de Tanger e a de Alcacer.

Muitos, arrastados da phantasia, suppozeram inteiramente casuaes e nascidos de lances ditosos os descobrimentos do infante. Para negar a sciencia da sua epocha e repetir com perseverança tentativas infructuosas, dando argumento e ousadia aos detractores da empreza, D. Henrique obedecia a razões solidas, e não se entregava, como visionario, aos impetos cegos de temeraria obstinação. O véu que occultava a verdade não era tão espesso como em geral se cuida. O passado e o presente offereciam ao estudioso paginas esperançosas, que os outros não sabiam ler, mas que homens versados na observação dos factos podiam decifrar, apezar da quasi obscuridade de seus furtivos clarões.

O tractado de Raymundo Lullo ou Lullio, escripto por fins do seculo XIV, grangeára popularidade na Europa; e não fôra talvez indifferente á resolução da conquista de Ceuta, como o não foi de certo ao cêrco e conquista de Granada, realizados depois, duas cidades musul-

manas que o sabio malhorquino denunciára ás armas christãs, como base da nova cruzada aconselhada contra os ismaelitas. D. João I executou a primeira; Fernando e Izabel encarregaram-se mais tarde da segunda; o infante D. Henrique, no meio d'elles, emprehendendo a circumnavegação da Africa, e buscando a communicação com os mares orientaes tornou-se um dos auxiliares mais efficazes de tão grandioso desenho.

Os escriptos de Lullio eram lidos e commentados na sua patria. A ilha de Malhorca no seculo XIII já se reputava eschola theorica e practica de navegadores, e seus marinheiros, junctos aos catalães, já haviam talvez montado os promontorios Nam e Bojador antes dos maritimos de Sagres, cujo mestre, segundo se affirma, fôra o malhorquino Jacome, tido em conta de mui douto na arte de navegar, de traçar cartas e de aperfeiçoar os instrumentos nauticos. E' provavel que d'elle soubesse o infante D. Henrique as idéas de Raymundo Lullio, se as não alcançára já, e que se confirmasse mais com ellas no proposito de arrancar aos agarenos do Egypto o rendoso commercio da especiaria, alvo e fim de todos os seus esforços. Esta conjectura, que não se nos representa áerea ou leviana, poderia invocar em seu favor a grande auctoridade de Humboldt, e acha-se quasi esboçada em uma das Decadas de João de Barros[1].

Os defensores da sciencia repudiavam sem escrupulo as idéas do infante, capitulando-as de inexequiveis, fundando-se nas antigas preoccupações, não contrariadas ainda pela experiencia, que representavam a zona torrida inhabitavel, e a existencia dos antipodas

[1] Humboldt. *Ex. Crit.*, *I*, pag. 283, 284, 285.—Barros. Decada I.

impossivel. Imaginavam-se medos incriveis para desmaiar o animo dos navegadores. Além do cabo de Nam, aonde a tradição de muitos seculos levantára as ultimas barreiras, extendia-se o mar tenebroso dos Arabes, o pelago semeado de perigos e ciladas, o Oceano povoádo de monstros, e nunca trilhado das quinas aventurosas. A' doutrina dos sabedores e dos livros uniam-se, pois, os terrores da multidão incapazes elles e ella de apreciar o que havia de grande e de elevado nos pensamentos de D. Henrique, sendo a empreza do filho de D. João I tanto mais admiravel, quanto mais se levantavam para a combater as theorias recebidas, o voto dos homens conceituados de competentes, e os preconceitos populares.

Hipparco de Nicéa negára a juncção dos oceanos Indico e Atlantico, assimilhando-os a immensos lagos. Seguiu-o a eschola de Alexandria, e achou em Ptolemeu um oraculo reverenciado para assegurar quasi foros de axioma á asserção. A este erro, que a auctoridade da eschola tornava inexpugnavel, juntaram-se outros, que não concorreram pouco tambem para cerrar aquelles mares a todas as explorações. Eram as falsas opiniões, derivadas da ignorancia das aguas nunca navegadas, da ignorancia da extensão meridional do continente africano e sua fórma, e, finalmente, da ignorancia da zona torrida habitavel e habitada. Todas ellas, cada qual por seu modo, desmentiam as esperanças do infante, condemnando como absurdas e quasi irreligiosas suas tentativas, porque excediam a esphera dos conhecimentos da epocha e a medida limitada do entendimento vulgar [1]

[1] Vid. *Memoria sobre a novidade da navegação portugueza no seculo XV*, por Antonio Ribeiro dos Santos. —Tom. VIII, das *Memorias de Litteratura da acade-*

A's noções, geralmente admittidas, D. Henrique sómente podia oppor conjecturas, mas conjecturas que valiam mais do que os suppostos acertos dos censores. Versado nos estudos mathematicos do tempo e na leitura dos antigos e modernos auctores, não concebêra de leve o plano de abrir a nova carreira da India pelo descobrimento dos mares e costas africanas. As antigas cartas, tabuas e descripções dos geographos faziam-n'o suppôr que a grande massa de aguas que circumda a Africa, banhando-lhe a testa meridional, iria reunir-se com o oceano oriental. As navegações ordenadas por Necháo, rei do Egypto, aos marinheiros phenicios, e as viagens á roda de Africa, narradas por Plinio, auctorizavam com exemplos esta hypothese [1].

Para a fortificar, podia ainda citar a noticia das explorações maritimas dos dois Marselhezes Pytheas e Euthymenes, apezar de ser tractada a primeira de fabulosa por Polybio e Strabo. As cruzadas, o commercio com o Oriente, por Alexandria, e as peregrinações por terra, tinham alargado muito as fronteiras da geographia, avivando o gosto e a curiosidade do seu estudo desde meiados, principalmente, do seculo XIV. Todos estes subsidios, auxiliados das proprias reflexões, estimulando a inspiração de um entendimento elevado, determinaram a vocação do principe, e affirmaram em sua indole perseverante uma resolução inabalavel [2].

As causas que moveram o infante, e que o decidiram a dedicar-se todo a esta empreza,

mia real das Sciencias.—Obras completas de Francisco de S. Luiz (cardeal Saraiva) tom. I.—*Memoria ácerca do infante D. Henrique*, pag. 293 e seguintes.

[1] Plinio, liv. II, cap. LXIX.

[2] Seneca, *Quest. Natur.*, livro IV, cap. II.

encontram-se expostas com clareza no capitulo VII da *Chronica da conquista de Guiné*, por Gomes Eannes de Azurara, e no setimo capitulo da *Chronica de D. João*, por Damião de Goes. Ambos attribuem á assidua conversação dos antigos cosmographos o primeiro proposito, e assignam os annos immediatos á tomada de Ceuta como a verdadeira epocha em que elle esboçou seus ensaios. Para os proseguir com maior constancia e de mais perto assentou a residencia em Sagres, no antigo promotorio Sacro, querendo por despertadores constantes os proprios mares que devassava, e fundando alli a povoação depois chamada Villa Nova do Infante [1].

O famoso Luiz de Cadamosto, gentil-homem veneziano, alli se avistou com elle na pequena aldeia da Rapozeira, sitio apartado do tumulto das gentes, e muito proprio, por isso, para contemplações. A habitação usual do principe era, porém, na villa de *Terça Nabal* (Tercena Naval—Sagres). E' provavel que se recolhesse á Rapozeira em certos mezes do anno, e que n'aquella casa de campo, mais retirada, descançasse do enfado da obra da edificação de Villa Nova, e das fadigas e cuidados de suas navegações. O governo de Ceuta facilitava-lhe a communicação da Africa, e por via d'ella o tracto dos Mouros dos portos e do interior, por meio dos quaes ia apurando as noticias, e duvidando ou confirmando o que a licção dos livros e as informações anteriores lhe asseveravam com maior ou menor authenticidade [2].

[1] O promontorio Sacro era o ponto hoje denominado Cabo de S. Vicente. Vid. Gomes Eannes de Azurara, *Chronica da conquista da Guiné*, sobre a villa de Terça Nabal e os trabalhos do infante.

[2] Damião de Goes, *Chronica do principe D. João*,

A protecção e liberdade com que estimulava os progressos nauticos, premiando todos os descobrimentos, attrahia não só os pilotos e practicos malhorquinos e catalães, como alguns geographos e astronomos, convertendo com o tempo Sagres quasi em eschola e seminario de estudos e applicações mathematicas. Os primeiros resultados, e a fama dilatada com o successo, convidaram depois á côrte scientifica do infante muitos sabedores e mestres de navegação, e alguns estrangeiros illustres de quasi todos os reinos da Europa, desejosos de entrar n'aquelle paço, ou de se offerecerem a seu serviço. Cadamosto, juiz habilitado da capacidade de D. Henrique e da importancia de seus commettimentos, louva-o como unico inventor dos descobrimentos que o maravilhavam, e reputa-o um dos homens mais instruidos da epocha por seus estudos astronomicos. A seu vêr, era um principe sinceramente grande pela generosidade do coração e pela elevação e sublimidade do engenho[1].

Perito nas sciencias mathematicas, quanto o comportava o seculo em que viveu, e rodeado de auxiliares notaveis na theoria ou na practica dos estudos nauticos e cosmographicos, meditando á luz da razão os tractados dos antigos, e discutindo como sabedor e com sabedores o que a experiencia do passado e do presente podia dizer-lhe, o infante, segundo notámos, não intentava este feito novo, arriscado e dispendioso, e não o continuava

cap. VII.—Antonio Ribeiro dos Santos, *Memorias historicas sobre alguns portuguezes e estrangeiros*, etc. Tom. VIII das *Memorias de litteratura da academia real das sciencias de Lisboa.—Navegações de Luiz de Cadamosto —Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*, tom. II.

[1] Os mesmos auctores.

com tanto ardor, sem motivos solidos, sem tradições escriptas e oraes que o alentassem sem a quasi certeza, em fim, de feliz exito. O livro de Marco Paulo, dado ao infante D. Pedro em Veneza, o planispherio do Veneziano Marino Sanuto, e o antigo mappa, delineado em pergaminho, da bellissima e velha carta trazida do Cathaio pelo celebre viajante, dos quaes D. Henrique alcançára de certo noticia, se não cópia exacta, coadjuvaram muito seguramente seus esforços, allumiando-lhe o caminho, contestando á sciencia vulgar as suas asserções dogmaticas, e negando á doutrina da eschola da Alexandria e de Ptolemeu a auctoridade de oraculos, com espanto da Europa erudita e confusão dos oradores dos idolos venerados.

Assim, um dos maiores acontecimentos da historia moderna foi concebido e executado, não por cegas resoluções dictadas pelo amor proprio, ou filhas de vaidades levianas, mas em virtude de um plano amadurecido pela reflexão seguido com lucidez e perseverança. A principal gloria do infante D. Henrique consistiu em ter escutado para seus vastos designios mais ainda a razão e a sciencia, do que o orgulho humano ou esperanças temerarias. Raras vezes se consummam verdadeiros prodigios por outra fórma[1].

IX

A conquista de Ceuta e as proezas obradas no assalto por D. Henrique tinham apregoado a fama de suas armas nas côrtes guerreiras da Europa. Não só desde essa epocha o rodeou no reino a flôr dos mancebos e cavalleiros,

[1] *Ibidem.*

como fóra d'elle a noticia de suas acções, divulgada pelos aventureiros que haviam acompanhado, em 1415, a armada de D. João I, firmou o merecido conceito de seu valor e sabedoria. Andavam por isso sempre em casa do infante os fidalgos de mais reputação, e muitos estrangeiros illustres, attrahidos de todos os paizes pelo desejo de o conhecer, ou pelo ardor de quinhoarem os perigos de suas emprezas. D'esta opinião se derivou o erro de fr. Luiz de Sousa na *Historia de S. Domingos* (liv. VI, fl. 331), que José Soares da Silva repetiu nas *Memorias del-rei D. João I*, suppondo ambos que o infante fôra eleito rei de Chypre, eleição impossivel, porque, cedida a ilha em 1191 a Gui de Lusignan, sua posteridade reinou sem quebra até 1487.

Mas a purpura real em que podia realçar a nobreza herdada e natural do filho do vencedor de Aljubarrota? Sem diadema, D. Henrique era um dos principes mais celebres e respeitados do seu tempo. Gomes Eannes, na *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné* (cap. VI), exaltando as virtudes do duque de Vizeu, mostra-nos como os soberanos mais illustres tinham os olhos fitos n'elle, e por vezes quizeram valer-se do seu braço em lances arriscados. O papa Martinho V (?) convidou-o para capitão de seus exercitos provavelmente pelos annos de 1420 ou de 1421, depois da embaixada em que o imperador Manuel Paleologo lhe mandou pedir soccorro contra os Turcos. O imperador Segismundo offereceu-lhe egualmente distincto logar no seu campo e em seus conselhos, informado das qualidades eminentes que o ornavam pelas relações dos agentes enviados com frequencia á côrte de Lisboa, e pelos elogios dos representantes de Portugal no concilio de Constança. Finalmente, os reis de Castella, D. João II, e

o de Inglaterra Henrique V, um como vizinho, outro como parente, não careciam senão de ouvir os subditos para apreciarem o caracter do infante, e lhe proporem os partidos mais vantajosos.

Fiel á sua divisa e constante no entranhado amor votado á patria, D. Henrique não se deixou vencer da vaidade de reverdecer no Oriente as palmas africanas, nem do orgulho irreflectido de ser o primeiro ao lado dos Cesares modernos, ou de outro poderoso monarcha. Em suas mãos a espada era instrumento civilizador, e não meio de engrandecimento pessoal. Se a apontava ao rosto das cidades infieis, se ardia em desejos de rasgar com ella o caminho das victorias desde Tanger e Alcacer até Fez e Marrocos, n'estas aventuras, ou no ousado commettimento das navegações nunca olhou por si, accrescentando dominios, ou levantando á propria ambição novos imperios. Cumpria o voto da sua alma e da sua fé. Dilatava o culto do seu Deus e o esplendor da terra em que nascêra. Tudo o que descobriu, tudo o que conquistou ou ajudou a conquistar, foi por elle generosa e espontaneamente doado á ordem de que era mestre, não guardando senão o direito de não descançar em tão prolongada fadiga, e a gloria de ter feito d'este pequeno reino occidental o berço da mais profunda e admirada revolução que o mundo contemplára desde a quéda do imperio romano.

Encerrado na quasi solidão de Sagres, com a vista cravada nos astros e nas ondas, seguia d'alli com a esperança a derrota dos intrepidos pilotos, mandados a tomar posse do futuro contra os receios do incognito e os erros da sciencia, dois terrores invenciveis apostados a cerrarem as portas do Oriente e a revelação do novo mundo ás raças da velha Europa,

ainda incredulas. Fôra em 1416 que D. Henrique lançára os fundamentos da povoação riscada por elle no cabo de S. Vicente, quasi no ponto em que se combatem as aguas dos dois mares, o Oceano e o Mediterraneo. Em 1453 estava a edificação ainda atrazada. Existiam apenas os muros de *boa fortaleza*, que cingiam a villa, e algumas casas e officinas construidas para o trato dos mercadores e navegadores que passavam de levante a poente, os quaes o infante desejava attrahir, disputando a Cadix, menos abrigada, a supremacia que a posição lhe assegura [1]. Os Genovezes, grandes mestres na arte de navegar, notando o assento e as vantagens que a villa promettia, propozeram a D. Henrique elevado preço pela concessão de uma feitoria, ou talvez pela auctorização de fundarem uma colonia similhante ás que possuiam nas costas do mar Negro, entre as quaes Smyrna e Caffa eram já citadas pela opulencia [2].

Engeitou o infante a proposta. Conhecia os Genovezes. Sabendo que não costumavam empregar os capitaes sem a certeza de grossos lucros, confirmou-se no proposito de os não admittir por socios, o que infallivelmente havia de acontecer se lhes abrisse o territorio. Genova, a esse tempo poderosa e mercantil, vangloriava-se de alargar os estabelecimentos e a influencia pela Asia e pela Africa, dominando Constantinopla com o senhorio de Pera e Galata, e o archipelago com o dominio de Scio, Mytilene e Tenedos. Os principes italianos, os imperadores gregos, os sultões

[1] Gomes Eannes de Azurara, *Chronica do descobrimento e conquista de Guiné*, cap. V, pag. 33 e 34

[2] Ibidem, cap. V, pag. 34 Vid. a erudita nota do editor sobre a importancia do commercio e marinha de Genova.

do Egypto e os reis de Castella e de Aragão pleiteavam-lhe a alliança, invocando com frequencia os auxilios da sua marinha. D. Henrique dispensou a vizinhança e os soccorros navaes da republica, preferindo com prudencia triumphos mais lentos e mais seguros á perigosa intervenção de alliados ávidos e incommodos, que de certo lhe teriam disputado depois os mais bellos padrões de gloria, e absorvido pelo menos avultado quinhão nos fructos colhidos em premio de tantos sacrificios e trabalhos.

A data em que D. Henrique encetou as navegações não consta por modo authentico. Damião de Goes, na *Chronica do principe D. João*; Soares da Silva, nas *Memorias del-rei D. João I*; Cadamosto, no opusculo de *Suas Navegações*; e Gomes Eannes, na *Chronica de Guiné*, variam mais ou menos sobre a epocha do começo das explorações. O douto cardeal Saraiva, no *Indice chronologico*, aponta o anno de 1416 ou o de 1417 como data provavel das primeiras tentativas para dobrar o cabo Bojador, seguindo para o sul. Azurara, affirmando que Gil Eannes partira pela primeira vez de Portugal em 1433, *havendo já doze annos que o principe mandára descobrir*, faz remontar a 1421 e não a 1419, como assevera Goes (*Chronica do principe D. João*, cap. VIII), os ensaios de certo ainda timidos, em que o principe apalpou as difficuldades. Cadamosto equivoca-se confundindo o anno em que Gil Eannes montou o cabo Bojador com o anno em que tinha sido montado o promontorio Nam, o qual Damião de Goes quer que fosse dobrado em 1415, em quanto Antonio Galvão e Faria e Sousa (*Memoria de todos as armadas*) sustentam que já o fôra tres annos antes, em 1412. A verdade é que os esforços maritimos dos portuguezes para se adeanta-

rem além do cabo Nam, datavam do seculo XIV e do reinado de Affonso IV. As nossas caravelas não só tinham avistado, mas transposto aquella primeira columna antes de 1333 segundo attestam os documentos publicados por Ciampi, e a carta do avô de D. João I ao papa Clemente VI.

A erudita dissertação do sr. J. José da Costa de Macedo, impressa no tomo VI das *Memorias da academia real das sciencias*, e os additamentos publicados em 1835, resolveram com evidencia todas as duvidas a este respeito. A data de 1421, que resulta das asserções de Azurara, exclue a expedição de João Gonçalves Zarco das viagens ordenadas para os descobrimentos além do Bojador, mas parece-nos mais razoavel a opinião de Barros (Decada I, cap. II) e a de D. Francisco Manuel de Mello (Epanaphora III, pag. 313), os quaes inculcam terem devido Zarco e Tristão Vaz ao acaso e á furia de um temporal a vista da ilha de Porto Sancto navegando com o rumo posto em vencer o cabo.

Não admira que os exordios da empreza fossem laboriosos e modestos. Oppunham-se-lhes, como já observámos em outra parte, as idéas vulgares, os erros dos cosmographos mais consultados, e o terror de novidades, que só prognosticavam infortunios e revezes á imaginação assustada dos pilotos e navegadores enviados pelo infante. Nenhum d'elles se atreveu nos primeiros annos a affrontar o perigo phantastico das vagas inquietas, que de longe viam saltar e referver; e do grande lançamento do cabo para o mar. O medo figurava-lhes irresistiveis aquellas torrentes impetuosas, e mortal a effervescencia das aguas sempre agitadas. Cuidavam que, uma vez engolfados ao sul do pelago, nunca mais po-

deriam volver ao norte, superando a violencia das ondas!

Estranhando a confiança e a firmeza do infante, combatiam os discretos com a voz geral dos mareantes de Hespanha o que chamavam sonhos sem realidade, lembrando que, entre tantos principes e homens valorosos que produzira a peninsula, nenhum se abalançára nunca a tentar a Deus e arriscar a alma luctando com o impossivel. Além do cabo, diziam os practicos e os lidos, não ha gente nem povoação: a terra não é menos arenosa que o deserto da Libya (Sahará), sem agua sem arvores, sem relvas; e o mar anda tão baixo, que a uma legua de terra mede apenas uma braça de fundo, sendo tão fortes as correntes, que navio que tomem nunca volta.

Estes argumentos revelavam as noções inexactas que os nossos tinham bebido dos antigos auctores e das caravanas do grande deserto ácerca d'aquella parte do continente Africano, e a influencia que ainda conservavam as tradições dos geographos arabes sobre o *mar tenebroso* além das ilhas de Kalidâd na extremidade do Mogreb [1]. D'estes receios e preconceitos nascia recolherem-se os navios todos os annos, sem mais noticias do que estas, dos mares ignorados, e os capitães procurarem compensar ao infante as despezas, fazendo saltos nas costas de Granada, ou apresando navios infieis nas aguas de levante.

Recolhido da conquista de Ceuta, logo o infante, em 1419, segundo assevera Damião de Goes, encetou os descobrimentos, mas, pelas razões que acabâmos de resumir, nas duas primeiras viagens nenhum piloto se atreveu a passar de sessenta leguas além do cabo Nam. Observando os desejos ardentes do principe,

[1] Vid. Edrisi, Bacboui e Ebn al Ourdi.

dois escudeiros, mancebos e intrepidos, João Gonçalves Zarco e Tristão Vaz Teixeira, ambos de sua creação, pediram licença a D. Henrique para provarem o valor em uma empreza, e elle, confiado em sua boa vontade, mandou-lhes apparelhar uma barca, e recommendou-lhes muito que demandassem a terra de Guiné, alvo de todas as esperanças. Partiram; mas, pouco depois, salteou-os uma tempestade violenta, que, desviando-os de sua derrota, engolfou-os tanto pelo mar dentro, que, serenado o ar, avistaram uma pequena ilha. denominaram-n'a *Porto Sancto*, em memoria da mercê que Deus lhes fizera, visitaram-n'a, acharam-n'a deserta, mas formosa, e voltaram com a noticia.

Quiz D. Henrique que fosse povoada, e um fidalgo da casa do infante, D. João Perestrello, unido a Zarco e a Tristão Vaz, pediu e alcançou a capitania d'ella, acompanhando-os dois escudeiros na segunda jornada. Perestrello ausentou-se por dias, e João Gonçalves e Tristão Vaz, notando a distancia certa sombra de nuvens sempre constante, que parecia annunciar terra, metteram-se nos bateis e com pouco trabalho saltaram em outra ilha muito maior, tambem deserta, toda vestida de bosques e cortada de levadas e ribeiros. Puzeram-lhe o nome de *Madeira*, pelo copado arvoredo que a escondia, e sem demora vieram communicar ao reino a boa nova. Alegrou-se o infante, e, para os recompensar, repartiu a ilha em duas capitanias, dando a do Funchal a Zarco e a do Machico a Vaz.

Principiou a povoação no anno de 1420, e, protegida pelo principe, cresceu rapidamente. Em 1448, anno em que Azurara concluiu a *Chronica de Guiné*, havia já na Madeira cento e cincoenta moradores, sem contar operarios, negociantes, clerigos e frades, mance-

bos e mulheres sólteiras, gente adventicia que ia e voltava sem residencia certa [1]. Em 1445, Cadamosto, aportando á bella ilha, descreve as altissimas florestas que a cobriam, e que o fogo lançado para arrotear muitas folhas de terreno havia devorado a maior parte, no Funchal, cita quatro terras principaes habitadas; Machico, Santa Crúz, Funchal e Camara de Lobos; e calcula em oitocentos homens, entrando cem de cavallo, os defensores que podia chamar ás armas. Apezar de montanhosa, como a Sicilia (accrescenta o veneziano), é fertilissima, colhe todos os annos trezentos moios de trigo, pouco mais ou menos, e assim mesmo as terras que a principio davam sessenta sementes já baixavam na qualidade, porque só produziam trinta ou quarenta! Copiosa de aguas, as torrentes e ribeiras despenhavam-se dos pincaros com a quéda necessaria para mover engenhos de serração, aonde se cortavam em bellissimas pranchas as ricas madeiras de cedro odorifero e de teixo rosado para fabricar bofetes, caixas e armarios de varia invenção muito estimados no reino.

Convidado pelo clima, ensaiou o infante na ilha a cultura da canna de assucar, e não lhe foi ella menos grata do que a Chypre ou á Sicilia d'onde veiu transportada. Em 1445 a producção do assucar avaliava-se em 468 quintaes, e João de Barros affirma que só do quinto cobrára o mestrado de Christo, por vezes, mais de sessenta mil arrobas, calculo talvez exagerado [2]. Outra cultura importante depois

[1] Azurara, *Chronica de Guiné*, cap. LXXXIII.—Goes, *Chronica de D. João*, cap. VIII—Barros, Dec. I liv. I, cap III.

[2] Azurara, *Chronica de Guiné* cap. LXXXIII—Cadamosto. *Viagens*, cap. IV.—Tom. II das *Noticias para a historia e geographia das nações ultramarinas*

tornada fonte de grande riqueza, a da vinha, começára tambem. O infante mandára trazer da ilha de Candia bacellos de Malvasia, e estes, ajudados do torrão e dos ares temperados, enfeitaram em breve as costas de viçosos pampanos, avergando-se as cepas de cachos de dois a tres palmos de comprimento. O vinho, pisado nos lagares, saíu excellente, e grangeou merecida reputação no reino e fóra d'elle. No dizer de Cadamosto, toda a Madeira era um jardim de hortos, pomares e campos, abundante de gados, e opulento pela nobreza e população da terra.

Este jardim escolheu a tradição para theatro de um idylio admiravel, ornando-o com um drama, em que o amor e a saudade lembram os transes dolorosos da antiga fatalidade tragica. A lenda de Roberto de Machim e de Anna de Arfet ainda era ignorada no tempo em que escreveu Azurara, que a não refere nem allude? Nos seculos XVI e XVII de certo não, porque havia conquistado foros de popular, enlaçando de ramos phantasticos o tronco historico do descobrimento. D. Francisco Manuel de Mello tomou-a para texto de uma Epanaphora amorosa (a III), e em seu estylo conciso e elegante debuxou em vivas tintas o quadro da paixão no deserto e do desespero inconsolavel sobre um sepulcro.

Roubada por um casamento forçado á ternura de Roberto, Anna, a mais formosa dama de Londres, ousa quebrar o captiveiro, consentindo que o amante a rapte, e que de Bristol procure com ella em um navio o amparo das praias francezas. A execução, para maior infortunio de ambos, coroou o plano. Rotos os laços conjugaes, Anna achou-se uma noite longe da patria, no meio dos mares, sem outro defensor mais do que Roberto. Mas viu-o a seus pés submisso e respeitoso, e animou-

se. Olhou para as solidões do Oceano, levemente arrugadas por brandos ventos, e julgou-se livre. As costas de Inglaterra desappareciam-lhe da vista, com ellas tambem se iam desvanecendo as nuvens dos cuidados que a opprimiam. Navegaram treze dias assim. Os amigos de Roberto, sem piloto e inexperientes, tinham perdido o rumo, e buscavam em vão o porto amigo que lhes fugia.

De subito, por entre os sorrisos da aurora, vêem surgir do seio das aguas, como um sonho, como uma flôr, o vulto vicejante de uma ilha. Cobriam-n'a de toda a parte copados bosques, enleavam-se os arbustos estrellados de flôres uns nos outros, saltavam nos ramos, em gorgeios e canticos matutinos, as aves de mil côres, e, seguras de receio pela ignorancia do perigo, vinham poisar-se na enxarcia e na amurada. Saltaram em terra os mareantes cançados da viagem. Acharam-n'a linda e viçosa, mas deserta. Um tronco vasado, que alterosa matta de loureiros rodeava, serviu de alcova tapetada de finos e dourados musgos aos dois amantes. A praia extendia-se-lhes deante a beijar as aguas. Uma ribeira, repartindo os braços em meandros graciosos, refrescava o sitio murmurando. Anna e Roberto alli esqueceram por longas horas o passado e o futuro, enlevados nos raptos d'aquelles momentos afortunados. Embebido no amor divino e no affecto humano, desprendia-se o coração aos dois, e voava para se fundir um no outro. Cerrou-se a noite, calou-se o halito da aragem nas ramas, forrou-se o ceu, esmoreceu e apagou-se o brilho dos astros, e soou nas florestas o gemido da grande voz da tormenta, que principiava a empolar as ondas; mas os amantes não despertaram do somno venturoso. Rebentou a tempestade, garrou a nau sem governo entre montanhas de espuma, eno-

vellada na furia dos furacões, e quando a manhã se levantou descoráda do leito de nuvens baças, Roberto, acordando do delirio e correndo á praia, só viu o mar em serras, os horisontes fechados e negros, e a praia nua e erma. A tempestade, engolindo ou arrojando os companheiros, convertêra para elle e para Anna em tumulo o deserto! Fragil e timida, sentiu a dama a mágua estalar-lhe o coração no peito, e, inclinando-se deante da morte, em tres dias, sem uma queixa, sem um suspiro, trocou o desterro pela immortalidade. O cavalleiro, ao qual, despedindo-se do mundo, levára mais do que a vida, sepultou por suas mãos o corpo gentil, e nunca mais se ergueu do logar aonde depositára as cinzas queridas. Cinco dias depois os amigos, voltando, choravam-n'o tambem morto. A saudade dera-lhe a beber de seu doce veneno, e a dôr compadecida contou-lhe as horas por momentos. A mesma terra e o mesmo sepulcro fez inseparaveis na morte os que a desgraça unira por tão pouco tempo.

Notemos agora como a lenda se liga com a historia, como a invenção muitas vezes dissimula a verdade. Os companheiros de Roberto, reparada a embarcação, largaram da Madeira e foram arribar ás praias de Marrocos. Receberam-n'os as masmorras dos infieis, onde jaziam já outros christãos. Entre estes, um captivo natural de Sevilha, João de Morales, piloto experimentado, escutou attento a historia dos amores de Anna e as noticias da nova ilha. Indagou dos inglezes a posição, os signaes e as particularidades da terra, e, restituido annos depois á liberdade, e levado por outro lance repentino aos senhorios do infante D. Henrique, como homem practico e sagaz lisongeou-lhe a vontade com a re-

velação do segredo e com a narração do infortunio dos dois amantes.

Accendeu-se a curiosidade do principe, avivou-se-lhe a impaciencia, e, elegendo João Gonçalves por capitão, enviou-o á côrte de seu pae, com o piloto Morales: mas o voto dos conselheiros desapprovou a empreza. Avisado do ruim caminho que seguiam as coisas, accudiu D. Henrique em pessoa, desatou as difficuldades, e em julho saía Zarco a barra em um varinel (navio de remo muito ligeiro) para descobrir a Madeira.

Eis a versão que D. Francisco Manuel tirou da relação escripta por Francisco Alcoforado, primeiro chronista contemporaneo do feito, se não foi um dos actores que figuravam n'elle. As paginas de Alcoforado consumiu-as o tempo, e só temos hoje o testimunho que d'ellas nos deixou o auctor dos *Apologos dialogaes*. Como cala, porém, Azurara, tão inclinado a amplificações artificiaes, este facto, que ministrava fecundo thema á sua eloquencia declamatoria? Desprezou-o por fabuloso?

Em todo o caso não póde negar-se que o episodio respira a ingenua e profunda poesia da edade média, e é para sentir que Camões não cantasse os amores de Anna e de Roberto como tornou immortaes os de Ignez de Castro e o cavalleiroso repto dos doze de Inglaterra. Até nos assumptos ha infelicidade.

X

A povoação de Porto Sancto e da Madeira não podia satisfazer, comtudo, as aspirações de D. Henrique. Era mais largo o seu desenho, e olhavam para mais longe as suas esperanças. Só treze ou quatorze annos depois é que a for-

tuna, mais propicia, principiou a favorecer o constante esforço de tantas expedições, premiando a paciencia com que supportára os revezes, e a perseverança com que resistira a tão fortes e desvairadas opposições. A Gil Eannes, escudeiro de sua casa, coube a honra de ser o primeiro no caminho dos gloriosos descobrimentos que a Providencia lhe fadára.

O mancebo, que nas viagens dos outros capitães nunca passára das Canarias, rogou, em 1433, ao principe que lhe confiasse o commando de uma expedição. Accedeu o infante, mandou-lhe armar uma barca, e, chamando-o de parte, instou muito com elle para que, vencendo o susto que prendia a todos, ousasse montar o cabo Bojador, affiançando-lhe que mesmo não fazendo mais do que dobral-o, ganharia nome illustre. As razões com que o persuadiu merecem notar-se, porque mostram a elevação de um grande coração, superior ás trevas e illusões da epocha.

«—Vós, disse elle, não podeis encontrar perigos que excedem o galardão. Pasmo de ver o receio que tendes de coisas imaginaveis, que não são o que pintam d'ellas, e que se fundam apenas na opinião de quatro mareantes, que, em saíndo da carreira de Flandres, ou de outros portos conhecidos, nunca mais sabem da agulha ou das cartas. Ide, e desprezae os medos. Estou certo de que haveis de recolher-vos da viagem com proveito [1].»

Era grande a auctoridade do principe pelo saber e pelo respeito, e as suas palavras calaram no animo do escudeiro. Querendo provar que merecia a preferencia, cerrou os olhos, e, insensivel aos terrores, poz a prôa no cabo e dobrou-o com felicidade.

[1] Azurara, *Chronica de Guiné*, cap. IX.—Goes, *Chronica do principe D. João*, cap. VIII.

Quebrou-se então o encanto. Ficou rasgada a nova estrada, e a fama de Gil Eannes, avultada pela audacia e novidade do feito, eclipsou n'aquelle tempo a dos maiores navegadores. A alegria de D. Henrique foi immensa. Aquellas aguas eram navegaveis. Os monstros de que a phantasia dos geographos arabes povoára o *mar tenebroso* sumiram-se com o primeiro raio de luz da experiencia. Além do cabo existiam as terras e as raças ignoradas que o infante ha tantos annos visitava em espirito e que uma sciencia mais solida e allumiada do que a das escholas e da tradição promettêra descobrir-lhe.

Gil Eannes na sua barca, e Affonso Gonçalves Baldaya em um varinel, foram enviados segunda vez n'esse mesmo anno, e navegando cinconta leguas além do cabo, avistaram terras sem casas e seguiram rastos de homens e de camellos na Angra, depois chamada dos *Ruivos*. Insistiu D. Henrique em não levantar mão da empreza agora que a fortuna a bafejára, e logo em 1435 mandou de novo Baldaya. como descobridor, com instrucções de se adeantar o mais possivel, e de vêr se podia reter algum d'aquelles, cujos vestigios apercebêra na viagem anterior.

Partiu Affonso Gonçalves, navegou setenta leguas adeante do cabo, viu e combateu os barbaros, mas recolheu-se sem poder captivar nenhum [1].

A expedição de Tanger, de que o infante regressou em 1437; a morte del-rei D. Duarte, em Thomar, a 9 de setembro de 1438; e a menoridade de Affonso V com as alterações da gerencia e da tutela occuparam por cinco annos o principe, distrahindo-o de novas em-

[1] Azurara, cap. X. — Barros, Decada I, liv. I, cap. IV e V.—Goes, cap. VIII.

prezas. Mais socegado o reino e mais desaffrontado de cuidados tambem o fundador de Sagres com o governo do infante D. Pedro, voltou de novo a attenção para as navegações remotas, e em 1441 enviou Antão Gonçalves, seu guarda roupa, mancebo e ousado, em um navio pequeno, com a commissão de carregar azeite e couros de lobos marinhos (*phoca vituleria* de Linneu), sem esquecer a costumada recommendação de se adeantar o mais que podesse, tomando lingua que o instruisse dos costumes e religião dos habitantes.

Vinte e um mareantes compunham a tripulação da barca, ou varinel, e Antão Gonçalves, ao qual os brios juvenis inflammavam o sangue, consultou com Affonso Guterres, moço da camara, entranharem-se todos pelo sertão, e não se recolherem sem levar ao principe os captivos que ha tanto tempo pedia em vão. Approvado o plano, apenas caiu a noite, abicou Antão Gonçalves á praia com nove companheiros, e, mettendo-se tres leguas pela terra dentro, foram dar com um rasto de homens e de rapazes, e, seguindo-o rendidos da calma e de sêde intensa, alcançaram por fim prender um mouro e uma mulher[1]. Ainda estavam celebrando a primeira e ditosa estreia, quando avistaram as vellas do baixel, em que Nuno Tristão, cavalleiro tambem moço da casa do infante, vinha por ordem de seu amo alongar os descobrimentos desde o Rio do Ouro e o cabo da Galé, aonde os tinha deixado em 1436 Affonso Baldaya. Foi alegre e cordial o encontro. Nuno Tristão e Antão Gonçalves, na flôr da mocidade, e ambos cubiçosos de fama e de louvores, assentaram em não se apartar sem presa mais

[1] Azurara, cap. XII—Goes, cap. VIII.—Barros, Década I, liv. I, cap. VI.

rica que a dos dois captivos, desejando compensar ao infante as despezas e trabalhos de vinte e cinco annos.

Ouviu-os a fortuna e extendeu-lhes a mão. Escolheram vinte homens resolutos, adeantaram-se como exploradores Gonçalo de Cintra e Diogo Annes de Valladares, escudeiros valentes, e foram no meio das trevas acertar com dois arraiaes muito proximos, em que os Mouros descançavam. Investiram-n'os com o brado de «Portugal e S. Thiago!» O espanto quebrou as forças aos barbaros. Desataram em fuga louca, despedindo, desacordados, azagaias e arremessos. Pereceram quatro e ficaram dez nas mãos dos nossos, entre elles Adahu, chefe e pessoa principal. Em memoria do feito recebeu Antão Gonçalves a ordem de cavallaria, de Nuno Tristão, seu companheiro de armas, e foi baptizado o logar com o nome de *Porto do Cavalleiro.*

Os captivos eram Azenaghes e falavam a lingua berbere, que nenhum interprete entendia a bordo. Separaram-se os dois aventureiros. Antão Gonçalves, que já tinha carregado a barca, voltou a Portugal, e Nuno Tristão continuou a navegação até ao cabo Branco, aonde achou signaes da passagem de cafilas, e redes de pescar, tecidas de fios vegetaes [1].

A chegada dos dois mancebos com a noticia e os testemunhos vivos da verdade das conjecturas dos cosmographos de Sagres foi de certo para o infante o maior triumpho e o maior jubilo de sua vida. São mais gratas e lisongeiras as grandes victorias da sciencia e do espirito, do que as palmas ensanguentadas que o acaso arranca muitas vezes das mãos inconstantes da guerra. A Africa era habita-

[1] Azurara, cap. III.—Goes, cap. VIII.—Barros, Decada I., liv. I, cap. VI

da. O clima e os mares desmentiam as sombrias hypotheses des geographos antigos. Em vez da aridez e da morte, a esperança sorria da coroa d'aquelles promontorios ao arrojo dos navegadores. Os captivos, que os dois capitães acabavam de lhe offerecer, eram as primicias, eram as pareas do oceano e do continente avassallados. O véu que encobrira quasi metade do mundo começava já a levantar-se. Obra do futuro, homens da geração nova foram tambem os que a iniciaram. Gil Eannes, Affonso Baldaya, Antão Gonçalves e Nuno Tristão, talvez não sommassem todos quatro os annos de qualquer dos conselheiros provectos, representantes do passado, que a essa hora deploravam os commettimentos do infante!

Fez ruido em Portugal e fôra d'elle a alegria d'esta boa nova. Outros descobrimentos se haviam realizado n'este meio tempo, mas nenhum causou ou podia causar a profunda sensação que fez a vista de terras declaradas inhospitas pelos antigos, e de gentes cuja existencia tinha sido negada como absurda. Em 1431, Gonçalo Velho Cabral, correndo os mares do oéste, encontrára os baixos das *Formigas*, entre as ilhas de Santa Maria e de S. Miguel, sem as avistar; e, enviado segunda vez, no anno seguinte (1432), descobrira Sancta Maria, a 15 de agosto, no archipelago dos Açores, e fôra nomeado capitão e donatario da ilha pele infante. Em 1440 Diniz Fernandes, escudeiro do infante D. João, chegára ao rio de Senegá (denominado Sonedech pelos naturaes), e em 1443 montára o promontorio que fórma o ponto mais occidental da Africa, pondo-lhe o nome de *Cabo Verde*, pelos bosques e verdura que o vestiam [1].

[1] Goes, *Chronica de D. João*, cap. VIII.—*Navegações de Cadamosto*, relação I.

Todos estes feitos ajudavam seguramente as emprezas do principe, e alimentavam a actividade, a sêde de gloria e o ardor de aventuras, feições caracteristicas d'aquelle seculo e de aquella robusta geração; mas as ultimas viagens de Antão Gonçalves e de Nuno Tristão haviam decidido o pleito entre a sciencia dos geographos Gregos e Arabes, e as hypotheses apenas verosimeis até então da cosmographia moderna, ensinada por D. Henrique.

As informações colhidas dos captivos acabaram de confirmar as conjecturas de Sagres, desvanecendo os erros e as ultimas apprehensões dos practicos. Emmudeceram os detractores, convenceram-se os incredulos, e, sem transição, passaram todos da desconfiança ao enthusiasmo. Os que mais tinham deprimido os designios do infante, convertidos pelo successo, tornaram-se seus apologistas infatigaveis. Os que só o haviam deixado por tantos annos tentar a fortuna, applaudindo quasi os revezes, propozeram-se-lhe como auxiliares. Rasgados de repente todos os horizontes, a temeridade suceedeu aos receios. Tudo se julgava facil desde que um lance audaz vencêra o impossivel imaginario [1].

Datam d'esta epocha os progressos mais firmes, e por assim dizer a organização dos descobrimentos. As tentativas parciaes do infante, embora sempre allumiadas de plano, pareceram pequenas e timidas aos novos exploradores, estimulados pela ambição. Formou-se em Lagos uma companhia sob a direção do principe para armar á sua custa os navios, servindo-o n'aquellas regiões, e pagando-lhe direitos elevados das riquezas que adquirisse. Apparelharam-se logo e sairam ao mar seis

[1] Azurara, *Chronica de Guiné*, cap. XVIII. — Goes, cap. VIII.—Barros, Década I, liv. I, cap. VIII.

caravellas, levando por capitão a Lançarote, escudeiro e almoxarife del-rei, acompanhado de Gil Eannes e de mais quatro aventureiros intrepidos. Seria talvez n'este periodo que o famoso mestre Jacome de Maiorca, tão versado na navegação, como na arte de fabricar instrumentos e de projectar cartas maritimas, foi chamado a Sagres, attrahido pela promessa de larga recompensa, para dirigir os estudos dos pilotos portuguezes [1].

Ao mesmo tempo, antevendo as prosperidades affiançadas pelo futuro, e receioso da emulação e cubiça dos reis vizinhos e dos outros estados, o infante mandava a Roma por embaixador, com a noticia dos descobrimentos, a Fernão Lopes de Azevedo, cavalleiro da ordem da Christo, varão estimado e edoso, fiando de sua prudencia o exito da negociação importante que lhe commettêra. Fernão Lopes partiu, encarregado de exaltar na presença do pontifice os resultados das navegações, encarecendo o muito que promettiam á dilatação da fé entre gentes barbaras e fóra de toda a convivencia européa, e de ponderar egualmente as immensas despezas e os sacrificios que suas primicias tinham custado ao principe, á ordem de Christo e ao reino. Devia supplicar, em conclusão de tudo, ao vigario de Christo e ao sacro collegio que extendessem a protecção da egreja a emprezas começadas e seguidas com tanto proveito da lei de Deus, concedendo á corôa portugueza a posse perpetua de tudo o que descobrisse desde o cabo Bojador.

Maravilhou-se Roma com a novidade, e respondeu com a bulla de Eugenio IV, que, liberalizando estimulos ás expedições intentadas

[1] Azurara, cap. XV, pag. 89 e 92.—Barros, Década I, liv. I, cap. VII.

contra os infieis, e animando-as com indulgencias e perdões, lançou sobre as conquistas de Portugal, não só a benção, mas o manto da egreja, titulo precioso de dominio e legitimidade n'uma epocha em que o papa era ainda juiz e supremo arbitro de quasi todos os direitos duvidosos e contestados. Nicolau V, em 8 de janeiro de 1450, por documento muito mais explicito, suscitado em 8 de janeiro de 1454 por outro muito expresso, confirmou as palavras de Eugenio, concedendo ao duque de Vizeu, a D. Affonso V e aos soberanos seus successores, todas as conquistas de Africa, com as ilhas dos mares adjacentes *desde os cabos Nam e Bojador até á Guinêa toda* com sua costa meridional.

Calixto III foi mais longe na bulla de 13 de março de 1455, porque determinou que o descobrimento das terras de Africa Occidental, tanto a já adquirida como a que se adquirisse depois, só podesse ser feito, por Portugal, cerrando aquelles mares ás outras potencias. Finalmente, Xisto IV, em sua bulla de 21 de julho de 1481, não só roborou e affirmou as de Nicolau IV e de Calixto III, como accrescentou ainda, que o rei de Castella se obrigára a não consentir que os subditos ou os estrangeiros residentos em seus estados negociassem nas terras descobertas pelos portuguezes sem licença de Affonso V [1].

Com a boa sombra de tantos auxilios proseguiram as navegações e as conquistas das ilhas desertas. S. Miguel, achada no dia em que a egreja festeja o archanjo de seu nome (8 de maio), em 1444, pelo mesmo Gonçalo Velho Cabral, donatario da ilha de Sancta Maria, principiou a ser povoada e cultivada no

[1] Archivo Nacional, maço 35, n. 2 da colleção de bullas.

anno seguinte. Em 1445, a caravela de Vicente Dias de Lagos, em que se embarcou o veneziano Cadamosto, entrava a bahia de Arguim, tocava as costas de Senegal, e passava á terra de Budomel. Juntou-se-lhes o grande navegador genovez Antonietto de Nola, e correndo para o sul de conserva, descobriram ambos a boca do rio Barbacim, sessenta milhas adeante de Cabo Verde, e ainda além o rio e a terra de Gambia, que buscavam determinadamente por ordem expressa do infante. A esse tempo Sagres ia-se fazendo emporio mercantil, e os portos do Algarve eram visitados por navios genovezes, malhorquinos, catalães e venezianos, que vinham indagar noticias, e carregar de assucar da Madeira, de sangue de drago e de outras mercadorias de nossas conquistas. Arguim já via em começo, pelos menos, a obra do castello, em que trabalhavam por conta do infante muitos officiaes, e era séde da feitoria para o contrato dos dez annos ajustado com os Arabes, contrato que fechava a todos, menos aos portuguezes, o trato dos productos d'aquellas regiões [1].

No meio d'estes vastos e prosperos successos falleceu o infante D. Henrique, a 3 de dezembro de 1460, doando ao infante D. Fernando, que adoptára como filho mimoso, as ilhas da Madeira, Porto Santo e Deserta, cinco das do Archipelago dos Açores, S. Jorge, Jesus Christo (a Terceira), Graciosa, S. Miguel e Sancta Maria, e quatro das do Cabo Verde, S. Thiago, S. Filipe, a ilha de Maio, e a ilha de S. Christovam ou do Sal. Não cabe em quadro tão estreito a noticia de todos os descobrimentos, de seus pilotos e capitães, até ao anno em que cerrou os olhos, legando

[1] Cadamosto, *Navegações* ,relação I.

não só á historia patria, mas á do mundo uma das paginas mais gloriosas.

Insistimos nas difficuldades das primeiras tentativas, porque foram ellas que mais e melhor confirmaram a sciencia e a vontade do principe. Combatido pelas idéas do tempo, pelo exito infeliz de mais de doze annos de ensaios infructuosos, e pelas murmurações do povo, qualquer outro teria desistido da empreza, vencido ou desmaiado. Elle não. Homem do futuro, abraçou-se com a esperança e deixou-se guiar pela fé. Ambas lhe asseguraram a immortalidade. O seu nome, inseparavel do grande seculo, que tantos rasgos ennobreceram, não empallidece com a gloria de nenhum outro, nem foi ou póde ser egualado pelo de nenhum conquistador. A sua victoria abriu um mundo novo, e rasgou á civilização os trilhos por onde abraçou todo o globo. Que general fez, não dizemos tanto, porém metade d'isto só? O que são os imperios antigos e modernos comparados com os descobrimentos que D. Henrique iniciou?

(Do *Archivo Pittoresco*, vol. IX, 1866).

FIM DO TERCEIRO E ULTIMO VOLUME
DAS «APRECIAÇÕES LITTERARIAS»

INDICE

Francisco Maria Bordallo..... 5

Carta a Francisco Maria Bordallo ácerca do Romance *Eugenio*... 53

Francisco Gomes de Amorim..... 59

Camillo Castello Branco..... 73

Raymundo Antonío de Bulhão Pato..... 77

Paquita por Bulhão Pato (Carta ao sr. Eduardo Coelho)..... 95

Nota dos Editores..... 107

O infante D. Henrique..... 109

PQ
9051
R4

Rebello da Silva, Luiz Augusto
Apreciações litterarias

PLEASE DO NOT REMOVE
CARDS OR SLIPS FROM THIS POCKET

UNIVERSITY OF TORONTO LIBRARY

UTL AT DOWNSVIEW
D RANGE BAY SHLF POS ITEM C
39 10 05 04 13 019 9